

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE HISTÓRIA ECONÔMICA

Luana Roma Gonçalves

O Desenvolvimento e o MTST: Análise das Ocupações Chico Mendes e João Cândido e o Condomínio João Cândido (2005 a 2008 e 2012 a 2014)

Versão Corrigida

São Paulo
2023
Luana Roma Gonçalves

O Desenvolvimento e o MTST: Análise das Ocupações Chico Mendes e João Cândido e o Condomínio João Cândido (2005 a 2008 e 2012 a 2014)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestrado em História Econômica.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Assis Queiroz

Versão Corrigida

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G635d Gonçalves, Luana
 O Desenvolvimento e o MTST: Análise das Ocupações
Chico Mendes e João Cândido e o Condomínio João
Cândido (2005 a 2008 e 2012 a 2014) / Luana
Gonçalves; orientador Francisco Queiroz - São Paulo,
2023.
 175 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Econômica.

1. História Econômica. 2. Movimentos Sociais. 3.
Desenvolvimento Econômico. I. Queiroz, Francisco,
orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Luana Roma Gonçalves****Data da defesa: 07/12/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Francisco Assis Queiroz**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 01/02/2024



(Assinatura do (a) orientador (a))

GONÇALVES, Luana Roma. **O Desenvolvimento e o MTST: Análise das Ocupações Chico Mendes e João Cândido e o Condomínio João Cândido (2005 a 2008 e 2012 a 2014).** Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História Econômica.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico este trabalho aos meus pais Helder e Rosangela, e ao meu companheiro Silvano com todo amor, gratidão e respeito. Sem o apoio e incentivo de vocês eu não teria conseguido.

AGRADECIMENTOS

Ao Profº Drº Francisco Queiroz, que generosamente me acolheu, respeitou e ensinou. Sua amizade me é preciosa. Levo admiração pelo excelente professor, gratidão por todas as conversas e orientações, respeito pelo grande profissional que o senhor é e orgulho de ter sido sua orientanda.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo pela oportunidade de realização do curso.

Aos Professores da graduação, do mestrado e das bancas de qualificação e defesa pelos ensinamentos, dedicação, paciência e auxílio, em especial os últimos, na metodologia.

Ao Profº Drº Luiz Eduardo Simões de Souza pelo incentivo para que eu ingressasse na Pós-Graduação e orientação paciente ao longo dos (muitos) anos entre o término da graduação e o efetivo ingresso no Mestrado.

Ao meu pai, Helder Domingos da S. Gonçalves pelo incentivo e apoio emocional e financeiro. Nós sabemos as dificuldades que enfrentamos para que este trabalho se realizasse. Você representa as bases da minha vida e é meu modelo de dedicação e disciplina. Eu tenho um orgulho imenso de ser sua filha.

À minha mãe, Rosângela Izilda Roma, que deu apoio emocionalmente e me alimentou de comida, esperança e força de vontade. E principalmente, por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava. Estaremos sempre juntas nos apoiando mutuamente.

Ao meu companheiro de vida, Silvano Fernandes da Luz que, como sugere o nome, iluminou e trouxe alegria e amor para os meus dias. Quando tudo parecia desmoronar, você me amparou e me fez entender que eu não estava mais sozinha.

Aos meus amigos e irmãos, pela escuta empática nos momentos de insegurança.

E finalmente à minha avó Maria da Silva Gonçalves e minha tia Rosana Izilda Rodrigues Alves. Eu perdi vocês no processo e achei que não conseguiria mais sem duas das minhas mães. A lembrança do amor que vocês me dedicaram estará um pouco nas entrelinhas deste trabalho. Vocês viverão em mim enquanto meus pés ainda caminharem por aqui.

Por outro lado, jamais será o radical um subjetivista. É que, para ele, o aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com a dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente. Subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele. É exatamente esta unidade dialética a que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la.

Paulo Freire

RESUMO: Esta dissertação investiga indícios de desenvolvimento econômico, sob a ótica de Celso Furtado, na atuação do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto nas ocupações Chico Mendes (2005 e 2006) e João Cândido (2007) ocorridas, respectivamente, nos Municípios de Taboão da Serra e Itapecerica da Serra e na construção do condomínio João Cândido (2013 e 2014) também em Taboão da Serra, no Estado de São Paulo. Para alcançar uma compreensão adequada da hipótese, foram analisados dados econômicos da Federação brasileira, do Estado de São Paulo e dos Municípios de Taboão da Serra e Itapecerica da Serra. Da mesma forma, foi feito um breve histórico das ações do movimento anteriores às ocupações estudadas acrescido de uma descrição mais detalhada das ocupações mencionadas. O olhar da militância e da imprensa completam o conjunto a ser analisado, levando em conta, além do desenvolvimentismo furtadiano, o conceito de utopia, as definições sociológicas para movimentos sociais e o ponto de vista de educação e cultura sob o desenvolvimento desigual, inclusive na América Latina.

Palavras-Chave: História Econômica; Movimentos Sociais; Desenvolvimento Econômico.

ABSTRACT: This dissertation investigates evidence of economic development, from Celso Furtado's perspective, in the actions of the Homeless Workers' Movement in the Chico Mendes (2005 and 2006) and João Cândido (2007) occupations, which took place in the municipalities of Taboão da Serra and Itapecerica da Serra, respectively, and in the construction of the João Cândido condominium (2013 and 2014), also in Taboão da Serra, in the state of São Paulo. In order to achieve a proper understanding of the hypothesis, economic data from the Brazilian Federation, the State of São Paulo and the Municipalities of Taboão da Serra and Itapecerica da Serra were analyzed. A brief history of the movement's actions prior to the occupations under study was also provided, along with a more detailed description of the occupations mentioned. The views of activists and the press complete the set to be analyzed, taking into account, in addition to Furtadian developmentalism, the concept of utopia, sociological definitions for social movements and the point of view of education and culture under unequal development, including in Latin America.

Keywords: Economic History; Social Movements; Economic Development.

Índice de Imagens e Ilustrações

Figura 1 - Símbolo do MTST	39
Figura 2- Ocupação Chico Mendes	46
Figura 3- Ocupação João Cândido	53
Figura 4 - Mapa com a localização das ocupações Chico Mendes e João Cândido	57
Figura 5 - Condomínio João Cândido	58
Figura 6 – Ex-acampados que trabalharam na obra no dia da entrega das chaves das moradias	59

Índice de Tabelas e Gráficos

Tabela 1. Produto Interno Bruto a preços correntes (Mil Reais)	61
Gráfico 1.1 – Produto Interno Bruto do Brasil - De 2004 – 2008 e 2012 – 2015.....	62
Gráfico 1.2 – PIB do Estado de São Paulo - De 2004 – 2008 e 2012 – 2015	62
Gráfico 1.3 – PIB Município de Itapecerica da Serra - De 2004 – 2008 e 2012 – 2015	63
Gráfico 1.4 – PIB Município de Taboão da Serra - De 2004 – 2008 e 2012 – 2015	63
Tabela 2. População residente (pessoas)	64
Tabela 3. Número de empresas e outras organizações (Unidades) - Total CNAE (2.0)	65
Gráfico 3.1 – Total do número de empresas e outras organizações - Brasil e Estado de São Paulo de 2006 a 2008 e de 2012 a 2015	66
Gráfico 3.2 - Total do número de empresas e outras organizações - Itapecerica da Serra e Taboão da Serra de 2006 a 2008 e de 2012 a 2015	66
Tabela 4. Total de Pessoal Ocupado - Total CNAE (2.0)	67
Gráfico 4.1 – Total Pessoal Ocupado – Brasil e Estado de São Paulo - Total CNAE (2.0)	68
Gráfico 4.2 – Total Pessoal Ocupado – Itapecerica da Serra e Taboão da Serra - Total CNAE (2.0)	68
Tabela 5. Pessoal ocupado assalariado - Total CNAE (2.0)	69
Tabela 6. Salários e outras Remunerações em moeda corrente (Mil Reais) - Total CNAE (2.0)	70
Gráfico 6.1 – Salários e outras Remunerações em moeda corrente (Mil Reais) - Brasil e Estado de São Paulo - Total CNAE (2.0)	70
Gráfico 6.2 – Salários e outras Remunerações em moeda corrente (Mil Reais) - Itapecerica da Serra e Taboão da Serra - Total CNAE (2.0)	71
Tabela 7. Salário-Mínimo Nacional - Em Reais	71
Tabela 8. Área territorial, Densidade Demográfica E Índice de Desenvolvimento Humano - Itapecerica da Serra e Taboão da Serra	72
Tabela 9. PIB da Indústria, Serviços e Agronegócio – 2004 a 2008 e 2012 a 2015 - Itapecerica da Serra e Taboão da Serra – valores em mil reais	73

Tabela 10.1. Óbitos infantis por período - Itapecerica da Serra	75
Tabela 10.2. Óbitos infantis por período - Taboão da Serra	75
Gráfico 10 – Óbitos infantis por período - Itapecerica da Serra e Taboão da Serra	76
Tabela 11. População de 10 a 17 anos economicamente ativa e não economicamente ativa - Itapecerica da Serra e Taboão da Serra – 2000 e 2010	77
Tabela 12. Pessoas que frequentavam escola ou curso - Censo Demográfico dos anos de 2000 e 2010 – Itapecerica da Serra e Taboão da Serra	78
Tabela 13. Pessoas moradoras em domicílios particulares permanentes - Por quantidade de cômodos, ano e municípios	79
Gráfico 13.1. Pessoas moradoras em domicílios particulares permanentes - Por quantidade de cômodos e ano. Itapecerica da Serra	80
Gráfico 13.2. Pessoas moradoras em domicílios particulares permanentes - Por quantidade de cômodos e ano. Taboão da Serra	80
Tabela 14. Pessoas vivendo em Favelas e Comunidades Urbanas - Dado coletado no Censo Demográfico de 2010	81

Lista de abreviaturas e siglas.

CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MCMV-E	Minha Casa Minha Vida - Entidades
MST	Movimento dos trabalhadores Sem-Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto
MST-TS	Movimento Sem-teto do Taboão da Serra
PSDB	Partido da Social-Democracia Brasileira
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
TMR	Teoria de Mobilização de Recursos
TNMS	Teoria dos Novos Movimentos Sociais
TPP	Teoria do Processo Político
ZEIS	Zonas Espaciais de Interesse Social

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. PROCESSO.....	18
Movimentos sociais	18
Utopia	20
Educação e Cultura Sob o Desenvolvimento Desigual	25
Na América Latina.....	29
O que diz Celso Furtado.....	32
3. SOBRE O MTST, AS OCUPAÇÕES CHICO MENDES E JOÃO CÂNDIDO E O CONDOMÍNIO JOÃO CÂNDIDO	38
O MTST: um breve resumo.....	38
Ocupação Chico Mendes	46
Ocupação e condomínio João Cândido	53
4. DADOS OFICIAIS.....	60
5. O MTST NA VISÃO DE EX-ACAMPADOS E DA IMPRENSA	84
Simone	84
Ocupação Chico Mendes na imprensa	94
Luciano.....	96
Ocupação e condomínio João Cândido na Imprensa	101
Ana Paula.....	105
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
7. BIBLIOGRAFIA	113

	14
Sites Oficiais	118
Notícias e matérias	118
8. ANEXOS.....	122
Matéria Sobre A Entrega Das Chaves Oriunda Do Site Do Governo Federal, Tirada Do Ar.	122
Entrevista Concedida Por Simone.....	123
Entrevista Concedida Por Luciano	159

1. INTRODUÇÃO

A atuação do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) teve notória importância na conquista de moradia para a população carente. Mas o impacto do movimento não se resume apenas à pauta habitacional. Sua atuação tem sido apontada por parte da literatura como também responsável por conquistas no âmbito do saneamento básico, transporte, saúde, educação para população dos locais onde as ocupações estão localizadas. Ao longo deste trabalho serão investigados indícios de desenvolvimento econômico, pelo olhar Furtadiano, fomentado pela atuação do MTST em duas ocupações e na construção de um condomínio, especificamente as ocupações Chico Mendes, ocorrida em Taboão da Serra no período entre janeiro de 2005 e junho de 2006 e João Cândido, realizada em Itapeverica da Serra entre março e maio de 2007, além da Construção do condomínio João Cândido em Taboão da Serra, entre fevereiro de 2013 e dezembro de 2014.

O início do movimento é datado em 1997, como um braço do Movimento dos trabalhadores Sem-Terra (MST) nas cidades¹. Em um contexto de profunda desigualdade social, políticas neoliberais cooptando sindicatos e mudança de postura do Partido dos Trabalhadores (PT), a busca por profundas transformações sociais permeou este momento que assistiu à reconfiguração de muitos movimentos sociais. Do seu surgimento até o ano 2000, a base social do MTST foi se fortalecendo na população pobre das periferias das grandes e médias cidades, focando no projeto político de transformação social através da reivindicação por moradia e reforma urbana. A atuação se concentrou na região metropolitana de São Paulo devido ao crescente desemprego decorrente de fechamento de postos de trabalho na indústria, e “buscando não disputar espaço com movimentos de moradia já consolidados na cidade de São Paulo” (GOULART, 2011, p. 30).

A ocupação Parque Oziel (1997) em Campinas e a Marcha Nacional marcam o surgimento do movimento, passando pelas ocupações Anita Garibaldi (2001) em Guarulhos, Carlos Lacerda (2002) em Osasco, Santo Dias (2003) em São Bernardo do Campo e Rosa Luxemburgo (2004) em Osasco, após vários despejos e insucessos, o movimento aprimora as nuances da luta urbana, adquire experiência e passa a se organizar e se politizar em

¹ Segundo Débora Cristina Goulart em sua tese de doutorado intitulada *O Anticapitalismo do Movimento dos Trabalhadores sem-teto – MTST*, o surgimento do movimento foi um fato pouco documentado, criando várias versões entre os militantes desta época. Sua análise se baseia em entrevistas realizadas com militantes e ex militantes e pouco material encontrado em forma de Cartilha.

busca de menor impacto nos acampados (muitos feridos e/ou presos por confrontos com a polícia em ações de reintegrações de posse ou manifestações, sem a efetiva conquista da casa própria), ganhando traços característicos de organização dos acampamentos. A contextualização deste período se faz necessária pois é no acúmulo dessas experiências que se basearão a atuação nas ocupações estudadas, mas principalmente, na absoluta necessidade de êxito para a manutenção do próprio movimento enquanto agente relevante na luta por moradia. As motivações perpassam pela urgência de uma reforma urbana devido à especulação imobiliária, que desvirtua a função social da propriedade, que é, em uma primeira análise, a luta principal do MTST, mas não somente ela. O direito à educação, à saúde, ao transporte coletivo, à infraestrutura básica complementa a reforma urbana almejada. O conceito de Utopia será abordado para que se entenda a força motora dessa atuação.

A atuação deste movimento social de repertório socialista, devidamente conceitualizado pela sociologia, alcança não apenas os bairros cujas ocupações se instalam, na forma de manifestações e reivindicações, mas se multiplica em busca de condição de vida digna não apenas para os acampados. É identificada uma atuação plural nas comunidades, acolhendo demandas de outras ocupações na busca por relevância política e na construção de um poder popular.

As ocupações Chico Mendes e João Cândido ganham novo desenho, estrutura organizativa, relações internas e o formato de negociação e pressão sobre os governos se aprimoraram. A ocupação Chico Mendes se deu em um terreno de 120.000 m² no bairro Jardim Helena em Taboão da Serra, abrigando 1300 famílias já nas primeiras semanas. Essa é a primeira experiência de acampamento com eleição de coordenações dos setores de (a) infraestrutura (organização da estrutura física e acesso à água e luz), (b) cultura, educação e formação política com a implantação da ciranda (um espaço similar a uma creche improvisada, que tem a função de acolher as crianças dando atividades e, em alguns casos, proporcionando alfabetização) oferecimento de cursos, reuniões e assembleias, (c) disciplina (portarias, acesso ao acampamento, construção e obediência às regras coletivas) e (d) negociação (contatos externos e negociação com os governos).

A Brigada de Guerrilha Cultural (2004), teve atuação intensa e importante nas duas ocupações, inclusive sendo responsável por importante papel nas atividades culturais, projetando filmes no acampamento, realizando saraus etc.

A ocupação João Cândido foi realizada no bairro Valo Velho em Itapeverica da Serra, divisa com o distrito de Capão Redondo em São Paulo, abrigando 3000 famílias em um terreno de 1,2 milhão de m². Este acampamento manteve a dinâmica de atividades culturais e cursos de formação política eram ministrados todas as tardes. A saída do terreno se deu após acordo firmado com o governo federal, municipal e estadual para construção de moradia para as famílias cadastradas. Entre prazos expirados e quebras de acordos, as famílias só tiveram as chaves de suas moradias entregues em 2014²,

Esses acampamentos “fizeram parte de um momento de crescimento do MTST, tanto em termos quantitativos de famílias mobilizadas, em acampamentos ou em núcleos, quanto em termos de organização e reflexão sobre o método de ação do movimento” (GOULART, 2011, p. 51), e o resultado dessa luta é o condomínio João Cândido, que foi financiado pelo Programa Minha Casa Minha Vida – Entidades, o que permitiu que o MTST elaborasse o projeto, escolhesse o terreno, contratasse as empresas especializadas, fornecesse trabalhadores, acompanhasse todas as etapas e gerasse a obra como um todo³. Os próprios acampados foram contratados para realizar a obra, como exigência do movimento.

A observação desta atuação, para este trabalho, tem a finalidade de investigar indícios de desenvolvimento econômico, pela ótica de Celso Furtado, compreendendo aspectos de desenvolvimento desigual na obra de Samir Amin e contextualizando a América Latina usando como base a obra de Agustín Cueva. Dados oficiais do período serão apresentados, com base na Federação, Estado e Municípios no intuito de comparação e uma melhor observação. E, por fim, o olhar de militantes e da imprensa acerca das ocupações e do movimento em si serão abordados no intuito de abranger outros aspectos.

2 O Condomínio João Cândido reuniu as famílias das ocupações Chico Mendes e João Cândido.

3 Informação obtida através de artigo da Revista Forum semanal, disponível em <<https://revistaforum.com.br/digital/164/minha-obra-minha-casa-minha-vida/>>

2. PROCESSO

A construção de um trabalho como este se dá no processo. Todas as disciplinas cursadas e indicações de leitura tiveram algum impacto para a análise dos objetos, ora complementando, ora mudando uma linha de raciocínio. Em razão disto, a compreensão acumulada muda a cada nova leitura, a cada nova disciplina. Sendo assim, neste capítulo, alguns elementos que ajudaram a construir a compreensão atual do tema serão apresentados.

Movimentos sociais

A primeira grande necessidade deste trabalho foi compreender o que é um movimento social. Para tal, a obra de Angela Alonso auxiliou. Mais especificamente o artigo *Teorias dos movimentos sociais: balanço do debate* de 2009. Este trabalho aponta para o surgimento do termo movimentos sociais na década de 1960 no Ocidente para denominar o fenômeno de “multidões bradando por mudanças pacíficas (...), desinteressadas do poder do Estado” (ALONSO, 2009, p.1). Dentre as principais Teorias sociológicas, a autora destaca a Teoria do Processo Político (TPP), que partiria dos fenômenos de longa duração, desconsiderando algum caráter determinista e economicista de ação coletiva. Há a presença de um sujeito histórico universal, com a combinação de motivações culturais e políticas. Esta teoria ainda infere que a composição de diferentes potenciais ativistas é importante para o surgimento de um ator coletivo, cujos agentes seriam formados no processo. A coordenação desses agentes necessita da fusão do “pertencimento a uma categoria (...) e a densidade das redes interpessoais vinculando os membros do grupo entre si” (ALONSO, 2009, p. 55). A solidariedade é um fator importante aqui, porém ela só geraria ação aliada às estruturas de mobilização, ou seja, os “recursos formais, como organizações civis, e informais, como redes sociais, que favorecem a organização” (ALONSO, 2009, p. 55). Aliada a essa solidariedade, há a necessidade do controle dos recursos para que a ação resulte em mobilização, que por sua vez “só configura um movimento social diante de oportunidades políticas favoráveis” (ALONSO, 2009, p. 55).

A mobilização baseia-se num conflito entre partes, uma delas momentaneamente ocupando o Estado, enquanto a outra fala em nome da sociedade. Essas posições são variáveis, os atores migram entre elas. (ALONSO, 2009, p. 56)

E o objetivo seria, então, ter acesso aos recursos controlados pelo governo, os detentores da “caneta”.

Outro conceito importante para essa Teoria é o repertório, que sintetiza o conjunto de formas de ações coletivas dos movimentos sociais. O repertório específico do tempo presente no Ocidente teria como característica “as mesmas formas (comícios, greves, assembleias, passeatas) servindo a diferentes tipos de atores, lugares e temas (...) que são aprendidas, compartilhadas e postas em ação por meio de um processo relativamente deliberado de escolha” (ALONSO, 2009, p. 58), e esta ação poderá ser de contestação ou apoio à ordem estabelecida.

Angela ainda cita a Teoria do Novos Movimentos Sociais (TNMS), que tem características bem parecidas com a TPP. A principal diferença é o elemento cultural decisivo. Um de seus principais estudiosos é Alain Touraine, que aponta a predominância de uma dominação cultural detentora do controle da informação, trazendo o conflito para a vida privada de forma simbólica. A base social (classe) seria transferida para grupos marginalizados quanto a forma de vida, “padrões de normalidade socioculturais” (ALONSO, 2009, p.59) agindo no sentido de persuadir a sociedade civil.

Os movimentos sociais aparecem, então, como o novo ator coletivo, portador de um projeto cultural. Em vez de demandar democratização política ao Estado, demandariam uma democratização social, a ser construída não no plano das leis, mas dos costumes; uma mudança cultural de longa duração gerida e sediada no âmbito da sociedade civil. (ALONSO, 2009, p. 61)

Alberto Melucci, mais um nome da TNMS, formula a importante questão sobre a formação deste ator coletivo, que estaria relacionada à produção de significados expressados e negociados, possibilitando o surgimento de afinidades que, mediante a oportunidade, a ação se torna possível. O senso coletivo está vinculado à constante negociação e redefinição sobre os objetivos, os meios e o ambiente de ação, os quais seriam mantidos através de organização e liderança.

Melucci define os movimentos sociais não como um agente, mas como uma forma de ação coletiva, que surge a partir de um campo de oportunidades e constrangimentos e que possui organização, lideranças e estratégias. (ALONSO, 2009, p. 66)

A longevidade dessas organizações possibilita o engajamento e o maior objetivo delas é a construção da identidade coletiva, que se transforma no processo, principalmente no reconhecimento emocional.

Touraine e Melucci entenderam esses novos movimentos sociais como grupos ou minorias com necessidades do campo simbólico acerca das identidades, estilo de vida e

cultura. Eram pacíficos, não hierárquicos, descentralizados que buscavam mudanças de longo prazo. Ao aplicar seu modelo para a América Latina, Touraine abre a possibilidade de luta por questões materiais e para explicar os novos aspectos do século XXI, como a escala global do ativismo, tirando do Estado nacional o adversário prioritário. A inovação ficou a cargo da sociedade civil – que não corresponde ao Estado, ao mercado ou à vida privada – e da profissionalização, burocratização e partidarização do ativismo. A transformação mais expressiva veio após o 11 de setembro⁴, que inaugura mobilizações policêntricas e violentas.

Em relação à TPP: “Tilly, Tarrow e McAdam (2001) redefiniram mesmo o fenômeno estudado: movimentos sociais pertenceriam a um gradiente de formas de ação contenciosa, donde se incluem partidos, nacionalismo, guerrilhas, terrorismo, guerras civis, revoluções” (ALONSO, 2009, p.76). Esta definição mais abrangente alcança formulações e organizações mais recentes, como o próprio MTST.

No artigo *Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests*, em parceria com Ann Mische, Alonso define movimento social de repertório socialista, o que particularmente interessa para este trabalho. Este repertório aponta para o comprometimento da comunidade ativista, que exhibe publicamente a ligação (seja afetiva ou militante) ao movimento/partido com bandeiras e faixas na cor predominantemente vermelha e símbolos usados em camisetas, adesivos, emblemas etc. A organização é centralizada e hierárquica dando destaque à liderança. As reivindicações centrais são críticas à exploração capitalista, à desigualdade social e à exclusão baseada na classe. Este repertório é amplamente utilizado de diferentes formas e em diferentes graus nos movimentos estudantis, popular, por trabalho, moradia e reforma agrária (ALONSO; MISCHÉ. 2017, p.08). De forma geral, esta definição se encaixa na atuação do MTST (não de forma absoluta), como será exposto ao longo do trabalho.

Utopia

Compreendido o que é movimento social e repertório socialista, como um movimento social bastante criminalizado pela imprensa⁵ poderia se manter em atividade? Essa é a

⁴ A autora faz alusão ao atentado terrorista contra as Torres Gêmeas (World Trade Center) e o Pentágono em Manhattan, Nova York nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001.

⁵ [1https://veja.abril.com.br/brasil/como-funciona-a-industria-de-ocupacoes-do-mtst](https://veja.abril.com.br/brasil/como-funciona-a-industria-de-ocupacoes-do-mtst)

motivação deste tema. Apenas a utopia da realização de suas reivindicações poderia justificar a permanência das ações do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto) após tantas derrotas até a realização da ocupação Chico Mendes.

Sendo assim, o livro *Entre a Realidade e a Utopia: Ensaios sobre Política, Moral e Socialismo* de Adolfo Sánchez Vásquez, traz algumas explicações ao abordar a tradição da utopia, as constantes da utopia e do utopismo através dela e as críticas à utopia. É feita uma trajetória do pensamento utópico e as formas nas quais ele foi sendo empregado. De início remete-se a Platão, o Estado e cidades ideais, república perfeita, imutável e atemporal. Perfeição impossível e irrealizável. É uma realidade ideal, que não precisa ser concretizada. “Ao eliminar o futuro, e deixar de fora a possibilidade de realizar-se, fica, contudo, a tensão entre o ideal e o real” (VÁSQUEZ, 2001, p.354). A dimensão político-social da utopia corresponde à “antecipação de uma vida justa, digna, que ainda não é, mas que pode ser, no futuro, o modelo de utopia já não será o platônico, vertical, mas sim o horizontal, próprio da modernidade, que se estende até nossos dias” (VÁSQUEZ, 2001, p.355). O cristianismo medieval com a utopia não realizável do ‘reino de Deus’, como a teoria anabatista de Thomas Münzer⁶ tenta conjugar os reinos humano/terreno e o divino/celestial. Apesar de manter o contraste entre eles, defende a realização deste reino de Deus na Terra, ou seja, a utopia clama pela transformação do presente para sua realização. O autor, então, associa essa utopia aos movimentos políticos e sociais na América Latina através da Teologia da Libertação⁷.

As utopias modernas – primeira fase renascentista – baseiam-se no custo brutal para os camponeses da transição do feudalismo para o capitalismo, que “impõe aos camponeses com a expropriação e expulsão de suas terras e sua transformação em vendedores de força de trabalho” (VÁSQUEZ, 2001, p.356). Autores como Thomas More,

⁶ Thomas Münzer foi um dos primeiros teólogos alemães da era da Reforma, que influenciou uma rebelião camponesa, no século XVI.

⁷ Segundo Cejana Uiana Assis Noronha em seu trabalho *TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO* de 2012, a Teologia da Libertação nasceu na Igreja Católica como resposta à contradição existente na América Latina entre a pobreza extrema e a fé cristã de maioria de sua população. Composta por um corpo de textos produzidos a partir de 1970, ela rompe com conceitos tradicionais da Igreja institucional introduzindo na história da Igreja ideias de igualdade social e direitos humanos, reivindicando para si como herança os lemas: liberdade, igualdade e fraternidade advindos da Revolução Francesa. Os principais autores/protagonistas desta Teologia são: Hugo Assman, Frei Betto, Maria Clara Luucchetti Binger, Clodovis Boff, Leonardo Boff, Jose Mígez Bonino, Pedro Casaldáliga, Enrique Dussel, Ignacio Ellacuría, Ivone Gebara, Gustavo Gutiérrez, Franz Hinkelammert, María Pilar Aquino, Pablo Richard, Oscar Arnulfo Romero, Samuel Ruiz García, Juan Luis Segundo, Jon Sobrino, Paulo Suess, Elsa Tamez, Ana Maria Tepedino e Aiban Wagua. Fazem parte do seu ideário a crítica ao sistema capitalista, revelando que ele produz a idolatria ao dinheiro, e a crítica à ideologia do desenvolvimento econômico.

Campanella, Francis Bacon e Morelly (século XVI ao XVIII) focaram a atenção na vida terrena, apontando a causa das mazelas – fome e miséria – na propriedade privada, na ganância por dinheiro e busca por poder. Estes autores, segundo Vasquez, formularam modelos de alternativas sociais. Essas teorias funcionam de forma contrária à platônica ao tornar a realização da utopia algo possível, apesar de não haver esforço prático para transformação do presente. A realização, para o pensamento utópico iluminista, virá através da persuasão, do conhecimento e da educação. Porém, essa crença na educação/razão despreza a ação prática, o que deixa o destino das massas nas mãos da burguesia, que tem acesso ao conhecimento formal (Razão⁸). É esperado que estes defendam os interesses de toda humanidade, porém, “na prática essa defesa se acha mediada por seus interesses particulares, de classe” (VÁSQUEZ, 2001, p.357).

Socialistas utópicos propõem modelos teóricos relativos às condições sociais (século XIX), chegando a fundar comunidades (Saint-Simon, Owen, Cabet).

(...) sua crítica da sociedade surgida da Revolução Industrial, com suas novas relações entre capital e trabalho; sua falta de conhecimento objetivo, rigoroso, da sociedade criticada; seu esbanjamento imaginativo ao descrever, com riqueza de detalhes, a nova sociedade e; sua confiança desmedida, acompanhando os iluministas, ao pretender alcançá-la, no poder da educação, à qual acrescentam a força do exemplo (VÁSQUEZ, 2001, p.357).

O utopismo revolucionário é creditado à Weitling, Blanqui, Bakunin e Kropotkin e teria o foco de sua ação na revolução. Fruto deste utopismo revolucionário teremos a utopia socialista comunista de Marx e Engels, que será considerada pelo autor uma utopia mesmo tendo argumentos contra o utopismo e não reconhecendo seu próprio conteúdo utópico de pensamento⁹. Para o autor, os seguintes aspectos revelam o caráter utópico desta teoria: “a crítica do existente, o conhecimento da realidade que se critica e se pretende transformar e sua vocação prática, ou vínculo com a ação” (VÁSQUEZ, 2001, p.359). Essa utopia, então, seria o projeto de emancipação ou de sociedade futura, livre de dominação e exploração capitalista. Mesmo na obra de Engels *Do socialismo utópico ao socialismo científico* são apontados aspectos de utopia abstrata, especulativa. Tais aspectos seriam:

a superação total da alienação, da extinção do Estado, da ideia da revolução quase imediata e do proletariado como seu sujeito central e exclusivo (e) a imagem de uma sociedade harmônica na qual, ao se resolverem as contradições de classe,

⁸ Adolfo Sánchez Vásquez se refere ao conhecimento formal, acadêmico. Porém, entende-se que a modernidade amplia a ideia de igualdade, inclusive no campo do conhecimento.

⁹ Esta definição do autor baseia-se naquilo que o próprio entende como utopia, qual seja, a “antecipação de uma vida justa, digna, que ainda não é, mas que pode ser, no futuro”. Na sequência do texto, outras leituras do pensamento de Marx e Engels serão expostas.

seriam superados os conflitos étnicos, nacionais ou de outra índole (VÁSQUEZ, 2001, p.360).

Para o autor “não existe caminho real que leve inexoravelmente da utopia à realidade” (VÁSQUEZ, 2001, p.360). O autor afirma que a palavra utopia foi criada para descrever o lugar nenhum, porém salienta que este existe no mundo ideal “como projeto ou antecipação do que pode ser” (VÁSQUEZ, 2001, p.361) e localiza-se no futuro, tendo então o lugar temporal e irreal. Esta utopia tem relação com o real, criticando e julgando baseado numa sociedade considerada melhor. Sendo assim, a utopia só existe através dessa crítica da sociedade existente e indesejável. A utopia não pode ser trazida à realidade, pois deixaria de ser utopia. E é mutável, assim como a realidade presente também é. Por isso, as utopias se sucedem umas às outras. Sendo as utopias modernas algo almejado a realizar, elas têm efeitos na realidade e inspiram ações. “As utopias respondem a aspirações e desejos de classes ou grupos sociais que se mostram discordantes ou críticos em relação a determinada realidade social” (VÁSQUEZ, 2001, p.363). A utopia traz em si uma ideologia, porém nem toda ideologia carrega uma utopia. O que define uma utopia é a possibilidade (relativa, concreta) ou impossibilidade (absoluta, insuperável ou relativa) de realização: “a utopia não é o reino do absolutamente impossível, nem do aleatoriamente possível, mas sim do possível em determinadas circunstâncias e condições” (VÁSQUEZ, 2001, p.364). Para sua realização é necessário saber seu valor, a superioridade deste possível sobre o real, e, obviamente, a vontade de realizar e a práxis necessária.

As críticas à utopia mais específicas são relacionadas ao fato de não ser realizável e os efeitos negativos da tentativa de realizá-la. Os principais críticos foram Marx e Engels, tendo como alvo desta crítica o socialismo utópico pela ausência de análise científica da realidade social cujo objetivo é transformar, não sendo adequada aos meios, condições e sujeitos históricos necessários para tal. Para Marx e Engels apenas partindo:

do conhecimento científico da realidade social, das possibilidades que dela se desprendem, dos meios adequados e contando com o sujeito histórico-social de sua transformação, o socialismo será possível e realizável (VÁSQUEZ, 2001, p.365).

Em Marx encontra-se a crítica a certa utopia e ao utopismo, “como empenho frustrado de realizar o irrealizável” (VÁSQUEZ, 2001, p.365), e não ao socialismo que, para Vásquez, é o conteúdo utópico.

A crítica à utopia, no geral, relaciona-se com o pressuposto de uma natureza humana imutável/abstrata, julgando toda utopia como ineficaz e impotente. Essa é a mesma crítica liberal burguesa de nosso tempo, segundo o autor. Já Popper, “considera que a utopia traz em si fins e objetivos que não se podem construir racional ou cientificamente, embora possa ser racional a adequação dos atos utópicos ao fim correspondente” (VÁSQUEZ, 2001, p.366-367). Contudo, como necessita de uma planificação, sacrifica a liberdade individual e, para realizá-la, podem ser necessários atos violentos. Essa visão vê a utopia com vocação totalitária: racional/planificação e irracional/violência.

A última crítica citada é a insistência em agir na direção de tornar real o irrealizável, a própria busca de realizar a utopia.

Acerca do fim da utopia, o autor aponta para o:

desencanto pelos efeitos perversos da realização de uma utopia com o chamado ‘socialismo real’, assim como a promoção do igualitarismo ou relativismo moral e político do ‘não existe nada melhor’, ‘tudo é a mesma coisa’ ou ‘tudo é permitido’, que desarma moral e politicamente todo impulso utópico (VÁSQUEZ, 2001, p.368).

A corrupção política e moral, colocadas como atributos humanos, também contribuem para o desencanto e dão voz às críticas conservadoras e liberais. Para essas pessoas a utopia teria chegado ao fim. Contribuiria, segundo o autor, para este pensamento a melhoria de vida da classe trabalhadora nos países desenvolvidos, mas apenas se fecharem os olhos para a vida precária das minorias, imigrantes e dos países periféricos. Na prática é sentido o enfraquecimento do impulso utópico, quando a classe trabalhadora renuncia à transformação revolucionária da sociedade capitalista. Para o fim de todas as utopias, o autor questiona a respeito das condições que o possibilitariam: reduzir a utopia à ciência (ou torná-la pré/anticientífica) – porém, enquanto a realidade gerar discordância/crítica e aspiração de melhora, a utopia ainda existirá; o fim também chegaria se pudesse tornar real o irreal, ou se a realidade não deixasse margem para o possível. Como essas possibilidades não são passíveis de ocorrer (salvo extinção da vida humana na terra), não há como a utopia ter fim.

Assim, como o fim da utopia só pode ocorrer em uma relação ilusória com o real, não só é – em definitivo – uma utopia abstrata que - como as desutopias – inspira o temor à mudança, ao futuro, como também uma ideologia que, por esse caminho, justifica o presente, desclassifica a mudança e barra o caminho a todo impulso utópico a uma vida melhor, imaginada ou sonhada (VÁSQUEZ, 2001, p.370).

A própria dinâmica da busca por uma vida melhor, mais digna e justa impede a utopia do fim da utopia.

Pensando nisso, podemos imaginar que o caráter utópico forma a ação presente do MTST, uma vez que o MTST se apresenta como:

um movimento que organiza trabalhadores urbanos a partir do local em que vivem: os bairros periféricos. É um movimento de trabalhadores sem-teto que luta por moradia e por uma Reforma Urbana popular e classista. Mas o MTST não é um movimento de moradia. Lutamos por moradia, mas entendemos que esta luta é parte de uma luta maior por condições de vida dignas. (trecho retirado do site oficial do movimento¹⁰).

Somente a crença em uma realidade futura melhor poderia dar força para um grupo diminuto de militantes continuar sua atuação. Mas não apenas. A utopia para o MTST foi e é a materialização do desejo da sua própria sobrevivência (enquanto organização) e do ideal de realização de suas reivindicações para uma sociedade mais igualitária.

Educação e Cultura Sob o Desenvolvimento Desigual

Samir Amin, em seu livro *Imperialismo e desenvolvimento desigual*, discute, entre outras coisas, o papel das superestruturas nas áreas culturais, assim como as bases econômicas da vida social, dos três principais modelos econômicos/ideológicos (a sua época): o estadunidense, o soviético e o chinês. Desde o iluminismo, a ciência e a técnica seriam a régua impositiva do progresso da vida social, intencionando apagar da história a luta de classes. Tanto a explicação teológica quanto a científica levam ao mesmo objetivo de eliminar “o homem consciente, não alienado, e as classes sociais” (AMIN, 1987, p. 90) em um materialismo burguês grosseiro, o qual ambiciona a exploração do trabalho. É o marxismo que fornece as ferramentas para superá-lo através da conceitualização utilizada para esclarecer as alienações sociais e, conseqüentemente, a luta de classes. Esta última é a verdadeira responsável pelas mudanças nas relações de produção, desenvolvendo as forças produtivas. Acerca da superestrutura, é necessário levar-se em conta que há relações específicas com a base e ambas têm uma função na “reprodução do conjunto de cada sociedade” (AMIN, 1987, p. 91).

¹⁰ Disponível em <https://mtst.org/mtst/20-anos-do-mtst-um-formigueiro-contra-o-neoliberalismo/>

O impacto da filosofia Iluminista permitiria o domínio da natureza pela ciência, que por sua vez determinaria o progresso, que seria também algo linear. A vida se torna mercantilizada em todos os aspectos, inclusive a natureza. O caminho para a “desalienação” seria a “superação do valor de troca” na forma da autogestão das pessoas, devolvendo para elas o controle sobre os próprios futuros. No conjunto dos países do capitalismo desenvolvido, o que melhor sintetiza a ideologia própria do sistema (alienação economista mercantil) são os EUA, cuja ideologia de classe é também a dominante da sociedade, mesmo na classe operária, pois baseada na social-democracia do marxismo revisionista.

Acerca da América Latina, o autor define a região como “área europeia do capitalismo subdesenvolvido”, a qual não alcançaria o modelo do capitalismo central completo exatamente por causa da dominação imperialista. Dominação esta que está no princípio, a origem colonial.

A colonização não somente levou consigo traços essenciais da ideologia da Europa em transição para o capitalismo, como também manteve laços vivos que induziram as correntes ideológicas da Europa a prosseguirem o seu desenvolvimento na região colonizada. (AMIN, 1987, p. 97).

As classes dominantes locais reproduzem a cultura colonizadora mesclando elementos populares, principalmente pelo fator étnico. Essa mescla não é inteiramente integrada, o que, para o autor, levou ao aprofundamento da separação entre as “classes dirigentes e as massas dominadas”. Com exceção das áreas cuja escravidão negra baseou a economia: Brasil e Caribe. Aqui as classes dirigentes rompem com a cultura popular, o que não quer dizer que essa cultura não resista.

Sendo assim, para que as forças produtivas se desenvolvam sem que, no entanto, as relações mercantis avancem, é necessário que os valores tradicionais sejam alinhados ao objetivo socialista, abandonando a herança pré-capitalista colonial, qual seja, o sonho europeu (ou mais atualmente, o estadunidense). Para reforçar o papel da cultura nesta transição, o autor afirma que:

Nos lugares onde os povos oprimidos são de cultura não europeia, essa resistência à proletarianização, ou seja, à exploração, pode apresentar-se mais forte porque os motivos econômicos são reforçados por motivos culturais. (AMIN, 1987, p. 99).

A resistência da manutenção da cultura popular não é garantidora de uma mudança que leve à revolução socialista.

O autor ainda debate *a função da educação na reprodução social*. Esta última seria “o conjunto dos mecanismos que asseguram a reconstituição das condições físicas, sociais, políticas e ideológicas de funcionamento de uma sociedade” (AMIN, 1987, p. 148). Dentre os diversos aspectos, a educação é o foco do comentário. O autor aponta que, mesmo que o sistema de ensino fosse garantidor de oportunidades igualitárias de ingresso, assim como de qualidade equiparada em todas as instituições de ensino e, em consequência, de mobilidade social, “seria limitado em seus efeitos democráticos pela divisão da sociedade em classes, base das desigualdades de cultura e de saber transmitidas, fora do quadro estritamente escolar, pela família e pelo meio social” (AMIN, 1987, p. 149). Chamado pelo autor de *reprodução das condições ideológicas da sociedade*, o investimento em qualificação é proporcional ao lugar que a respectiva fatia da sociedade deve ocupar. O autor define a formação das elites como:

uma formação fundamentada nas humanidades, de caráter sem dúvida menos religioso, na qual os “conhecimentos científicos” começam gradativamente a desenvolver-se, mas que não obstante conserva um substrato essencial de caráter filosófico, linguístico e literário. A formação do raciocínio nela é assegurada pela expansão progressiva do ensino das matemáticas como suporte da lógica formal. (AMIN, 1987, p. 154).

No caso de operários qualificados e técnicos de nível mais elevado seria mais limitada e sem a ênfase na formação humanista das elites. “Grande parte dessa formação, sobretudo a de operários qualificados, ainda é adquirida no trabalho e permite uma mobilidade social no sentido de etapas mais elevadas” (AMIN, 1987, p. 154). Para o que o autor chama de educação básica, haveria uma tendência de generalização progressiva, voltada para a formação do cidadão em conhecimentos elementares, que pode permitir a “ascensão” para um trabalho qualificado. Esta formação, apesar de laica, conserva traços de natureza, origem ou tipo religioso, uma vez que as leis econômicas e sociais seriam dadas quase como efeitos da natureza (meritocracia, força de vontade, esforço próprio “estude enquanto eles dormem” etc.).

A separação dos “tipos” de educação¹¹ é o cerne das questões educacionais que refletem diretamente nos aspectos civilizacionais, perspectivas sociais e da ideia de desenvolvimento econômico. Pois encaixota cada “elemento” dentro do que se espera dele. As contradições seriam então apenas força de expressão, uma vez que, desde muito cedo, a sociedade de classes é muito específica no que espera de cada “degrau” da sociedade.

¹¹ Samir Amin aponta principalmente para o tipo de educação do operário qualificado e da massa de mão de obra, porém, no trabalho serão consideradas os três tipos.

A desqualificação da mão de obra nacional, por exemplo, tem sua função, uma vez que a economia é direcionada para a exportação de commodities. O investimento em aprimorar a educação da massa de mão de obra desqualificada e substituível seria como um desperdício de verba, uma vez que não terão colocação no mercado de trabalho qualificado, ou poderão inchar este mercado, pressionando os salários para baixo. No primeiro caso “a educação se torna disfuncional, uma espécie de luxo para uma crescente maioria da população” (AMIN, 1987, p. 156).

O autor aponta para a destruição dos conhecimentos tradicionais devido ao novo padrão científico funcional da educação, ocasionando perda de conhecimentos técnicos tradicionais advindos da formação no trabalho, agricultura e artesanato.

Foi a partir daí que se descobriu (...) a natureza do subdesenvolvimento como consequência do desenvolvimento do centro, da expansão deste e da sua dominação sobre a periferia: destruição do artesanato, controle da agricultura e, concomitante, industrialização tardia e insuficiente, copiando os modelos tecnológicos e os padrões de consumo do mundo avançado, incapaz, portanto, de oferecer trabalho à massa dos produtores por ela “marginalizados”. (AMIN, 1987, p. 159).

Em suma, esses países vivem, por um lado, uma desqualificação e destituição do trabalho, ou seja, aumento do desemprego, principalmente da mão de obra não qualificada. Por outro a especialização do trabalho qualificado acaba não acompanhando a constante atualização do maquinário, ao mesmo tempo que este setor não absorve toda essa mão de obra especializada.

Olhando de perto a questão o autor aponta a disfuncionalidade da educação de massas nas sociedades, chamadas, subdesenvolvidas da forma como é realizada. Seria necessária “uma transformação profunda do sistema econômico e social permitindo o emprego real de toda a população ativa e uma requalificação do trabalho” (AMIN, 1987, p. 160/161). A própria educação deve superar aquela (cultura, educação, ideologia) do mundo capitalista, pois alienante.

Tem-se que superar a cultura e a ideologia locais, partindo-se delas mesmas (...) não devemos jogar no lixo a sociedade tradicional, os seus sistemas de formação e a sua ideologia, sem substituí-las por outra organização social, outros sistemas de formação e outra ideologia que respondam verdadeiramente aos problemas das massas populares vítimas do “desenvolvimento” capitalista periférico e dependente (AMIN, 1987, p. 162)

Na América Latina

Acerca do ambiente de atuação do movimento, Agostín Cueva, em sua obra *Autoritarismo y fascismo en América Latina*, afirma que o desenvolvimento do capitalismo na América Latina foi mais acelerado do que em outras partes integrantes do sistema, inclusive as estruturas sociais estão cada vez mais capitalistas. Para o autor, os desenvolvimentistas de diversas tendências erraram na expectativa deste processo levar a uma melhor distribuição de propriedade, renda e poder. O desenvolvimento deste modo de produção é regido em toda parte por leis objetivas de acumulação, concentração e centralização do capital, e nunca houve qualquer base científica que nos permitisse pensar que a América Latina capitalista pudesse escapar de tais leis (CUEVA, 2013, p.16). Da mesma forma não poderia esperar o favorecimento da criação de economias nacionais autônomas, ou suprimir as especificidades de cada formação nacional. Também houve um desenvolvimento desigual de cada identidade nacional e um processo de conexão acelerada de suas economias. Apesar de existir uma economia capitalista mundial (que integra a todos), não existe uma forma econômica e social capitalista mundial, mas sim uma cadeia de múltiplas identidades nacionais. Por conta dessas especificidades, o desenvolvimento do modo de produção capitalista na América Latina se daria na historicidade comum identificada como problemática comum, que define as características singulares da região dentro da grande cadeia capitalista imperialista mundial (CUEVA, 2013, p. 17/18). Mais especificamente, as motivações seriam: para além do desenvolvimento desigual está o modo de produção pré-capitalista marcando esse desenvolvimento e os contínuos e violentos ajustes sofridos por causa da colocação subalterna no sistema mundial capitalista imperialista, o que altera a lógica interna de desenvolvimento dessas sociedades gerando atrofia e hipertrofia na produtividade da região.

As diversas sociedades da América Latina possuem perfis e ritmos próprios, principalmente em relação às lutas de classe, que geram toda uma série de discontinuidades e conflitos no processo de inserção no sistema capitalista imperialista mundial (CUEVA, 2013, p.19). Este processo histórico se caracteriza por um tipo de desenvolvimento capitalista que acumula uma série de contradições, as quais convertem estes países em elos fracos da cadeia capitalista imperialista mundial – ou seja, solidificam as contradições já características do capitalismo na sua fase mais avançada (monopolista) acrescidas as fases anteriores, incluindo as enormes sequelas do pré-capitalismo e as questões nacionais ainda não solucionadas (colônia, semicolônia e dependência).

A respeito do desenvolvimento e a natureza do Estado na América Latina relacionam-se diretamente com a dominação no sistema capitalista. Para justificar seu ponto de vista, o autor explica que a democracia burguesa relativamente sólida e estável, não constitui a superestrutura “natural” do modo de produção capitalista, mas é a modalidade que o domínio burguês conseguiu assumir nas áreas “centrais” capitalistas, beneficiárias da enorme massa de excedentes econômicos extraídos do resto do mundo; ou, temporariamente, em alguns países capitalistas “periféricos” (em princípio elos fracos) que obtiveram participação temporária vantajosa na distribuição desse excedente, caso da Argentina, Uruguai, Venezuela (CUEVA, 2013, p.20/21). Fora desta situação, a superestrutura “natural” do capitalismo não foi exatamente a democracia, mas seu oposto. O que caracteriza, em última instância, o Estado burguês não é sua forma (democrática ou totalitária), mas sua necessidade de assegurar a reprodução ampliada do modo de produção capitalista, em condições sempre historicamente determinadas e de acordo com o lugar que cada formação econômico-social ocupa no seio da cadeia capitalista imperialista (CUEVA, 2013, p. 21). Sem essa condição, o Estado capitalista não existe. É uma abstração indeterminada, não corresponde ao real. Por sua vez, hegemonia burguesa é um aspecto (ideológico) da dominação burguesa. Coerção e hegemonia são momentos diferentes do processo histórico, sendo papel do desenvolvimento desigual diferenciar esses momentos, movidos pelo vínculo capitalista que pode levar a tendência ao predomínio de hegemonia nos elos fortes, tendência ao predomínio da coerção nos elos fracos.

Na América Latina também há características específicas diante do processo. A instância política fica encarregada de garantir a coesão e reprodução da sociedade civil no sistema capitalista. Ao mesmo tempo garante o sistema de dominação e tenta superar as profundas lacunas que a acentuada heterogeneidade estrutural produziu na própria classe ou bloco de classes dominantes, como forjando as condições necessárias para o estabelecimento e vigência do ‘pacto’ neocolonial e, simultaneamente buscar a maneira de ‘regular’ as rachaduras, desigualdades e defasagens internas que o mesmo pacto acentuava; condensar e expressar tendências dominantes em cada formação social, mas também se adiantar a elas no rastro deste desenvolvimento porém em países mais ‘avançados’; lançar bases para uma hegemonia, recorrendo a força da lei (e lei da força) para evitar que as descontinuidades e contradições destas sociedades civis heterogêneas levem às rupturas revolucionárias (CUEVA, 2013, p. 21/22). O sistema contou com o aparato estatal e o ramo militar como verdadeiras trincheiras e fortificações, o que justifica

a permanência do estado de exceção. Isto explica o autoritarismo usado como proteção política, como criminalização de movimentos que reivindicam o que, inclusive, está na Constituição Brasileira de 1988.

Para o autor, o esgotamento de toda uma fase de desenvolvimento capitalista (modo de acumulação) causou nas sociedades da América Latina estados de crises agudas, levando às opções de mudança revolucionária do sistema vigente ou a sua reestruturação (em termos sociais e políticos). O que aponta para uma nova fase de desenvolvimento capitalista. As diversidades, nos anos 1960 e 1970, representaram um caráter repressivo acentuado, mostrando o papel de remodelador da sociedade que o Estado foi adquirindo. Foi sendo cancelado o projeto de desenvolvimento autônomo e, em seu lugar, foi implantado um modelo de desenvolvimento associado, ou seja, inserido na perspectiva de transnacionalização dos setores chaves de nossa economia.

Os movimentos nacionalistas que foram em outra direção, tiveram curta duração e envolveram a reestruturação do bloco burguês, dando destaque para a fração monopolista, que era composta também por frações burguesas nativas, não apenas estrangeiras; essa burguesia passa de agrária/industrial/comercial “compradora” para o nível da burguesia monopolista e não monopolista. Há, portanto, uma aliança interna de classe e o aparato estatal é a expressão do predomínio da fração monopolista transnacional, cujo um dos setores é o monopolista nativo; há uma fusão da força política do Estado latino-americano com a força econômica do capital monopolista – o que forma um capitalismo monopolista de Estado, que passa a definir muito melhor a evolução dos nossos Estados de forma mais precisa. De qualquer forma, as estratégias de ação deste capitalismo monopolista de Estado são bem diferentes daquelas dos países imperialistas, inclusive pela condição muito subordinada de nossas formações sociais.

Através da compreensão de caráter de classe deste Estado, fica mais claro o modelo econômico que se pretende implementar e as tarefas que este Estado deve cumprir para tal. Aqui percebe-se que a transnacionalização se estende da propriedade para toda a estrutura econômica. O desenvolvimento do aparato produtivo obedece mais que nunca a um movimento do sistema capitalista em seu conjunto, em vez de requisitos estritamente nacionais. Com razão se fala de uma nova divisão internacional do trabalho, que transfere importantes setores da produção industrial para áreas dependentes, em um movimento que

desde cedo não obedece a desígnios arbitrários, mas para novas condições de valoração de capital que foram criadas nestas áreas (CUEVA, 2013, p. 25).

O que diz Celso Furtado

Celso Furtado em *O mito do desenvolvimento Econômico*, aponta que desenvolvimento tem relação com acúmulo de capital e acesso aos bens de consumo, não ao tamanho do país. Até mesmo indica o fenômeno de dependência dos países desenvolvidos em relação aos recursos naturais fornecidos pelos países periféricos, assim como a exploração da mão de obra barata (porque não tem qualificação). Definindo a economia de países periféricos como concentradoras de renda e apontando para “a coexistência de formas suntuárias de consumo com a miséria de grandes massas” (FURTADO, 1998, P.60), encontra um dos motivos de tensão social, que reflete, certamente, na política.

O Estado, incapaz para modificar a referida orientação, se exaure na luta contra os seus efeitos. As frustrações políticas levam à instabilidade e ao controle do Estado pelas forças armadas, o que contribui para reforçar mais ainda o seu caráter burocrático. (FURTADO, 1998, p.61)

O controle das atividades econômicas é internacional e, segundo o autor, de grupos oriundos do processo político interno movidos pelo sentimento de impotência causada pela dependência econômica. As ações diretas desses “Estados do centro” (FURTADO, 1998, p. 61) foram substituídas pelo controle de grandes empresas, processo que não obedece à regras, como vimos em Cueva, encontrando especificidades. As intervenções diretas ficaram mais raras, não inexistentes, principalmente ações estadunidenses em “defesa das fronteiras do sistema” (FURTADO, 1998, p. 62). Uma forma de reação dos países periféricos seria a defesa de seus recursos naturais, uma vez que estes mesmos recursos são profundamente necessários para a expansão do sistema, dos países centrais. O autor também aponta que, exceto os Estados Unidos, esses países cêntricos estavam esgotando seus recursos naturais de mais fácil extração, tornando-se cada dia mais dependentes daqueles oriundos dos países periféricos.

A utilização das reservas de recursos naturais como um instrumento de poder pelos Estados periféricos requer uma articulação entre países que, de nenhuma forma, é tarefa fácil. (FURTADO, 1998, p.63)

Para o autor, nem sempre as empresas verão com maus olhos esse controle e possível aumento de preços das commodities, já que o custo extra seria repassado para o consumidor, garantindo, na maioria das vezes, aumento dos lucros. Grande parte deste excedente de recursos retornaria para os países centrais do sistema na forma de investimentos, mantendo de forma geral a estrutura dessa economia capitalista. O retorno deste investimento para os países periféricos na forma de manutenção do processo de desenvolvimento (desigual) não mudaria a estrutura.

(...) a rápida expansão da economia internacional – setor mais dinâmico do sistema capitalista – tende a fundar-se na utilização das grandes reservas de mão-de-obra barata que existem na periferia. Apresentam-se aqui dois problemas: o da apropriação dos frutos da expansão econômica e o da orientação geral do processo de acumulação. (FURTADO, 1998, p.65)

A força dessas empresas está caracterizada também na imensa desigualdade social, mantenedora dos baixos salários. Uma vez que haja aumento salarial, essas empresas mudam a área de investimento, ou até tiram suas fábricas do país. O autor ainda enfatiza a fuga de capitais destas empresas.

Se as grandes empresas continuam a pagar na periferia salários correspondentes ao “preço de oferta” da força de trabalho, o próprio processo de industrialização dos países periféricos contribuirá para aumentar o fosso que os separa do centro do sistema. (FURTADO, 1998, p.67)

Essa generalização da taxa de salário está inalcançável devido ao grau de acumulação da economia. Acerca da desigualdade geral do sistema capitalista, o autor aponta para a seguinte projeção, lembrando que o dado corresponde ao tempo da escrita do autor:

Com efeito: se observarmos o sistema capitalista em seu conjunto vemos que a tendência evolutiva predominante é no sentido de excluir nove pessoas em dez dos principais benefícios do desenvolvimento; e se observarmos em particular o conjunto dos países periféricos constatamos que aí a tendência é no sentido de excluir dezenove pessoas em vinte (...). (FURTADO, 1998, p.73)

O caminho, independentemente das relações entre Estados periféricos e as grandes empresas, deveria ser a procura por mais igualdade, buscando um consumo coletivo e, ao mesmo tempo, redução de desperdícios “provocado pela extrema diversificação dos atuais padrões de consumo privado dos grupos privilegiados” (FURTADO, 1998, p. 74). O processo de produção e circulação de produtos está diretamente relacionado com a raiz do subdesenvolvimento, geradora de “dependência cultural que está na base do processo de reprodução das estruturas sociais” (FURTADO, 1998, p.80) dos países periféricos em

relação aos centrais. Essa dependência cultural aumenta as desigualdades sociais, muito por causa do acelerado acúmulo e concentração de capitais. Este cenário social é diretamente relacionado ao cenário de dependência.

A propriedade pública dos bens de produção tampouco seria suficiente para erradicar o fenômeno da dependência, se o país em questão se mantém em posição de satélite cultural dos países cênicos do sistema capitalista, e se encontra numa fase de acumulação de capital muito inferior à alcançada por estes últimos. (FURTADO, 1998, p.84)

Neste momento o autor, invocando Marx, afirma que para uma classe existir é necessária uma autonomia cultural. No processo de países periféricos, essa colonização cultural foi sendo construída pelas classes dirigentes locais e as controladoras da economia internacional (esta última alocada nos países cênicos), no intuito de conservar uma alta taxa de exploração.

Em *Brasil: a construção interrompida*, edição de 1992, Furtado aponta para a necessidade de ajustar as prioridades para:

(...) a satisfação das necessidades fundamentais do conjunto da população e a educação concebida como desenvolvimento das potencialidades humanas nos planos ético, estético e da ação solidária. A criatividade humana, hoje orientada de forma obsessiva para a inovação técnica a serviço da acumulação econômica e do poder militar, seria dirigida para a busca da felicidade, esta entendida como a realização das potencialidades e aspirações dos indivíduos e das comunidades vivendo solidariamente. (FURTADO, 1992, p.77)

O autor também defende que os países cênicos paguem aos países periféricos pela degradação imposta por seu padrão de consumo, que levou à destruição e deterioração de biomas e recursos não-renováveis, sendo o objetivo almejado a conservação do “patrimônio natural” e dispendo da acumulação em função do “pleno desenvolvimento dos seres humanos”. Urge o abandono da busca desenfreada pela reprodução do modo de vida dos países ditos desenvolvidos, reconhecendo e tomando para si a própria identidade.

Em *O Longo Amanhecer*, edição de 1999, o autor explicita a questão de terra e moradia como problemas crônicos do Estado brasileiro na forma da grande concentração, não apenas de renda, mas também de terras valorizadas no intuito da especulação imobiliária. Esta seria uma das causas da “pobreza maciça”. A disparidade salarial, o baixíssimo investimento “no fator humano” são outros aspectos problemáticos. Como solução o autor elenca alguns pontos como: 1. priorizar o combate à fome, a segurança pública e a saúde da população; 2. direcionar a maior parte dos investimentos no

crescimento do “nível de cultura da massa da população” no intuito de aumentar “quadros técnicos”; 3. juntar o “processo de globalização” ao fomento de empregos, dando ênfase aos investimentos no mercado interno, focando a importação na compra de tecnologias (FURTADO, 1999, p.38). Em especial o terceiro ponto acima conecta-se com o combate ao desemprego, causador da exclusão social.

No intuito de compreender melhor as ideias furtadianas, Bolaño em seu artigo *Atualidade da política cultural de Celso Furtado: A propósito do depoimento à Assembleia Constituinte*, aborda a questão da dependência. O autor aponta para a dinâmica econômica oriunda da Revolução Industrial e as trocas comerciais entre Brasil e os países industrializados. Matéria prima e produtos agrícolas em troca de “produtos de consumo” provenientes da tecnologia ali existente, encurtando o caminho do consumo interno para esses produtos, sem precisar passar pela especialização e industrialização. Produtos sofisticados sendo importados para atender e agradar uma elite diminuta e identificada com valores exógenos, evidenciava a assimetria cultural da população local. Esse fenômeno chamado modernização dependente, mimetizando o estilo de vida da elite industrial internacional, reduziu a cultura popular brasileira a uma simbologia atrasada, referência danosa, passando a ser substituída (até mesmo subjugada) pela europeia “civilizada”. Para Furtado, o desenvolvimento brasileiro foi moldado nesta mensagem quase subliminar, que baseou o “progresso técnico” neste tipo de consumo, negligenciando as necessidades das “grandes massas da população nacional” (BOLAÑO, 2015, p. 26).

Trata-se de uma relação de subordinação que, uma vez instalada, tende a perpetuar-se porque está inscrita na tecnologia e no conjunto dos processos econômicos e sociais, nos estilos de vida e padrões de cultura impostos pelas necessidades dos processos de acumulação de capital e de dominação. A hegemonia se define, assim, essencialmente no plano da cultura e dos valores, embora o sentido último de todo o processo seja a acumulação e a reprodução das relações de poder econômico e político. (BOLAÑO, 2015, p.26)

A cultura correta é capaz de consolidar o sistema de dominação econômica baseado na acumulação de riqueza e poder, definindo a longevidade do padrão de desenvolvimento. E este poder também controla a criatividade, uma vez que é controlada pela economia através do excedente. Bolaño ainda ressalta a importância da luta de classes nesta dinâmica global baseada na acumulação e no seu oposto, “a melhoria nas condições de vida da população” (BOLAÑO, 2015, p. 28).

Em sua forma mais abrangente, a cultura é posta a serviço do desenvolvimento do avanço tecnológico, de técnicas mais produtivas de trabalho e da “diversificação de consumo” que, no caso brasileiro, vê sua identidade cultural desrespeitada, mutilada em função da produtividade e da “uniformização dos padrões de comportamento”. O processo em direção ao desenvolvimento precisa ter como prioridade os valores da coletividade, a simbologia que é parte essencial das culturas. Esta última precisa ser construída e preservada ao mesmo tempo que a acumulação de capitais também está sendo construída.

Por identidade cultural, Furtado (em uma citação direta feita por Bolaño) aponta para um sistema de valores que precisa ser inserido na política de desenvolvimento econômico e social, enfatizando a necessidade de “uma clara percepção de nossa identidade” para que o presente e o futuro possam ser estabelecidos em estruturas mais sólidas, quais sejam, políticas sociais, a luta contra as desigualdades e a pluralidade da sociedade resultando no “enriquecimento da vida e o bem-estar da coletividade” (BOLAÑO, 2015, p. 32). A preservação da identidade cultural através deste ato criativo é, acima de tudo, uma ruptura baseada na ancestralidade/herança, enfatizando que não pode haver interferência estatal na criação artística.

O autor aponta que “o conceito de cultura de Furtado se estabelece em três níveis: material, espiritual e político-institucional” (BOLAÑO, 2015, p. 34), inclusive demonstrando entusiasmo por movimentos sociais, ecologista, contestadores, feminista etc., principalmente pelo fomento de “novos valores culturais” também nos locais comuns, como trabalho, estudo, culto e lazer. Além disso, “(...) o autor defende que a política cultural deve dar atenção especial aos grupos sociais mais vulneráveis, que necessitam acesso facilitado aos bens e serviços culturais” (BOLAÑO, 2015, p. 35).

Como duvidar de que é nesse setor que se apresenta o maior desafio na caminhada para um autêntico processo de desenvolvimento, para a convergência do processo de crescimento econômico com o aperfeiçoamento das formas de convivência social e a abertura de novos espaços à realização das aspirações tanto materiais como espirituais de toda a cidadania? Na fase atual de nossa história o elemento de utopia de que precisamos somente poderá vir da política cultural. (FURTADO¹², 2012, p. 106 *apud* Bolaño, 2015, p. 39)

¹² FURTADO, Rosa Freire (Org.). *Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

É importante enfatizar que o desenvolvimento econômico não é o objetivo do MTST, mas sim uma reforma urbana. Os autores expostos divergem quanto as causas do subdesenvolvimento. Porém, de forma geral, concordam que a chave para a diminuição ou o fim da desigualdade social é através do investimento em cultura (inclusive popular) e educação, não apenas aspectos econômicos, já que a subordinação econômica é sustentada pela alienação cultural.

3. SOBRE O MTST, AS OCUPAÇÕES CHICO MENDES E JOÃO CÂNDIDO E O CONDOMÍNIO JOÃO CÂNDIDO

Neste capítulo será apresentado um resumo da história do MTST, desde sua criação até a entrega das primeiras unidades do condomínio João Cândido (de 1997 a 2014), assim como das ocupações Chico Mendes e João Cândido. No intuito de contextualizar a construção do condomínio João Cândido, abordaremos aspectos do Programa Minha Casa Minha Vida – Entidades¹³, bem como a gestão da verba destinada à construção do condomínio.

O MTST: um breve resumo.

O Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto – MTST surge em 1997¹⁴ como uma necessidade de luta por moradia no âmbito urbano e ação estratégica a favor da Reforma Agrária sentida pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra – MST, demanda esta já notada durante a Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça, realizada no mesmo ano. Neste mesmo período houve uma “aproximação entre o MST e os movimentos urbanos por moradia, da qual surgiram ações de ocupação de terrenos” (GOULART, 2011, p. 15). Assim, militantes do MST residentes em Campinas, município do Estado de São Paulo, começaram a participar ativamente de ocupações que já estavam acontecendo naquela cidade.

“o MST designou militantes (...) para atuar em uma realidade totalmente diferente daquela a que estavam acostumados, pois sair do cenário rural para o urbano exigiria destes militantes apreender um modo de vida muito específico, no qual os trabalhadores ali inseridos estão num sistema cultural distinto e sob outras necessidades, portanto, isto colocava a necessidade de elaborar estratégias de lutas compatíveis com esse modo de vida.” (SILVA, 2014, p. 69)

Em outras palavras, Silva reitera que a formação do MTST se dá através da convergência de movimentos urbanos de luta por moradia com a experiência militante organizada nacionalmente pelo MST. Isso aponta dois fatores importantes. O primeiro é que se trata de um movimento que nasce podendo se referenciar em experiências anteriores, permitindo alcançar alto nível organizacional em pouco tempo. Ainda aponta um

¹³ O Programa Minha Casa Minha Vida – Entidades será grafado pela abreviatura MCMV – Entidades.

¹⁴ Segundo Débora Cristina Goulart em sua tese de doutorado intitulada *O Anticapitalismo do Movimento dos Trabalhadores sem-teto – MTST*, o surgimento do movimento é datado em 1997 (página 01), porém foi um fato pouco documentado, criando várias versões entre os militantes desta época. Sua análise se baseia em entrevistas realizadas com militantes e antigos militantes, assim como parco material encontrado em forma de Cartilha.

caráter específico dos militantes que formaram o MTST, que combina a experiência da luta rural e a urbana. Assim, nasce como um movimento urbano, mas que tem uma preocupação sistêmica. A criação do símbolo do movimento data desta mesma época¹⁵ e carrega esse caráter sistêmico:

Figura 1 - Símbolo do MTST



Fonte: Material interno do Setor de Formação – MTST.

Neste início, as ações do MTST estavam baseadas em apoio às ocupações já estabelecidas na cidade de Campinas, além de apoio na construção da luta por moradia no Rio de Janeiro (SIMÕES, 2017, p. 26), ali atuando aproximadamente por dois anos realizando ocupações e reocupações em parceria com outros movimentos. Outros Estados, como Pernambuco, Pará e Rio Grande do Norte registraram, neste período, atividades com o MTST, porém estas oriundas das direções estaduais do MST. A escolha pela periferia, principalmente da Região Metropolitana de São Paulo, está relacionada às

condições propícias de organização em torno de uma demanda candente como moradia, o que se explica devido ao crescimento do déficit habitacional (...) no período dos anos 1990 decorrente do processo de intensificação de especulação imobiliária e do aumento do trabalho informal (...). Por outro lado, embora houvesse movimentos nas periferias, estes não apresentavam a mesma organização dos

¹⁵ A imagem explicativa tem origem em material interno do setor de formação distribuído para militantes em 2019.

movimentos que atuavam na região central de São Paulo, questão que em parte explica a opção pelas periferias e não pelo centro. (SILVA, 2014, p. 77)

A organização interna neste período inicial, não tinha a compreensão das dinâmicas urbanas de moradia, como as necessidades de provisão de sanitários, energia elétrica, acesso a vias de circulação de transporte público, espaços apropriados para descarte e coleta de lixo. Essas dificuldades, segundo Silva, “demonstram que o MTST ainda não havia constituído seu próprio problema sobre as formas de organização compatíveis com a vida urbana e com aspectos da cultura urbana” sendo assim, “ter uma apreensão dos aspectos da cultura urbana tornava-se uma questão fundamental para o movimento organizar internamente os acampamentos” (SILVA, 2014, p. 73). A autora ainda cita o documento “Quem Somos”, publicação de 2005 na página do próprio movimento, cujos objetivos estão descritos na forma de combate à produção de miséria nos centros urbanos, o que define a escolha dos terrenos: “regiões periféricas mais afetadas pelo processo de especulação imobiliária”, pois estes locais contam com infraestrutura nos arredores, característica indispensável para guarnecer as necessidades básicas das famílias acampadas (SILVA, 2014, p.88), além de compor este acampamento de pessoas necessitadas.

É deste período a ocupação Parque Oziel¹⁶, ocorrida em fevereiro de 1997 na região denominada Fazenda Taubaté, ainda no município de Campinas. Esta ocupação teria uma área de quase 1 milhão de m². Desabastecidos de água, esgoto, luz e serviço de coleta de lixo, a princípio 200 famílias entraram no terreno, “mas, em menos de quatro meses, esse total já alcançava o admirável número de 4500 famílias” (GOULART, 2011, p. 21). Foi neste ambiente que os militantes se depararam com as dificuldades da atuação urbana, cujas contradições incluem a ação de criminosos ao mesmo tempo que o próprio movimento era criminalizado. No decorrer do tempo, foram se fazendo necessárias ações em prol desta população assentada, como formação de salas de aula improvisadas pelos próprios acampados para atender as crianças (pois não havia escola próxima à ocupação) e a formação de agricultura de subsistência e incentivo às pequenas plantações. Após algumas tentativas de reintegração – impedidas por ação judicial movida em nome de militantes do MTST – em 1998, com o crescimento da violência urbana já citado, quatro líderes foram assassinados em menos de quatro meses.

¹⁶ O nome desta ocupação é uma homenagem a Oziel Alves Pereira, um dos militantes sem-terra assassinado no massacre em Eldorado dos Carajás em 1996.

Após essa investida, houve um processo de recuo dos militantes, que se voltaram para um processo de estudo das condições materiais e conjunturais nas cidades, revendo a necessidade de imprimir uma nova forma de organização da população e, sobretudo, a necessidade de uma reflexão sobre a dinâmica dos acampamentos urbanos. (GOULART, 2011, p. 25)

Apesar disso, apenas em 2020¹⁷ o movimento teria outra liderança assassinada.

A partir dos anos 2000 o MTST organizou suas atividades a partir da região metropolitana de São Paulo, tendo como marco a ocupação Anita Garibaldi em Guarulhos. Realizada em articulação com diversos segmentos (como as Comunidades Eclesiais de Base), esta foi a primeira grande ocupação realizada pelo movimento dos trabalhadores sem-teto. Segundo dados internos, contava com mais de 2.000 famílias, destacando-se pela dimensão – 250.000 m² – e localização – bairro da Ponte Alta em Guarulhos, próximo ao aeroporto internacional de São Paulo. Aqui a base do MTST já era claramente a população sem-teto, entendida para além das pessoas morando em situação de rua. Também era considerada nesta condição, pessoas que “não têm casa, encontrando-se em situação de moradia de favor, barracos totalmente precários ou pagando aluguel que – pela baixa renda familiar – inviabiliza a sobrevivência”, assim como “pessoas que vivem sem condições básicas de serviço público e infraestrutura em suas moradias” (BOULOS, 2012, p. 50).

O terreno era utilizado como um depósito de lixo ilegal e em seu entorno havia:

favelas, loteamentos clandestinos, deficiência no atendimento de saúde e transporte, e com um intenso comércio local, em grande parte, improvisado na parte da frente das moradias, como bazares, papelarias, bares, mercadinhos etc. (GOULART, 2011, p. 31)

Alguns meses após a entrada no terreno, já havia aproximadamente 12.000 pessoas acampadas (GOULART, 2011, p. 31). Valendo-se do contingente, atos foram mobilizados no intuito de cobrar da prefeitura de Guarulhos intermediação das negociações entre o movimento e o proprietário. Com a suspensão de uma liminar de reintegração de posse, em 2001, foi dado início a um projeto urbanístico que possibilitasse regularização da área junto à Prefeitura. Para tanto, a opinião e poder decisório dos acampados foi estimulado e respeitado, resultando em lotes de 100m² e uma área social de 74 mil m² que abrigou uma biblioteca, uma sala de reuniões, cozinha e outras salas, onde ocorreram atividades

¹⁷ <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/mtst-denuncia-assassinato-de-militante-pela-pm-de-minas-gerais/>

educacionais e de lazer (GOULART, 2011, p. 32). Mesmo com a boa relação do movimento com o prefeito de Guarulhos na época, Elói Pietá do Partido dos Trabalhadores, acarretando maior estabilidade e sem sofrer grandes despejos ou reocupações (como no Parque Oziel), o movimento perdeu a direção da ocupação em diversos momentos. Para Goulart, dois fatores seriam decisivos: a demora na implantação do projeto habitacional e conflitos com grupos organizados ligados ao tráfico de drogas e a políticos locais. Em 2008 o movimento retomou a organização da ocupação, agora em uma área reduzida em comparação com a original¹⁸.

Segundo o livro “MTST: 20 anos de história”, esta ocupação despertou interesse de grande quantidade de pesquisadores e simpatizantes curiosos quanto à luta urbana por moradia e sobre o próprio movimento.

A herança política e organizativa do MST possibilitava uma leitura sobre as diferenças entre a luta pela Reforma Agrária, no campo, e a luta urbana, caracterizada por uma dinâmica acelerada e caótica, como é o cotidiano nas periferias das grandes cidades. Nesse sentido, atuar com ocupações próximas a grandes e importantes rodovias passou a ser um dos objetivos táticos da luta, para tornar visível o problema da moradia a partir da ameaça à circulação e à reprodução do capital (força de trabalho e mercadoria). (SIMÕES, 2017, p. 27)

Nota-se, a partir da estratégia adotada e dos conflitos com outros grupos, que a ocupação se tornou local relevante de poder. Ter influência sobre aquela população poderia fornecer uma base política para políticos regionais; uma área de recrutamento e comercialização de drogas para o crime organizado; ou um foco de militância com potencial para influenciar a política regional dada a proximidade de vias de transporte estratégicas.

Durante o processo de ocupação em Guarulhos e a partir das análises conjunturais, a organização do movimento decidiu regionalizar a atuação, estendendo-a para Osasco e a região do ABC paulista¹⁹. Sendo assim, em julho de 2002 foi ocupado um terreno em Osasco, no bairro Parque dos Príncipes (descrito como latifúndio urbano²⁰) e batizado com o nome Carlos Lamarca. O contingente de acampados dessa ocupação começou em três mil e terminou, na ocasião do acordo com a Prefeitura, em mil. Uma explicação para essa

18 Não foi encontrado material que especificasse a quantidade de tempo que o MTST ficou fora da organização da ocupação Anita Garibaldi.

19 Segundo o Consórcio Intermunicipal Grande ABC, esta região está inserida a sudeste da Região Metropolitana de São Paulo e é composto por sete municípios: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. <https://www.consorcioabc.sp.gov.br/pagina/82/municipios-consorciados/sub-pagina/5/#:~:text=O%20Grande%20ABC%20est%C3%A1%20inserido,e%20Rio%20Grande%20da%20Serra.>

20 Expressão utilizada para descrever o terreno no livro MTST – 20 anos de história, p. 27

grande queda no número de pessoas foram os cinco processos de desocupação. A primeira aconteceu mediante um acordo com o Governo do Estado de SP que cedeu um terreno em Guarulhos (50 km do local original da ocupação) para abrigar as famílias, além de inclusão dessas pessoas no cadastro de Programas Habitacionais, sem, no entanto, priorizá-las. A segunda reintegração ocorreu em janeiro de 2003, quando o Ministério Público alegou contaminação da água. Neste momento essas famílias foram acolhidas na ocupação Anita Garibaldi. Contudo, em março fizeram uma nova ocupação em Osasco, de onde foram despejados em setembro do mesmo ano com muita violência. Segundo o livro *MTST – 20 ANOS DE HISTÓRIA*:

A ocupação Carlos Lamarca foi um verdadeiro exemplo da peregrinação a que são submetidos os sem-teto em São Paulo: foram três despejos em um intervalo de um ano. Um dos mais traumáticos episódios dessa história ocorreu na segunda ocupação, feita em um prédio do especulador Sérgio Naya (...). Sem aviso prévio ou mandado, a Polícia Militar do então governador Geraldo Alckmin entrou na ocupação, despejou as famílias e queimou todos os pertences que os moradores não tiveram como retirar dali. Vários militantes foram presos e espancados. (SIMÕES, 2017, p. 27)

Evidentemente, a repressão ao MTST não pode ser fruto apenas de uma crueldade dos governantes. O fato de a ocupação Carlos Lamarca ter sofrido três desocupações violentas pode ser interpretada como: (a) uma necessidade de impedir o alastramento de um modo de luta que poderia trazer prejuízos à especulação imobiliária; (b) um ataque ao próprio MTST, para impedir o seu fortalecimento, que eventualmente poderia desafiar o poder de políticos interessados nos votos das populações que vivem em condições de moradia precária; e (c) um ataque ao símbolo que o nome Lamarca ainda expressa.

O último local ocupado foi em Osasco em dezembro de 2003, onde as famílias se fixaram mesmo de forma precária e, apenas em julho “o então prefeito de Osasco, Emídio de Souza (PT), assinou um termo de compromisso de demanda, assegurando às 160 famílias a construção de moradias” (GOULART, 2011, p. 36). A conquista da moradia aconteceu: 120 apartamentos localizados no bairro Jardim Belmonte em Osasco financiados pelo MCMV²¹.

Dando continuidade às ocupações no ABC paulista, em 19 de junho de 2003, já no governo Lula, o MTST ocupou com 300 famílias um terreno de 170 mil m² em São Bernardo

²¹ Informação retirado do livro *MTST- 20 anos de história*, p. 27. Não foi informada a data da entrega dos apartamentos. Segundo Débora Goulart (p.36) em setembro de 2011 as moradias ainda não tinham sido entregues.

do Campo, mais especificamente em frente à fábrica da Volkswagen do Brasil, no km 23,5 da Via Anchieta²². Esta ocupação foi batizada com o nome Santo Dias “em homenagem a um dos grandes lutadores do movimento sindical morto pela ditadura militar em 1979” (SIMÕES, 2017, p. 27/28). Em poucos dias já havia 4.000 pessoas que, partindo “das favelas dos morros do bairro de Ferrazópolis” (GOULART, 2011, p. 37), foram de forma espontânea para a ocupação, a despeito do cadastramento realizado pelo trabalho de base do movimento²³. O período corresponde ao início do primeiro mandato do presidente Lula do PT²⁴. Ao receber dirigentes do MST no Palácio do Planalto, a grande mídia, assim como os governantes do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin do PSDB²⁵, e o prefeito do Município de São Bernardo do Campo, Willian Dib do PSB²⁶, entenderam que os movimentos estariam sentindo-se autorizados a fazer o que Goulart destaca como “invasão politicamente importada” (GOULART, 2011, p. 39). A autora ainda destaca a impressão do prefeito Willian Dib: “(...) não havia sem-teto na cidade, haja vista que os moradores de favelas estariam sendo atendidos pelos programas habitacionais do município (...)” (GOULART, 2011, p. 39). Devido a todo esse cenário, além da localização, esta ocupação chamou a atenção da mídia. No dia 23 de julho de 2003 o fotógrafo Luís Antônio da Costa foi assassinado na entrada da ocupação²⁷. A mídia explorou a possível origem do assassinato como sendo oriundo do acampamento. Segundo a matéria do jornal Folha de São Paulo:

A polícia trabalha com a hipótese de o autor do disparo ser um dos três homens que, minutos antes, haviam assaltado um posto de combustíveis a cerca de 100 metros do local do assassinato (...). A polícia também investiga a hipótese de o assassino ter saído do próprio acampamento, onde estão cerca de 4.000 pessoas desde o último sábado, segundo a Polícia Militar. (Fotógrafo é morto em frente a área invadida, Folha de São Paulo, São Paulo, 24 de julho de 2003²⁸)

A criminalização do movimento estava posta, justificando o despejo, a negativa de ocupar o terreno em frente à Igreja São José, na praça da Matriz em São Bernardo do Campo, e a frente da prefeitura, além da alegada agressão sofrida na rodovia Anchieta por acampados que estariam a caminho da prefeitura (GOULART, 2011, p. 41,42). A repressão

²² A Rodovia Anchieta, inaugurada em 1947, foi a primeira estrada a ligar a baixada santista ao planalto paulista, que possibilitava o tráfego de automóveis, ônibus e caminhões.

²³ Este trabalho consiste em reuniões organizadas nos bairros do entorno da futura ocupação, nas quais são dadas formações sobre a organização do movimento e o direito constitucional à moradia, entre outros, além do cadastramento de pessoas interessadas em participarem da ocupação.

²⁴ Partido dos Trabalhadores.

²⁵ Partido da Social-Democracia Brasileira.

²⁶ Partido Socialista Brasileiro.

²⁷ Matéria disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2407200305.htm>

²⁸ Matéria não assinada.

sistêmica ao MTST é, sem dúvida, um traço da história desse movimento. Aprender a lidar com essa repressão era uma tarefa que a organização haveria de enfrentar.

A ocupação seguinte a esta, realizada no dia 14 de maio de 2004 e batizada com o nome Rosa Luxemburgo teve uma duração curta, apenas 12 dias. Estava localizado na divisa da cidade de Osasco com o bairro Jardim Boa Vista na zona Oeste de São Paulo. Sua existência e rápido fracasso sequer são citados no livro “MTST 20 anos de história”. Em seu lugar encontra-se o seguinte trecho:

Em 2004, após uma tentativa frustrada de ocupar uma área dentro do município de São Paulo, o MTST viveu um de seus piores momentos, sendo cogitado inclusive o encerramento das atividades do Movimento, devido a tantas derrotas e repressões. (SIMÕES, 2017, p. 28)

Aqui as necessidades de rearticulação e reformulação tornam-se urgentes. Segundo apurou Goulart, este período serviu para reformulação do programa de formação, da cartilha, das estratégias de cultura, educação e territorial, assim como aplicando formações para os novos militantes. A metodologia criada neste período será implementada nas ocupações foco deste trabalho: Chico Mendes e João Cândido.

A falta de recursos e de apoio, somada à criminalização sofrida pelo Movimento, deveria servir como combustível, e não fator para desistência, já que a maioria dos sem-teto vivem também desamparados e vulneráveis à toda sorte de tragédias. (SIMÕES, 2017, p. 28)

Para os militantes, a ocupação Chico Mendes foi considerada um corte na sequência de derrotas que o Movimento estava sofrendo. Segundo Goulart:

As ocupações Chico Mendes e João Cândido representaram um novo patamar de organização e elaboração interna de suas ações e prioridades. Mudou o desenho da ocupação, a estrutura organizativa, as relações internas e a forma de negociação e pressão sobre os governos se aprimoraram. (GOULART, 2011, p. 44)

Ocupação Chico Mendes

Figura 2 - Ocupação Chico Mendes



Fonte: Jornal O Taboanense – tirada por Wilson Antônio²⁹

Esta ocupação foi realizada em outubro de 2005 em Taboão da Serra, cidade descrita por Simões como tendo uma infraestrutura precária, por isso um local com custo de moradia mais barato e caracterizada por ser uma “cidade-dormitório”³⁰. O local escolhido para levantar a ocupação foi um terreno de 120.000 m² no bairro Jardim Helena, na divisa com o bairro do Campo Limpo, na cidade de São Paulo, e já nas primeiras semanas o acampamento alcançou 1300 famílias. Conforme Goulart, as características do terreno o tornavam ideal para ocupação:

De propriedade de uma cooperativa habitacional chamada Paulicoop, o terreno tinha dois esqueletos de prédios abandonados, que, segundo o MTST, se devia à falência da cooperativa, que não entregou os apartamentos aos compradores, motivo pelo qual corria, na Justiça, ação destes contra a Paulicoop. Além disso, havia uma imensa dívida de impostos com a prefeitura, portanto um bom terreno para negociação. (GOULART, 2011, p. 44)

Em seu trabalho, Silva aponta a importância dessa ocupação para a continuidade do Movimento em si. Esta experiência é vista como um renascimento, possibilitando a manutenção e, principalmente, o desenvolvimento do Movimento como a nacionalização com um programa político (SILVA, 2014, p.87), momento utilizado para “aperfeiçoar métodos de organização, a estratégia territorial e a formação de novos militantes” (SILVA, 2014, p.92). Para descrever cada um desses aspectos, a autora retoma a problemática

²⁹ Matéria disponível em <https://www.otaboanense.com.br/terreno-no-jd-helena-e-invadido-por-familias-do-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>

³⁰ “Cidade-dormitório é o nome dado à cidade em que habita uma grande quantidade de moradores que trabalham ou estudam em uma cidade vizinha próxima” (NUNES, José Horta. Cidade dormitório. Enciclopédia Discursiva da Cidade. UNICAMP. <https://www.labeurb.unicamp.br/encicli/index.php?r=ver-bete%2Fview&id=242>)

encontrada no que ela descreve como “ciclo: ocupação – projeção política – despejo” (SILVA, 2014, p.92), apontando a constante perda do controle territorial nas ocupações (como visto anteriormente na ocupação Oziel), a formação de novos militantes e a manutenção destes após os despejos, que também geravam dispersão dos próprios acampados. Foi a partir desta ocupação que estes acampados, já fora do terreno, passaram a ser organizados em núcleos e acompanhados por coordenadores, em sua maioria formados a partir da própria ocupação. “O acampamento Chico Mendes simboliza o resgate dessas dificuldades e a concretização de uma alternativa para o avanço de seu projeto político” (SILVA, 2014, p.92/93).

Contudo, faz-se necessária uma descrição da preparação para uma ocupação, que é mantido em sigilo, no intuito de mitigar o vazamento de informações, já que é o elemento surpresa o maior aliado do sucesso. O primeiro passo é o estudo do local, mapeando os terrenos a partir da sua situação jurídica, especificamente localizado em ZEIS³¹ (Zonas Especiais de Interesse Social), de preferência nas periferias profundas que já tenham estrutura de saneamento básico e transporte (este último também para facilitar o tráfego de militantes até o local). É importante pontuar que o movimento teve um protagonismo na luta pela ampliação e aprovação das ZEIS (SILVA, 2014, P. 109). O estudo também deve conter “a concentração de famílias atingidas pela falta de moradia” (SILVA, 2014, p. 89) e o trabalho de base, que se caracteriza por reuniões com a finalidade de debater a questão da moradia em diversos espaços, em sua maioria no entorno do local onde será a nova ocupação. Outras articulações também são realizadas, como conversas com outros movimentos que estejam ativos na região.

A maior dificuldade encontrada pelo movimento é a estigmatização da luta por moradia promovida pela “ideologia jurídica burguesa” (SILVA, 2014, p.93), articulando um senso comum que criminaliza a ocupação de terrenos pela classe trabalhadora, assim como a luta de classes. Este senso comum está enraizado no inconsciente da população,

³¹ Segundo o site da Prefeitura de São Paulo, “As Zonas Especiais de Interesse Social são porções do território destinadas, predominantemente, à moradia digna para a população da baixa renda por intermédio de melhorias urbanísticas, recuperação ambiental e regularização fundiária de assentamentos precários e irregulares, bem como à provisão de novas Habitações de Interesse Social – HIS e Habitações de Mercado Popular – HMP a serem dotadas de equipamentos sociais, infraestruturas, áreas verdes e comércios e serviços locais, situadas na zona urbana”. Disponível em <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/marco-regulatorio/plano-diretor/novo-pde-zeis/>

mesmo as mais periféricas, atingindo inclusive o entorno das ocupações, contado como um elemento crítico a ser administrado pelos coordenadores dessa futura ocupação.

Para Silva, o tempo de permanência no terreno e a relação com o entorno, auxiliaram no processo de fortalecimento do movimento. Estes dois elementos aumentaram “a possibilidade de formação de militantes” e a promoção de identificação entre os trabalhadores do entorno, que não eram acampados, com aqueles que lutavam por uma moradia digna dentro da ocupação. Uma vez dentro do terreno, a ocupação Chico Mendes ofereceu atividades culturais envolvendo acampados e a comunidade do entorno (SILVA, 2014, p.108), estreitando este laço de solidariedade com os trabalhadores externos. Mais uma vez citando Silva:

A “vida cultural” da Chico Mendes tornou-se um modelo para o movimento ao expandir o leque de possibilidades de organizar os trabalhadores. Pois, estas atividades culturais abriram espaço para que os sem-teto pudessem se expressar de outras formas podendo estreitar os laços de coletividade. (SILVA, 2014, p. 108)

O aperfeiçoamento organizativo estava acontecendo na prática com o ganho de experiência no dia a dia desta ocupação.

Graças ao trabalho de base e um carro de som que rodou o entorno chamando mais pessoas (SILVA, 2014, p. 111), a ocupação Chico Mendes passou de quinhentas famílias para mil e duzentas em poucas semanas, evidenciando a importância do trabalho de base na massificação do terreno. A localização próxima à Rodovia Regis Bittencourt também não foi aleatória, pois teria um cenário próximo para manifestações, conseguindo assim atrapalhar e/ou bloquear a circulação de mercadorias para a capital, chamando a atenção das autoridades e da grande mídia para a causa da moradia popular.

De acordo com Guilherme durante os meses em que estiveram na ocupação foram realizadas mais de 20 mobilizações em frente à prefeitura, à câmara municipal; incluindo fechamentos da rodovia Regis Bittencourt, 5 marchas ao palácio do governo do estado, 1 acorrentamento de 15 dias em frente ao palácio do governo e uma greve de fome de 4 dias em frente à casa do presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT). (SILVA, 2014, p. 112)

Assim, apesar da mudança de estratégia, agora voltada para autoformação do movimento, a preocupação em garantir potencial estratégico das ocupações não desapareceu. Pelo contrário, os principais elementos da nova estratégia dependiam da escolha cautelosa do terreno, a legitimação do movimento, o prolongamento do tempo de ocupação através da negociação garantida pela baixa legitimidade dos proprietários do

terreno para demandar a desocupação e a capacidade de forçar o reconhecimento da relevância através de atos políticos. Evidentemente, essas características existiriam apenas em potencial, se não fossem devidamente aproveitadas por uma organização capaz de recrutar militantes e mobilizar a população. Em outras palavras, o movimento precisava garantir a conquista de corações e mentes dos acampados e da população em geral.

A organização dentro da ocupação foi feita por grupos de barracos, assim como por setores: de cozinha, atividades culturais e formação política, segurança e disciplina, infraestrutura, negociação e ciranda. Este último, além de setor era um espaço físico que funcionava também como creche gratuita e voluntária para as mães que precisavam trabalhar. Elas encontravam ali acolhimento e segurança para deixar seus filhos. As atividades culturais mais presentes no dia a dia foram inaugurados nesta ocupação também, e contavam com “apresentações teatrais, incluindo peças infantis; apresentação de filmes em telão; saraus, com participação de artistas da região; e (...) a ciranda, onde eram realizadas atividades culturais e pedagógicas com as crianças” (SILVA, 2014, p. 113). Esta última tinha uma enorme importância e comprova o esforço de organização do movimento, trazendo acampadas para dentro da organização de um espaço tão importante e, assim, aumentando a confiança no movimento como um todo:

De acordo com Helena (militante entrevistada), as cirandas eram organizadas por grupos de mulheres que estavam na ocupação e por um grupo de estudantes da Universidade para ajudar. As atividades com as crianças contavam com programação de segunda a sexta-feira nos turnos da manhã e tarde. (SILVA, 2014, p. 113)

Este trabalho possibilitou que essas mães, agora assistidas com o cuidado de seus filhos, pudessem envolver-se com “tarefas nos seus grupos, tarefas políticas, de educação ou mesmo que melhorassem a qualidade de seus barracos” (SILVA, 2014, p. 114), em suma, tempo para o autodesenvolvimento. De acordo com entrevista realizada por Goulart, a organização do movimento conseguiu uma parceria com estudantes da Faculdade de Educação da USP e da Faculdade de Pedagogia da PUC, que se mobilizaram para dar formações para as mães acampadas e “outros coletivos autônomos” (GOULART, 2011, p. 46), inclusive equipando o espaço da ciranda.

Ainda no campo da cultura, esta ocupação contou com o apoio da Brigada de Guerrilha Cultura, formada em um primeiro momento por um grupo de jovens exógenos ao movimento, incorporado ao setor de Formação na ocasião desta ocupação, responsável

por diversas produções audiovisuais que retrataram momentos chave desta ocupação³². Este coletivo contribuiu tanto para a construção de identidades individuais quanto para dar visibilidade para as ações do movimento em si (TEDESCO, 2009, p. 89), inclusive abrindo as atividades culturais para um público externo à ocupação, o que fomentou apoio.

Os vídeos eram projetados, no acampamento, em saraus, que logo se transformaram em festivais de cultura, com a apresentação de peças teatrais com a presença de grupos de teatro já organizados ou montados pelos próprios sem-teto, rodas de capoeira, maracatu, roda de viola. Não faltaram os Festivais de Hip-Hop, que chegaram à sua terceira edição em apenas cinco meses. (TEDESCO, 2009, p. 46)

Ainda segundo Tedesco, a produção audiovisual dessa Brigada auxiliou à criação de uma identidade própria dos sem-teto, não mais tão associados aos sem-terra, fazendo alusão à origem deste movimento no MST (TEDESCO, 2009, p. 114). A atuação da Brigada levou à criação do site do movimento em 2005, no intuito de divulgar suas ações (GOULART, 2011, p. 50).

Essa gama de atividades culturais atraiu colaboradores e parcerias externas ao movimento, como centros acadêmicos, pessoas interessadas em cooperar, inclusive a Associação Periferia Ativa (APA), o que fortaleceu os vínculos do MTST fora dos acampamentos, ampliando a atuação entre a população pobre, uma vez que esta Associação reunia muitas outras associações e militantes comunitários na Grande São Paulo (GOULART, 2011, p. 46/47).

Para cada setor, houve eleição de coordenação atuante na ocupação. Segundo Goulart, cada setor tinha sua responsabilidade, como:

infraestrutura (organização da estrutura física e acesso à água e luz), cultura, educação e formação política (implantação da ciranda, cursos, reuniões e assembleias), disciplina (portarias, acesso ao acampamento, construção e obediência às regras coletivas) e negociação (contatos externos e negociação com os governos). (GOULART, 2011, p. 45)

Ou seja, o movimento adotou ferramentas de integração, mobilização e responsabilização. Essas medidas aumentavam o grau de confiança nas direções, dado o

³² O material produzido não foi localizado, contando apenas as descrições e citações do que foi produzido por Tedesco, Goulart e Silva.

caráter democrático da eleição da coordenação. Também otimizavam a capacidade de influência do MTST no funcionamento cotidiano da ocupação.

O dia a dia dos acampados não se restringiu apenas ao interior do acampamento. Segundo Miagusko, em menos de trinta dias houve mais de dez marchas, duas passeatas ao Palácio dos Bandeirantes³³, três com destino à Prefeitura de Taboão da Serra, quatro à Câmara dos Vereadores e um ato em frente à loja Daslu (MIAGUSKO, 2008, p. 192). Esta última teria motivação pedagógica, uma vez que

procurou relacionar o enfrentamento com o proprietário do terreno, com dívida de 600 mil reais de impostos e a empresária da Daslu presa à época por sonegação de impostos, com dívida de mais de dez milhões de reais com o fisco. Além disso, outros exemplos revelam a experiência de desigualdade que simboliza a Daslu: na loja não se chega a pé, somente de carro, o estacionamento custa 30 reais por hora e qualquer produto está completamente fora dos padrões para os moradores da ocupação. (MIAGUSKO, 2008, p. 192)

A preparação para a ocupação também é abordada pelo autor em entrevista realizada com Virgílio³⁴, como o trabalho de base realizado antes da ocupação, como reuniões feitas em comunidades, principalmente no entorno da região onde a ocupação será realizada. São nessas reuniões que o militante responsável consegue explicar o que é o MTST, qual a linha de atuação, o que é uma ocupação e os direitos constitucionais relacionados à luta por moradia. Porém, segundo Virgílio, a formação mais completa é a do cotidiano da ocupação. Os problemas que surgem a partir da convivência não são ignorados, como pessoas que efetivamente não precisam de moradia (pois possuem casa própria), os que vão em busca de demarcar “lotes” para posterior venda, entre outros. E a forma descrita por Miagusko para combater estes e outros problemas é “vencer pelo cansaço” (MIAGUSKO, 2008, p.196). Aqui um dado importante: desde a entrada no terreno na forma de ocupação, até a entrega das chaves da moradia, neste caso específico (ocupações Chico Mendes) a espera foi de nove anos. Neste longo período, aqueles que buscavam lucro fácil acabaram desistindo da luta. O critério para conseguir a moradia será abordado no capítulo 4, acerca das entrevistas.

A negociação com a prefeitura de Taboão da Serra foi envolta em tentativas de criminalização do movimento (SILVA, 2014, p. 123), mesmo após passeatas e atos em frente à Prefeitura. Somente após o acorrentamento e greve de fome de acampados e

³³ O Palácio dos Bandeirantes é o edifício-sede do Governo do Estado de São Paulo.

³⁴ Não há informações sobre qual o papel do Virgílio na ocupação. Acredita-se que seja um militante do MTST.

militantes em frente à casa do então presidente Lula, em São Bernardo do Campo, o governo federal entrou nas negociações. Ao ser pressionada, a Prefeitura de Taboão da Serra liberou 250 auxílios alugueiros. Segundo Silva, o objetivo do movimento não era aceitar esse benefício, o que prejudicaria o objetivo principal, que seria “conseguir a desapropriação da área para construção das moradias” (SILVA, 2014, p. 124), uma vez que teriam que sair do terreno para recebê-lo; além disso essa quantidade não contemplaria todos que necessitavam do auxílio. Porém, o intuito foi evitar que os acampados passassem por algum tipo de violência policial (SILVA, 2014, p. 124). O proprietário do terreno onde ocorreu a ocupação não teve interesse em negociá-lo com o governo federal. Sendo assim, o acordo foi firmado prevendo “a liberação de recursos da Caixa Econômica Federal para a compra de um terreno e construção das casas” (GOULART, 2011, p. 48), e o MTST ficou responsável por escolher outro terreno.

Uma vez fora do terreno (junho de 2006), e pela primeira vez, o movimento organizou os agora ex-acampados em núcleos territoriais. Desta forma, mantiveram assembleias regulares para informar as atualizações no processo de negociação de todas as etapas até a entrega das chaves, inclusive informando acerca de novos atos que poderiam ser necessários³⁵, já que a burocracia estatal estendeu a espera pela moradia por quase dez anos. Inclusive, algumas dessas pessoas estão esperando até hoje, já que as 890 unidades não foram suficientes para contemplar todas as famílias das duas ocupações. Tamanha burocracia pode ser notada no trecho a seguir:

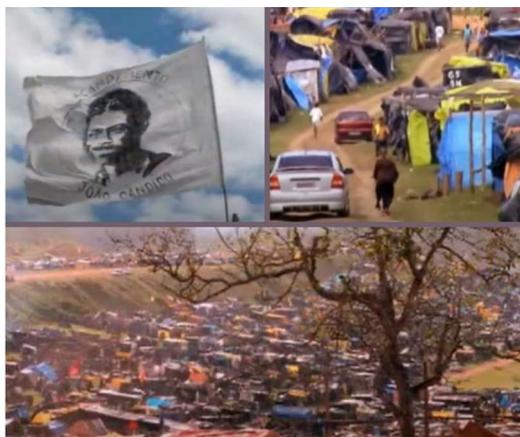
O movimento passou a conviver, a partir do acampamento Chico Mendes, com os meandros das negociações com o poder executivo e legislativo, que devolveu ao movimento parte das responsabilidades pela viabilização dos projetos habitacionais, como a localização de terrenos, o cadastramento das famílias e mostrou a morosidade dos entraves “técnicos” para aprovação de cada parte do processo, como laudos das áreas, liberação dos recursos etc. (GOULART, 2011, p. 49)

A negociação era mais uma conquista que trouxe a necessidade de aprendizado. Parcerias com arquitetos, advogados, todo tipo de profissional que pudesse dar suporte para os novos desafios era muito bem-vindo.

³⁵ Goulart cita uma dessas manifestações em momento posterior à saída do terreno, até com uso de violência policial, em sua tese GOULART, Débora. *O Anticapitalismo do MTST*, 2011, p. 48.

Ocupação e condomínio João Cândido

Figura 3 - Ocupação João Cândido



Fonte: Documentário 2 meses e 23 minutos³⁶

A ocupação João Cândido aconteceu no dia 16 de março de 2007 em Itapeverica da Serra, no bairro Valo Velho, que fazia divisa com o bairro Capão Redondo, na cidade de São Paulo. Em um terreno de 1,2 milhão de m², foi ocupado inicialmente por 500 famílias, o que aumentaria para mil na primeira semana, chegando a 3 mil em pouco tempo. Aqui as atividades culturais também tiveram um papel gigantesco. No mês seguinte à entrada no terreno, foi realizado ao lado do terreno ocupado o

I seminário da Associação de Comunidades Periferia Ativa, com a participação do Fórum de Moradia e Meio Ambiente do Estado de São Paulo (FOMAESP), Coordenação Nacional de Lutas (CONLUTAS), subseções do Sindicato dos professores da rede oficial de ensino do estado de São Paulo (APEOESP) e outras 50 comunidades. (GOULART, 2011, p49/50).

É importante aprofundar a função da produção cultural própria e veiculação interna. Sobre a importância de produzir seu próprio material, Pinheiro explica:

(...) o discurso da mídia sobre o movimento é confrontado com o próprio discurso. No primeiro, desaparece a função social da propriedade, entra o direito de propriedade; desaparecem homens e mulheres marcados pela labuta por uma vida digna na grande cidade, entram criaturas em estágio de minoridade manipuladas por militantes caricatos, geralmente tidos como oriundos da classe média e portadores de ideologias supostamente ultrapassadas; desaparecem os latifundiários urbanos, entra a valorização urbana como expressão do interesse social; desaparece (ou é atenuada) a truculência policial, entra a manutenção da ordem; etc. No segundo, o discurso do próprio movimento vem todo invertido e parece crível, e não é incrível que assim seja, pela simples razão de que nesse discurso o sem-teto vê, primeiro, sua elaboração; depois, sua experiência retratada e exposta à sua reflexão; momento em que ele descobre a magnitude da

³⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=npU1H1nTsa0>

manipulação ideológica a que estava sujeito, antes de se engajar no Movimento. (PINHEIRO, 2019, p. 38/39)

Desta forma o movimento estreitava seus laços de afeto e solidariedade com estes acampados enquanto devolvia, na forma de espelho, a legitimidade da luta daquelas pessoas agrupadas sob a organização do MTST. Como consolidação desta forma de luta, a ocupação João Cândido foi vencedora do Prêmio Cooperifa³⁷, o que reconheceu a importância cultural e política das ações realizadas nesta ocupação. Neste contexto, a Ciranda teve um papel importante. Tocada pelo coletivo de Educação do movimento, auxiliou as crianças a desenvolverem a experiência e convivência neste espaço completamente diferente para elas através de rodas de conversa, contação de história, atividades artísticas e lúdicas, incluindo encenações teatrais que representassem os dilemas de classe e de convivência. Neste mesmo espaço funcionava a biblioteca, que tinha um sistema de empréstimo de livros, uma vez que o espaço era multifuncional, até mesmo recebendo adultos para as aulas de alfabetização (OLIVEIRA, 2010, p.109).

Goulart também chama a atenção para uma radicalização dos atos do movimento, com interdições de rodovias como a Castelo Branco, Raposo Tavares, Régis Bittencourt e Anchieta-Imigrantes, esta última em parceria com o MST. Talvez esta tenha sido uma resposta ao tratamento que estava sendo dispensado ao MTST pelos poderes estatais, já que no quarto dia de ocupação, o terreno em Itapecerica da Serra já contava com uma liminar para reintegração de posse.

A marcha dos cinco mil³⁸ é oriunda desta ocupação. Acampados e militância marcharam do terreno em Itapecerica da Serra em direção ao Palácio do Governo, o que foi impedido pela Polícia Militar. Na altura do Estádio do Morumbi, o mar de gente foi recebido com balas de borracha e bombas de gás lacrimogênio³⁹. Porém, a grandiosidade do ato resultou em negociação, uma vez que a prefeitura recebeu militantes para conversar, os quais saíram dali com algumas promessas e, principalmente, um saldo político positivo,

³⁷ Sobre a Cooperifa: "Criada em 2000, a Cooperifa foi idealizada pelo poeta Sérgio Vaz com objetivo de reunir artistas da periferia e desenvolver atividades culturais, como teatro e exposição de fotografia em praças, bares, galpões e diversos lugares". Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/comunidade/gd030505b.htm>. Sobre o prêmio: "Instituímos o Prêmio Cooperifa para homenagear as pessoas e entidades que, de forma direta ou indireta, ajudam a periferia a se transformar num lugar melhor para viver". Disponível em <https://revistaforum.com.br/news/2012/2/8/cooperifa-uma-historia-de-amor-periferia-3830.html#:~:text=Institu%C3%ADmos%20o%20%E2%80%9CPr%C3%AAmio%20Cooperifa%E2%80%9D%20para,num%20lugar%20melhor%20para%20viver>

³⁸ Disponível em <https://vermelho.org.br/2007/03/31/cinco-mil-sem-tetos-vaio-as-ruas-de-sp-e-conquistam-habitacao/>

³⁹ Informação fornecida por militante Luciano Lopes da Silva em entrevista concedida à autora.

uma vez que o governo do Estado cedeu em receber os representantes do movimento. Repetindo o roteiro da ocupação anterior, marchas à prefeitura de Itapeceira da Serra, acampamentos em locais públicos e acorrentamentos foram realizados. Entretanto, após dois meses de ocupação, e para cumprir a ordem de despejo, no dia 18 de maio de 2007, os acampados foram transferidos pela prefeitura para um terreno na Vila Calu, mesmo município.

Como o local era muito menor do que o anterior, apenas 350 famílias das quase 3 mil foram para a nova localidade. Isto não representou uma perda para estes acampados, pois todos foram cadastrados e organizados em núcleos. Segundo Goulart, e para ilustrar esta organização, “na primeira assembleia no novo terreno, obtive o comparecimento de 3000 pessoas” (GOULART, 2011, p. 51), além das atividades culturais terem sequência no novo endereço (PINHEIRO, 2019, p.51). A aparente vitória demorou muito para dar frutos. As ocupações do espaço em frente a prefeitura e a câmara dos vereadores de Itapeceira da Serra sofreram despejos com uma ação de reintegração de posse de local público, impedindo que o movimento voltasse a ocupar estes espaços novamente.

Em 2008, resultado de acordo firmado com o Ministério das Cidades, uma área no Jardim Saleté foi negociada e desapropriada em parceria com a CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (GUERREIRO, 2018, p. 60). O Programa Minha Casa Minha Vida na modalidade Entidades (MCMV-E)⁴⁰ foi lançado em 2009 pelo governo Lula. Segundo Camargo:

O programa MCMV Entidades funciona por meio da concessão de financiamentos a beneficiários organizados de forma associativa por uma Entidade Organizadora (associações, cooperativas, sindicatos e outros), com recursos provenientes de fundos públicos. O mesmo pode ter contrapartida complementar de estados e dos municípios, por intermédio do aporte de recursos financeiros, bens e/ou serviços economicamente mensuráveis, necessários à composição do investimento realizado, ou pelas próprias famílias que compõem a demandado empreendimento. Na faixa de atendimento em que se insere este programa, a moradia é quase que integralmente subsidiada, e a parcela mensal paga pela família beneficiária é determinada pela sua capacidade de pagamento. (CAMARGO, 2016, p. 03)

⁴⁰ “O MCMV-Entidades tem como diretriz o apoio à produção social da moradia a famílias de baixa renda organizadas por meio de entidades privadas sem fins lucrativos em áreas urbanas. As entidades são um agente importante na produção social do espaço urbano de nossas cidades”. Disponível em <https://www.gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/habitacao/mcmv-entidades-1/so-bre-o-mcmv-entidades#:~:text=O%20MCMV%2DEntidades%20tem%20como,espa%C3%A7o%20urbano%20de%20nossas%20cidades>

Foi este o modelo adotado para financiar a construção. Por permitir contratação de projeto, assessoria técnica e até mesmo pessoal diretamente com a entidade, os próprios acampados foram contratados para atuar na construção de suas futuras moradias.

O Movimento pôde escolher a construtora que ficaria a cargo da obra⁴¹, e a que melhor se encaixou nas exigências foi a Esecon Construtora e Incorporadora⁴². Também foi firmada uma parceria com a Usina⁴³ para o projeto de habitação popular, contudo este não foi aprovado pela CDHU. A justificativa foi a “inviabilidade econômica”, demonstrada pela autora na nota de rodapé da página 65 de seu artigo:

Todos os empreendimentos da Usina em estrutura metálica foram produzidos e montados pela Usiminas. O último empreendimento, único com toda a estrutura metálica (Paulo Freire, em Cidade Tiradentes, São Paulo), foi possível pois o preço do minério de ferro, entre 2002 e 2003, estava em cerca de US\$ 13/Ton. Quando o Jardim Salete foi orçado (primeiro semestre de 2009), este valor era de US\$ 75/Ton, em alta, que chegou ao pico em fevereiro de 2011, a US\$ 187/Ton, depois decrescendo até chegar, hoje (maio 2016), no mesmo patamar do final de 2007 (em torno de US\$ 40/Ton). Fonte: <http://www.indexmundi.com/pt/pre%E7os-demercado/?mercadoria=min%C3%A9rio-de-ferro&meses=180> acessado em 20 de maio de 2016. (GUERREIRO, 2018, p. 65 – nota de rodapé)

Em nome da viabilidade das moradias, o movimento acatou a decisão da CDHU, solicitando a colaboração da Usina para melhoria do projeto aprovado e para fiscalização da obra. As unidades foram construídas, em média, com “63 metros quadrados, usando os mesmos recursos destinados a empreiteiras que constroem, em geral, apartamentos com 45 metros quadrados” (FARAGE, 2015, p.13), caracterizados como maiores do que o comumente construídos para famílias na faixa salarial de zero a três salários-mínimos. Todas as unidades foram entregues com revestimento e são adaptados e acessíveis para pessoas portadoras de deficiência física (GUARITÁ, 2018, p. 102). Acerca do condomínio, Guilherme Boulos comenta em entrevista para revista *Insurgências*,

João Cândido A e B, cada um com 192 apartamentos, 384 apartamentos; apartamentos de 63 m², com 03 dormitórios; prédios com elevador. Foi pioneiro da faixa 01. Área social de convivência e varanda em todos os apartamentos. Lá do lado, há 200 metros tem um MCMV PAR. 39 m², sem área social, elevador nem se fala e varanda muito menos. Então, veja que loucura. O mesmo dinheiro. O mesmo

⁴¹ Informação verbal obtida em entrevista concedida à autora.

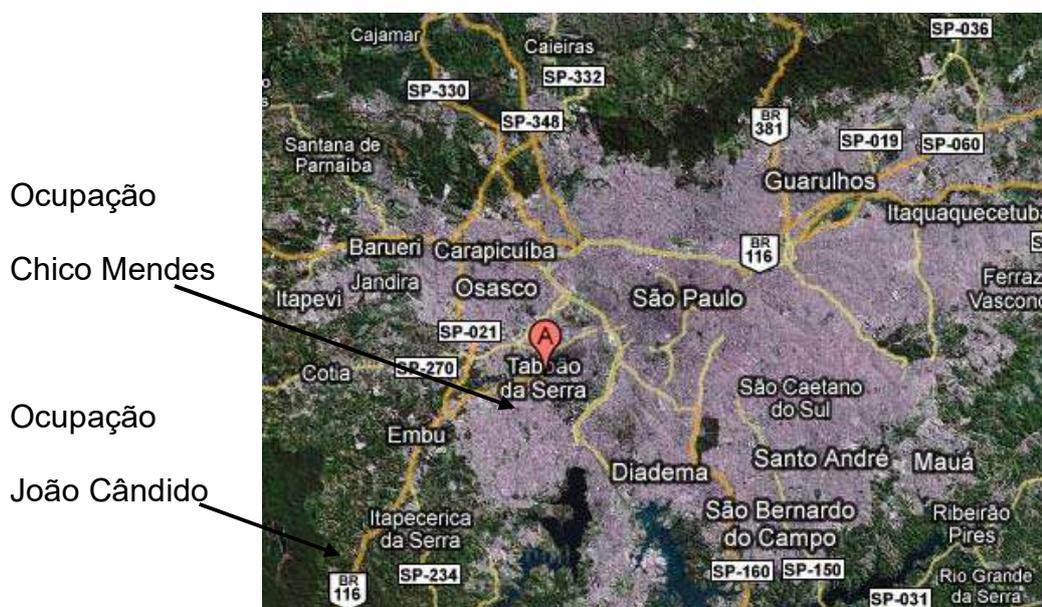
⁴² <https://esecon.com.br/produto.php?id=35&uri=condominio-joao-candido-a&menu=35>

⁴³ “Fundada em junho de 1990 por profissionais de diversos campos de atuação como uma assessoria técnica a movimentos populares, a Usina CTAH (Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado) tem atuado no sentido de articular processos que envolvam a capacidade de planejar, projetar e construir pelos próprios trabalhadores, mobilizando fundos públicos em um contexto de luta pelas Reforma Urbana e Agrária” em <http://www.usina-ctah.org.br/>.

dinheiro que a entidade geriu pra fazer 63 m² a empreiteira geriu pra fazer 39 m². Essa é uma comparação de modelo que o MCMV permitiu. (FROTA, 2020, p. 9)

Abaixo, uma imagem da localização das ocupações cujas famílias acampadas foram, parcialmente, contempladas com as moradias no condomínio João Cândido.

Figura 4 - Mapa com a localização das ocupações Chico Mendes e João Cândido



Fonte: TEDESCO, Marina Cavalcante. A contribuição do cinema militante em processos de construção de identidades e territórios no contexto da Metrópole: o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto na periferia de São Paulo. Dissertação (mestrado em Geografia), 2009, p. 11.

A construção teve duração de 18 meses, graças à competência da entidade (MTST) em operar o programa e capacitar parte dos militantes para que os repasses chegassem com rapidez, agilizando todo o processo de construção, além de diminuir os entraves com os poderes públicos através de pressões na forma de atos (2018, p.94/95). No dia 21 de dezembro de 2014, as chaves de 192 apartamentos foram entregues na presença do, então, ex-presidente Lula. O condomínio João Cândido no Jardim Salete, foi articulado entre o MTST e o Movimento sem-teto de Taboão da Serra (MST-TS), sendo o restante das unidades entregues em janeiro do ano seguinte.

Desde então, o empreendimento por diversas ocasiões já foi espaço de inúmeros atos, inclusive, em defesa do programa social ameaçado pelo governo atual⁴⁴. O

44 Em 2021, o governo federal sob Jair Bolsonaro, propôs um novo programa de política habitacional, dando fim ao Programa Minha Casa Minha Vida. O novo programa, Casa Verde e Amarela, excluiu a faixa mais baixa do Programa Minha Casa Minha Vida, que na prática não pagava juros. Fonte disponível em

empreendimento do MTST se transformou no cartão-postal do movimento, símbolo da materialização da luta pela moradia, carregando ainda, a marca de maior unidade habitacional do programa federal. (FROTA, 2020, p. 9)

Figura 5 - Condomínio João Cândido



Fonte: Site da Rede Brasil Atual – Fotos de Danilo Ramos⁴⁵

Diante do exposto podemos inferir sinais de desenvolvimento pela ótica furtadiana no processo. Pensando no aspecto de público consumidor para impulsionar o mercado interno e assim possibilitar o objetivo maior, qual seja a industrialização, o processo de possibilitar uma redução no custo de vida dos acampados gera algum excedente, que se volta para o mercado local, de forma tímida, mas existente⁴⁶. Também para alcançar o objetivo da quebra do *círculo vicioso da pobreza* – através da industrialização – o autor aponta para uma “expansão equilibrada de todos os setores para satisfazer a procura global que se diversifica com a expansão de renda” (Furtado. 2000, p. 286). Para preparar-se para o avanço da tecnologia necessária para a industrialização, o autor aponta para alguns aspectos importantes, como o custo do transporte⁴⁷, a proximidade da indústria ao mercado

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/10/minha-casa-minha-vida-e-casa-verde-e-amarela-entenda-as-diferencas-entre-os-programas.ghtml>

⁴⁵ Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/primeiro-minha-casa-minha-vida-com-gestao-popular-e-entregue-em-sao-paulo-4657/>

⁴⁶ Furtado. Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico. 2000, p.285

⁴⁷ “A dicotomia custos dos transportes escala de produção condiciona as decisões relativas à localização da atividade produtiva” (2000, p.328).

consumidor, a capacitação da população para atuação nesta indústria e, conseqüente, acesso a bens culturais.

A qualidade de vida, tanto do público que forneceu a mão de obra quanto do consumidor, é de alta relevância. Como aponta Guarita em seu trabalho “(...) a área onde estão situados os condomínios João Cândido A e B (Entidades – FDS) possuía 80% de zoneamento industrial” (GUARITÁ, 2018, p. 74), o que sugere que a escolha do terreno pelo MTST foi bastante acertada, pelo ponto de vista furtadiano. O esforço de democratizar o acesso à cultura e educação (e também alfabetização, como citado ao longo do texto) também fornece indícios deste processo necessários ao desenvolvimento. A busca pela melhoria da qualidade de vida, expressa na Constituição Federal em seu artigo sexto⁴⁸ (contudo não garantida pelos poderes públicos Municipal, Estadual e Federal), parece ser objetivo nas ações do MTST nestas três situações específicas. A preocupação em dar acesso aos direitos básicos à população, realizada com preocupações de subsistência física (alimentação e moradia), acesso a bens culturais e conhecimento de direitos básicos (ou consciência de classe) aliado à localização do empreendimento e preocupação de empregar os acampados e futuros moradores, soa bastante concreto na busca de indícios de desenvolvimento.

Figura 6 – Ex-acampados que trabalharam na obra no dia da entrega das chaves das moradias



Fonte: Site da Rede Brasil Atual – Fotos de Danilo Ramos

⁴⁸ Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (EC no 26/2000, EC no 64/2010 e EC no 90/2015)

4. DADOS OFICIAIS

Os dados coletados têm como objetivo ilustrar as condições socioeconômicas da Federação, do Estado de São Paulo e dos Municípios de Itapecerica da Serra e Taboão da Serra respeitando o recorte temporal das ocupações e da construção do condomínio, qual seja de 2005 a 2007 e de 2013 a 2014. Contudo, um ano será acrescido em cada limite temporal a título de comparação (2004 a 2008 e 2012 a 2015). Os dados que serão abordados foram coletados do banco de dados do IBGE⁴⁹, SIDRA⁵⁰ e SEADE municípios⁵¹. O intuito é analisar a hipótese de desenvolvimento e/ou crescimento econômico através dos números relativos à economia e às condições sociais. Para tal, dados serão apresentados em forma de tabelas e gráficos – sempre que a variação for melhor compreendida desta forma.

Através da primeira tabela nota-se o crescimento do PIB no período estudado. De forma geral, pode ser explicado pelas políticas públicas de inclusão adotadas pelos mandatos do executivo Federal – Luiz Inácio Lula da Silva de 2003 a 2011 e Dilma Rousseff de 2012 a 2016 ambos do Partido dos Trabalhadores. Essas políticas são normalmente ligadas a avanços no combate à desigualdade social, com programas de transferência de renda, tornando visível o aumento da renda da população mais pobre, além do aumento da escolaridade e acesso a serviços de saúde – como o SUS –, principalmente do aumento do salário-mínimo⁵². Como política mais ampla, estes efeitos atingiram o Estado de São Paulo, cuja condução ficou a cargo de Geraldo Alckmin (PSDB) de 2001 a 2006, Cláudio Lembo (PFL⁵³) de 2006 a 2007, José Serra (PSDB) de 2007 a 2010, Alberto Goldman (PSDB) de 2010 a 2011 e mais uma vez Geraldo Alckmin de 2011 a 2018; o Município de Taboão da Serra com Fernando Fernandes Filho (PPB⁵⁴/PSDB) de 1997 a 2004 e Evilásio Cavalcante Farias (PSB⁵⁵) de 2005 a 2012; e por fim o Município de Itapecerica da Serra com Jorge José da Costa (PMDB⁵⁶) de 2005 a 2012 e Fernando Fernandes Filho (PSDB) 2013 a 2020.

⁴⁹ <https://www.ibge.gov.br/>

⁵⁰ <https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil>

⁵¹ <https://municipios.seade.gov.br/>

⁵² <https://www.fea.usp.br/economia/noticias/balanco-da-economia-brasileira-um-olhar-sobre-os-anos-de-2003-2016>

⁵³ Partido da Frente Liberal

⁵⁴ Partido Progressista Brasileiro

⁵⁵ Partido Socialista Brasileiro

⁵⁶ Partido do Movimento Democrático Brasileiro

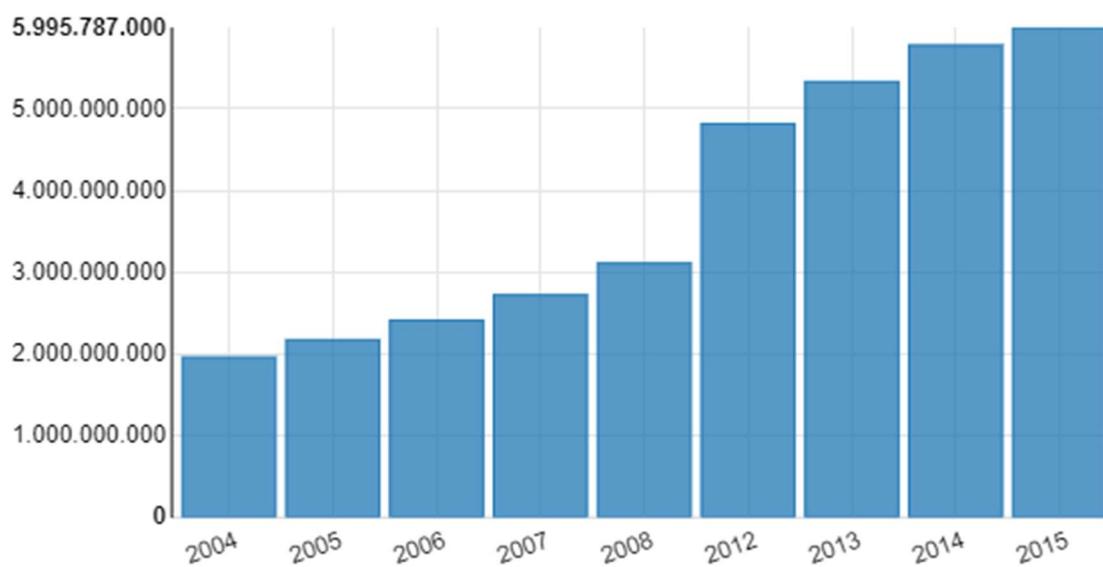
Tabela 1. Produto Interno Bruto a preços correntes (Mil Reais)

	Brasil	São Paulo	Itapecerica da Serra	Taboão da Serra
2004	R\$ 1.957.751.224	R\$ 652.955.558	R\$ 1.204.651	R\$ 2.929.783
2005	R\$ 2.170.584.503	R\$ 743.042.944	R\$ 1.300.786	R\$ 3.357.415
2006	R\$ 2.409.449.916	R\$ 824.529.299	R\$ 1.387.933	R\$ 3.498.997
2007	R\$ 2.720.262.951	R\$ 935.653.180	R\$ 1.488.513	R\$ 4.061.789
2008	R\$ 3.109.803.097	R\$ 1.042.510.168	R\$ 1.871.858	R\$ 4.452.665
2012	R\$ 4.814.760.000	R\$ 1.559.033.444	R\$ 2.635.127	R\$ 6.434.869
2013	R\$ 5.331.618.957	R\$ 1.715.238.417	R\$ 2.772.350	R\$ 7.060.898
2014	R\$ 5.778.952.780	R\$ 1.858.196.055	R\$ 3.228.889	R\$ 7.641.918
2015	R\$ 5.995.787.000	R\$ 1.939.901.907	R\$ 3.805.032	R\$ 7.897.042

Fonte: IBGE

Gráfico 1.1 – Produto Interno Bruto do Brasil

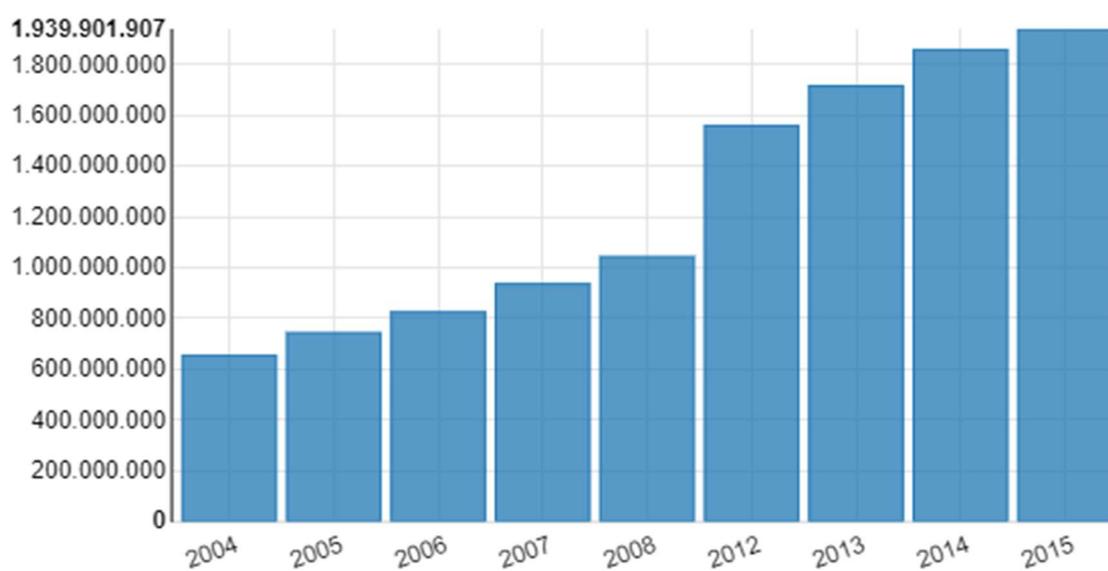
De 2004 – 2008 e 2012 – 2015



Fonte: IBGE - Produto Interno Bruto dos Municípios

Gráfico 1.2 – PIB do Estado de São Paulo

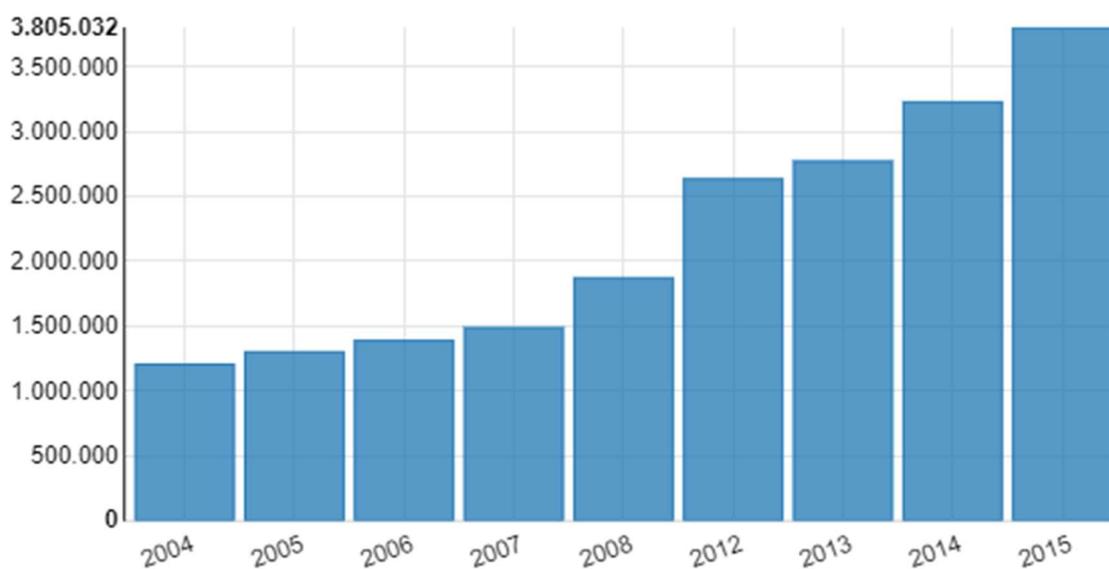
De 2004 – 2008 e 2012 – 2015



Fonte: IBGE - Produto Interno Bruto dos Municípios

Gráfico 1.3 – PIB Município de Itapecerica da Serra

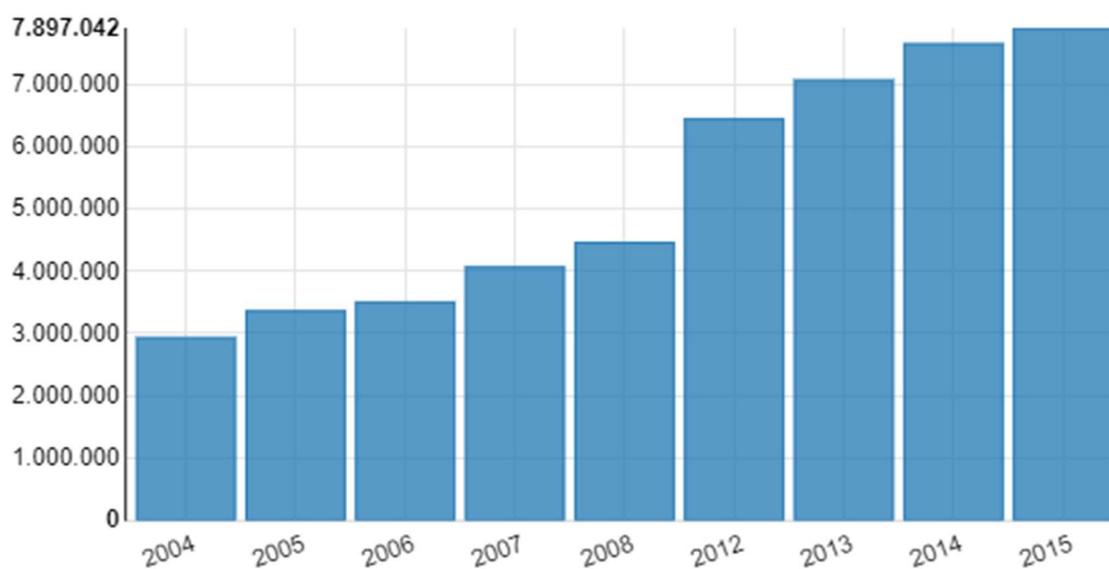
De 2004 – 2008 e 2012 – 2015



Fonte: IBGE - Produto Interno Bruto dos Municípios

Gráfico 1.4 – PIB Município de Taboão da Serra

De 2004 – 2008 e 2012 – 2015



Fonte: IBGE - Produto Interno Bruto dos Municípios

Nota-se que o crescimento foi, em geral, muito parecido, respeitando as diferentes rendas de cada localidade. A média de crescimento de todo o período foi de cerca 201%. O maior crescimento foi da cidade de Itapecerica da Serra – cerca de 215%. Seu PIB per capita em 2012 foi R\$ 22,057.93. O menor crescimento foi da cidade de Taboão da Serra, cerca de 169%, cujo PIB per capita no mesmo período era de R\$ 21,190.22. Lembrando que este dado não representa igualdade de distribuição de renda.

A tabela 2 indica crescimento populacional, segundo Censo Demográfico do IBGE de 2000 e 2010, de 12% na Federação, 11% no Estado, 17% em Itapecerica da Serra e 23% em Taboão da Serra. Estes dois dados lidos isoladamente levam a conclusão (precipitada) de melhora muito significativa nas condições de vida, já que o crescimento populacional é bem menor do que o crescimento do PIB no período estudado.

Tabela 2. População residente (pessoas)

	Brasil	São Paulo	Total Itapecerica da Serra	Taboão da Serra
2000	169.872.856	37.035.456	129.685	197.644
2010	190.755.799	41.262.199	152.614	244.528

Fonte: IBGE – Censo Demográfico⁵⁷

A tabela a seguir apresenta o número de empresas e outras organizações por unidade e foi coletado do IBGE – Cadastro Central de Empresas, com dados do total de atividades cadastradas na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). O recorte temporal disponível é de 2006 a 2008 e de 2012 a 2015. Nota-se um crescimento de cerca de 15% no total dos dados referentes à Federação e 16% em relação ao Estado de São Paulo. Quanto aos municípios esta variação foi menor, com crescimento de cerca de 12% em Itapecerica da Serra e 13% em Taboão da Serra.

Os gráficos 3.1 e 3.2 mostram que houve um pico entre os anos de 2012 e 2013. Com exceção de Taboão da Serra, as demais localidades tiveram pequena queda. O indicativo não acompanhou o crescimento do PIB e, quando comparado aos dados do total

⁵⁷ <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2093#resultado>

de pessoal ocupado (tabela 4), nota-se uma queda neste período apenas nos municípios. Ainda, é possível observar um crescimento na comparação entre 2004 e 2013 de cerca de 35% relativo à Federação, 34% no Estado de São Paulo, 30% em Itapecerica da Serra e 28% em Taboão da Serra. Já é possível notar que o crescimento bastante significativo do PIB não afetou de forma consistente a criação de empregos neste segmento. Um dos aspectos importantes para o desenvolvimento, segundo Furtado, é o combate ao subemprego, como já citado, apontando a manutenção do padrão concentrador de excedente.

Tabela 3. Número de empresas e outras organizações (Unidades)

	Total CNAE ⁵⁸ (2.0)			
	Brasil	São Paulo	Itapecerica da Serra	Taboão da Serra
2006	4.305.578	1.325.217	2.311	4.652
2007	4.420.345	1.361.017	2.302	4.938
2008	4.607.261	1.438.200	2.390	5.197
2012	5.195.250	1.639.668	2.683	5.678
2013	5.392.234	1.690.912	2.772	5.659
2014	5.103.357	1.623.627	2.512	5.181
2015	5.114.983	1.596.399	2.641	5.350

Fonte: IBGE – Cadastro Central de Empresas⁵⁹

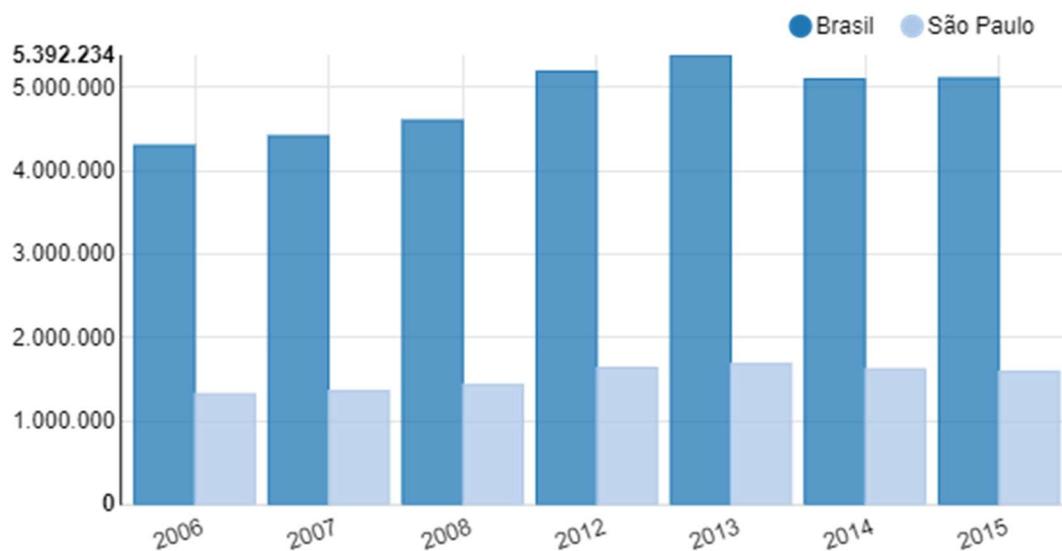
Como já citado, a tabela 4 fornecerá o total de pessoal ocupado no total de atividades cadastradas na Classificação Nacional de Atividades Econômicas, também no total de empresas de cada local.

⁵⁸ Classificação Nacional de Atividades Econômicas, versão 2.0

⁵⁹ <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/6449#resultado>

Gráfico 3.1 – Total do número de empresas e outras organizações

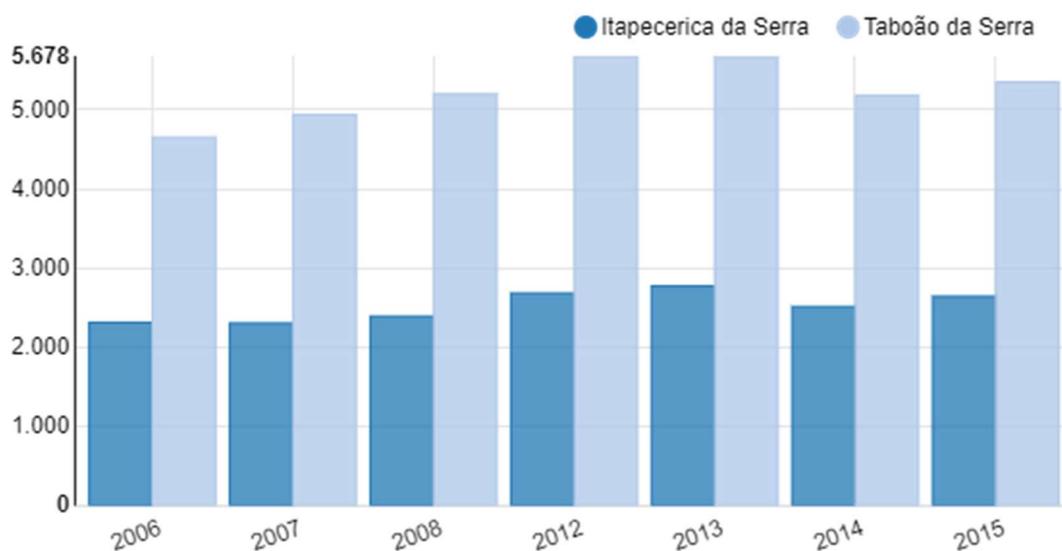
Brasil e Estado de São Paulo de 2006 a 2008 e de 2012 a 2015



Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

Gráfico 3.2 - Total do número de empresas e outras organizações

Itapecerica da Serra e Taboão da Serra de 2006 a 2008 e de 2012 a 2015



Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

Tabela 4. Total de Pessoal Ocupado

	Total CNAE (2.0)			
	Brasil	São Paulo	Itapecerica da Serra	Taboão da Serra
2006	39.622.751	12.463.650	17.988	51.036
2007	42.641.175	13.567.182	19.183	56.434
2008	44.574.884	14.332.183	20.230	59.203
2012	53.384.262	16.927.978	27.090	66.064
2013	55.166.521	17.314.928	24.082	63.813
2014	55.263.992	17.338.148	22.729	66.512
2015	53.541.695	16.707.015	23.407	65.696

Fonte: IBGE – Cadastro Central de Empresas

No gráfico 4.1 referente aos dados do Brasil e o Estado de São Paulo, observa-se que houve crescimento entre 2006 e 2012 e constância entre 2012 e 2015. Já no gráfico 4.2 a variação em Itapecerica da Serra fica mais evidente. Há um pico de crescimento em 2012, já no ano seguinte há uma queda que se mantém até 2015. Para Taboão da Serra há recuperação em 2014 e 2015.

Gráfico 4.1 – Total Pessoal Ocupado – Brasil e Estado de São Paulo

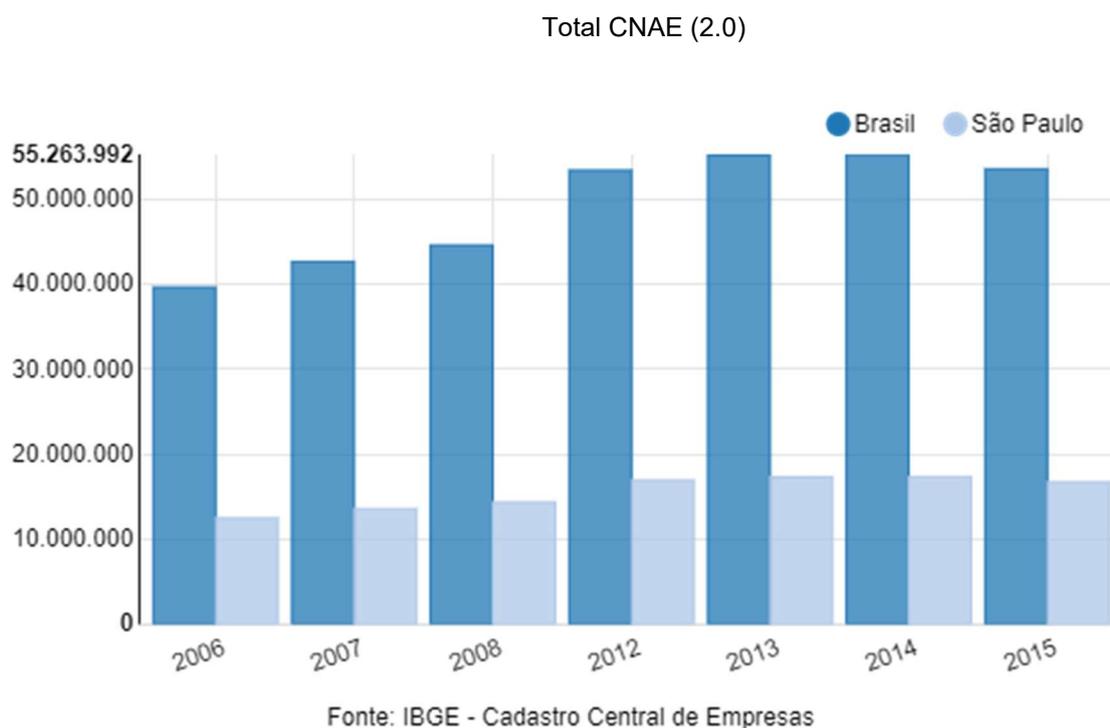
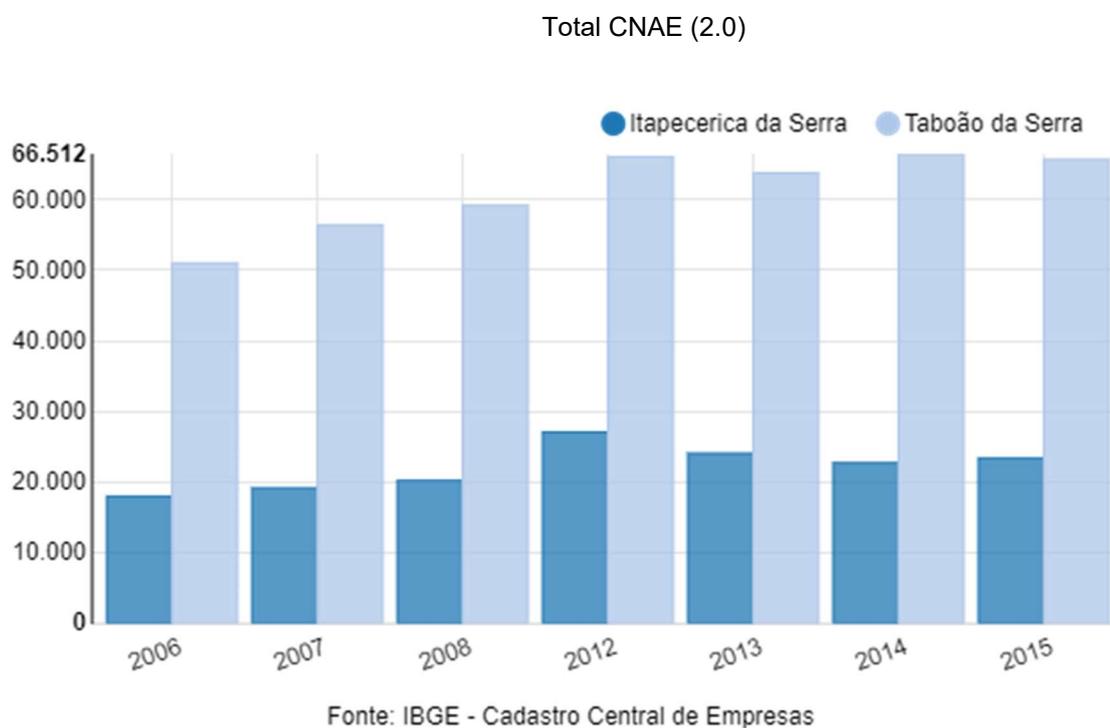


Gráfico 4.2 – Total Pessoal Ocupado – Itapequerica da Serra e Taboão da Serra



A seguir, a tabela 5 acerca do total de pessoal ocupado assalariado, leva em consideração todas as atividades econômicas segundo a classificação nacional. A média entre todas as localidades e total do recorte temporal é de cerca de 15%. Podemos inferir

sobre os dados acerca das empresas (Tabela 3) e pessoal ocupado (tabelas 4 e 5) que o crescimento econômico não manteve a geração de trabalho, apesar de ter apresentado uma melhora significativa. Sendo assim, não há evidência de desenvolvimento econômico.

Tabela 5. Pessoal ocupado assalariado

	Total CNAE (2.0)			
	Brasil	São Paulo	Itapeçerica da Serra	Taboão da Serra
2006	34.098.440	10.675.374	14.830	44.467
2007	36.658.326	11.653.403	15.938	49.203
2008	38.407.783	12.345.938	16.945	51.748
2012	46.242.713	14.649.043	23.339	57.660
2013	47.890.419	15.019.547	20.341	55.678
2014	48.271.711	15.131.741	19.340	59.217
2015	46.557.150	14.546.101	20.018	58.208

Fonte: IBGE – Cadastro Central de Empresas

A tabela 6 contém dados referentes ao total de salários e remunerações. Segundo os conceitos do IBGE, este dado inclui o total dos valores pagos relativos a salários fixos, comissão sobre vendas, horas extras, ajuda de custo, 13º salário, abono financeiro de 1/3 das férias, sem dedução das parcelas correspondentes ao INSS ou de consignação de interesse de empregados. Não inclui bolsas para estagiários, comissões a autônomos, diárias pagas em viagens ou participação nos lucros e honorários da diretoria. e mostra alguma variação para menos em todos os anos⁶⁰. Nota-se um aumento considerável em todas as localidades do recorte. O crescimento que diz respeito à Federação foi de cerca de 191%, no Estado de São Paulo foi 176%, Itapeçerica da Serra 90% e Taboão da Serra 162%. Contudo, não podemos ignorar o aumento salarial⁶¹ de cerca de 125% no período de 2006 a 2015, oriundo das políticas públicas adotadas pelos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (de 2003 a 2011) e Dilma Rousseff (de 2012 a 2016). A variação no ano de 2012

⁶⁰ <https://metadados.ibge.gov.br/consulta/estatisticos/variaveis>

⁶¹ <https://www.valor.srv.br/artigo.php?id=228&titulo=salario-minimo-nacional-brasil-tabela-valores>

também é notada nos gráficos 6.1 e 6.2 acerca desta variação salarial, o que confirma o dado da tabela anterior, que aponta queda no total de pessoal ocupado (tabela 4).

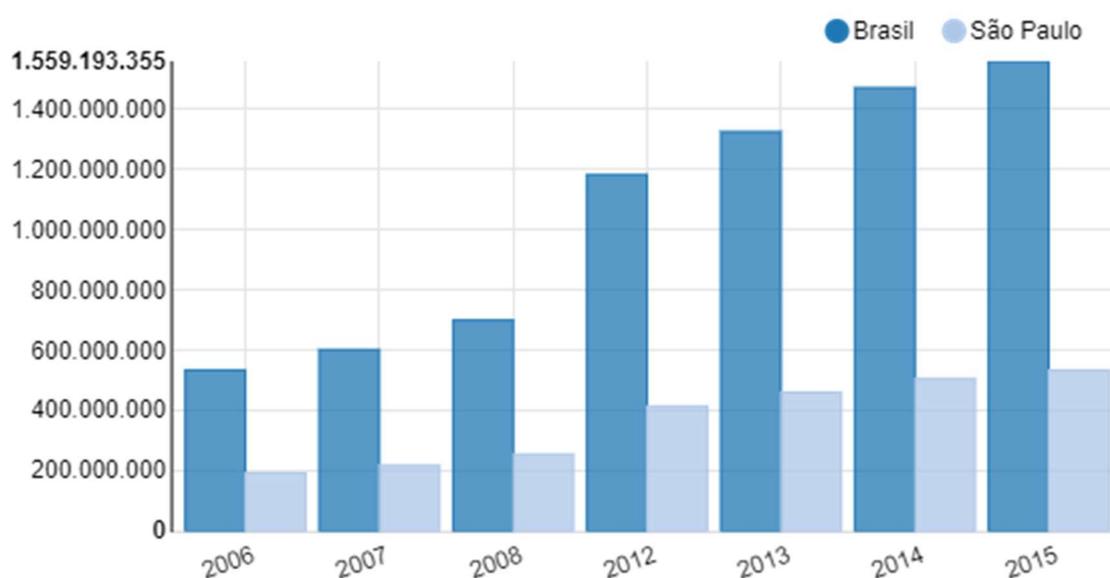
Tabela 6. Salários e outras Remunerações em moeda corrente (Mil Reais)

	Total CNAE (2.0)			
	Brasil	São Paulo	Itapeccerica da Serra	Taboão da Serra
2006	R\$ 535.151.135	R\$ 193.323.479	R\$ 265.073	R\$ 726.509
2007	R\$ 602.812.132	R\$ 218.643.703	R\$ 295.601	R\$ 841.259
2008	R\$ 700.437.830	R\$ 255.843.648	R\$ 365.002	R\$ 975.159
2012	R\$ 1.183.628.489	R\$ 415.353.533	R\$ 632.651	R\$ 1.485.121
2013	R\$ 1.325.448.799	R\$ 461.261.698	R\$ 437.244	R\$ 1.635.826
2014	R\$ 1.471.405.324	R\$ 506.023.282	R\$ 473.622	R\$ 1.787.138
2015	R\$ 1.559.193.355	R\$ 534.669.042	R\$ 504.912	R\$ 1.907.549

Fonte: IBGE – Cadastro Central de Empresas

Gráfico 6.1 – Salários e outras Remunerações em moeda corrente (Mil Reais)

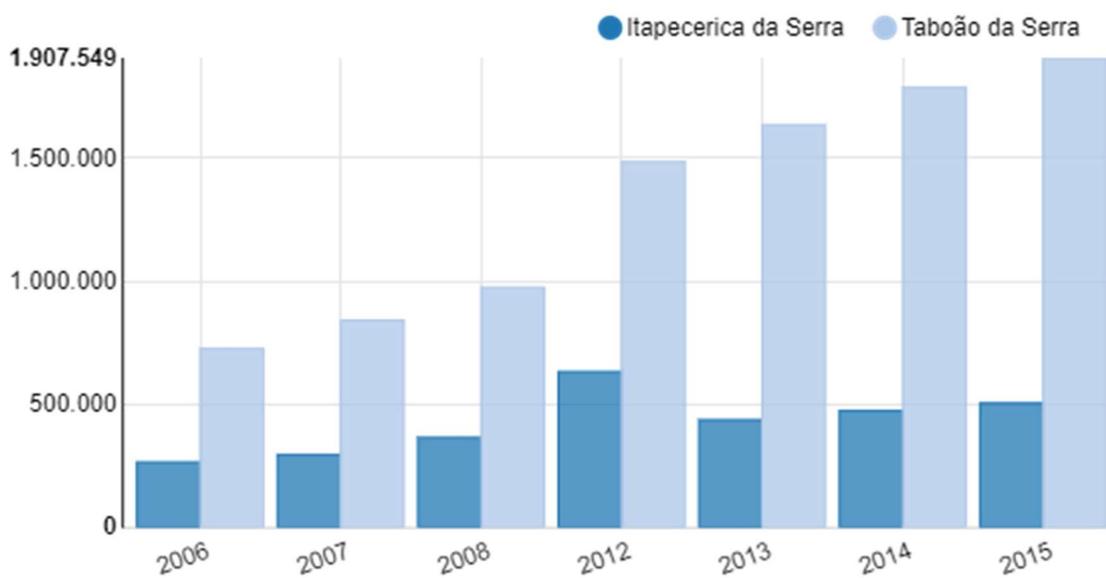
Brasil e Estado de São Paulo - Total CNAE (2.0)



Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

Gráfico 6.2 – Salários e outras Remunerações em moeda corrente (Mil Reais)

Itapecerica da Serra e Taboão da Serra - Total CNAE (2.0)



Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

Tabela 7. Salário-Mínimo Nacional

Em Reais

Vigência	Valor
01/04/06	R\$ 350,00
01/04/07	R\$ 380,00
01/03/08	R\$ 415,00
01/02/09	R\$ 465,00
01/01/10	R\$ 510,00
01/03/11	R\$ 545,00
01/01/12	R\$ 622,00
01/01/13	R\$ 678,00
01/01/14	R\$ 724,00
01/01/15	R\$ 788,00

Fonte: Valor Consulting - Tabela com salário mínimo nacional por ano

Os próximos dados têm o intuito de iniciar a análise regional, mais voltada aos municípios onde ocorreram as ocupações e condomínio estudados. A Tabela 8 indica que Itapecerica da Serra tem um território cerca de sete vezes maior do que Taboão da Serra. Já este último tinha uma densidade demográfica cerca de 11 vezes maior em relação ao primeiro – segundo dados de 2013. Por outro lado, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – dado de 2010 – é próximo: 0,74 em Itapecerica da Serra e 0,77 em Taboão da Serra. Este índice é incluído pois, segundo sua definição no site da PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento⁶², o IDH é uma medida resumida do progresso a longo prazo da renda, da educação e da saúde. Este índice foi criado para ser um contraponto ao Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. O intuito é dialogar com a ideia de Furtado que entende transformação social como uma exigência para o desenvolvimento econômico.

Tabela 8. Área territorial, Densidade Demográfica E Índice de Desenvolvimento Humano

Itapecerica da Serra e Taboão da Serra			
	Área territorial	Densidade demográfica	IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)
Itapecerica da Serra	150.74 Km ²	1,084.00 Habitantes/km ²	0,74
Taboão da Serra	20.39 Km ²	12,966.00 Habitantes/km ²	0,77
Ano	2013	2013	2010
Fonte	IBGE	IBGE	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - ONU ⁶³

Os PIBs do Agronegócio, Indústria e Serviços de 2004 a 2008 e 2012 a 2015 dos municípios estudados, constantes da tabela 9, apontam dados interessantes. O primeiro, acerca do Agronegócio, em Itapecerica da Serra é muito mais expressivo do que em Taboão da Serra. Contudo, está longe de ser a maior arrecadação, mesmo sendo observado aumento em ambas as localidades. Os PIBs de Indústria e Serviço, por sua vez, têm somas maiores em Taboão da Serra, apontando para estes segmentos como as maiores arrecadações, fato notado também na progressão dos números para Itapecerica da Serra.

⁶² <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos.html>

⁶³ <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>

Pode-se inferir, através da observação dos números expostos até aqui, que os dois municípios têm a economia bastante voltada para Indústria e Serviços, todavia em Itapecerica da Serra, entre 2012 e 2015, o aumento observado nos PIBs expostos não respondem à queda no pessoal ocupado assalariado (tabela 5 p.15). A concentração de excedente explicaria este dado, já que expõe a desigualdade em sua distribuição.

Tabela 9. PIB da Indústria, Serviços e Agronegócio – 2004 a 2008 e 2012 a 2015

Itapecerica da Serra e Taboão da Serra – valores em mil reais

	Ano	Agropecuária	Indústria	Serviços⁶⁴
Itapecerica da Serra	2004	R\$ 4.025	R\$ 279.742	R\$ 705.127
	2005	R\$ 4.225	R\$ 301.783	R\$ 783.774
	2006	R\$ 4.415	R\$ 329.704	R\$ 893.933
	2007	R\$ 5.523	R\$ 385.684	R\$ 931.897
	2008	R\$ 4.655	R\$ 433.412	R\$ 1.200.925
	2012	R\$ 7.108	R\$ 651.234	R\$ 1.673.105
	2013	R\$ 12.947	R\$ 660.071	R\$ 1.778.233
	2014	R\$ 18.129	R\$ 694.712	R\$ 2.127.067
	2015	R\$ 18.093	R\$ 1.245.418	R\$ 2.164.383
Taboão da Serra	2004	R\$ 30	R\$ 991.559	R\$ 1.407.523
	2005	R\$ 31	R\$ 1.156.938	R\$ 1.626.950
	2006	R\$ 43	R\$ 1.173.185	R\$ 1.737.798
	2007	R\$ 43	R\$ 1.443.792	R\$ 1.966.957
	2008	R\$ 43	R\$ 1.434.906	R\$ 2.238.983
	2012	R\$ 90	R\$ 1.777.930	R\$ 3.610.884
	2013	R\$ 111	R\$ 1.779.908	R\$ 4.154.114
	2014	R\$ 119	R\$ 1.872.014	R\$ 4.599.133
	2015	R\$ 142	R\$ 1.975.557	R\$ 4.720.330

Fonte: Seade⁶⁵

⁶⁴ Os valores desta coluna são referentes ao PIB de Serviços, sendo a soma daquele relativo à Administração pública e do Total (exclusive administração pública).

⁶⁵ <https://repositorio.seade.gov.br/dataset/pib-municipal-2002-2018>

Os dados apresentados até este ponto, mostram (em geral) crescimento econômico que acompanha a tendência nacional e estadual. Contudo, como já abordado, a leitura de Furtado, a qual se baseia este trabalho, considera o âmbito social como fator para observar desenvolvimento econômico. A respeito desta abordagem, dados relativos às questões sociais serão analisados a partir deste ponto.

As tabelas 10 e 11 nos informam os dados de óbitos infantis, os quais foram produzidos a partir dos registros de óbitos enviados mensalmente pelos Cartórios de Registro Civil, sendo classificados segundo lugar de residência do falecido e data de ocorrência da morte, excluindo-se eventuais registros duplicados e considerando pessoas residentes no Estado. Os dados de Itapeçerica da Serra apontam que, em geral, a mortalidade maior aconteceu nos primeiros 7 dias de vida, apesar de 2005 e 2008 apontarem como exceção. A variação é pequena entre o ano com maior quantidade de óbitos e o com menor quantidade. Os dados de óbitos de menores de 1 ano (referente à soma dos dados dos recortes anteriores) aponta um pico em 2006, porém encerra o período analisado em queda (menor número de todos os anos analisados). Taboão da Serra repete o padrão de maior mortalidade nos primeiros 7 dias, mas a variação numérica é menor do que os dados de Itapeçerica da Serra. Os dados de óbitos de menores de 1 ano também tiveram queda, entretanto o menor número não está no final da série de anos pesquisados. No gráfico 10 observa-se que Taboão tem maiores números totais de óbitos em todos os recortes. Podemos relacionar à diferença de densidade demográfica. Essa queda maior entre 2004 e 2008 é seguida por uma estabilização nos demais anos levando ao entendimento que, apesar da melhora na qualidade de vida, não houve de fato a manutenção dela. Mais uma evidência de que o crescimento observado nos dados econômicos não foi, pelo menos inteiramente, aplicado na base social da população.

Tabela 10.1. Óbitos infantis por período

Ano	Itapecerica da Serra								
	2004	2005	2006	2007	2008	2012	2013	2014	2015
Nascidos Vivos (por local de residência)	3067	3053	2943	2897	2783	2892	2840	2747	2729
Óbitos Menores de 7 Dias	21	14	24	16	14	21	26	20	16
Óbitos de 7 a 27 Dias	6	9	6	3	6	4	3	5	3
Óbitos de 28 Dias a 364 dias	10	20	24	17	22	20	10	8	13
Óbitos Menores de 1 Ano	37	43	54	36	42	45	39	33	32

Fonte: Seade

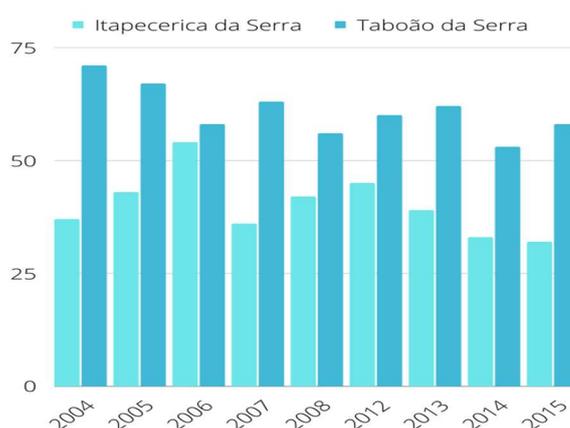
Tabela 10.2. Óbitos infantis por período

Ano	Taboão da Serra								
	2004	2005	2006	2007	2008	2012	2013	2014	2015
Nascidos Vivos (por local de residência)	4653	4710	4364	4493	4498	4538	4579	4696	4608
Óbitos Menores de 7 Dias	30	37	28	24	36	32	33	24	31
Óbitos de 7 a 27 Dias	13	11	8	17	3	11	14	8	11
Óbitos de 28 Dias a 364 dias	28	19	22	22	17	17	15	21	16
Óbitos Menores de 1 Ano	71	67	58	63	56	60	62	53	58

Fonte: Seade

Gráfico 10 – Óbitos infantis por período

Itapecerica da Serra e Taboão da Serra.



Abaixo seguem os dados da Tabela 11 relativos à população economicamente ativa e não economicamente ativa, considerando as condições rurais e urbanas de residência, de ambos os gêneros segundo grupo de idade de 10 a 17 anos. Estes dados também fazem menção apenas aos municípios de Itapecerica da Serra e Taboão da Serra e acompanham os dados do Censo Demográfico dos anos de 2000 e 2010. A amostra inicial é um anterior ao início do recorte deste trabalho, porém ajuda a observar o movimento como um todo. Em ambos os municípios há crescimento tanto na população economicamente ativa, quanto na população não economicamente ativa. Parte deste fenômeno é possível ser explicado pelo próprio censo demográfico (Tabela 2 na página 9), cujos dados apontam um crescimento populacional de cerca de 17% em Itapecerica da Serra e cerca de 23% em Taboão da Serra. Itapecerica da Serra teve crescimento de 22% na população economicamente ativa e em relação à população não economicamente ativa o crescimento foi de cerca de 31%. Taboão da Serra teve aumento de 28% na população economicamente ativa e 31% na não economicamente ativa. Um detalhe muito importante deste dado é a faixa etária da amostra, qual seja dos 10 aos 17 anos, assim como a pesquisa fazer referência à semana na qual as entrevistas foram realizadas.

Tabela 11. População de 10 a 17 anos economicamente ativa e não economicamente ativa.

Itapecerica da Serra e Taboão da Serra – 2000 e 2010				
	Itapecerica da Serra		Taboão da Serra	
	2000	2010	2000	2010
Economicamente ativa	62.939	76.972	101.946	130.710
Não economicamente ativa	39.201	51.373	58.263	76.791

Fonte: IBGE

Os dados da tabela 12 são referentes às pessoas que frequentam escola ou creche, incluindo todos os níveis de ensino ou curso, de ambos os sexos, respeitando o Censo dos anos de 2000 e 2010. O recorte de idade para “total” é considerado de zero a 50 anos ou mais. Foi selecionado mais três grupos no intuito de dialogar com os dados da população economicamente ativa e não economicamente ativa. É percebido um aumento geral dos valores, mesmo o mais tímido como o grupo de 15 a 17 anos de 2010. Taboão da Serra teve um crescimento mais expressivo na faixa etária total, cerca de 34%. Por sua vez, a porcentagem de crescimento nestes dados mostra uma tendência, tímida dentro da faixa de 10 a 17 anos, de crescimento na frequência escolar. Há, principalmente em relação a Taboão da Serra, um aumento no total de pessoas, mas, na faixa etária de 10 a 17 anos, o crescimento de ambos os municípios é bastante tímido. Aqui, mais uma vez, o crescimento econômico não é refletido nos dados de condições sociais, levando à hipótese de concentração de excedente. Está descrita a formação de capacidade produtiva, a qual não acompanha o PIB (por exemplo) da Indústria e Serviços dos municípios. Em outras palavras, o excedente indicado na tabela 9, não pode ser visualizado como tendo sido investido na educação, assim como os dados da tabela 11 nos informam que, apesar do crescimento de pessoas economicamente ativas, àquelas não ativas também aumentou.

Tabela 12. Pessoas que frequentavam escola ou curso.

Censo Demográfico dos anos de 2000 e 2010 – Itapeçerica da Serra e Taboão da Serra.

	Itapeçerica da Serra			Taboão da Serra		
	Total	10 a 14 anos	15 a 17 anos	Total	10 a 14 anos	15 a 17 anos
2000	41.051	12.878	6.657	60.546	18.515	10.168
2010	48.559	14.270 ⁶⁶	6.833	81.649	21.017	10.598

Fonte: IBGE – Censo Demográfico.

O próximo grupo de dados pertence ao número de pessoas moradoras em domicílios particulares permanentes, em situação rural e urbana por número de cômodos. Essas informações também foram obtidas através do Censo de 2000 e 2010. Nota-se uma diminuição das pessoas moradoras de habitações que contavam com um ou dois cômodos – em Itapeçerica da Serra essa queda foi maior na quantidade de pessoas morando em habitações com 1 cômodo (77%), e em Taboão a média dessa queda é de 24% - assim como um aumento nos dados das demais variáveis, a qual fica mais evidente observando os gráficos 13.1 e 13.2. Em Itapeçerica da Serra habitações com 4, 5 e 6 cômodos têm um aumento bastante perceptivo. Em Taboão esse aumento é muito maior nas habitações com 5 cômodos. Esta comparação deixa evidente que o crescimento econômico gerou melhoria na qualidade de vida da população de renda mais baixa. Aqui há o indício de uma tentativa de melhoria nas necessidades básicas da população, que pode ser comprovada na política pública do governo federal de incentivo ao consumo⁶⁷.

⁶⁶ Devido a diferenças entre os grupos de idade pesquisados em 2000 e 2010 pelo IBGE, as colunas referentes à faixa etária de 10 a 14 anos de 2010 para ambas as cidades são o resultado da soma dos grupos de idade de 10 anos e de 11 a 14 anos. <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1973>

⁶⁷ <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI199330-15223,00-UMA+FAMILIA+NO+GOVERNO+LULA.html>

Tabela 13. Pessoas moradoras em domicílios particulares permanentes.

Por quantidade de cômodos, ano e municípios.

		2000	2010
Itapecerica da Serra	1 cômodo	664	150
	2 cômodos	8.997	6.352
	3 cômodos	25.146	25.967
	4 cômodos	30.514	34.346
	5 cômodos	27.900	36.135
	6 cômodos	15.028	19.786
Taboão da Serra	1 cômodo	729	518
	2 cômodos	12.436	9.850
	3 cômodos	32.441	35.044
	4 cômodos	37.582	46.179
	5 cômodos	44.046	65.172
	6 cômodos	32.114	34.697

Fonte: IBGE – Censo Demográfico.

Gráfico 13.1. Pessoas moradoras em domicílios particulares permanentes.

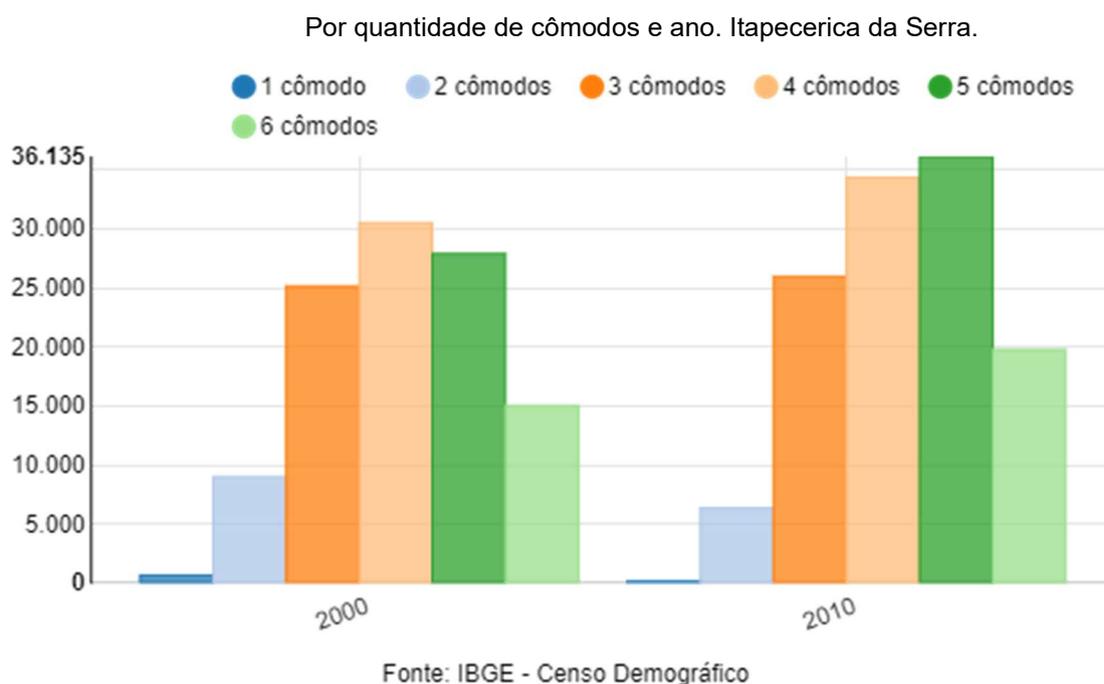
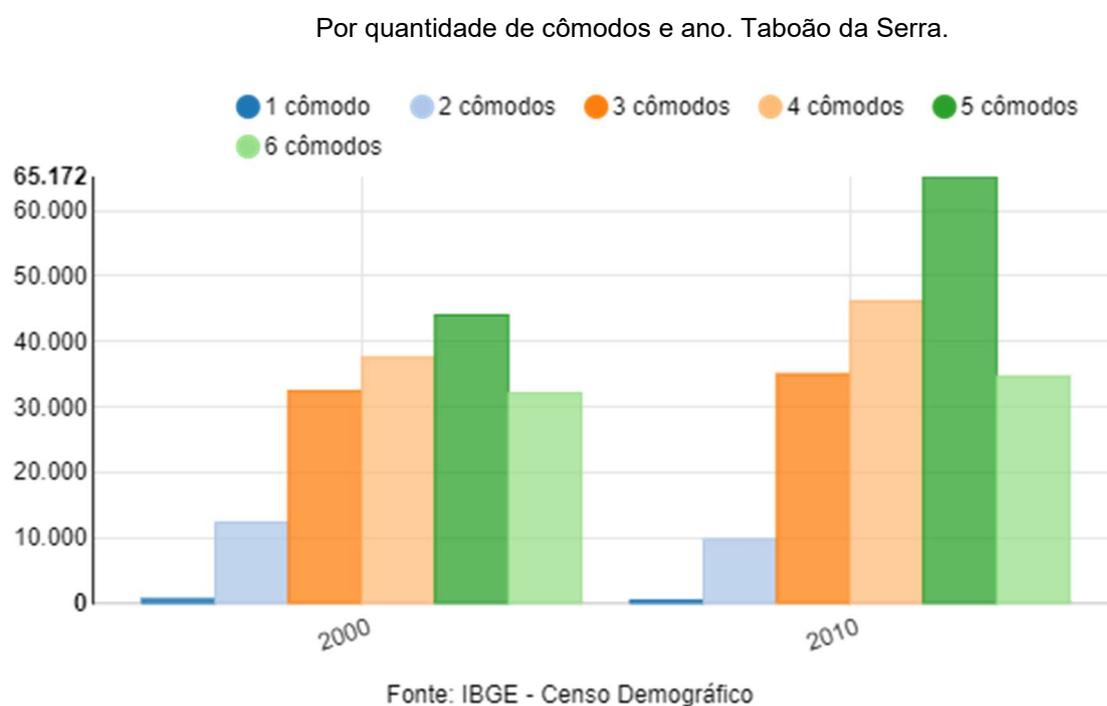


Gráfico 13.2. Pessoas moradoras em domicílios particulares permanentes.



Os dados a seguir apresentam apenas o ano de 2010 de pesquisa por amostragem, porém é interessante para ilustrar as condições de vida de parte da população. Eles

abordam os Favelas e Comunidades Urbanas⁶⁸ que, segundo definição do IBGE⁶⁹, é a terminologia usada para definir assentamentos irregulares como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros. Estes dados têm como base o LIT- Levantamento de Informações Territoriais. Estes domicílios têm como característica serem (cada conjunto de no mínimo 51 unidades habitacionais), em geral, desfavorecidos de serviços públicos essenciais, estarem localizadas em terreno de propriedade alheia de forma desordenada e densa. A tabela 14 apresenta a quantidade de pessoas de todas as idades, cores e gêneros vivendo em favelas e comunidades urbanas e o total da população na ocasião da pesquisa. O local com menor porcentagem de pessoas morando em favelas e comunidades urbanas é Itapecerica da Serra, com cerca de 0,98%. Os demais oscilam de 10 a 12%. Apesar de não haver dados anteriores para comparação, podemos deduzir que este número diminuiu, se compararmos com os dados da tabela 13. Ainda assim, é um número bastante significativo de pessoas vivendo em condições precárias em meio a um aumento bastante considerável do PIB. Pensando pelo ponto de vista micro, essas pessoas conseguem entender que sua condição de vida é exceção?

Tabela 14. Pessoas vivendo em Favelas e Comunidades Urbanas.

Dado coletado no Censo Demográfico de 2010.

Brasil	Total	91.404.905
	Favelas e Comunidades Urbanas	11.425.644
São Paulo	Total	25.486.571
	Favelas e Comunidades Urbanas	2.715.067
Itapecerica da Serra	Total	149.102
	Favelas e Comunidades Urbanas	1.472
Taboão da Serra	Total	244.206
	Favelas e Comunidades Urbanas	26.922

Fonte: IBGE – Censo Demográfico.

⁶⁸ <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>

⁶⁹ A partir de Janeiro de 2024 o IBGE modificou o nome “aglomerados subnormais” para “favelas e comunidades urbanas”: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38962-favelas-e-comunidades-urbanas-ibge-muda-denominacao-dos-aglomerados-subnormais>

Após a apresentação de todos os dados acima, nota-se que no período estudado houve crescimento econômico em todos os locais pesquisados, com indícios de estagnação desse crescimento entre 2012 e 2013, indicando a crise econômica que atingiu o país tardiamente⁷⁰ (em relação à recessão mundial fruto da crise de 2008⁷¹). Isto pode ser comprovado pelos dados de crescimento do PIB, aumento do número de empresas, de pessoal ocupado e assalariado, incluindo o aumento salarial e do PIB de Indústria, Serviços e Agronegócio, assim como da população economicamente ativa. Todos esses dados reforçam este cenário de crescimento. Porém, segundo Furtado, este estado econômico (assim como a industrialização em países periféricos), pode beneficiar antigas estruturas de dominação social e de concentração de excedente. O aspecto chave diz respeito às condições sociais e de distribuição de renda, que podem ser lidas através dos demais dados. A densidade demográfica já aponta a desvantagem de Taboão da Serra em relação à Itapeverica, principalmente quando olhamos os dados das favelas e comunidades urbanas que são muito maiores, mesmo proporcionalmente relativo à densidade demográfica. O número de óbitos infantis também dialoga com este último, já que pode estar relacionado à pobreza, falta de acesso à saúde, à alimentação saudável (ou alguma alimentação), além da exposição a espaços insalubres, sem saneamento etc.⁷². Outro dado relacionado a estes aspectos é sobre a população não economicamente ativa, que não é explicado pelo aumento de pessoas de mesma faixa etária frequentando escola ou curso no mesmo período.

A observação de uma melhora na qualidade de vida é evidente, apesar de não caracterizar por completo o desenvolvimento econômico, segundo Furtado. Os dados não permitem observar evidências de reconstrução das estruturas sociais. O excedente, nestes municípios, pelos dados pesquisados, não parece ter sido utilizado de forma diferente da dinâmica dos poderes consolidados. Contudo, é nítida uma melhora em alguns dados utilizados, até pelo caráter macro das amostras.

Em síntese, somente números, podem esconder a desigualdade econômica, a qual restringe o acesso a mercados e serviços, entre outros fatores. Uma análise fortuita observaria um crescimento exponencial da concentração de excedentes, entretanto, se

⁷⁰ Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2013/03/2012-foi-ano-de-crise-mas-economia-ja-esta-acelerando-diz-mantega.html>

⁷¹ Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/10/10/crise-financeira-colapso-que-ameacou-o-capitalismo.htm>

⁷² Disponível em <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/institucional/especial-abrasco-sobre-o-aumento-da-mortalidade-infantil-e-materna-no-brasil/36777/>

comparado a períodos anteriores, é certo apontar para uma melhora geral na qualidade de vida, mesmo tímida. Celso Furtado apontou para os problemas de um Estado produtor de excluídos quando concentrador, não somente de excedentes, mas de acesso à dignidade do desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, humano. Porém, a observação mais aproximada apresentada no capítulo 5 mostra uma mudança significativa na vida daquelas pessoas que alcançaram a moradia, acesso à saúde, educação e transporte público.

5. O MTST NA VISÃO DE EX-ACAMPADOS E DA IMPRENSA

Neste capítulo serão abordadas algumas entrevistas com ex-acampados e militantes das ocupações estudadas que atuaram no movimento durante o período estudado, assim como matérias de imprensa relacionadas também às ocupações e à construção do condomínio. O intuito não é quantificar dados, mas entender a vivência particular de cada um e relacionar com as matérias. Ver pelos olhos de pessoas que dedicam anos de suas vidas à militância, ora por escolha política, ora por necessidade. Como a experiência é encarada, quais as particularidades e o que é exposto para a sociedade acerca da atuação do MTST nestes três casos específicos: a ocupação Chico Mendes, a ocupação João Cândido e o condomínio João Cândido.

Simone

Cleik Simone de Souza Silva tem 44 anos é conhecida por seu segundo nome no MTST. Em 1997 emigrou do interior de Minas Gerais para a cidade de São Paulo em busca de melhores rendimentos. Seu sonho era construir uma casa para os pais e irmãos que ficaram em Minas. Conseguiu, mas ao retornar à cidade natal, sentiu que não cabia mais ali. Voltou para a metrópole e em 2005 conheceu o MTST, aos 26 anos, quando soube da ocupação Chico Mendes. Na ocasião, ela já morava em outra ocupação, que se tratava da construção abandonada de um posto de saúde.

Olha, quando eu entrei no movimento foi em busca por moradia. Na real eu morava num local que já era uma ocupação. E até aquele momento eu entendia como invasão, né. Então eu falava, as pessoas perguntavam 'onde você mora', eu falava 'numa invasão'. O local era pra ser um posto de saúde, de dois andares, um local assim bem grande, e ficou 20 anos praticamente ocioso. E o próprio segurança do local não tinha onde morar com a namorada que tava grávida, chamou a namorada pra morar lá, a namorada chamou uma amiga, e foram chamando as pessoas, no final nós éramos já 69 famílias. (SILVA, Cleik. Entrevista pessoal concedida à autora, 2023⁷³).

Uma construção 20 anos parada e ociosa tem sua história de inutilidade interrompida quando essas famílias decidem ocupá-la. A ameaça de despejo levou essa mulher a pedir ajuda para um movimento mais organizado.

Então quando eu chego lá, aí a gente pede ajuda pra não acontecer a nossa reintegração de posse, né. E a galera abraça, maior apoio, maior acolhimento, vem pra dentro da comunidade que eu morava e a gente começa a fazer as reuniões pra ver ali qual o caminho pra segurar o despejo das 69 famílias. Então (...) as pessoas

⁷³ Integra da entrevista em anexo.

me colocaram ali como uma liderança porque eu fui atrás de ajuda pra essas famílias que moravam lá no local na época. E eu comecei a frequentar muito a ocupação, né. (Idem).

Da convivência saiu o convite para participar da luta por moradia junto ao MTST.

Então, chegou um ponto dessa ocupação que a galera falou pra mim 'Simone, onde você mora está correndo o risco de despejo. Então faz um barraco pra você na ocupação e faz sua luta na ocupação'. E nesse período já tinha mais ou menos uns três meses que eu tava frequentando a ocupação, mas a ocupação já devia ter uns cinco meses. Aí me arrumaram um espacinho lá pra mim e eu fiz meu barraquinho de lona na ocupação. Eu já frequentava a ocupação e tudo mais, mas eu não militava e aí eu fiquei ali como acampada. (Idem).

Do momento da entrada na ocupação ao despejo foram nove meses. Tempo esse no qual Simone acompanhou o militante Silvério de Jesus nas visitas às comunidades, ouvindo as histórias daquelas pessoas. Foi esse homem quem viu nela o potencial para a militância. Mas o caminho não foi rápido. Resistente por questões de autoestima, somente depois da saída do terreno onde a ocupação do MTST estava instalada e organização daqueles acampados em núcleos, ela aceitou o convite para participar da organização. E já atuou na próxima ocupação, a João Cândido, na organização e coordenação:

Eu fiquei lá ajudando a organizar na organização geral da ocupação. A gente dividia em infra⁷⁴, cozinha, segurança e ciranda. E a negociação. Nessa época a gente tinha esses cinco pilares pra ocupação ser tocada. E eu fiquei na parte da infra, pra ajudar as pessoas a fazer os barracos, ajudar a conseguir o material, ajudar a quem ia ficar na portaria, quem vai pra ver quem entrava, quem saía. Eu fiquei atuando no João Cândido nessa parte. (Idem).

Em relação à aquisição de materiais para construção do barraco na ocupação Chico Mendes, Simone contou que construiu seu barraco de lona com materiais reciclados:

Eu lembro que, quando eu fiz o meu barraco, eu pegava material nas caçamba, entendeu. Ali eu tinha um amigo que tinha perua, então quando a gente já saía de casa, porque ele era meu vizinho, e a gente ia pra ocupação, a gente já ia procurando material mesmo que a gente não precisasse pra gente levar para outras pessoas. Então, quando eu resolvi fazer o meu, aí a gente foi olhando nas caçambas e tudo que a gente foi encontrando a gente foi levando pra fazer o meu barraco. E a gente levantou com o material todo reciclado mesmo que eu consegui. Aí eu comprei prego e comprei lona. O que eu comprei foi o prego e a lona, porque a lona eu não consegui achar reciclado. Mas as madeiras em si, até mesmo colchãozinho que eu tinha dentro do meu barraco foi tudo o que eu conseguia, assim, quando eu passava em algum lugar eu pegava. Tapete que eu forrei lá dentro eu consegui na caçamba. É, aí eu pegava, tinha um tapete grandão e eu falava 'não, vamos levar, porque lá a gente corta e divide por todo mundo, a gente coloca na ciranda das crianças, no barracão onde a gente faz as reuniões'. Às vezes passava, tinha uns

⁷⁴ Infraestrutura, setor responsável pela construção dos barracos comuns, como a cozinha central, o barracão de reuniões e a ciranda, este por sua vez um espaço voltado para acolher as crianças da ocupação, oferecendo atividades pedagógicas, leitura de histórias e um espaço para a biblioteca.

sofás velhos jogados, falava 'aí não, vamos colocar aqui na perua, vamos levar, porque serve pra gente sentar pra fazer reunião'. A gente aproveita muito, quando você está nas ocupações você aproveita tudo o que você vê na rua de madeira, você já fica querendo levar. (Idem).

Sobre o consumo, Simone explica que esta ocupação era próxima da avenida Campo Limpo que tem comércio local. O material que não era encontrado nas caçambas, como lona, pregos, fios elétricos, encanamento etc., era comprado lá. Já na ocupação João Cândido, o terreno era imenso e, por conta da distância até o comércio principal, criou-se um comércio próprio do lado de fora da ocupação:

(...) no João Cândido tinha uma parte que a gente tinha tipo uma porteira, um portão, dali pra lá era a ocupação. Era nossa responsa e tal. Seguiu as regras mesmo do movimento que era tirado, enfim. Dessa porteira pra lá, sobrava um espaço até chegar numa saída pra dar no asfalto, então ali virou um comércio, entendeu? As pessoas vendia churrasquinho, vendiam bebida, vendiam bolacha, vendiam tudo, entendeu. Tinha umas vinte barraquinhas. Virou um comércio que era movimentadíssimo. Principalmente nos finais de semana. E era comércio dos nossos acampados. Eram os próprios acampados que fizeram lá o churrasquinho e colocou lá umas bolachinhas pra vender. Tinha uma moça que vendia churrasco. Ela vendia churrasco em Santo Amaro, só que ela era do Valo Velho. No final de semana, ela não vendia churrasco em Santo Amaro, porque o movimento no domingo em Santo Amaro não existe. Então no sábado no horário de assembleia e no domingo o dia todo ela passava vendendo churrasco. Quem consumia era acampado, né. E quem vendia eram os próprios acampados. Eles tinham uma rendinha deles ali, com o comércio informal que eles faziam. (Idem).

A entrada no terreno tem uma prioridade, a construção da cozinha. Esta será a cozinha principal, até que os grupos de barracos estejam organizados, o que leva algum tempo. Após essa organização, é construída uma cozinha por grupo ou a forma abreviada G, como é conhecido por militantes e acampados. Essas cozinhas servirão alimentos para os acampados do seu grupo, além de servir de ponto de encontro para reuniões, formações e até assembleias:

Primeira coisa é construir a cozinha, porque a gente tem o entendimento que, quando amanhecer, a gente tem que tá com o café pra galera pronto, e já pensando no almoço, pra manter a galera ali dentro. Porque sem comida você não consegue botar a galera dentro da ocupação. Aí a primeira coisa mesmo é levantar a cozinha, depois ajudando o povo a levantar os barraquinhos deles. (...) A gente faz essa primeira cozinha que ela vira a cozinha central. Aí a gente vai fazendo os Gs, vamos supor que tenha seiscentos barracos. Aí aquele G tá prontinho, as ruas estão prontinha? Vamos partir pra cozinha dele. Aí a galera que vai ficar naquele G, vai usar a cozinha daquele G. terminou de fazer ali... às vezes a gente consegue, dependendo do material que a gente tem e das pessoas que está disponível na lida pra ajudar a fazer, a gente consegue fazer duas cozinhas simultâneas, mas às vezes a gente tá numa ocupação muito grande, então a gente vai fazendo por partes. A gente tira uma meta, tipo essa semana a gente tem que arrumar o G1, o G2 e o G3 ele tem q ficar pronto com a rua bonitinha pra atender as cozinhas desse jeito. As outras vai usando a cozinha central. E a gente vai partindo pra outras até organizar toda a ocupação, cada G com a sua cozinha pra fazer suas atividades, sua comida. (Idem).

O alimento e o gás vinham por meio de doações:

A gente tinha doação de ofício que a gente levava em supermercado, né. Isso nos primeiros dias ali, vamos supor, na primeira semana de ocupação a gente tá na cozinha central organizando os Gs. Aí a gente tinha doação de supermercado que a gente ia lá e pedia mesmo na cara de pau. Também levava ofício e, aí vai passando o tempo, principalmente quando já tem o G, faz a reuniãozinha no G e fala pras pessoas 'olha, quem tiver em casa que tiver sobrando um arroz, um açúcar, um feijão, a gente pede doação, a gente pede doação no entorno, mas às vezes falta. Quem puder ajudar, ajuda, traz alguma coisa' aí sempre os acampados ajudavam com um pouquinho de arroz, um pouquinho de açúcar, porque daí quem tinha em casa, a gente já falava 'não sacrifique, se for o único que você tem em casa, né, chega em casa vai fazer pro seu filho' a gente sempre falava só se tiver alguma coisa a mais mesmo. Então as pessoas sempre colaboram com um quilo de uma coisa ou outra e a gente vai em busca de doação. E chegava bastante coisa lá, entendeu. Porque a gente pedia em Embu, Itapeverica, São Paulo mesmo. A gente tinha uma freira em Guarulhos na época que uma vez por semana a gente ia buscar doação, porque ela também fazia doação pra gente. Igreja também ajudava a gente. Então, a gente conseguia alimentar as pessoas. E nessa época alimentava com o que tinha, não existia coisas sobrando. Então a gente tinha uma regra entre os militantes que primeiro os acampados comiam e se sobrasse os militantes comiam. Porque se a gente deixar o acampado sem comer, ele não vai ficar na ocupação. Ele vai embora, então a gente tem que priorizar ele. Então, a gente que é militante, a gente segura ali. Se sobrasse pão seco, a gente segurava ele e comia ali com meio copinho de café, ali a gente passava o dia. Mas o acampado, a gente tinha que priorizar ele. Então a comida não era abundante, não tinha grandes quantidade de comida. E a gente comia mesmo de doação. Os acampados levavam e o que a gente pedia no entorno, né. O gás, a gente já chegou a fazer rateio dentro da própria militância mesmo. Lembro de um tempo que os coordenadores preferiam que juntasse, no João Cândido tinha uma coordenação grande, juntava um rateio ali com os próprios coordenadores, muitos deles trabalhavam fora e conseguiam ajudar. Então fazia o rateio e quem ia lá comprar o gás fazia prestação de contas na reunião. Dizia 'sobrou x que é pro próximo gás, não precisa fazer rateio'. Porque a gente preferia entre a gente do que pedir pros acampados na época. Esse lance de pedir dinheiro a gente nunca quis, porque dá problema. Então era menos problemático fazer esse rateio entre a gente do que pedir pros acampados. (Idem).

As formações para acampados, em geral, eram feitas através das assembleias. Este era o momento de informar sobre as negociações, pedir doações e fazer formações:

Existia formações pra acampado, sim. Mas eram formações assim, naquele momento de assembleia. Mas, aquele momento ali não era o momento que você conseguia ficar muito atenta. Você pegava uma coisinha ou outra, porque quando a gente vai fazer formação em massa, pra todo mundo, pra acampado, vai ter uma galera que vai querer entender mesmo o que você está falando, mas vai ter uma galera que vai querer saber só se a negociação foi boa. Então, enquanto você estiver falando de outra coisa, que não seja negociação, não vai estar prestando atenção, e isso atrapalha prestar atenção. Tem um grupo de pessoas que vai querer aquela informação específica, não tá nem aí pra formação. E isso o movimento foi entendendo com o passar do tempo. Por tanto, nas outras ocupações que tinha, existiam formações em grupo nas cozinhas com um número bem menor de pessoas. Foi esse conhecimento que o movimento foi adquirindo. (...) quando você vai fazer formação de acampado, você tem que elaborar muito bem a formação pra não ficar uma coisa maçante, você tem que escolher até as palavras que vai falar pro acampado entender, porque às vezes fala uma palavra mais difícil, 'ai, eu não sei o que é, mas eu tenho vergonha de perguntar, porque eu acho que todo mundo sabe só eu que não sei'. Então, pra fazer formação com os acampados, a gente tem que ter um formato, uma elaboração totalmente diferente de quando você vai fazer uma

formação com o coordenador que tá tendo formação sempre e já tá entendendo, e já tá no núcleo ali que ela tá bem familiarizado com os outros coordenadores, que quando tem uma palavra lá que o formador colocou e ele não entendeu ou tem alguma dúvida, ele levanta a mãozinha e não tem vergonha de perguntar. E quando é em massa, às vezes as pessoas ficam meio com vergonha mesmo. Isso a gente foi entendendo com o passar do tempo. (Idem).

A dificuldade em formar a base fica bastante nítida aqui. Tanto na linguagem quanto na forma, essa é uma preocupação e motivo de constante aperfeiçoamento. O que alcança essa mesma base é a cultura na forma do espaço da ciranda e das místicas, esta última composta muitas vezes de peças teatrais com os próprios acampados atuando. A entrevistada conta sobre suas experiências culturais na ocupação Chico Mendes:

A gente tinha duas pessoas lá que eram atores, né, e eles eram militantes. Eles faziam teatro maravilhosamente bem. A Trupe Do Lona Preta. Eles fazem algumas apresentações e eles me envolviam lá dentro do teatro, me jogavam lá dentro 'vem cá que você vai fazer peça com a gente'. A primeira vez que eu fui ver teatro, mesmo, no espaço de teatro, foi no CEMUR75 no Taboão. Eu fui ver por que existia essa galera que fazia cultura dentro da ocupação e todo final de semana tinha uma pecinha de teatro, pra falar do que a gente tinha que fazer pra ter vaga na creche, uma pecinha de teatro pra dar consciência, sabe, pra falar do homem que chegava em casa e agredia a esposa, pra falar é... eram muitas coisas... pra falar da solidariedade que existia dentro da ocupação, né. (...) Eu fui assistir a minha primeira peça de teatro real, que foi no CEMUR, não só eu como a ocupação todo, praticamente, foi. No CEMUR do Taboão da Serra, que nada mais nada menos, foi a peça do João Cândido, menina. (...) E eu fui assistir à peça, assim, eu fiquei muito encantada de ver aquelas pessoas, ver a história do João Cândido sendo contada ali na minha frente com aqueles atores. E até me arrisquei depois, né, a gente continuou com esse lance de cultura onde eu morava mesmo. Aí vinha uma menina da cultura pra cá e tava ensinando a gente meio que como bolar um jornalzinho, tal né. A gente sem noção nenhuma de nada, ela ali tentando ensinar a gente alguma coisa. Aí teve um dia que foi um lance falando sobre o teatro e tinha um menino que militava com a gente na época, como é nome dele? Guilherme também, ele era estudante de cinema na USP. E ele participava também do núcleo cultural. E eu lembro que um dia uma das meninas da cultura chegou e falou assim 'é o seguinte, vocês já sabem a base de como tem que fazer uma pecinha de teatro, tal. Vai montar um grupinho de X e Y de pessoas e cada um de vocês' e eu lembro que deu três grupos, 'cada um de vocês vai trazer uma peça. E vocês têm meia hora pra fazer o texto, a fala de cada um e o que vocês acharem que terminar, vem aqui apresentar a peça'. Aí, tipo, a gente se organizou tudo lá, é outra coisa também que marcou muito, e eu tive uma ideia, lembro que tive uma ideia muito rápida assim, muito louca, de fazer um casamento, mas o casamento seria de uma muda que ia casar com um surdo e que o pai era policial, não, que o pai era policial que ia fazer o casamento, mas o casamento ia ser feito por um pai de santo, mas a mãe era evangélica, entendeu? Eu sei que de repente surgiu esse monte de coisa na minha cabeça e no final ali a gente levou uma palhinha pra cantar uma música e deu certo. A galera ria muito, né. Ria muito, assim, e eu não esqueço disso. Um bando de meninas da época que estavam, elas lembram até hoje. Elas 'nossa, Simone, não é que você fez um papo muito louco'. Aí eu fiquei por um tempo meio nessa vibe aí com eles, de cultura, mas aí que eu comecei a fazer muito mais coisas no movimento, que eu tive que me dedicar muito mais, né, do que me dedicar a cultura em si. (Idem).

⁷⁵Centro Municipal de Recreação e Cultura. <https://www.jornalspreporter.com.br/noticia/4784/taboa-da-serra-voce-sabe-o-que-significa-o-nome-cemur>

Havia ali um fomento à encenação das dificuldades da vivência na periferia, os caminhos possíveis para solucioná-los e um incentivo à solidariedade.

Uma curiosidade são as regras da ocupação, que são tiradas em assembleia:

Então, quando a gente faz uma ocupação, a gente já coloca ali tais regrinhas. Tipo, no primeiro ou segundo dia, pra não virar bagunça. No máximo no terceiro dia a gente já quer tirar o nome da ocupação, que é votado pelos acampados. E também já colocar tais regrinhas pra não dar ruim dentro da ocupação, né. Você chega num local novo, as pessoas estão acostumadas com o modo delas de viver ou na casa delas ou onde quer que elas estejam, né. Então pra coisa fluir você tem que colocar algumas regrinhas básicas. Então a gente já coloca, a gente já proíbe bebida alcoólica. Porque a bebida alcoólica vai trazer um monte de problemas pra gente dentro da ocupação. Então, já existe um “protocolozinho” assim de proibir bebida alcoólica dentro da ocupação. Claro que isso depois muda, porque a gente tem os momentos de festa, de lazer. Na medida que você vai amadurecendo muda um monte de coisa. A princípio, pra fluir é isso, a gente proíbe bebida alcoólica, proíbe o uso de drogas, né. E qualquer tipo de violência dentro da ocupação. As três primeiras coisas que a gente encaixa ali nos três primeiros dias de assembleia. (...) Pras pessoas começarem a entender que vai vir mais regras pra gente conseguir manter uma ocupação, vai vir mais regras, pra ir se acostumando. A gente começa a pôr essas três principais pras pessoas já irem se acostumando. Então a gente fala “dentro da ocupação, quem concorda de não usar drogas?”, ‘quem concorda de não ter bebida alcoólica dentro da ocupação?’, quer beber, vai lá no barzinho, onde você estiver, faz sua festinha lá, mas dentro não, porque traz muitos problemas, todo mundo apoia. Então tá bom. Violência contra criança, contra mulher, qualquer tipo de violência, né. Todo mundo levanta a mão. Então isso aí a gente já sana, a princípio. Porque, caso aconteça nos primeiros dias, antes das pessoas entender o que é uma ocupação, entender como é a vivência, a gente já tem condições de chamar a pessoa pra uma conversa e falar ‘olha, a gente colocou em assembleia, e foi aprovado que não ia ser usado drogas dentro da ocupação. Você usou, então você desrespeitou uma regra coletiva, não é uma regra que ninguém tirou da cachola, né.’. então a gente pode conversar com essa pessoa. Ou ela vai se conscientizar e não fazer mais isso, ou se ela permanecer fazendo, ela vai ter que se retirar dos espaços coletivos onde todo mundo decidiu. A gente não vai pegar a pessoa e ‘pronto, vai embora. Por mim você está expulsa’. A gente sabe da dificuldade que é, em relação a droga e a bebida alcoólica. Claro, quando a relação é violência, é, tipo, alguém espancou, o cara bateu na mulher, espancou o filho, aí não tem muito o que se fazer. Não dá pra ir lá e só bater um papinho com o cara, né? A gente tem que acolher, principalmente quando rola com a mulher ou rola com a criança, a gente tem que acolher, tentar protegê-la da melhor forma possível e ter um papo reto com o cara que violentou. Mas com essas três regras a princípio a gente consegue ir mantendo e colocando as outras coisas. ‘Ah, você não pode ir lá e pegar a lona do barraco do seu vizinho porque sua lona rasgou’. A gente vai incrementando as coisas que a gente já sabe que acontece nas ocupações e colocando como regrinhas básicas pras pessoas poderem conviver bem. Você não vai poder chegar bêbado, você não bebe aqui dentro, mas você não vai poder chegar bêbado e ir pro seu barraco e fazer bagunça, barulho a noite inteira e incomodar o seu vizinho que tá do lado. Chegou, é dez horas da noite, é silêncio na ocupação, a trilha vai andar, vai cuidar da ocupação pra no outro dia todo mundo que dormiu na ocupação amanhecer bem. Isso aí a gente vai colocando no dia a dia pras pessoas irem entendendo aos poucos. (Idem).

A entrevistada também descreve a luta por auxílio moradia para os acampados, nas vésperas de saírem do terreno:

(...) o auxílio aluguel, a gente conseguiu uma parte pela prefeitura do Taboão. A gente tinha trezentas e poucas famílias que precisavam de auxílio aluguel. Aí a gente foi ver, conseguiu dar uma quebradinha, que alguns conseguiu ir pra casa de parentes e a gente conseguiu um espaço pra colocar algumas famílias, mas a gente tinha mais cento e cinquenta pessoas que real, real, real não tinha pra onde ir. E a gente só tinha conseguido cem bolsas, no total a gente tinha duzentos e cinquenta famílias. A gente lutou, andou, tomou chuva, tomou sol etc., não conseguimos o auxílio pra essas famílias. E a gente já tava perto da saída. Aí o que no desespero a gente pensou e executou foi acampar na frente do palácio do governo. Aí foi onde nós ficamos quatorze dias acampados com seis pessoas acorrentadas, a gente auxiliava eles em tudo, auxiliava a dar comida, na hora de fazer o xixi a gente fazia cabaninha em volta, na hora do cocô a gente trazia a sacolinha, a gente colhia e jogava fora. Mas foram quatorze dias, mana. Acorrentado em frente ao Palácio do Governo, né, governo Serra, pra conseguir cento e cinquenta auxílios aluguel. Na época, se não me falha a memória, de trezentos reais. Foi uma luta muito, muito, muito intensa, né. E a gente não podia sair de lá pra nada, e a gente não podia deixar os acorrentados sozinhos. Então a comida era feita na ocupação, café da manhã, almoço e jantar. Eram três refeições. Fazia na ocupação e levava pra quem tava lá acorrentado e pras pessoas que ficavam lá auxiliando os acampados. Aí a noite sempre diminuía o número de pessoas, né. A gente se organizou pra fazer rodízio. Mãe que tava com filho a gente dava prioridade pra voltar pra ocupação, porque a ocupação não podia ficar sozinha e nem lá podia ficar sozinho. Então foi um tempo bem duro, bem duro. Mas aí a gente, no final do décimo quarto dia a gente conseguiu cento e cinquenta auxílio aluguel. (Idem).

Após a saída do terreno e organização dos agora ex-acampados, houve a necessidade de mais coordenadores. Foi neste momento que a nossa entrevistada, influenciada pelos demais companheiros, candidatou-se para a coordenação. Aprovada através de votação dos próprios acampados, a nova coordenadora começou a participar de formações, sendo a primeira delas “curso de formação política”. Questionada acerca da quantidade de coordenadores comparada a quantidade de acampados, Simone menciona que o número de coordenadores em relação ao número de acampados é bastante pequeno. Desses coordenadores, os que acabam indo para militância é ainda menor. Ou seja, as formações mais complexas são dadas para aqueles que vão para esse último estágio. Ela explica um pouco esse fenômeno:

Olha, quando a pessoa vai pra ocupação, elas vão com o intuito de querer a moradia dela. E tem um grupo de pessoas que ‘não, eu não quero participar de nada, eu acho que vai ser muito trabalhoso, vai ser muita dedicação’. Porque quem tá de fora e olha o trabalho que a gente faz, um trabalho que não é remunerado, é um trabalho de amor mesmo, tá, elas olha de fora e fala ‘é muita coisa, eu não vou dar conta’. Quando a pessoa chega na coordenação, a gente começa ali com aquela conversa, ela que tinha medo de cuidar do grupinho dela. Depois vem a transição dela sair da coordenação e ir pro setor do movimento. Ou ela vai escolher... tô falando as pessoas dentro da ocupação, né... ela vai escolher ou vai pra organização, ou vai pra autodefesa. Tem ali uns espaços que ela pode escolher. Quando ela vai fazer essa transição de coordenação da ocupação pra sair ali, que ela vê aquela troca pra gente levantar novos coordenadores, pra formar novos militantes e elas virem pra os setores do movimento e ter real mesmo mais responsabilidades, vão ter que ter mais tarefas, vão ter que cumprir a presença delas nas reuniões, porque não adianta, é melhor o movimento trabalhar com um número menor de pessoas que chegam mesmo firme, que fala ‘quero’, vai e faz todos os cursos e quer ser militante, do que a gente inflar muito e as pessoas chegar lá e não ver qualidade. Porque essa

pessoa fala assim 'eu quero ser militante', mas aí você dá 10 cursos e a pessoa aparece em um. A gente fala 'a gente precisa de mão de obra, então vamo, ela vai ficar', e a gente tem um número de falta nas reuniões. Porque não adianta uma pessoa que vai tocar uma ocupação, por exemplo, eu toco cinco ocupações, se eu não vou pras reuniões pra eu entender todas as negociações, porque cada uma é uma negociação específica, não entender pra chegar na assembleia e fala um pouquinho do nosso mundo político, um pouquinho ali, não sou muito boa de análise de conjuntura, mas tô tentando ser, um pouquinho da análise de conjuntura que um companheiro que entende bem melhor que eu passa ali e eu começar a pegar uma coisinha aqui ali, chegar e fazer uma boa assembleia e explicar tudo o que está acontecendo com aquela ocupação pra aquele acampado, a nossa tendência é o que? Ir perdendo acampado. Porque se você não faz uma boa assembleia, você vai hoje não faz uma boa assembleia, a pessoa vai tirando uma dúvida com você 'ai Simone, você lembra que mês passado você veio e falou na assembleia que o documento X estava na prefeitura, e nesse mês você veio e falou a mesma coisa'. Se eu não tiver uma boa explicação pra essa pessoa, na outra assembleia ela vai dizer 'eu não vou, porque a Simone vai falar a mesma coisa'. E se eu não participar de tudo, não chegar a tempo, não sentar nas reuniões que tem quase diariamente com o pessoal da negociação, que é o que mais interessa ao acampado, e não ir com tudo na ponta da língua e explicar pra eles tudo o que está acontecendo e tirar todas as dúvidas dele, ele não vai voltar na próxima assembleia. Aí ele não volta na outra, não volta na outra, pronto. Perdemos aquele acampado. Então, eu entendo que as pessoas, quando faz essa viradinha de chave, que vão sair da coordenação e vamos entrar nos setores, vamos ajudar a tocar outra ocupação, que a gente precisa de mão de obra de pessoas pra ajudar a tocar, aí a pessoa começa a pensar 'a não, é muita responsabilidade, eu vou ter que fazer aquilo que a Simone faz, tocar uma ocupação e ir pra outra ocupação e falar com aquele monte de gente', então acho que as pessoas, antes de ir mesmo, elas começam a pôr um monte de coisa na cabeça. às vezes a gente consegue tirar e às vezes a gente não consegue. A ocupação Chico Mendes 2, a mais recente de 2014, eu fui tocar essa ocupação. Lá nessa ocupação eu tinha dezoito coordenadores. Que eu tenho hoje que ficou militante no movimento, que foi pros setores, que milita mesmo dentro do movimento, são quatro de dezoito, de 2014. (Idem).

Percebemos que, apesar da alta qualidade da formação, ela não atinge nem mesmo 10% dos acampados. Este número, como vimos, relaciona-se muito com a disponibilidade e interesse de cada um. Mas, para aqueles que seguem na militância, é notável a mudança:

Olha, eu falo que eu era uma Simone antes, quando eles me convidam pra formações do MTST, pra eu falar da minha história mesmo dentro do movimento, eu sempre começo 'gente, eu era uma Simone antes do MTST e sou uma Simone depois do MTST, após eu militar, ter formações, ter consciência política'. Eu venho do interior. Eu chego aqui em São Paulo não tinha terminado nem meu segundo grau ainda. Eu fiz EJA aqui em São Paulo, né, pra terminar. É, eu não sabia o que era a palavra feminismo, eu não sabia o que era feminismo. Isso não se falava na minha época, nem na escola, nem no meio todo que eu vivia das minhas coleguinhas, enfim. Não existia esse lance feminismo. Mas eu já tinha algumas atitudes assim, alguns pensamentos e coisas que eu olhava e criticava. Às vezes eu não falava pra pessoa, mas eu tinha aquela crítica comigo mesma. Falava 'mas isso não tá certo. Como isso? Por que isso?'. (Idem).

Neste ponto ela descreve uma situação de opressão que viveu na escola e, apesar de sentir que estava errado, ela não teve apoio de ninguém para modificar a situação. Anos passaram e a sobrinha, estudando na mesma escola que a tia estudou, viveu a mesma

situação. Como quem resgata sua própria história, Simone descreve todo apoio que deu para a sobrinha:

Passaram-se muitos anos, a minha sobrinha, há cinco anos atrás, estava tendo o mesmo problema na escola. (...) aí minha sobrinha me ligou, aí eu dei todas as orientações pra ela 'chega na diretora, conversa assim, vai na mãe das suas amigas, chama suas amigas, faz um fórum na escola, vai, vai pra cima e não aceita, não aceita, os homens têm que respeitar nós. Se nós estiver pelada na frente deles eles tem que respeitar a gente'. Aí minha sobrinha, toda entusiasmada 'ainda bem que eu tenho você, tia, e tal'. E foi e deu tudo certo na escola, sabe, e eu fiquei superfeliz, porque quando eu estudava nessa mesma escola eu não tive esse poder, eu não tinha esse poder de consciência. Mas a minha sobrinha já não aceitava, me pediu ajuda e eu consegui ajudar ela. (...) Chegava uma mana, tipo, eu moro em comunidade, então acontece um monte de coisa, né. E às vezes acontecia algumas coisas ou eu não tinha coragem ou eu não sabia como chegar, como intervir, como falar. E hoje, hoje não, hoje acontece um problema aqui na minha quebrada, seja com uma criança, ou seja com uma mulher ou que seja com o próprio adolescente eu chego, eu tenho argumento pra falar e se eu não tiver muito segura daquilo, eu sei que eu tenho um apoio aqui atrás de mim, que é o MTST, pessoas que eu vou buscar e que vai me ajudar, que vai me dar a mão ali no momento que eu tô precisando. Então pra mim como mulher, o MTST me fez crescer muito, me fez ter muito mais segurança, me fez entrar em espaços que eu jamais acharia que eu ia estar em algum momento. Em 1997, quando eu cheguei em São Paulo, você acha que passava pela minha cabeça eu estar representando um movimento social na minha primeira viagem pra fora do Brasil, que foi na Bolívia? Não passava pela minha cabeça. Não passava pela minha cabeça eu estar representando o MTST numa atividade enorme que o PSOL fez? (...) Então o movimento abriu na minha vida um leque de conhecimento, de começar a entender as coisas que eu não entendo. Eu tive a oportunidade de buscar e tentar entender. De formação mesmo, de consciência política. De ir pra algum órgão público pra debater alguma pauta do movimento e olhar pra cara do prefeito da cidade ou do secretário da habitação e não ver ele como uma pessoa que está acima de mim, mas que está ali pra ouvir o que eu vou falar com ele e fazer o possível pra entender a reivindicação que a gente tá ali naquele momento pedindo, com o povo que está lá fora esperando. Entendeu? Então isso mudou muito, mudou muito a minha segurança como mulher, a minha concepção de vida, o meu modo de viver, entendeu? Os meus valores, sabe. Mudou muito a minha vida e eu ouço, esse relato que eu tô te dando, eu ouço de várias mulheres dentro do movimento. Temos muitas mulheres dentro do movimento que elas falam 'hoje se eu estou aqui sem depressão, quem me tirou dessa depressão foi o movimento. O movimento me deu valor como mulher. O movimento me mostrou do que eu sou capaz'. (...) Então, quando a gente vai pra roda de conversa com mulheres que a gente ouve esses relatos, nossa, isso é muito gratificante. 'O movimento me conscientizou, o movimento me acolheu e me tirou de um casamento abusivo de trinta anos que eu conquistei minha moradia e estou morando feliz com meus filhos', entendeu. Então, quando você ouve um relato desse vale a pena tudo o que você abriu mão lá atrás, pra você estar como, por exemplo, pra eu, essa pessoa que eu sou hoje, eu fui forjada, eu sou o que eu sou hoje ali mesmo na luta, no pé no barro com enfrentamento, em linha de frente, com bala de borracha, com spray de pimenta, sendo xingada em vários lugares como vagabunda. (Idem).

Acesso a conhecimento, a suporte emocional e intelectual, acolhimento desenvolvimento de autoconfiança, reconhecimento, consciência política/social etc. Esse crescimento pessoal estende-se para toda sua rede familiar, além dos próprios acampados liderados por ela.

A respeito da construção do condomínio João Cândido, Simone contou que:

Eu trabalhei na época na cozinha que fornecia comida pra obra. A gente fornecia duzentas marmitas, a cozinha foi gerida pelo MTST e eu coordenava. Estava eu mais uma companheira ajudando na coordenação das comidas, ouvia a reclamação da peãozada, o que não tava bom melhorava. Foi um período muito bom também, que eu fui e fiquei lá um tempo trabalhando na cozinha. (Idem).

A solidariedade mora nas ações de Simone, que se preocupou com quem não conseguiria pegar sua moradia:

Porque na época que saiu a primeira fase uma grande parte da coordenação ia entrar. E meu nome tava na lista, aprovada pra entrar. Mas eu sentia que não era pra eu entrar, não era o momento e que iam ficar pessoas pra trás e que se eu ficasse com essas pessoas, eu era uma força a mais pra essas pessoas não desistir até sair o próximo. Então, na mesa de reunião eu falei 'coloca outra pessoa no meu lugar, eu não vou. Ok, eu pago aluguel, mas na minha casa é só eu e o meu companheiro. Se der problema e eu não conseguir pagar o aluguel, eu e ele se enfia em qualquer cantinho, em qualquer buraquinho. Mas uma mãe com dois, três filhos fica mais complicado. Então, vamos ver aí uma companheira e coloca no meu lugar'. Entendeu, eu abri mão. Às vezes as pessoas me questionam 'você está num movimento desses desde 2005, você milita. Porque você não tem sua casa própria, porque você tá no (condomínio) João Cândido?'. Aí eu tenho que dar essa explicação, porque tem gente que acha que o movimento não é justo comigo. Não é o movimento. Eu que tive esse entendimento, não me arrependo de forma alguma, nunca me arrependi. E tem pessoas que questionam 'mas você não se arrependeu, porque podia estar na sua casa?'. Não, eu não me arrependo. Porque às vezes eu fico pensando 'caraca, se eu tivesse ido, eu amo o MTST. O MTST é minha segunda família. Se eu tivesse ido, será que eu não tinha desanimado? Há oito anos atrás, se eu tivesse entrado lá, será que eu tava com essa mesma vibe de ver esse crescimento que eu tive dentro do movimento, dentro dos espaços, conhecer essas pessoas que eu conheci, será que eu tava com essa mesma vibe? Às vezes eu me pergunto, será que eu tava assim onde eu tô hoje se eu tivesse conquistado? Porque eu sei que várias pessoas que conquistou não tá mais. Era coordenador, tava ali no dia a dia e depois que conquistou desanimou. Então, a gente sempre prega, gente, depois que você conquista a sua casa, é o começo da sua luta. Porque só a casa, tipo assim, ela é primordial na vida de qualquer ser humano, mas ela sozinha não vai mudar a sua vida. Se você não tiver um emprego, você não vai conseguir mantê-la. Se você não tiver uma escola legal pra seu filho ou não tiver uma escola próxima, vai ser complicado. Se você não tiver uma creche, se você não tiver ônibus pra você ir e voltar do trabalho. Então a luta ela continua. A gente tem uma outra luta depois que você conquista a sua moradia. A gente vai pra. Vai lutar pela creche, vai lutar pela escola, vai lutar pela rua asfaltada, vai lutar pelos aparelhos que a gente precisa ter em volta pra gente sobreviver quando não tem. E quando tem a gente precisa lutar do mesmo jeito pelo que é ruim. Então, a gente coloca isso na cabeça das pessoas pra quando as pessoas entrarem lá dentro e 'tô aqui no meu canto, então agora é cada um por si e Deus por todos'. (Idem).

Conquistar pelo exemplo, manter-se firme na luta, estender as mãos par quem precisa mais do que ela.

Ocupação Chico Mendes na imprensa

O contraste (esperado) entre a mídia tradicional e aquelas que se dispõem em fazer uma análise mais ampla do problema de moradia é bastante nítido neste caso. Mais uma vez, é importante lembrar que o MTST estava em um momento de declínio, logo após a ocupação em São Bernardo do Campo, no “terreno da Volks”, local onde um repórter foi assassinado (já abordado no capítulo 2).

A primeira notícia vem de *O Taboanense* de 02 de outubro de 2005, cujo título é “Terreno no Jd. Helena é invadido por famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto”⁷⁶, na qual podemos verificar, logo no título, a indicação de invasão da propriedade alheia. A tentativa de criminalização é bastante clara também no corpo do texto que afirma que a maioria das pessoas acampadas seriam de fora da cidade de Taboão da Serra. Para o autor do texto, o movimento teria políticos na “cúpula” do movimento, inclusive teria ligações com o PSTU, “partido político de tendência radical da esquerda”.

Segundo moradores do bairro, o terreno está abandonado eles dizem que a área estava sendo usado por bandidos e estupradores. A maioria das pessoas entrevistadas pela reportagem do Portal O Taboanense disse ser contra a invasão. “O bairro não comporta tanta gente, não temos escolas sobrando e essa gente vai morar sem nenhuma condição de higiene, acho que estamos vivendo um caos”, afirmou um morador que não quis se identificar. Para outro morador, que também pediu anonimato, é um absurdo permitir que tenha havido essa invasão. “Nós já estávamos prevendo que poderia acontecer isso, agora quem é que vai dar condições dessas pessoas morarem aí? O que vai virar o nosso bairro? Uma favela?”, dizia indignado. Outra moradora disse que não é contra as pessoas terem o seu teto, mas acha que a invasão irá trazer mais malefícios do que benefícios. “É uma situação complicada, acho que alguém tem que fazer alguma coisa logo, porque a tendência é isso aqui piorar muito, essa invasão é um barril de pólvora”. (FREITAS, Mário de. *O Taboanense*, 2005).

Não obstante o terreno estar abandonado antes da ocupação e ser local perigoso, o jornalista aponta entrevistas contrárias à presença dos acampados ali, responsáveis por devolver a vida para o local. Muitos desses contrários acabam por fazer demonstrações de preconceito e desinformação.

A Agência Brasil, em 09 de outubro do mesmo ano, publicou uma matéria cujo título é “Reforma urbana é o principal objetivo de Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto”⁷⁷.

⁷⁶ Matéria disponível em <https://www.otaboanense.com.br/terreno-no-jd-helena-e-invadido-por-familias-do-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>

⁷⁷ Texto disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2005-10-09/reforma-urbana-e-principal-objetivo-de-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto>

É claramente uma tentativa de dar espaço para que o movimento pudesse expor suas ideias e reivindicações.

Entre as reivindicações do MTST está o cadastramento das famílias nos programas habitacionais, independentemente de elas pagarem aluguel, ou não. O movimento também pede o desenvolvimento de programas de verticalização – construção de prédios habitacionais –, desapropriação de imóveis abandonados e estímulo a projetos comunitários que permitam, inclusive, a instalação de hortas, escolas e postos de saúde na proximidade das moradias. (NUNES, Juliana César. Agência Brasil, 2005).

Com apenas um mês da entrada no terreno, a reportagem nos informa que já havia um pedido de reintegração de posse. Aqui nota-se a diferença de tratamento, assim como em 21 de dezembro ainda do mesmo ano, o site *Becos e Vieiras* publicou uma nota cujo título é “MTST Inicia greve de fome”, informando sobre a ação realizada em frente à casa do então presidente, Lula. Ao final da nota menciona-se “Com a ocorrência da reintegração, o terreno voltará a ser aquilo o que era antes: palco de estupros, assassinatos e novamente um terreno abandonado à mercê da especulação imobiliária”⁷⁸. Não há indicação de autoria, mas a página informa que o texto se origina do site Centro de Mídia Independente (não disponível).

O site Repórter Brasil, em 12 de janeiro de 2006 publicou uma matéria cujo título é “Comunidade Chico Mendes é mais uma vez ameaçada de despejo”⁷⁹ informa sobre o temor de um despejo violento:

Segundo Raimundo Francisco Cruz, um dos líderes da comunidade, o medo está dominando os acampados. No último dia 5, o acampamento Carlos Lamarca, em Osasco, também ligado ao MTST, sofreu um ataque da Polícia Militar e muitos trabalhadores foram feridos por coronhadas, golpes de cacetetes e bombas de gás lacrimogêneo. “O governo do estado não respeita os nossos direitos à moradia e ainda nos oprime com seu braço armado que deveria estar a nosso serviço, pela nossa segurança”, disse. (YODA, Carlos Gustavo. Reporter Brasil, 2006).

Além disso, a reportagem apresenta um breve resumo das negociações com o poder público e proprietário do terreno até então.

O veículo Carta Maior, no dia 09 de junho de 2006, publicou uma matéria sobre a saída dos acampados do terreno onde aconteceu a ocupação Chico Mendes. Com

⁷⁸ Texto disponível em http://becosevuelaszs.blogspot.com/2005/12/mtst-inicia-greve-de-fome_21.html

⁷⁹ Texto disponível em <https://reporterbrasil.org.br/2006/01/comunidade-chico-mendes-e-mais-uma-vez-amecada-de-despejo/>

o título “Ocupação Chico Mendes acaba, após 8 meses, sob forte emoção⁸⁰”, o repórter Rafael Sampaio descreve o sentimento das pessoas ao despedirem-se do local em que moraram. O texto é marcado pela descrição sensível de uma encenação realizada pelos acampados: a morte da ocupação Chico Mendes. Mais uma vez foi a arte quem sintetizou o sentimento de acampados e militantes, auxiliando aquelas pessoas a encerrarem este ciclo em suas vidas. Sampaio ainda aponta que, para a organização do movimento, a experiência foi vitoriosa:

Na avaliação dos sem-teto, a ocupação foi uma vitória política, econômica e de organização. O coordenador do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto), Jota Batista, líder dos sem-teto, diz que a Ocupação Chico Mendes contribuiu para a reforma urbana no Brasil. Para o movimento, não basta receber casas se não houver um plano federal que garanta moradia digna para todos, e se as famílias não se organizarem para reivindicar esse direito. (SAMPAIO, Rafael. Carta Maior, 2006).

O ingresso de novos militantes e a projeção do debate sobre reforma urbana para o âmbito estadual e federal já eram sentidos pelos militantes entrevistados.

Luciano

Luciano Lopes da Silva é militante do MTST desde 2007. Contou que sua mãe viu a ocupação João Cândido e o aconselhou participar, não exatamente por moradia, mas para “ocupar a cabeça”, uma vez que ele estava entrando em depressão por conta do término de seu relacionamento.

Não, eu entrei eu tinha acabado de passar por uma separação, fui pra casa da minha mãe e com vinte dias que eu tava lá sem dormir, com a cabeça bagunçada, aconteceu a ocupação. Do dia 16 pro dia 17 de maio. Aí minha mãe tava passando na hora que estava acontecendo a ocupação e ela chegou em casa e falou assim ‘já que você não tá bem da cabeça, vai lá ajudar o pessoal, vai fazer teatro que você gosta de fazer’. Então eu fui meio que pra mudar minha cabeça e fazer teatro com criança e com idoso, falar sobre droga. (SILVA, Luciano. Entrevista concedida à autora, 2023⁸¹).

Como havia participado de um Circo Escola na infância, aceitou ir para a ocupação. Começou conversando em volta da fogueira, ouvindo as motivações das outras pessoas para irem pra lá.

Aí então, como não tinha aquele negócio de palco, o que a gente fazia? A gente sentava a noite ficava na fogueira ou contando piada ou ouvindo. Eu entrei, eu com

⁸⁰Texto disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Ocupacao-Chico-Mendes-acaba-apos-8-meses-sob-forte-emocao/5/10639>

⁸¹ Entrevista disponível na íntegra no anexo deste trabalho.

uma semana... eu tava entrando em depressão e não sabia. Porque eu tava com a cabeça a mil, só que você senta na fogueira e começa a ouvir o pessoal. Aí você vai ouvindo história pior que a sua. Pensa num remédio bom? Eu sentei com um tiozinho e comecei a perguntar 'o quê que fez você chegar aqui?'. E eu sentei e cumprimentei e falei, daí ele falou que comprou uma casa num terreno da prefeitura, construiu, filho começou a usar droga e ele pôs pra fora de casa e ele tava morando na rua. E eu reclamando dos meus problemas. O cara morando na rua... e eu posso voltar pra casa da minha mãe, ou pagar um aluguel. Só arrumar um emprego. E ele sabendo que o filho está nas drogas. (Idem).

Na busca por “ocupar a cabeça”, o entrevistado encontrou outras histórias, outras necessidades, o que deu outro significado para sua própria dor. Essa vivência solidária o motivou a superar suas dores para cuidar das dores dos outros. Inclusive a sua luta por moradia foi direcionada para a mãe dele.

A necessidade da ocupação fez suas prioridades e, uma vez que ele já tinha experiência como cozinheiro, logo assumiu a cozinha comunitária do grupo de barracos em que ele estava. Ele ainda contou que eram trinta e nove grupos de barracos em um terreno de um milhão de metros quadrados. A consciência adquirida aos poucos naquela caminhada de dois meses (que, em suas palavras, pareceram anos) o levou a entender sua condição de sem-teto também. “Eu vi que a luta era pra que o governo construísse e a gente pagasse” (Idem). Esta frase chamou atenção, pois ele afirma que não era uma luta por ganhar de graça, mas justifica sua conquista através do pagamento. Aqui nota-se a necessidade de responder às acusações que parte da mídia hegemônica fazia (e ainda faz), acusando esses acampados da busca por “facilidades”. Justificar a legitimidade da luta por moradia é constante na vida de quem decide fazer parte de uma ocupação. Além disso, ele deixa bastante claro que aprendeu sobre consciência de classe dentro da ocupação.

Torna-se coordenador muito cedo no intuito de manter seu grupo. Ali ele encontrou outra família. Das quatro pessoas que assumiram a coordenação deste grupo, apenas duas ainda estão na luta.

Então a gente passou uma luta grande ali. A prefeitura não estava recolhendo o lixo da rua e não tinha água no terreno. Era um terreno horrível. Não tinha programa de habitação. E a gente não tinha o Norte que tem hoje. Não tinha ninguém na política e a gente era contra a política. A gente era apartidário, nós era bruto. Se chegasse qualquer vereador a gente colocava pra correr. (Idem).

Em consequência deste descaso, houve um ato na prefeitura de Itapeverica da Serra. Os acampados levaram sacos de lixo e jogaram na frente da prefeitura. Luciano lembra do tratamento agressivo que recebiam da polícia.

Agora é tranquilo, mas na época, toda vez que ia pra ato, tinha confronto, tinha pancadaria. Todo ato, todo ato. Não tinha um ato que a gente saísse e voltasse de boa. Era pancadaria. Parou quando a gente fez a marcha dos cinco mil. Foi do Valo Velho ao Palácio do Governo. A polícia barrou a gente ali no estádio, não deixou a gente seguir. Cinco mil famílias. Eles só assim quiseram atender a gente. E era pancadaria e os guarda cutucando, a gente não tinha noção de como funcionava. Como conversar. Então era horrível, apesar de que eu sinto saudade. (Idem).

Nota-se que é a partir desta ocupação que os atos do movimento vão ganhando respeito e diminui a forma agressiva com que eram recebidos pela polícia, comprovando o argumento de Jota à Carta Maior, acima.

Acerca do material utilizado na construção de seu próprio barraco, ele afirma que comprou a lona na frente da ocupação, nos comércios improvisados que a Simone citou. O restante foi material reciclado e bambu retirado de um local próximo. Como mantinha um equipamento de camping, sempre acabava emprestando seu barraco, enquanto construía outro para a pessoa. Ele relata o cuidado que tinha com esse barraco:

(...) mesmo eu estando na cozinha, no meu barraco eu tinha meu fogãozinho de uma boca, eu tinha na época um discman com a caixinha de som. No grupo 39 a gente não desmontou porque a gente era uma família. Um cuidava do barraco do outro. Eu tinha uma turma que a gente é amigo até hoje. E a gente não saía de lá. Eu perdi o emprego, eu tava com um dinheirinho tão bom que eu fazia churrasco quase todo dia. Lá no Valo Velho eu não passei sufoco. (...) Eu tinha aquelas caixas de isopor grande, abri um buraco no chão e enterrei. Então eu tinha como se fosse uma geladeira. Então eu comprava gelo e colocava ali. Eu tinha as minhas coisas dentro do barraco, sempre tive tudo arrumadinho. Quando chegava um pessoal que tava precisando, eu volta e meia ficava na barraca de camping pra emprestar o meu barraco. Eu dizia 'fica aí' e montava um barraco pra pessoa. Ia atrás de material com uma turma que a gente tinha, montava o barraco pra não ficar ninguém sem (Idem).

As formações em assembleias na ocupação João Cândido eram dificultadas, segundo Luciano, pois havia cinco mil famílias. Já como coordenador ele lembra de uma formação ainda no terreno do Valo Velho. Ele relata que a dificuldade de ser coordenador foi colocada abertamente: "A gente tá em torno de cem pra mais pessoas. 'O coordenador é o primeiro a chegar e o último a sair'. Eu lembro que aprendi muito nessa formação" (idem). A formação que mais marcou o nosso entrevistado foi a "Por que ocupamos", uma formação de três dias numa "fábrica de sapato" onde eles leram e debateram o livro de mesmo nome escrito por Guilherme Boulos.

Dois meses depois veio a reintegração de posse, porém, com a negociação do movimento, a prefeitura cedeu outro terreno, agora no bairro Vila Calu (Itapeverica da Serra). O entrevistado descreve o trajeto do primeiro terreno no bairro Valo Velho:

A gente saiu de um terreno de um milhão de metro quadrado pra um terreno que não cabia quinhentas pessoas. A gente teve que vê quem não tinha realmente pra onde ir, nesse terreno. Tanto que eu não ia ficar. Ia ficar a Sandra, a Joelma e o Japa. Eu falei 'vou voltar pra casa da minha mãe, eu tenho pra onde ir'. No caminho do Valo Velho pro Calu no Jacira, não é longe. Mas a prefeitura fez a gente dar voltas e voltas e voltas pelos caminhos mais longe que tinha, por dentro dos matos. A gente saiu de manhã e chegou quase de noite. Andou muito, porque eles ficaram dando voltas pra gente desistir. Quando chegou lá, Sandra passou mal, aí foi pro hospital. E do hospital foi direto pra Pernambuco, nem voltou pra lá. Foi se tratar. Aí ficou a Sandra que falou pra mim 'segura até eu voltar'. Então eu fiquei no Calu. É só pra segurar, montar o barraco pra ela voltar, mas ela não voltou e eu fiquei. Falei, 'vou tocar o Calu'. Só que eu fiquei não como coordenação, falei 'vou voltar a ser acampado' era pequeno. Aí eles dividiram em três brigadas. E como eu vim fazendo barulho do Valo Velho até o Calu 'ah, fica na coordenação'. Eu falei 'vou pensar, se eu for ficar, vou ficar só pra cultura'. (Idem).

Mesmo depois desta tentativa de desencorajamento por parte da prefeitura, muitas famílias instalaram-se no terreno da Vila Calu. A perseguição não cessou:

O terreno do Vila Calu o prefeito soltou uma nota falando que a gente tinha invadido o terreno pra comunidade, pra arrumar briga com a comunidade. A gente tava com quatro meses, ou mais tempo que isso e ele pediu reintegração de posse. No Calu a gente passou quase um mês acampado na prefeitura. Acampava na frente da prefeitura, era despejado, acampava na frente da Câmara dos vereadores, era despejado, voltava pra prefeitura. Aí quando tinha sido despejado de todo lugar que dava pra segurar, a gente se acorrentou na frente da prefeitura. Aí com dez dias, no dia que tava marcado o despejo deu uma choradeira. Porque a gente não queria sair da corrente, mas tinha o despejo marcado. Ele foi cancelar o despejo quatro da manhã com o despejo marcado pras seis. E a gente na tensão, acorrentado naqueles dez dias. O pessoal naquela tensão no terreno. Porque a gente ficou acorrentado na frente da igreja, porque não podia ficar na prefeitura e não podia ficar na câmara, a gente se acorrentou na frente da igreja. Dez dias sem o padre ir lá ver nós, ele passava pelo lado da igreja, não passava pela frente. Ele só foi lá ver a gente no sétimo dia quando chegou um pessoal da Noruega, uns estudantes da Noruega que foi conhecer Itapecerica. Foi lá, conversou com a gente dentro do protesto, entrou na igreja e foi buscar o padre. Até então eu tinha religião, mas nesse dia eu virei as costas pro padre. Porque eu tava pancada com ele. (Idem).

O descaso era generalizado. A luta dessas pessoas foi ignorada por muitas autoridades. A permanência no terreno foi interrompida, mas Luciano continuou morando próximo, uma vez que houve acordo de construção de moradia. Ele falou que continua morando lá para cuidar do terreno. Ele ainda conta que "o pessoal que estava dentro do terreno (da Vila Calu) conseguiu auxílio moradia" (Idem), se referindo ao auxílio aluguel. Segundo o entrevistado, este terreno agora é da CDHU e aguardando a construção das unidades habitacionais.

A luta também trouxe uma companheira de vida, Vera. Ela também entrou no movimento na ocupação João Cândido e participou da formação na "fábrica de sapato" com Luciano. Esses três dias de formação estreitaram os laços e dali nasceu uma relação, que perdura até hoje. O casal já participou do coletivo estadual e do setor de cultura juntos.

Luciano ainda participou do setor de negociação e hoje os dois atuam na coordenação dos acampados das ocupações Chico Mendes e João Cândido, no setor de organização e, mais recentemente, também estão no setor de formação, dividindo com novos militantes e acampados a sabedoria adquirida na prática da luta por moradia, o pé no barro.

Acerca da desistência de muitos ex-acampados em relação à luta, Luciano aponta alguns fatores:

Diminuiu muito não chega a mil famílias no João Cândido, nem com os apartamentos que saiu. Reduziu muito, por quê? Muito tempo. A gente entrou em 2007. Mas eu ainda tenho hoje, na assembleia que teve hoje, dezessete anos de luta. Então esse pessoal que ainda tem é o que ainda não conseguiu moradia. A gente tem dois, três entregas aqui. Tem muita gente que foi pra Santo André. Esse pessoal não continua, não participa mais das reuniões. Quando tem luta ainda vão, algumas. Mas quem continua vindo é o pessoal que ainda tá no cadastro. Que tá na luta. Mas muita gente desistiu, muita gente faleceu. (...) Depois que você pega sua moradia, não digo nem que relaxa, mas você dá uma descansada. Sua mente, você já fala assim 'não necessito dessa luta tão grande que eu tinha pra moradia. A minha luta agora é pelo transporte, é pelo posto de saúde, é pelo hospital. Mas é difícil você manter uma pessoa que tem que trabalhar pra comer, pra pagar o apartamento e manter o ânimo na luta. (Idem).

A luta desse rapaz teve êxito. Em 2016 ele conseguiu a moradia para a mãe dele em Santo André, outra conquista do MTST. Só não pegou apartamento no condomínio João Cândido por problemas com a documentação da mãe. Ele fala com orgulho da conquista:

Quando saiu aqui (condomínio João Cândido no Taboão) era pra ela pegar, eu não consegui colocar ela porque meu pai era aposentado e eles estavam casados no papel. Aí dois anos depois, ou foi três, saiu em Santo André. Aí quem cuidava da minha mãe era minha irmã mais nova. Coloquei no nome da minha irmã mais nova pra tirar a minha mãe dali. Aí eu consegui colocar minha mãe. (Idem).

Quase dez anos de espera, mas finalmente sua mãe estava segura.

Luciano contou sobre o condomínio João Cândido. Por exigência do movimento, ex-acampados foram contratados para trabalhar na construção da futura moradia.

Fomos contratados antes de começar a obra. O terreno era aberto. Não tinha muro, não tinha nada no terreno. Então eu, Manoel Messias e o pai, Kiko, Gilson Negão e o Robson. A gente foi contratado pela Esecon pra cercar o terreno. Pra fazer mourão. Eu entrei como ajudante, depois passei pra porteiro. Foi carteira assinada. Eu entrei como ajudante, mas desde o começo, quando foi fechado com a Esecon, quando tivesse contratação, que uma parte seria dos acampados. (...) E a gente fez, cercou o terreno, construiu o escritório. E começou a contratação, daí entrou tanto acampado como coordenador. A gente chegou a ter mais de trinta companheiro

trabalhando na obra. Só não contratou mais porque, como a gente foi trabalhar com forma, não era bloco, porque a gente ia fazer dois apartamento por dia, ficava pronto dois apartamento todo dia. Então (...) veio um pessoal, acho que foi da Bahia que veio o pessoal. Veio pra trabalhar com as formas. O pessoal do acampamento ficou com elétrica, carpintaria etc. (Idem).

Além disso, o Programa Minha Casa Minha Vida - Entidades (MCMV – E) possibilitou que o movimento escolhesse a qualidade do material que seria usado na construção, que, por sua vez, foi adquirido na região (Jardim Salete – Taboão da Serra). Esta categoria do Programa MCMV tem prestações de até cem reais, segundo nosso entrevistado.

Luciano acredita que, mesmo em relação à base do movimento, não há consciência das razões dos atos do movimento: “Todo lugar que chega a gente tem que explicar que você tá ali, que a gente é trabalhador e que tá lutando por uma causa justa. Tem que fazer isso com a nossa base e tem que fazer isso com alguns dos nossos coordenadores” (Idem). Pensando nisso, os motivos da entrada do MTST na política vêm no sentido de elucidar quem são os sem-teto e quais são suas lutas:

Pra mim é basicamente isso. Tirar um pouco da carga do preconceito que a gente sofre. Entendeu? Mostrar pro pessoal que a gente tá ali, que não é vagabundo, o que a gente leva na cara. Pra mim tem muito disso nessa entrada pra política de tirar um pouco disso, desmistificar que a gente não é isso, que a gente tem direito. (...) Entendeu, então a gente tem esperança na política, mas a gente milita por uma mudança muito maior do que a gente tem hoje. Essa mudança é pequena, mas a gente conseguir conscientizar um parente já é difícil. Um parente que você sabe que tem a mesma criação que você, que sofre a mesma coisa que você. (Idem).

Ocupação e condomínio João Cândido na Imprensa

Dois anos após a ocupação Chico Mendes nota-se uma mudança na abordagem da mídia hegemônica acerca de uma ocupação do MTST. As notícias a seguir são do ano de 2007.

A primeira matéria do portal G1 sobre a ocupação consta do dia 17 de março, um dia após a entrada dos acampados no terreno. É uma matéria não assinada e tem como título “PM cerca acampamento dos sem-teto em Itapeverica da Serra⁸²”. O conteúdo está bastante explicado pelo título, trazendo no corpo da matéria a motivação da ação policial: controlar o acesso à ocupação e identificar os acampados. Assim como o posicionamento do movimento: impedimento de fornecimento de água e alimentos para os acampados que

⁸²Matéria disponível em <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL12021-5605,00-PM+CERCA+ACAMPAMENTO+DOS+SEMTETO+EM+ITAPECERICA+DA+SERRA.html>

estavam no terreno. Dados gerais do terreno e o posicionamento do proprietário estão já no terceiro parágrafo. Ao final da matéria é dado espaço para uma nota do movimento, na qual é denunciada o uso do aparato público, a Polícia Militar, para proteção de bem privado e a intenção da ocupação, qual seja, chamar atenção para o problema do déficit habitacional e o estado de abandono da população carente.

No site do G1 encontra-se uma matéria com o seguinte título “Como vivem os sem-teto acampados em Itapecerica da Serra (SP)⁸³”, datada de 22 de março e atualizada em 17 de maio. No subtítulo vem a informação do valor estimado do terreno (40 milhões). No segundo parágrafo, a jornalista escreveu: “Os sem-teto acampam desde sexta-feira (16) em um terreno de 1,3 milhão de metros quadrados no bairro Valo Velho, próximo a favelas e áreas de risco.” (BONADIO, Luciana. G1, 2007). Seria preocupação com a segurança dos acampados? A matéria ainda dá espaço para que a militância se expresse. Em dado momento a jornalista escreve sobre o dia a dia dos acampados na luta por moradia na ocupação. O trecho referente ao custo do material, um acampado desempregado reclama do aumento no preço da lona plástica. Sinal de aumento na procura. A matéria ainda cita o fornecimento de alimentação, as regras da ocupação acordadas em assembleia e a ideia de criação do espaço da ciranda.

O site do MST⁸⁴ informa a manutenção da ocupação João Cândido, em 27 de março, inclusive citando que a condução da ocupação estava com o MTST. O artigo cita detalhes do terreno, quantidade de famílias acampadas, alguns detalhes da negociação e pedido de reintegração de posse.

Em 05 de setembro o site do governo do Estado de São Paulo⁸⁵ informou que a Secretaria da Habitação e Prefeitura de Itapecerica da Serra firmaram acordo para que a CDHU construiria unidades habitacionais em dois terrenos que seriam doados pela prefeitura. A informação a seguir merece destaque:

O coordenador estadual do MTST, Guilherme Castro, disse que essa é a primeira vez que o movimento encontra um canal para negociação, em mais de dez anos de atuação. “A disposição do Governo Estadual de levar adiante os entendimentos e discutir com os movimentos de uma maneira séria e respeitosa é inédita. Gostaria de agradecer a abertura que nos foi dada pela Secretaria de Habitação para conversar. Posso afirmar que o encaminhamento dos trabalhos já começa a render frutos”, finalizou. (Idem).

⁸³Matéria disponível em <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL13005-5605,00-COMO+VI-VEM+OS+SEMTETO+ACAMPADOS+EM+ITAPECERICA+DA+SERRA+SP.html>

⁸⁴Matéria disponível em <https://mst.org.br/2007/03/27/sem-teto-mantem-ocupacao-em-sao-paulo/>

⁸⁵Matéria disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/secretaria-da-habitacao-e-prefeitura-de-itapecerica-da-serra-va-construir-moradias-para-familias-d/>

A matéria ainda inclui a informação que as famílias continuavam acampadas no terreno da Vila Calu e coloca como se o poder público estivesse à disposição para uma solução pelo diálogo; porém, em tom ameaçador, o secretário de Estado da Habitação e presidente da CDHU na época, Lair Krähenbühl, deixa bastante claro que não aceitaria “outro” tipo de manifestações, argumentando que o canal de diálogo estava aberto. É importante lembrar que este terreno da Vila Calu ainda não teve as obras iniciadas.

O site do *Le Monde Diplomatique*, em 08 de novembro desse mesmo ano, publicou a matéria de Philippe Reveli cujo título é “Os sem-teto às portas de São Paulo⁸⁶”. Aqui não há surpresas, uma vez que é esperado um conteúdo mais “favorável” à luta por moradia e aos movimentos sociais neste veículo. O texto é uma narrativa, não em formato de questionamentos, mas contando a trajetória daquela ocupação. Detalhes, como a fumaça proveniente do preparo do café da manhã, são comuns ao longo do texto como formas de humanizar o aglomerado de barracos. É descrita brevemente a história do movimento, vinculando seu surgimento ao déficit habitacional em área urbana, citando algumas ocupações realizadas pelo MTST, sem esquecer a nacionalização de suas ações. As dificuldades da atuação na periferia urbana também são citadas:

Mas o ambiente das favelas é complexo, a identidade é mais difícil de ser constituída aí do que em uma comunidade rural. O MTST sofre com a hostilidade das organizações criminosas, de seitas religiosas e dos políticos locais, que temem perder o controle de seu público de costume. (REVELI, *Le Monde Diplomatique*, 2007).

O jornalista não deixa de fora a reação agressiva das autoridades diante da ocupação em São Bernardo, no terreno da Volks, e a ocupação Chico Mendes. Além de descrever a entrada no terreno em Itapeccerica da Serra, também informa acerca das motivações de adensamento rápido de uma ocupação como esta, passando pela quantidade de imóveis vagos relacionado à quantidade de pessoas sem-teto na Região Metropolitana de São Paulo, complementando com as consequências das políticas neoliberais na população de baixa renda. Aborda também as diversas negociações que o movimento estava fazendo, assim como a organização interna da ocupação. Os objetivos formativos da ocupação também são apresentados através das palavras da coordenadora Helena do MTST, qual seja, formar novos dirigentes comunitários e formar as bases da construção do poder popular. A matéria se apresenta bastante completa e informativa, fugindo de estereótipos e cumprindo sua função de forma bastante ampla.

⁸⁶Matéria disponível em <https://diplomatique.org.br/os-sem-teto-as-portas-de-sao-paulo-2/>

As próximas notícias fazem referência à construção do condomínio João Cândido e datam do ano de 2014.

No site da Carta Capital, a matéria intitulada “MTST constrói moradias com as próprias mãos⁸⁷” de 10 de junho, informa no subtítulo a experiência do MTST de empregar os ex-acampados para construção das próprias moradias. A primeira informação da matéria é a história de um trabalhador e futuro morador do condomínio. Especificidades da modalidade Entidades do Programa MCMV vem logo abaixo. A matéria é bastante curta e pouco informativa no conteúdo.

No que diz respeito à entrega das chaves, entre os dias 20 e 22 de dezembro, quatro veículos publicaram matéria: Taboão em Foco⁸⁸ (que destaca a presença do então ex-presidente Lula na cerimônia), Rede Brasil Atual⁸⁹ (com muitas fotos da cerimônia, dos apartamentos e do prédio), Correio Brasiliense⁹⁰ (somente um parágrafo com destaque a uma fala do secretário de Habitação na época) e o site do Governo Federal⁹¹. Basicamente todas as matérias informam quantas unidades foram entregues, o tamanho delas, a estrutura dos prédios e o fato de serem oriundas do Programa MCMV – Entidades.

A mídia hegemônica, no período do recorte do trabalho, descreveu o MTST de forma a criminalizar suas ações, porém de forma exígua, não dando espaço para que o movimento fosse conhecido por suas reivindicações, mas pela forma difamatória que foi descrito. Nota-se um trabalho de apagamento e silenciamento da luta real do movimento ao mesmo tempo descrevendo de forma incriminatória nas poucas matérias disponíveis, com termos como “fábrica de ocupações”⁹² e “invasores”⁹³. Apenas uma matéria mais completa foi localizada no site G1⁹⁴ (já mencionada) que se propõe a descrever o cotidiano

⁸⁷Matéria disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradia-pelas-proprias-maos-2178/>

⁸⁸Matéria disponível em taboaoemfoco.com.br/mtst-entrega-as-chaves-para-192-familias-do-condominio-joao-candido-ex-presidente-lula-participada-festa/

⁸⁹Matéria disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/12/primeiro-minha-casa-minha-vida-com-gestao-popular-e-entregue-em-sao-paulo-4657.html>

⁹⁰Matéria disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2014/12/20/interna-brasil,462951/movimento-sem-teto-entrega-192-apartamentos-do-minha-casa-minha-vida.shtml>

⁹¹A página não está mais disponível. Matéria está nos anexos.

⁹² Matéria disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/como-funciona-a-industria-de-ocupacoes-do-mtst#:~:text=O%20MTST%20est%C3%A1%20estruturado%20em,o%20coordenador%20nacional%2C%20Guilherme%20Boulos.>

⁹³ Matéria disponível em <https://www.otaboanense.com.br/terreno-no-jd-helena-e-invadido-por-familias-do-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>

⁹⁴ Matéria disponível em <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL13005-5605,00-COMO+VI-VEM+OS+SEMTETO+ACAMPADOS+EM+ITAPECERICA+DA+SERRA+SP.html>

na ocupação João Cândido. Contudo, um texto que usa termos como “acampados” e “ocupação” tem como subtítulo informações sobre o valor do terreno e o tempo que o terreno estava ocupado. O único trecho destacado do texto aborda o proprietário do terreno e, mais uma vez, o valor. No corpo da matéria são descritas as mazelas da vida de quem mora em uma ocupação: as dificuldades para dormir embaixo de barracos de lona, os “banhos de gato” para descrever a higiene cotidiana e o mais curioso, um tópico descrito como “Casa própria” que não descreve os problemas estruturais para que a periferia acesse esse direito, em contrapartida insiste nas dificuldades da vida na ocupação. Uma propaganda negativa não tão explícita.

Ana Paula

Ana Paula Perles é militante do MTST desde 2005. Na altura era estudante de Universidade e morava no interior do Estado de São Paulo. Hoje aos quarenta anos faz parte da coordenação nacional do MTST. Ela reitera a importância da ocupação Chico Mendes para a história do MTST, afirmando que este seria um fôlego depois de despejos violentos e desvinculação com o MST e destacando a permanência no terreno, quebra de liminares, a conquista de auxílio aluguel e a organização dos ex-acampados em núcleos.

Acerca do trabalho de base no intuito de cadastrar famílias para a ocupação, além de informar sobre a luta por moradia, direitos etc., Ana aponta a necessidade de diversificação da formação voltada para os acampados. Citando a memória histórica da população a respeito de invasões com despejos violentos por parte da polícia, a formação apenas não seria suficiente para convencer as pessoas a participarem da ocupação. O fator “ver para crer” faz a diferença, principalmente quando o carro de som percorre o entorno da ocupação chamando as pessoas. Para além da informação prévia, a estrutura da ocupação fornece uma “ruptura completa do cotidiano⁹⁵” (nas palavras da entrevistada) dos acampados. A formação através de curso sistematizado, um pouco mais formal, é limitar o potencial da experiência de “romper com vários sentidos comuns” (Idem) dando condições para criação de “novas sociabilidades, experimentar novos sentimentos” (Idem), possibilitando uma consciência de classe que o dia a dia não alcançaria. A participação na coordenação, que alcança, esta sim, formações sistematizadas é mais uma possibilidade, uma escolha. As formações de massa são as assembleias, as festividades; as

⁹⁵Informação verbal fornecida por Ana Paula em entrevista no dia 18 de agosto de 2023

comemorações complementam as outras. O alcance das formações nas assembleias pode ser medido nos atos que são anunciados nelas, por exemplo. Para além da presença que este acampado terá ao ir para o ato, a massificação mostra que ele realmente compreende a necessidade. A entrevistada ainda aponta para o encantamento que grandes atos produzem nos acampados, principalmente nos recém-chegados, o sentimento de força coletiva, o poder da conquista pela união. A presença se torna apenas um detalhe. A finalidade é maior. Anotar a presença dessas pessoas nos atos e assembleias é comparado à presença dos alunos em sala de aula. É a comprovação, é o que sistematiza, formaliza o acesso à moradia no final do processo. É, ao fim e ao cabo, o critério para alcançar as unidades do MCMV – Entidades e a “forma ter algum controle social do movimento” (Idem).

A entrada para a política institucional foi um processo longo. Aos poucos, conforme o movimento foi ganhando notoriedade e conquistas, o debate eleitoral foi se impondo internamente. Qual candidato apoiar em cada local de atuação? De seminário em seminário, de debate em debate, o assunto foi sendo elaborado, principalmente levando em consideração a ausência de programas habitacionais no cenário político. Este último aspecto, aliado ao crescimento do movimento entre 2013/2014, ampliaria o debate na instância nacional do movimento. Guilherme Boulos já era visto como uma liderança forjada como sem-teto, dentro da negociação e organização de ocupação. Até que em 2018, depois de um convite do PSOL⁹⁶, a decisão foi tomada. Nas palavras da entrevistada “a gente tem que ter uma nova escola de pensamento, a gente tem que ter uma nova escola política de como fazer as coisas, de como negociar as coisas, de acabar com o balcão de troca” (Idem). Esse exercício de abertura para a política, de concorrer a cargo eletivo, trouxe outras necessidades e projetos, como o movimento de mulheres, o movimento de negros e negras e o movimento LGBT⁹⁷. A disputa eleitoral se mostrou um novo desafio com suas próprias regras, bastante distintas daquelas já apreendidas. Uma nova etapa teve início, agora a construção de um grupo, uma corrente, dentro do PSOL.

⁹⁶ Partido Socialismo e Liberdade

⁹⁷ Esta foi a sigla adotada pelo movimento na ocasião.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho originou-se com a hipótese de um desenvolvimento econômico aliado à aquisição de consciência social fomentado pela atuação do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, em especial nas ocupações Chico Mendes e João Cândido e na construção do condomínio João Cândido, especificamente de 2005 a 2008 e de 2012 a 2014. O início do trabalho procurou definir o conceito de movimento social e, especificamente, de caráter socialista. Compreendeu-se que a mudança organizativa na experiência Chico Mendes, apostando em uma formação cultural contínua, atos/manifestações mais incisivos (como acorrentamento e greve de fome), pressão por auxílio moradia e manutenção da base cadastrada em núcleos após a saída do terreno, não teria sido possível sem a estrutura hierarquizada, porém democrática, que o MTST possuía. A instância deliberativa (coordenação estadual) foi decisiva para a tomada de decisões de forma rápida. Considerando, logicamente, o acúmulo de experiências herdadas do MST que, em certa medida, precisou adaptar-se ao meio urbano, passando pelos ajustes já relacionados, culminou em uma ação mais experiente em 2005. Algumas iniciativas adotadas na época precisaram ser revistas, como as formações em assembleias para acampados. Como dito pela entrevistada Simone, pouco ou quase nada conseguia ser compreendido numa ocupação com 800 famílias (caso da Chico Mendes), em maior dificuldade com 3 mil (caso da João Cândido). As formações específicas nas cozinhas de cada grupo de barracos tiveram um maior potencial. Enquanto as formações mais sistematizadas eram oferecidas para coordenadores e militantes (seguindo a escolha individual de participação), a maior parte da base do movimento se formava no dia a dia da ocupação.

Contudo, não podemos ignorar as condições políticas das ocupações, que aconteceram sob governos federais progressistas, que implantaram políticas de redistribuição de renda, com índices claros de crescimento econômico, além de diminuir a pressão social sobre os movimentos sociais, dando abertura para diálogo com esses movimentos. Porém, sem a ação direcionada para reconhecimento da sua relevância na luta por moradia, é muito provável que o movimento não tivesse o destaque que conquistou ao longo dos últimos anos. Em outras palavras, não bastam tempos favoráveis sem esforço, construção e ações coordenadas. As “vitórias” atraíram mais militantes para uma organização que, segundo Ana Paula, tinha cerca de sete pessoas na altura da primeira ocupação estudada. A ampliação do quadro possibilitou que o movimento atuasse em diversas áreas ao mesmo tempo. É certo que, durante o período da ocupação João Cândido,

o movimento também mantinha outras ocupações (como a Silvério de Jesus), inclusive no interior do Estado de São Paulo (onde Ana Paula informou atuar no período) e participava de outras iniciativas, como a Periferia Ativa, entre outras.

O histórico de derrotas, anterior às ocupações estudadas, apontam, assim como informaram Simone e Ana Paula nas entrevistas, que o MTST se encontrava em um momento delicado de sua história. Dependia dos resultados obtidos na Ocupação Chico Mendes a continuidade da existência do próprio movimento. Este fato explicaria o empenho em manter os acampados interessados e engajados; o ímpeto de complexificar a experiência dos acampados com toda sorte de atividades culturais e formativas, colocando em prática o repertório contencioso em toda a sua dramaticidade, com acorrentamentos e greve de fome, marchas gigantescas e o rigor da disciplina imposta no acampamento (não podemos esquecer da tentativa de criminalização do movimento na ocasião do assassinato de um jornalista na porta da ocupação).

O fomento à cultura nas ocupações estudadas nos remete ao pensamento de Samir Amim, que aponta para a valorização da cultura original, popular, para a superação da bolha imposta pela ideologia dominante. O acesso à atividades teatrais e pedagógicas, valorização de festividades ligadas à cultura popular, as conversas em volta da fogueira que permitem uma certa catarse e aproximação empática entre os acampados, assim como o trabalho em prol do coletivo como na cozinha, na infraestrutura (erguendo barracões coletivos, ciranda e mais atualmente, horta urbana), a preocupação com a segurança e organização do acampamento através do setor de disciplina (atualmente auto defesa), e mesmo a solidariedade no auxílio a outras famílias para a construção de seus barracos. Essas atividades, sendo construídas e praticadas pelos próprios acampados, fomentam o conhecimento na ação, não apenas na forma de leitura e debate, compondo a formação contínua e ativa do dia a dia da ocupação, que abrange também a construção de uma ligação afetiva e de confiança entre movimento e acampados, necessária para validar, entre os acampados, os atos e as manifestações. Aspectos, obviamente, não quantificáveis, mas que marcam a vida dessas pessoas. Tanto Simone, quanto Luciano apontam para a mudança de visão de mundo que adquiriram nas ocupações e na militância. Lembrando que uma mudança abrangente e estrutural, que possa rivalizar e até superar a ideologia dominante, precisaria de estrutura muito maior e atuação em larga escala (ensino, cultura, mídia, consumo, costumes etc.).

Acerca dos aspectos econômicos, fica evidente um aumento do consumo no entorno da ocupação, remetendo à entrevista de Simone, que aponta o comércio efervescente no entorno da ocupação João Cândido, e a “inflação” do material necessário para a construção dos barracos, como a lona. A distribuição de alimentos e a moradia em barracos (durante o período de acampamento) indica um excedente que será empregado em outras formas de consumo. Não se trata de grande quantidade e, por isso, não aparece nos dados oficiais. Porém, não deixa de ser sentido no comércio local, caracterizando um crescimento econômico na microesfera do entorno. A oferta de auxílio aluguel, da mesma forma, proporciona certo crescimento econômico, gerando renda para proprietários dessas moradias alugadas e possibilitando um respiro para que contemplados pelo auxílio possam abrigar suas famílias e buscar trabalho. Da mesma forma, a contratação dos acampados na construção do condomínio gerou renda e consumo tanto na região da construção (com alimentos e transporte), quanto nas regiões onde esses trabalhadores residiam. Neste último, foram garantidos dois anos de contrato com a construtora. A aquisição de materiais para a construção do condomínio no próprio bairro também aponta para esse crescimento econômico, também presente no consumo que essas famílias, já moradoras do condomínio, passam a fazer. Luciano ainda acrescenta que os mesmos acampados que trabalharam na construção, ofereceram serviços de marcenaria, elétrica e hidráulica para os moradores após a entrega das chaves. Este crescimento pode ser observado, inclusive, no aumento da oferta de transporte público especificamente na região do condomínio⁹⁸. Como apontado no capítulo 2, a localização do condomínio em um distrito industrial também nos remete à oferta de mão de obra próxima à indústria, diminuindo o tempo gasto com transporte e aumentando a qualidade de vida destes trabalhadores.

Os dados oficiais mostraram um crescimento econômico com indício de melhoria na qualidade de vida através dos dados acerca da educação e de mortalidade infantil de uma forma geral (Federação, Estado e Municípios estudados). Como dito anteriormente, o período coincide com governos progressistas (principalmente no âmbito federal) e o impacto das políticas sociais adotadas, não caracterizando um demonstrativo específico das ações do movimento.

Outro ponto da hipótese seria acerca da motivação da entrada para a política institucional, estimulada pela busca em projetar, se não completamente, mas parte dos

⁹⁸ O periódico Taboão em foco noticiou aumento da oferta de transporte público (ano de publicação 2019) <https://taboaoemfoco.com.br/linha-do-condominio-joao-candido-ao-metro-campo-limpo-ganha-mais-viagens/>

resultados das ações do movimento para uma parcela maior da população. A eleição de duas lideranças do movimento em 2022 aponta nesta direção. Guilherme Boulos na Câmara Federal conseguiu apoio para o projeto de cozinhas solidárias, iniciado em 2021 pelo MTST⁹⁹, que visa distribuição gratuita de alimento para a população mais vulnerável e/ou em situação de rua. E Ediane Maria na Câmara Estadual luta junto ao governo do Estado de São Paulo pela aprovação do Projeto de lei de sua autoria, Casa da Doméstica¹⁰⁰, que seriam locais instalados nos municípios do Estado com o intuito de dar acesso à informações sobre direitos trabalhistas e assessoria jurídica. Estes são apenas dois exemplos da atuação deles no Parlamento. Porém, as entrevistas realizadas apresentaram outras justificativas para esta abertura política. A motivação seria dar mais visibilidade para o movimento, atraindo mais militantes e quebrando estigmas. De todo modo, o Partido Socialismo e Liberdade é citado nas entrevistas por ser o que mais se relacionou politicamente com o movimento, criando laços desde muito antes da decisão de ingressar na política institucional. Contudo, é importante ressaltar que a luta por moradia é suprapartidária. Diversos partidos, historicamente, estiveram envolvidos com esta pauta, inclusive aqueles dos prefeitos, governadores e presidente que realizaram acordos com o movimento para a construção do condomínio João Cândido.

Fica bastante claro que as ações do MTST são movidas pela utopia da justiça social. Seja algo presumivelmente alcançável, como a reforma urbana, projetando na convivência coletiva dentro da ocupação a mudança de consciência (sobre si mesmos e a sociedade/classe), ou fomentando questionamentos acerca da ideologia dominante e intencionando combatê-la. E dentro da contradição ética produzida, partem para o debate sobre os dois pesos e duas medidas do uso do que não lhes pertence. Se é errado invadir o que é dos outros, por que os mais ricos têm permissão¹⁰¹ para isto? Aqui cabem diversos exemplos, desde grilagem a construções irregulares¹⁰² que não tem relação com direito à moradia e dignidade humana. A população pobre e vulnerável, que compõe a base do movimento, destituída de muitos direitos (inclusive do conhecimento desses direitos) se vê acolhida e encontra parceria numa luta que sozinhos muito provavelmente não travariam,

⁹⁹ Matéria disponível em <https://www.anf.org.br/mtst-lanca-campanha-para-abrir-16-cozinhas-solidarias-no-brasil/>

¹⁰⁰ Matéria disponível em <https://www.reporterdiario.com.br/noticia/3303459/deputada-conclama-mobilizacao-para-o-pl-casa-da-domestica-ser-aprovado/>

¹⁰¹ Um pouco sobre este tema pode ser lido nesta matéria do jornal Valor Econômico: <https://valor.globo.com/opiniao/coluna/anistia-a-invasao-de-terras-publicas.ghtml>

¹⁰² Um exemplo é o terreno invadido por João Dória em Campos do Jordão: <https://oglobo.globo.com/politica/justica-manda-doria-devolver-area-publica-invadida-em-campos-de-jordao-20164524>

mesmo porque, como pontuou Vasquez, a ideologia dominante faz seu papel no controle das informações que chegam para a maioria da população. É muito provável que, não fosse por moradia, boa parte dessa base não entraria para um movimento social, por desconhecimento ou até mesmo preconceito. Então, a luta por moradia é o subterfúgio para que uma mudança maior seja construída. A construção do poder popular.

Há o fato de a ocupação não ser algo isolado da comunidade em volta dela, vivendo as questões e contradições do entorno, mesmo havendo uma organização política exógena que está o tempo todo tentando construir um laço com esta comunidade. Para tanto, busca apoiar iniciativas locais, como mais vagas em creches, contratação de médicos nos postos de saúde, criação de linhas de transporte público, assessoria jurídica (como no caso da ocupação onde Simone morava antes de conhecer o MTST), parceria com lideranças locais como na Periferia Ativa (citada no capítulo 2). O exposto demonstra a busca por ampliação de influência e capital político, levando o projeto de reforma urbana e construção de poder popular para além das ações próprias do movimento. Mesmo o método de pontuação (presença) em atos e assembleias do movimento para ter acesso à moradia, pode ser lido como parte deste esforço, uma vez que, durante quase 10 anos (no caso da ocupação Chico Mendes) o acampado precisou participar de diversas atividades e ouvir inúmeras assembleias para ter este acesso, caracterizando um processo “meritocrático”, já que não basta a pessoa erguer seu barraco de lona e nunca mais participar da luta, pois essa mesma luta possibilitará a aquisição da moradia. Acerca deste ponto, precisa ficar claro que o campo de atuação, a sociedade brasileira, tem uma formação capitalista (como explicitado por Cueva) de base colonial dependente econômica e culturalmente. Para atuar neste cenário, há a necessidade de adequar alguns métodos para legitimar a conquista.

É importante pontuar que a massificação não favoreceu um processo de consciência de classe, mesmo porque não é com este objetivo que as pessoas entram em uma ocupação. Como já esclarecido, a formação é individual, não sendo controlável por parte do movimento o que esses acampados vão absorver durante o processo. Podemos pensar que seja certo que, pelo menos, acerca do direito à moradia e a luta justa expressa na ocupação, sejam compreendidos. Mas, segundo Luciano, mesmo alguns acampados da ocupação Chico Mendes ainda questionam sobre a natureza ética das ocupações.

As matérias de imprensa mostram uma evolução da forma como as atuações do movimento são retratadas. Da criminalização, como na ocupação do terreno da Volks, à

descrição da realidade das famílias acampadas, mostra que a mudança de atuação, assim como o aumento da relevância política, surtiu efeito. Mas isso não quer dizer que o estigma foi superado. O movimento, por mais que suas ações sejam reconhecidas como justas, continua sendo marginalização, mesmo que nas entrelinhas. O que demonstra que a ideologia dominante não abaixa suas barreiras para o que pode trazer consciência de classe. Por outro lado, a institucionalização do MTST também atua neste aspecto, permitindo uma presença mais constante e a (tentativa de) quebra do estigma de vagabundo, invasor, arruaceiro etc.

Por fim, para alcançar o desenvolvimento econômico, segundo Furtado, há a necessidade do fomento à industrialização, investimento do excedente em território nacional, importação de tecnologias para fabricação em território nacional (não apenas o consumo destes produtos finais importados) etc. Contudo, para além dos aspectos puramente econômicos, há aqueles socioculturais, como escolarização objetivando especializar a mão de obra para atuação na indústria, a universalização do acesso aos bens culturais, condições dignas de moradia e de vida, oferta de empregos e lazer etc. Todos esses aspectos perpassam pela política, que seria a fomentadora deste processo. Enquanto movimento social, não está acessível alcançar as mudanças econômicas. Porém, concluímos que as ações do movimento, além de promover um crescimento econômico local, também fomentam os aspectos sociais do desenvolvimento econômico (como apontou Furtado). Além disso, com o ingresso de militantes na política institucional, está clara a intenção da ampliação dos resultados das ações da microesfera da ocupação para uma parcela maior da sociedade, mesmo considerando todos os entraves que as contradições das relações humanas impõem.

7. BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Angela. A política das ruas: Protesto em São Paulo de Dilma a Temer. *Novos Estudos – CEBRAP, Especial*, jun. 2017, p. 49 – 58. São Paulo.
- _____. O abolicionismo como movimento social *Novos estudos CEBRAP*, 115-127, 2014.
- _____. Teorias dos movimentos sociais: balanço do debate. *Lua Nova*, 2009, no. 75. 2009.
- _____; MISCHÉ, Ann. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. *Bulletin of Latin American Research*, v. 36, n. 2, p. 144-159, 2017.
- AMIN, Samir. *O Desenvolvimento Desigual*. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1976.
- _____. *Imperialismo e desenvolvimento desigual*. São Paulo, Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1987.
- BARBORA, Itaquê Santana. *O Estado e a Produção Habitacional Pública*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2008.
- BARBOSA, W. A História Econômica como Disciplina Independente. Universidade de São Paulo, Departamento de História, 1988.
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. *Teoria e Empiria*. São Paulo, DH-FFLCHUSP, 1988.
- BETTELHEIM, Charles. *Planificação e Crescimento Acelerado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- BIANCONI, Renata; COUTINHO, Maurício C. O desenvolvimento como processo de mudança cultural: as conexões entre excedente e estruturas sociais na visão de Celso Furtado. In: *Revista Nova Economia*, vol 29, nº especial. Minas Gerais: 2019. p. 1141-1169.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. Atualidade da política cultural de Celso Furtado: *A propósito do depoimento à Assembleia Constituinte*. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (org.). *Conceito de cultura em Celso Furtado*. Edufba, 2015.

BOSCHI, Renato. *A arte da Associação. Política de base e democracia no Brasil*. RJ, Luperj/Vértice, 1987.

BOULOS, G. *O MTST é mais que um movimento de moradia*. São Paulo, 2006.

_____. *Por que Ocupamos?*. São Paulo. Scortecci Editora, 2012.

BRETON, Philippe. *A Utopia da Comunicação*. Trad. de Serafim Ferreira; Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

CAMARGO, Camila Moreno. *Minha Casa Minha Vida Entidades: entre os direitos, as urgências e os negócios*. Tese de Doutorado, IAU-USP. São Carlos: 2016. Orientação de Cibele S. Rizek.

CAMPELLO, Tereza; NERI, Marcelo Côrtes. *Bolsa Família – uma década de inclusão e cidadania*. Brasília, IPEA, 2013.

CARDOSO, Ciro Flammarion, *Uma Introdução à História*. Rio de Janeiro, Campus, 1989.

CEPÉDA, Vera Alves. *O pensamento político de Celso Furtado: desenvolvimento e democracia*. In: GESHAL, Grupo de Estudios de Sociología Histórica de América Latina Compilador/a o. e-l@tina. *Revista electrónica de estudios latinoamericanos* (Vol. III no. 9 oct-dic 2004).

Constituição da República Federativa do Brasil : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CUEVA, Agustín. *Autoritarismo y fascismo em América Latina*. Centro de Pensamiento Crítico, Série: Cuadernos Políticos nº 2. Editorial Gallo Rojo, Quito – Ecuador, 2013.

DIANI, Mario. *Revisando el concepto de movimiento social*. Encrucijadas. *Revista Critica de Ciencias Sociales* no9, 2015, r0902.

FARAGE, Eblin Joseph; DA SILVA BRITO, Felipe Mello; PEREIRA, Guilherme Simões. Movimentos Sociais urbanos e o direito à cidade: a experiência do MTST na conquista e ampliação da política pública de direito à moradia. *Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social*, v. 1, n. 1, 2015.

FERNANDES, Florestan. “Notas sobre o fascismo na América Latina”. **Poder e contrapoder na América Latina**, v. 2, p. 33-58, 2015.

FROTA, Henrique Botelho; BAZZOLI, João; ARRUDA, André Felipe Soares. Entrevista com Guilherme Boulos. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, v. 6, n. 2, 2020.

FURTADO, Celso. A Invenção do Subdesenvolvimento. In: *Revista de Economia Política*, vol 15, nº 2 (58). São Paulo: 1995. p. 05-09.

_____. *Brasil: a construção interrompida*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1992.

_____. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2009.

_____. *Formação Econômica do Brasil*. Editora Universidade de Brasília. 1963.

_____. *O Longo Amanhecer*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.

_____. *O Mito do desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

_____. Os Desafios da Nova Geração. In: *Revista de Economia Política*, vol 24, nº 4 (26). São Paulo: 2004. p. 483-486.

_____. *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GOLISZEK, Andrew. *Cobaias Humanas*. Tradução de Vera de Paula Assis; Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GOULART, Débora. *O Anticapitalismo do MTST*. Marília: UNESP, 2011.

_____. *Do barracão à nacionalização: o Movimento dos Trabalhadores Sem- Teto – MTST como proposta de poder popular e resistência ao neoliberalismo*, Sumaré: Cadernos Cemop, 2012.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume 5. Civilização Brasileira, RJ.

GUARITÁ, Gabriela Darini. O valor do dinheiro no tempo: uma avaliação de empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida-Faixa 1. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GUERREIRO, Isadora Andrade. Habitação a contrapelo: as estratégias de produção do urbano dos movimentos populares durante o Estado Democrático Popular. Tese doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

HOBBSAWM, E. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JACOBY, Russell. O Fim da Utopia. Trad. De Clóvis Marques; Rio de Janeiro: Record, 2001.

KEVLES, Daniel J. In the Name of Eugenics: Genetics and the Uses of Human Heredity. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2004.

KEYNES, John Maynard. “Perspectivas Econômicas para os Nossos Netos”. In: NAPOLEONI, Claudio (org.). O Futuro do Capitalismo. Trad. de Carlos Nelson Coutinho; Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MANUEL, Frank E. y MANUEL, Fritzie P. El Pensamento Utópico en el Mundo Occidental. Trad. de Bernardo Moreno Carrillo; Madrid: Taurus, 1984.

MARX, K. O Capital: Crítica da Economia Política. Livro III. São Paulo:

Abril Cultural, 1988 (1894).

MIAGUSKO, E. *Movimentos de moradia e sem-teto em São Paulo: experiências no contexto do desmanche*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2008.

MINOIS, Georges. História do Futuro: Dos Profetas à Prospectiva. Trad. De Serafim Ferreira; Lisboa: Teorema, 2000.

NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento. Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, v. 22, n. 2, p. 185-191, 2012.

NUNES, José Horta. Cidade Dormitório. UNICAMP. <https://www.labeurb.unicamp.br/indici/index.php?r=verbete%2Fview&id=242>

OLIVEIRA, Nathalia Cristina et al. Os movimentos dos sem-teto da Grande São Paulo (1995-2009). 2010.

Pinheiro, Jair. Política e Cultura: uma interpretação da experiência do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). In: JOHNSON, Guillermo Alfredo; SILVA, Ilse Gomes; SILVA, Berenice Gomes da (Organizadores). Democracias, lutas e movimentos sociais Latino-América entre teorias e práticas. — São Luís: EDUFMA, 2019.

POPPER, Karl R. Conjecturas e Refutações. Trad. de Sérgio Bath; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

RICOEUR, Paul. Ideologia e Utopia. Lisboa: Edições 70, 1991

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. Entre a Realidade e a Utopia: Ensaio sobre Política, Moral e Socialismo. Trad. de Gilson B. Soares; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SALLUM Jr., Brasília. Crise política e impeachment, Novos estudos Cebrap, Edição 105, Volume 35, no 2 – Julho de 2016ss, 2008, p 31-61.

SILVA, Simone da Conceição. A Atualidade da Criminalização Produzida sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto – MTST: o Caso do Acampamento Chico Mendes. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, 2014.

SIMÕES, Guilherme; CAMPOS, Marcos; RAFAEL, Rud. MTST – 20 anos de história. Luta, organização e esperança nas periferias do Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

SOUZA, L. A História Econômica como Interdisciplina Interdependente. Revista Controversa 08, FEA – USP, agosto de 1996, pp. 28 – 33.

SOUZA, L. A importância dos Métodos Quantitativos na História Econômica. FFLCHUSP, NPEA – FICS, 2002. presente em

<http://nepheusp.googlepages.com/ousodemtdosquantitativosnahistoriaeconomica.pdf>.

TEDESCO, Marina Cavalcante. A contribuição do cinema militante em processos de construção de identidades e territórios no contexto da MetrÓpole: o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto na periferia de São Paulo. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

THUILLIER, Pierre, *De Arquimedes a Einstein: A Face Oculta da Invenção Científica*. Trad. de Maria Inês Duque-Estrada; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994

TILLY, Charles. *Contentious performances*. Cambridge Univ. Press, 2008.

https://issuu.com/mtsemteto/docs/mtst_cartilha

Sites Oficiais

<https://ibge.gov.br/>

<https://metadados.ibge.gov.br/consulta/estatisticos/variaveis>

<https://municipios.seade.gov.br/>

<https://repositorio.seade.gov.br/dataset/pib-municipal-2002-2018>

<https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil>

Notícias e matérias

http://becosevielasz.blogspot.com/2005/12/mtst-inicia-greve-de-fome_21.html

<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2005-10-09/reforma-urbana-e-principal-objetivo-de-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto>

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI199330-15223,00-UMA+FAMILIA+NO+GOVERNO+LULA.html>

<http://taboaoemfoco.com.br/mtst-entrega-as-chaves-para-192-familias-do-condominio-joao-candido-ex-presidente-lula-participada-festa/>

<http://usina-ctah.org.br/>

<https://abrasco.org.br/site/noticias/institucional/especial-abrasco-sobre-o-aumento-da-mortalidade-infantil-e-materna-no-brasil/36777/>

<https://br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos.html>

<https://br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>

<https://cartacapital.com.br/sociedade/moradia-pelas-proprias-maos-2178/>

<https://cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Ocupacao-Chico-Mendes-acaba-apos-8-meses-sob-forte-emocao/5/10639>

<https://consorcioabc.sp.gov.br/pagina/82/municipios-consorciados/sub-pagina/5/#:~:text=O%20Grande%20ABC%20est%C3%A1%20inserido,e%20Rio%20Grande%20da%20Serra.>

<https://correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2014/12/20/interna-brasil,462951/movimento-sem-teto-entrega-192-apartamentos-do-minha-casa-minha-vida.shtml>

<https://diplomatique.org.br/os-sem-teto-as-portas-de-sao-paulo-2/>

<https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/10/10/crise-financeira-colapso-que-ameacou-o-capitalismo.htm>

<https://esecon.com.br/produto.php?id=35&uri=condominio-joao-candido-a&menu=35>

<https://fea.usp.br/economia/noticias/balanco-da-economia-brasileira-um-olhar-sobre-os-anos-de-2003-2016>

<https://folha.uol.com.br/folha/dimenstein/comunidade/gd030505b.htm>

<https://folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2407200305.htm>

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2013/03/2012-foi-ano-de-crise-mas-economia-ja-esta-acelerando-diz-mantega.html>

<https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL12021-5605,00-PM+CERCA+ACAMPAMENTO+DOS+SEMTETO+EM+ITAPECERICA+DA+SERRA.html>

<https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL13005-5605,00-COMO+VIVEM+OS+SEM-TETO+ACAMPADOS+EM+ITAPECERICA+DA+SERRA+SP.html>

<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/zona-especial-de-interesse-social-zeis/>

<https://gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/habitacao/mcmv-entidades-1/sobre-o-mcmv-entidades#:~:text=O%20MCMV%2DEntidades%20tem%20como,espa%C3%A7o%20urbano%20de%20nossas%20cidades>

<https://jornalspreporter.com.br/noticia/4784/taboa-da-serra-voce-sabe-o-que-significa-o-nome-cemur>

[https://labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=242 \)](https://labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=242)

<https://mst.org.br/2007/03/27/sem-teto-mantem-ocupacao-em-sao-paulo/>

<https://otaboanense.com.br/terreno-no-jd-helena-e-invadido-por-familias-do-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>

<https://otaboanense.com.br/terreno-no-jd-helena-e-invadido-por-familias-do-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>

<https://redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/12/primeiro-minha-casa-minha-vida-com-gestao-popular-e-entregue-em-sao-paulo-4657.html>

<https://redebrasilatual.com.br/cidadania/mtst-denuncia-assassinato-de-militante-pela-pm-de-minas-gerais/>

<https://redebrasilatual.com.br/cidadania/primeiro-minha-casa-minha-vida-com-gestao-popular-e-entregue-em-sao-paulo-4657/>

<https://reporterbrasil.org.br/2006/01/comunidade-chico-mendes-e-mais-uma-vez-ameaçada-de-despejo/>

<https://revistaforum.com.br/news/2012/2/8/cooperifa-uma-historia-de-amor-periferia-3830.html#:~:text=Institu%C3%ADmos%20o%20%E2%80%9CPr%C3%AAmio%20Cooperifa%E2%80%9D%20para,num%20lugar%20melhor%20para%20viver>

<https://saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/secretaria-da-habitacao-e-prefeitura-de-itape-rica-da-serra-vaao-construir-moradias-para-familias-d/>

<https://valor.srv.br/artigo.php?id=228&titulo=salario-minimo-nacional-brasil-tabela-valores>

<https://veja.abril.com.br/brasil/como-funciona-a-industria-de-ocupacoes-do-mtst>

<https://vermelho.org.br/2007/03/31/cinco-mil-sem-tetos-vaao-as-ruas-de-sp-e-conquistam-habitacao/>

<https://youtube.com/watch?v=npU1H1nTsa0>

8. ANEXOS

Matéria Sobre A Entrega Das Chaves Oriunda Do Site Do Governo Federal, Tirada Do Ar.

BRASIL

A+ A- CONTR

[Página inicial](#) [Notícias](#) [Famílias de Taboão da Serra \(SP\) recebem moradias do MCMV](#)

[O que é RSS?](#)

Famílias de Taboão da Serra (SP) recebem moradias do MCMV

22 de Dezembro de 2014

Mais de 190 famílias residentes em Taboão da Serra (SP) receberam no sábado (20/12) as chaves da casa própria. As moradias foram construídas com recursos do programa Minha Casa, Minha Vida. A família de Airton Santos, 44, é uma das beneficiadas pelo programa e irá morar em uma das unidades da primeira etapa do condomínio João Cândido.

"Desde que cheguei em São Paulo, eu venho pagando aluguel. Atualmente pago R\$ 400 e aqui pagarei somente 5% desse valor", comemora Airton. Ainda sem planos para o dinheiro que sobrar, o aposentado conta a dificuldade enfrentada pelos Sem-Teto. "Dormi várias vezes na chuva, em acampamento e passei por enfrentamento (policial). Essa vitória foi através de luta", lembra.

Os apartamentos são divididos entre dois e três quartos, com áreas entre 54 m² e 63 m² e foram construídos sob a supervisão do MTST e da Associação Esperança de um Novo Milênio. O coordenador nacional do MTST Guilherme Boulos destaca a qualidade das novas residências. "Estamos fazendo o apartamento maior com o mesmo recurso (utilizado em outros empreendimentos). Isto não é mágica. Significa que não houve preocupação com lucro e sim com a qualidade", diz.

Dividido em cinco etapas, o conjunto residencial terá 1.100 unidades. Além das 192 que foram entregues neste sábado, outros 908 apartamentos estão com a construção em andamento em mais quatro conjunto de prédios - o João Cândido B e os Chico Mendes A, B e C. De acordo com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, os beneficiados contemplados nesta primeira fase são moradores de Taboão da Serra, Itapeverica da Serra e da zona sul de São Paulo.

Os apartamentos custaram R\$ 96 mil reais, cada. As mensalidades de, no máximo, R\$ 80 reais, variam de acordo com a renda do beneficiado. Dos 192 apartamentos entregues, 10 são adaptados para pessoas com deficiência. O condomínio possui playground, salão de festas e 64 vagas de garagem.

MCMV Entidades

O Programa Minha Casa, Minha Vida – Entidades foi criado em 2009, com o objetivo de tornar a moradia acessível às famílias organizadas por meio de cooperativas habitacionais, associações e demais entidades privadas sem fins lucrativos.

O programa, ligado à Secretaria Nacional de Habitação do Ministério das Cidades, é dirigido a famílias de renda familiar mensal bruta de até R\$ 1,6 mil e estimula o cooperativismo e a participação da população como protagonista na solução dos seus problemas habitacionais.

Com informações da Agência Caixa de Notícias

Entrevista Concedida Por Simone

Transcrição de entrevista

Realizada em 28/02/2023

Local: online

Entrevistado: Cleik Simone de Souza Silva

Responsável pela transcrição: Luana Roma Gonçalves

Luana: Poderia me falar qual o seu nome, idade, como você entrou no movimento e desde quando você está nele?

Simone: Vamos lá, meu nome é Cleik Simone de Souza Silva. Eu tenho 44 anos, na próxima semana já faço 45, no dia 8 de março que é o Dia Internacional da Mulher, que foi o dia maravilhoso que eu estreei no mundo. E, eu tô no movimento desde 2005. Eu entrei no MTST em 2005.

Luana: E você entrou pela luta por moradia ou pela militância?

Simone: Olha, quando eu entrei no movimento foi em busca por moradia. Na real eu morava num local que já era uma ocupação. E até aquele momento eu entendia como invasão, né. Então eu falava, as pessoas perguntavam 'onde você mora', eu falava 'numa invasão'. O local era pra ser um posto de saúde, de dois andares, um local assim bem grande, e ficou 20 anos praticamente ocioso. E o próprio segurança do local não tinha onde morar com a namorada que tava grávida, chamou a namorada pra morar lá, a namorada chamou uma amiga, e foram chamando as pessoas, no final nós éramos já 69 famílias. E nesse mesmo ano não, eu fui morar lá, em 97. Aí eu fiquei 97, 98, 99, 2000 até 2005, foi quando eu conheci o movimento que nós estávamos com a ordem de despejo. Em 2005 o MTST fez a ocupação dele aqui em São Paulo, no Taboão da Serra. Eu fiquei sabendo dessa ocupação, tipo toda torta a forma que chegou pra mim, é que tava rolando uma invasão no Taboão que as pessoas que estivessem dentro do terreno, o prefeito ia dar material pra cada um construir sua casa. Eu corri pra lá. Só que quando cheguei lá é que eu fui entender todo esse contexto de ocupação como que funcionava. E foi onde que eu conheci o MTST. E o próprio MTST veio ajudar a segurar o despejo do local onde eu estava morando. Porque a gente não tinha nenhuma orientação jurídica, a gente não sabia de nada e só estava esperando chegar a cartinha mesmo e o oficial e falar 'vocês têm que sair' e a gente sair. A gente não sabia dos direitos que a gente tinha, de ficar, dos aparatos que o governo tinha que fornecer, a gente não sabia de nada. Isso eu fui aprender a partir do momento que eu conheci o MTST. Então eu fui pra lá em busca da minha moradia.

Luana: E era a ocupação Chico Mendes na época, né?

Simone: Isso.

Luana: Como foi sua trajetória na ocupação? Você já foi se candidatando para coordenação, me conta como é que foi?

Simone: Não, quando eu vou pra ocupação, conhecer a ocupação, eu não sabia como era, como funcionava. Então eu cheguei lá, não passava pela minha cabeça ser militante, né. Isso era uma coisa muito distante pra mim. Então quando eu chego lá, aí a gente pede ajuda pra não acontecer a nossa reintegração de posse, né. E a galera abraça, maior apoio, maior acolhimento, vem pra dentro da comunidade que eu morava e a gente começa a fazer as reuniões pra ver ali qual o caminho pra segurar o despejo das 69 famílias. Então eu fiquei nessa parte de ser a ponte da comunidade com o MTST, fiquei meio que, virei ali, as pessoas me colocaram ali como uma liderança porque eu fui atrás de ajuda pra essas famílias que moravam lá no local na época. E eu comecei a frequentar muito a ocupação, né. E um dos companheiros que hoje não está mais com a gente, o finado Silvério de Jesus, que a gente tem uma ocupação com o nome dele, em homenagem a ele. Ele depois, ele falava pra mim que ele via um potencial em mim de estar junto, ser liderança, coordenar, ser militante e eu não enxergava isso, né. E ele me fazia questão de eu estar nos espaços de coisas que o movimento fazia. Então, eu fiquei meio que com ele andando em comunidades, eu gostava desse lance de comunidade, de ouvir as pessoas da comunidade, os problemas de comunidade e eu fui me identificando com isso. Então, chegou um ponto dessa ocupação que a galera falou pra mim 'Simone, onde você mora está correndo o risco de despejo. Então faz um barraco pra você na ocupação e faz sua luta na ocupação'. E nesse período já tinha mais ou menos uns três meses que eu tava frequentando a ocupação, mas a ocupação já devia ter uns cinco meses. Aí me arrumaram um espacinho lá pra mim e eu fiz meu barraquinho de lona na ocupação. Eu já frequentava a ocupação e tudo mais, mas eu não militava e aí eu fiquei ali como acampada. Quase nove meses de ocupação a gente sofreu despejo. Aí sofremos o despejo e saímos da ocupação e existia uma organização, porque depois que você sai da ocupação, você tem que continuar a luta, né. Existia essa organização que foi dividida em núcleo. Eu fui pro núcleo do Campo Limpo, que era o mais próximo de onde eu morava, né, o núcleo sete. E foi diminuindo as pessoas entrando na ocupação e foi diminuindo também as pessoas que militavam. Então estava tendo a necessidade de novas pessoas pra ajudar a organizar, a militar. Aí veio o convite de um dos coordenadores na assembleia, falando que precisava de pessoas pra ser coordenador, né, de núcleo. Eu fiquei na minha, não levantei minha mão, daí umas pessoas me apontou. 'Ai você Simone, tal, já coordena lá onde você mora'. E nesse meio de tempo já tinha algumas pessoas de onde eu morava que estava na ocupação lutando pela sua

casa, né. Aí eu falei, 'gente, mas será? Tá, vou tentar, vamos ver se vai dar certo'. Aí eles chamaram uma votação, pra ver se as pessoas me aceitavam como coordenadora, né. As pessoas me aceitaram e então eu entrei na coordenação. Na coordenação eu comecei a fazer cursos de formação política. Comecei a ter consciência política mesmo. Sempre muito querendo saber de tudo. Aí chegou o momento que eu fiz vários cursos. Aí o Silvério chegou pra mim e falou 'É, agora você é militante do MTST, tá'. E eu falei 'não gente, eu não sou militante'. Ele falou 'é', e eu 'desculpa'. Eu não conseguia entender esse lance da coordenação, que você tá lá ajudando a coordenar núcleo e fazia vários cursos, tal, e chegava nessa parte aí que você já era militante e (não entendi) políticas do movimento mesmo, né. Tava aprendendo tudo isso daí. Aí, chegou o momento, eu continuei coordenando o núcleo. Então de um núcleo eu passei a coordenar. Foi diminuindo a coordenação, porque era um tempo muito difícil, a gente não tinha grana nem pra tomar um café o dia todo que a gente ficava na rua. A gente saía a pé de casa, ia pulando de núcleo em núcleo a pé. Então, era algo que você tinha que amar muito pra você continuar, porque eram tempos muito difíceis mesmo. 96 pra 97 a gente tava vendo uma crise assim, muito terrível, então todo mundo tinha muita dificuldade. Então ficava quem falava assim 'não, eu acredito, isso vai dar certo, eu vou ficar'. Então, foi diminuindo mais ainda os coordenadores que tinha dentro da ocupação. Que dentro da ocupação é uma dinâmica, quando você sai de uma ocupação é outra dinâmica. E foi diminuindo o número de coordenadores. Então, de repente eu tive que começar a fazer assembleia no domingo, em vez de um núcleo, que era o núcleo sete, eu tava fazendo assembleia em quatro núcleos. Então eu fazia uma assembleia de manhã, saía dali caminhando pelo Taboão, fazia uma outra ao meio-dia, a outra às duas da tarde e a outra quatro, cinco da tarde. Pra dar conta da demanda toda. E aí, surgiu o convite pra eu estar indo representar o MTST no coletivo estadual do movimento. Existia um coletivo estadual, existia as instâncias. Existia coordenação regional, e existia o coletivo estadual, que era a instância política do movimento, era uma das maiores instâncias do movimento naquele tempo, que tomava as decisões políticas ali, discutia política em si, pra gente levar pras demais instâncias do movimento e tomar as medidas que tinham que ser tomadas. Aí eu entro no estadual. Quando eu entrei no estadual comecei a ter mais formações e comecei a entender melhor as coisas. Então, eu entendo que na minha concepção, eu fui entender que eu era uma militante do movimento, porque eu entro em 2005, em 2007 aí eu entendo, foi onde virou a minha chavinha. Já fazia alguns meses que eu estava fazendo parte do coletivo estadual do movimento, que eu entendo que eu era uma militante. Porque até então eu não conseguia me entender como uma militante. Eu tinha essa dificuldade. Eu me entendia

como uma colaboradora, como eu era uma coordenadora. Por mais que as pessoas falassem ‘Simone, você milita como outras pessoas militam. Você é uma militante’, e eu falava ‘eu não consigo me ver ainda como militante. Acho que ainda falta alguma coisa’, né? Luana: E deixa eu te perguntar uma coisa, em relação a essa falta que você diz que você sentiu, você consegue localizar esse sentimento em alguma baixa autoestima por ser mulher, porque a gente sabe como é que é a sociedade, seja o movimento ou seja a sociedade em si, como encara o fato de ser mulher, ou porque você veio da base. Onde você localiza isso de você demorar pra se enxergar como militante?

Simone: Então, eu via a dedicação das pessoas que eram militantes, que eu já entendi, eu via eles como militantes, e eles já se apresentavam como militantes do MTST, eu entendia, por eu militar e trabalhar na época, o tempo que eu me dedicava à militância era muito menos que o tempo que a outra galera conseguia se dedicar. Então eu achava que, pra eu me entender como militante eu tinha que estar no nível e me dedicando o mesmo que a galera tava dedicando. A galera que eu conheci dentro do movimento, que já estava quando eu cheguei. E esse lance de ser mulher também, isso me travou muito por muito tempo de quando um homem falava, eu não ia e não questionava, mesmo eu achando que não era aquilo. Isso até mesmo nas reuniõezinhas pequenas que a gente fazia nas cozinhas. Por exemplo, eu tinha uma ideia que eu entendia que aquela ideia era uma ideia legal, mas quando um cara colocava, entendeu, ‘não, acho que não tem que ser desse jeito’ eu não conseguia bater de frente, colocar meu argumento e impor que não ‘eu acho que é isso, então nós vamos fazer de outra forma, entender, ver o que a maioria quer’. Eu não conseguia ainda fazer essa disputa do espaço feminino com o espaço masculino pra gente caminhar ali ombro a ombro, entendeu, como eu faço hoje. Lá naquela época eu não tinha... eu venho de uma família muito machista. A minha mãe sempre foi super oprimida pelo meu pai, então era o que o meu pai falasse, independente da minha mãe estar certa ou não. Eu trouxe um pouco disso, entendeu, pra minha vida aqui quando cheguei em São Paulo. Eu tinha essa dificuldade, mas tinha homens mesmo dentro do MTST que me deu a mão, puxou. O Silvério, eu não canso de falar nele. Mesmo conversando com o Boulos eu falo ‘cara, eu estou no movimento hoje, eu sou a militante que sou hoje, eu agradeço ao Silvério’. Porque ele sempre segurou na minha mão e me puxou e mostrou que eu era capaz. Porque ele foi a pessoa mais próxima, que ficou mais próxima de mim nesse período. Mas, na época, hoje mudou muita coisa, tipo assim, o próprio machismo dentro do movimento, antes era muito diferente. A gente tá falando de 18 anos atrás, né. Então, a gente como mulher dentro do movimento, a gente começou a entender, a gente começou a pegar pra gente

mesmo esse lance de ser liderança, de chegar, fazer e acontecer e de discutir nos espaços ombro a ombro com os homens, no mesmo nível que os homens e até mesmo dentro das ocupações a maioria é mulher. Você chega nas ocupações, você conheceu, acho que você conheceu mesmo, eu tenho certeza que a maioria que estava tocando é mulher. Então a maioria que a gente tem dentro do movimento, tanto como militante como acampado, são as mulheres. Então a gente foi vendo que a gente tinha esse espaço e foi mostrando também pros homens que meio que não aceitava isso daí e fomos mudando isso. Hoje o espaço do movimento é muito diferente como a gente entrou lá atrás. É tanto as mulheres tomaram uma consciência e chegaram e tomaram o seu lugar, como os homens também passou a ver a mulherada de outra forma. E a galera que vai chegando também já chega com essa visão. Então, essa virada de chave pra mim, ela demorou porque eu era muito insegura mesmo, eu tinha uma insegurança enorme. Eu tinha medo de falar e falar coisas erradas, o que não era coisa pra pôr naquele momento, e se eu falasse também tudo bem, eu tava ali pra aprender, né. Mas eu tinha essa preocupação. Hoje se eu for conversar em qualquer espaço, em qualquer lugar, eu não tenho medo de falar, eu vou falar e se eu falar errado alguma coisa, isso ali vai servir pro meu aprendizado, eu só não posso me calar com medo de eu entender que 'a, eu não sou uma universitária, eu vou fazer uma fala em uma universidade, eu não vou falar, porque eles são universitários, eu vou falar errado e não vai ser legal'. Não, eu tô aqui pra aprender. Mas só que eu não pensava assim antes, mulher. Acho que por isso demorou muito também pra virar essa chave. Quando começaram a me chamar pra fazer falas em universidades, eu me sentia extremamente insegura. Extremamente insegura que eu falava 'gente, eu não sei, eu acho que não sou a pessoa certa'. E o MTST todo, o coletivo estadual todo no momento falava 'você é a pessoa certa, você tem a vivência, você vai enriquecer a atividade que eles estiverem falando'. Eu fui pra São Carlos e pra vários lugares. Aí eu sentei e chamei uma das formadoras do MTST, a Ana Paula Perles, eu não sei se você a conhece. Hoje ela tá na direção nacional do MTST SP. Eu falava pra ela 'Ana, eu sou insegura', ela falava assim, ela tinha o filhinho dela pequeno, o Raulzinho tava pequenino na época, ela falava 'vem pra minha casa, vamos passar o dia, tudo o que você tiver insegura nós vamos tirar a sua insegurança'. E eu ia pra casa dela, ia ler, ia estudar alguma coisa com ela, coisas assim que podiam me perguntar e eu ficar em dúvida. E quando eu pus o pé na primeira universidade, eu fui muito insegura. Eu lembro que estava eu e alguém do MST, eu não lembro exatamente quem era a pessoa. Mas eu lembro que tinha alguém do MST. Era eu representando o MTST e alguém do MST. Quando começou, tinha um teatro lotado, sabe. Quando começou, eu preferi que ele começasse primeiro, por causa da minha insegurança. Mas ele falou assim 'não, eu dou a

palavra pra você, você começa'. Então, quando eu comecei e começou a chegar as perguntas, e as perguntas deles, q eles faziam pra mim, era o meu mamão com açúcar que eu fazia todo dia nos espaços e dentro das ocupações. Aí eu fui relaxando mesmo e foi fluindo. Então, quando eu fui pra primeira, as outras pra mim já foi muito mais tranquilas, já entendia mais ou menos. E quando eu saía dali, era muita gente que vinha e queria conversar comigo. Porque a gente tinha um tempo de fala, um tempo de pergunta e um tempo de resposta, enfim. É o tempo da atividade. Mas quando saía dali eu ficava mais duas, três horas com a galera. Às vezes eles me levavam pro bar pra bater papo e entender melhor, né. A galera super jovem, todo mundo curioso pra saber, tal. Até eu chegar, a primeira vez que eu fui, nossa, deu dor de barriga, era uma insegurança, assim, extrema que eu tinha na minha vida. E todas as etapas foi muito importante pra eu ser quem eu sou hoje, entendeu, dentro do movimento.

Luana: Deixa eu te perguntar uma coisa. Você disse que a maior parte ou todas as formações que você fez foram depois que você se tornou coordenadora. Você se lembra de ter alguma formação pra acampado lá na Chico Mendes?

Simone: Existia formações pra acampado, sim. Mas eram formações assim, naquele momento de assembleia. Mas, aquele momento ali não era o momento que você conseguia ficar muito atenta. Você pegava uma coisinha ou outra, porque quando a gente vai fazer formação em massa, pra todo mundo, pra acampado, vai ter uma galera que vai querer entender mesmo o que você está falando, mas vai ter uma galera que vai querer saber só se a negociação foi boa. Então, enquanto você estiver falando de outra coisa, que não seja negociação, não vai estar prestando atenção, e isso atrapalha prestar atenção. Tem um grupo de pessoas que vai querer aquela informação específica, não tá nem aí pra formação. E isso o movimento foi entendendo com o passar do tempo. Por tanto, nas outras ocupações que tinha, existiam formações em grupo nas cozinhas com um número bem menor de pessoas. Foi esse conhecimento que o movimento foi adquirindo.

Luana: Legal. Mas na Chico Mendes, as formações pra acampado elas eram basicamente nas assembleias, é isso?

Simone: Isso, eram basicamente nas assembleias. Existia um grupo muito pequeno, quando foi pra ocupação Chico Mendes, né. Tanto de pessoas pra fazer a formação, como de pessoas pra ajudar a organizar. Era um grupo pequeno de pessoas, então existia muita demanda, mas existiam poucas pessoas pra cumprir essas demandas que tinha ali. Então, foram se formando novos coordenadores, foram formando novos formadores. Nas outras ocupações a gente conseguiu ter essa dinâmica maior de também formar acampado, em grupos menores. Marcar hoje o G x vai ter uma reunião x na cozinha. Aí já levava um (não

entendi), entendeu, já fazia uma formação ali pra galera. Porque quando você vai fazer formação de acampado, você tem que elaborar muito bem a formação pra não ficar uma coisa maçante, você tem que escolher até as palavras que vai falar pro acampado entender, porque às vezes fala uma palavra mais difícil, 'ai, eu não sei o que é, mas eu tenho vergonha de perguntar, porque eu acho que todo mundo sabe só eu que não sei'. Então, pra fazer formação com os acampados, a gente tem que ter um formato, uma elaboração totalmente diferente de quando você vai fazer uma formação com o coordenador que tá tendo formação sempre e já tá entendendo, e já tá no núcleo ali que ela tá bem familiarizado com os outros coordenadores, que quando tem uma palavra lá que o formador colocou e ele não entendeu ou tem alguma dúvida, ele levanta a mãozinha e não tem vergonha de perguntar. E quando é em massa, às vezes as pessoas ficam meio com vergonha mesmo. Isso a gente foi entendendo com o passar do tempo.

Luana: então, você chegou a atuar na João Cândido como coordenação?

Simone: Sim, sim. Na João Cândido eu já atuei como militante.

Luana: Como organização/coordenação, né?

Simone: Isso, aí eu já tava militando mesmo lá. Eu fiquei lá ajudando a organizar na organização geral da ocupação. A gente dividia em infra, cozinha, segurança e ciranda. E a negociação. Nessa época a gente tinha esses cinco pilares pra ocupação ser tocada. E eu fiquei na parte da infra, pra ajudar as pessoas a fazer os barracos, ajudar a conseguir o material, ajudar a quem ia ficar na portaria, quem vai pra ver quem entrava, quem saía. Eu fiquei atuando no João Cândido nessa parte.

Luana: Então deixa eu te fazer umas perguntas antes, do Chico Mendes, tá? Você se lembra se no entorno da ocupação, se havia algum comércio, se tinha alguma troca do pessoal comprar coisa no entorno. Tô te falando isso porque, na Canudos, como é muito urbano o lugar, o pessoal tinha comércio no entorno da ocupação que era muito utilizado para compra de material de construção. Ali, madeira, cano e tal. Tinha isso também lá na Chico Mendes?

Simone: Na Chico Mendes tinha, é que na maioria das nossas ocupações, quase todas têm. Só que a Chico Mendes era um local que não tinha comércio em volta dela mesmo, assim. Às vezes você tá na ocupação e na rua mesmo tem padaria, tem um depósito de construção, tem tudo, né. Na Chico Mendes não. Na Chico Mendes, você atravessava uma ponte num riozinho e ia pra avenida principal, que é a avenida Campo Limpo, onde tinha todos os comércios, todos os bancos, todos os mercados, tinha tudo. Entendeu? Então as pessoas iam lá. O João Cândido, as pessoas andavam também um pouquinho pra chegar até os locais que tinha comércio. Porém no João Cândido, foi liberado, que existia uma parte que

era... na Chico Mendes não teve isso, mas no João Cândido tinha uma parte que a gente tinha tipo uma porteira, um portão, dali pra lá era a ocupação. Era nossa resposta e tal. Seguia as regras mesmo do movimento que era tirado, enfim. Dessa porteira pra lá, sobrava um espaço até chegar numa saída pra dar no asfalto, então ali virou um comércio, entendeu? As pessoas vendia churrasquinho, vendiam bebida, vendiam bolacha, vendiam tudo, entendeu. Tinha umas vinte barraquinhos. Virou um comércio que era movimentadíssimo. Principalmente nos finais de semana. E era comércio dos nossos acampados. Eram os próprios acampados que fizeram lá o barraquinho e colocou lá umas bolachinhas pra vender. Tinha uma moça que vendia churrasco. Ela vendia churrasco em Santo Amaro, só que ela era do Valo Velho. No final de semana, ela não vendia churrasco em Santo Amaro, porque o movimento no domingo em Santo Amaro não existe. Então no sábado no horário de assembleia e no domingo o dia todo ela passava vendendo churrasco. Quem consumia era acampado, né. E quem vendia eram os próprios acampados. Eles tinham uma rendinha deles ali, com o comércio informal que eles faziam.

Luana: Eu sei quais são as regras, mas só pra eu poder ter um registro, me fala quais são as regras de dentro da ocupação. Você me disse que na Chico Mendes não tinha comércio, mas na João Cândido tinha. Me explica um pouquinho quais são essas regras de dentro da ocupação.

Simone: Os comércios eram fora da ocupação. O Chico Mendes não teve comércio, eu não entendo até hoje, não lembro se teve essa discussão, na época eu não estava. Mas eu entendo que as pessoas mesmo, por ser uma primeira ocupação que estava acontecendo assim, as pessoas mesmo que tomaram a iniciativa de chegar lá e falar assim 'a não, vamos fazer... pode fazer aqui na frente? Vender alguma coisa, tal'. Porque eu entendo que nessa época, se chegasse alguém com essa demanda de vender alguma coisa, eu entendo que ia rolar igual rolou no João Cândido. Acho que, porque era uma ocupação menor, as pessoas entendia que a demanda era menor. Porque, realmente, nós saímos de uma ocupação com oitocentos barracos pra ir pra ocupação com cinco mil. Entendeu? Então o fluxo e a demanda era maior, então surgiu a demanda das pessoas quererem vender coisas. E que na Chico, acho que as pessoas não viam que existia essa demanda. Ia comprar alguma coisa e ia vender, mas é claro que não ia vender como vendia cá, na João Cândido, porque a João Cândido o comércio era bem mais longe também do que a Chico Mendes. Você atravessava a ponte e você chegava na avenida Campo Limpo. Você ia ter tudo, né. E já na João você tinha que andar um pouco mais, assim, pra chegar até o comércio. Mas você quer saber das regras de dentro da ocupação, é isso? Então, quando a gente faz uma ocupação, a gente já coloca ali tais regrinhas. Tipo, no primeiro ou segundo dia, pra não

virar bagunça. No máximo no terceiro dia a gente já quer tirar o nome da ocupação, que é votado pelos acampados. E também já colocar tais regrinhas pra não dar ruim dentro da ocupação, né. Você chega num local novo, as pessoas estão acostumadas com o modo delas de viver ou na casa delas ou onde quer que elas estejam, né. Então pra coisa fluir você tem que colocar algumas regrinhas básicas. Então a gente já coloca, a gente já proíbe bebida alcoólica. Porque a bebida alcoólica vai trazer um monte de problemas pra gente dentro da ocupação. Então, já existe um “protocolozinho” assim de proibir bebida alcoólica dentro da ocupação. Claro que isso depois muda, porque a gente tem os momentos de festa, de lazer. Na medida que você vai amadurecendo muda um monte de coisa. A princípio, pra fluir é isso, a gente proíbe bebida alcoólica, proíbe o uso de drogas, né. E qualquer tipo de violência dentro da ocupação. As três primeiras coisas que a gente encaixa ali nos três primeiros dias de assembleia.

Luana: E o comércio, né?

Simone: No começo, né. Pras pessoas começarem a entender que vai vir mais regras pra gente conseguir manter uma ocupação, vai vir mais regras, pra ir se acostumando. A gente começa a pôr essas três principais pras pessoas já irem se acostumando. Então a gente fala “dentro da ocupação, quem concorda de não usar drogas?”, ‘quem concorda de não ter bebida alcoólica dentro da ocupação?’, quer beber, vai lá no barzinho, onde você estiver, faz sua festinha lá, mas dentro não, porque traz muitos problemas, todo mundo apoia. Então tá bom. Violência contra criança, contra mulher, qualquer tipo de violência, né. Todo mundo levanta a mão. Então isso aí a gente já sana, a princípio. Porque, caso aconteça nos primeiros dias, antes das pessoas entender o que é uma ocupação, entender como é a vivência, a gente já tem condições de chamar a pessoa pra uma conversa e falar ‘olha, a gente colocou em assembleia, e foi aprovado que não ia ser usado drogas dentro da ocupação. Você usou, então você desrespeitou uma regra coletiva, não é uma regra que ninguém tirou da cachola, né.’. então a gente pode conversar com essa pessoa. Ou ela vai se conscientizar e não fazer mais isso, ou se ela permanecer fazendo, ela vai ter que se retirar dos espaços coletivos onde todo mundo decidiu. A gente não vai pegar a pessoa e ‘pronto, vai embora. Por mim você está expulsa’. A gente sabe da dificuldade que é, em relação a droga e a bebida alcoólica. Claro, quando a relação é violência, é, tipo, alguém espancou, o cara bateu na mulher, espancou o filho, aí não tem muito o que se fazer. Não dá pra ir lá e só bater um papinho com o cara, né? A gente tem que acolher, principalmente quando rola com a mulher ou rola com a criança, a gente tem que acolher, tentar protegê-la da melhor forma possível e ter um papo reto com o cara que violentou. Mas com essas três regras a princípio a gente consegue ir mantendo e colocando as outras coisas. ‘Ah,

você não pode ir lá e pegar a lona do barraco do seu vizinho porque sua lona rasgou'. A gente vai incrementando as coisas que a gente já sabe que acontece nas ocupações e colocando como regrinhas básicas pras pessoas poderem conviver bem. Você não vai poder chegar bêbado, você não bebe aqui dentro, mas você não vai poder chegar bêbado e ir pro seu barraco e fazer bagunça, barulho a noite inteira e incomodar o seu vizinho que tá do lado. Chegou, é dez horas da noite, é silêncio na ocupação, a trilha vai andar, vai cuidar da ocupação pra no outro dia todo mundo que dormiu na ocupação amanhecer bem. Isso aí a gente vai colocando no dia a dia pras pessoas irem entendendo aos poucos.

Luana: A trilha é o que, mana?

Simone: A trilha é... tipo, a gente tá numa ocupação, uma ocupação com cinco mil pessoas. Pessoas dormem. Quando a gente faz esse movimento de fazer uma ocupação, às vezes a gente não sabe, na maioria das vezes a gente não sabe o número de pessoas que vai ter naquela ocupação. Você já tem que pensar em todo um contexto. Você tem que pensar que essas pessoas que estão ali dentro, elas vão precisar se alimentar, né. A gente vai ter que ter um cuidado com elas, porque elas vai ser uma responsabilidade nossa. Então a gente vai ter que pensar na segurança dessas pessoas. Pra segurança dessas pessoas o que a gente faz? A gente tem um grupo de pessoas formado, que hoje é um setor dentro do MTST, o setor de autodefesa, que eles somam as pessoas que vão ser os primeiros pra cuidar da ocupação a noite. Então eles revezam em tudo. Porque ali dorme mulher casada, dorme mulher sozinha, dorme criança com a mãe, dorme idosa, dorme "ene" pessoas dentro da ocupação e é bem vulnerável, né. Você está num espaço aberto, você está dentro de um barraco de lona. Então, a gente precisa dessas pessoas que fazem a trilha, que é o apoio da ocupação, pra cuidar de quem está dormindo. Então existe uma formação pra essas pessoas, como que essas pessoas vão agir caso tem um casal dentro da ocupação que estão discutindo, como eles vão agir, como vão chegar pra separar essa discussão. Como conversa com a esposa, como conversa com o rapaz, né. E, tipo assim, tem várias formações pra saber como vai conduzir quando acontecer um tipo de problema desses dentro da ocupação. O problema que infelizmente acontece dentro das ocupações, ou às vezes uma acampada discutir com a outra, saber como abordar. Então a gente tem um grupo de mulher e um grupo de homens, então eles se dividem, se revezam ali e fazem dois turnos. Aí a ocupação não fica descoberta, pra saber também quem vai passar a noite lá fora. Porque já aconteceu de darem um tiro dentro da ocupação, já aconteceu de jogarem bomba, jogarem lixo, pedras. Então a gente tem que ter o cuidado com quem está ali dentro, a gente tem que proteger essas pessoas da forma que a gente entendeu de proteger essas

pessoas, tendo a trilha dentro da ocupação, que são os guardiões ali da noite ali da galera que, pra poder dormir e levantar no outro dia e poder trabalhar em paz.

Luana: Legal. E deixa eu te perguntar outra coisa. Eu tô usando o livro do Guilherme, o “porque ocupamos?”, né. E lá ele fala que sem-teto não é necessariamente a pessoa que está em situação de rua, ou também é. Mas é aquela pessoa que mora de favor, que mora de aluguel de uma forma precária, que gasta muito dinheiro no aluguel e acaba não sobrando pra outras coisas, mora com a família, essas coisas. E dentro da ocupação, a gente sabe que existem pessoas que estão morando em algum lugar e não necessariamente precisam morar na ocupação. Na Chico Mendes, você se lembra mais ou menos como era essa distribuição entre acampados moradores e acampados simbólicos?

Simone: Na Chico Mendes foi uma ocupação que o MTST já vinha de algumas ocupações passadas. Então, quando o MTST chega no Taboão da Serra, já chegaram a galera que era um número muito reduzido de pessoas, bem pouquinho mesmo. Os militantes que estavam querendo tocar aquilo ali pra frente, já chegaram com ‘aqui é tudo ou nada’. Ou vai dar certo ou não vai dar certo. Então as regras dentro do Chico Mendes era muito diferente do que é hoje. Era bem mais duro, mana. Então, depois que eu entrei, comecei a entender, fui saber da história real, e as pessoas que estão com a gente até hoje que a gente tem acampados do Chico Mendes que até hoje não foi contemplado. Ficaram até hoje foi que eles entenderam e entendiam, vinham pra assembleia depois e explicava o real motivo de que tinha que ser feito aquilo. Porque se as pessoas fossem embora, porque ficavam vigiando a ocupação vinte e quatro horas, né. O poder público, a polícia, o próprio prefeito, pra saber se tinha gente lá dentro mesmo. Então, se tivesse dez pessoas lá dentro podia acontecer uma desgraça naquela época. Eles iam chegar, fazer qualquer coisa com todo mundo, depois ninguém ia ficar sabendo quem pegou, quem levou, pra onde foi. Então, com um número menor de pessoas, era um protegendo o outro.

Luana: Entendi.

Simone: E, então existia as pessoas, eu nessa época, eu não entendia que eu era uma sem-teto não, mana. Eu morava num lugar que era uma ocupação, que chamava de invasão. E eu não entendia que eu era uma sem-teto. Eu fui entender que eu era uma sem-teto depois que eu entrei no MTST. Que eu sou uma sem-teto, porque eu não tenho uma casa própria. A minha cunhada é sem-teto, porque ela mora com a mãe dela. A minha amiga é uma sem-teto, porque ela mora em dois cômodos com a mãe, filho, padrasto, o marido, entendeu? Aí que eu fui começar a entender o que era ocupação e o que era invasão e o que era ser sem-teto. Porque o sem-teto na minha visão, era só o morador de rua. E eu fui pra Bolívia, representando o MTST, e fiz essa fala em relação do entendimento do sem-teto,

porque eu entendia como várias pessoas lá, quando eu me apresentei e que as pessoas se apresentaram 'é a Simone do MTST, do movimento dos trabalhadores sem-teto do Brasil tá aqui', as pessoas, várias pessoas de várias entidades, elas entenderam que eu era uma moradora de rua. Que eu era sem-teto. Então, isso foi esclarecido lá, entendeu? Aí, depois várias pessoas vieram me procurar 'nossa, eu achava que sem-teto era só quem morava na rua'. Aí as pessoas começam a entender como eu entendi lá atrás., que eu era uma sem-teto. Mas lá foi mais duro, mesmo. As pessoas precisavam ficar, as pessoas precisavam morar, entendeu. No João Cândido já foi bem mais flexível, porque nós éramos um número muito grande de pessoas.

Luana: Na organização, né?

Simone: Era um número muito grande, já tinha um número muito grande de pessoas na organização, e um número muito grande de acampados. Porque só barraca tinha cinco mil.

Luana: Entendi.

Simone: Entendeu? Então a gente tinha uma tranquilidade maior, porque se alguém chegasse ali pra fazer um despejo, não dava pra fazer um despejo com meia dúzia de policial. O aparato tinha que ser bem maior. Então, a gente tinha um pouco mais de segurança. Então, não precisa falar com a pessoa. A presença tinha um horário certo. A presença era depois da assembleia. A assembleia era todo dia a noite? Então, todo dia, terminou a assembleia é só pegar a presença. Quem queria ir pra casa, quem queria ir dormir, ia dormir.

Luana: Entendi. Perfeito. Em relação ao material que você utilizou pra fazer o seu barraco na Chico Mendes. Você comprou material, você ganhou? Eu lembro que na Canudos tinha muita galera que conseguia pegar, por exemplo, aquele pedaço de estrado, aquela cama que estava na esquina. Como é que foi pra você? Você chegou a comprar o material pra fazer seu barraco?

Simone: Eu lembro que, quando eu fiz o meu barraco, eu pegava material nas caçamba, entendeu. Ali eu tinha um amigo que tinha perua, então quando a gente já saía de casa, porque ele era meu vizinho, e a gente ia pra ocupação, a gente já ia procurando material mesmo que a gente não precisasse pra gente levar para outras pessoas. Então, quando eu resolvi fazer o meu, aí a gente foi olhando nas caçambas e tudo que a gente foi encontrando a gente foi levando pra fazer o meu barraco. E a gente levantou com o material todo reciclado mesmo que eu consegui. Aí eu comprei prego e comprei lona. O que eu comprei foi o prego e a lona, porque a lona eu não consegui achar reciclado. Mas as madeiras em si, até mesmo colchãozinho que eu tinha dentro do meu barraco foi tudo o que eu conseguia, assim, quando eu passava em algum lugar eu pegava. Tapete que eu forrei lá dentro eu

consegui na caçamba. É, aí eu pegava, tinha um tapete grandão e eu falava 'não, vamos levar, porque lá a gente corta e divide por todo mundo, a gente coloca na ciranda das crianças, no barracão onde a gente faz as reuniões'. Às vezes passava, tinha uns sofás velhos jogados, falava 'aí não, vamos colocar aqui na perua, vamos levar, porque serve pra gente sentar pra fazer reunião'. A gente aproveita muito, quando você está nas ocupações você aproveita tudo o que você vê na rua de madeira, você já fica querendo levar. Às vezes você não tem como levar, mas não podia deixar aquilo... tem que levar tudo. E tudo é aproveitado lá dentro. Você conviveu lá você sabe como funciona.

Luana: Sim. É uma troca linda e isso é muito...

Simone: É!

Luana: Eu sinto muita falta disso.

Simone: É, madeira é ouro. Mas você vai voltar.

Luana: Não sei, viu.

Simone: ... maravilhosa, vai ajudar a gente de uma forma maravilhosa.

Luana: Você tinha me falado que você fez algumas formações depois que você foi pra coordenação, né? Pelo que você me falou, você entrou na coordenação depois que já estava fora do terreno. Daí, você lembra quais foram as primeiras formações que você fez?

Simone: É, as primeiras formações que eu fiz foi em relação quando a gente ocupa, pra entender a forma de escolher o local, de escolher o terreno pra fazer a ocupação, né. Porque, tipo assim, a gente anda aí pelo mundo, aí a gente vê um monte de terreno. Mas também pra fazer a ocupação, você tem que estudar o terreno. Saber o que tem em torno do terreno, como é as pessoas que estão em torno do terreno. Eu lembro que uma das primeiras formações que eu fui, que foi com o Dani, o Dani ele dá muito curso do Paulo Freire. Eu lembro que uma das primeiras formações minhas foi exatamente porque a gente ia fazer, eu já estava na coordenação, e a gente ia fazer a ocupação João Cândido. Então a gente tinha que entender por que e qual terreno que a gente ia escolher, e por qual motivo, quando batesse o martelo, seria o terreno Y. Então ele precisava passar pra aquela coordenação ali, que era uma coordenação nova. Eles eram poucos militantes que já vinham com experiência de ocupações frustradas, mas tinham experiência de atuar nas ocupações deles e a gente não tinha. Então eles tinham que passar pra gente e a gente entender por qual o motivo ajudar a procurar terreno, mas não podia ser só o terreno porque ele é lindo, é bonito, é grande, né. A gente tinha na nossa cabeça que a gente tinha que ter um terreno grande e que a gente ia se desdobrar vinte e quatro por quarenta e oito pra colocar pessoas lá dentro. Nós temos ocupação com oitocentas famílias e quando a gente, nesse período até fazer a ocupação João Cândido, a gente tinha perdido um pouco das

famílias, e não é a mesma dinâmica. Quando faz ocupação, a tendência de toda ocupação é você perder um pouco das pessoas, porque não é a mesma dinâmica que existe dentro da ocupação. As pessoas vão meio desanimando. É menos trabalhoso quando as famílias saem da ocupação, porque ocupação você tem que estar ali todo dia, praticamente. E quando sai é bem menos. É o ato, assembleia uma vez por mês. Mas as pessoas vão se afastando, você não tá com aquela vivência todo dia, as pessoas acabam se afastando, então dá uma diminuída em todas as ocupações quando sai do terreno. Então, essa formação foi falado sobre escolhas de terreno, né. E lembro também de uma parte que foi falado em relação à política, a política mesmo instrumental aí, enfim. Que nessa época o movimento trabalhava na linha de que eles não queriam muito contato com política, porque as pessoas eram muito desacreditadas da política, né. Então, quando a gente chegava no terreno nas assembleias que a gente fazia, eu mesma fiz essa fala por “ene” vezes, entendeu, ‘gente, a gente tá aqui, a gente é um movimento, a gente não tá envolvido com vínculo nenhum com política, a gente quer a mudança mesmo na sociedade’. Não existia Minha Casa Minha Vida. ‘então a gente tá fazendo a luta pelo direito constitucional. Lá falava saúde, educação, moradia, mas isso não prevalece, então a gente tá lutando pelo que a constituição dá direito pra gente lutar. Mas não vai ter político pedindo voto pra vocês. A gente não vai colocar político aqui pra ficar falando coisas pra vocês que ele não vai fazer, tal’. Então a gente era bem desvinculado e isso a chave foi virar depois que a gente entendeu que se a gente não fizesse parte desse rol político, a gente não ia conseguir fazer a mudança que a gente tem vontade de fazer no país. Demorou muitos anos pra o movimento e pra gente enxergar isso. Porque, nosso discurso era esse e a gente conquistava as pessoas com esse discurso. Porque as pessoas falavam “ah, quem que é o político que vai apoiar?’, ‘não, a gente não tem, a gente que vai ter que ir pra cima, acampar, se for preciso, na porta do governo, na prefeitura e passar pra que eles deem o que é de direito nosso. Mas pode ficar despreocupado, porque quando chegar as eleições a gente não vai bater nas costas de vocês pedindo pra vocês votarem em alguém’. E foi o que aconteceu por muitos anos até a gente decidir. né. Que foi no ano que a gente saiu com o Boulos a candidato a presidente. Então, as ocupações antigas, quando a gente chegou nesse ponto que foi discutido, não foi uma nem duas vezes, não foi um ano que isso foi discutido. Porque tinha uma parte que existia uma resistência a gente entrar na política, né. Então, foram muitas e muitas e muitas conversas pra gente chegar onde a gente está hoje. Mas existia os nossos acampados que estão aí até hoje que veio de lá com aquele discurso que a gente tinha lá atrás, né. Então a gente precisava também explicar pros nossos acampados, que super entendeu e alguns até admirava e falava assim

'a gente não entende por que o MTST não está na política desde o começo. O MTST faz mais do que um monte de candidato, de governadores, de vereadores.' A gente ouvia e isso deixou a gente muito feliz, porque deu uma angústia quando a gente, né, que as instâncias do movimento nacional, estadual, né, decidiu mesmo 'vamos disputar a caneta. A gente precisa dessa luta, porque se não vão engolir a gente'. E que de fato, se a gente não tivesse disputando mesmo as ferramentas políticas mesmo do país, a gente tinha sido engolido mesmo. A gente tinha sido engolido. A gente não tinha essa credibilidade que a gente tem hoje. E hoje a reflexão que a gente faz sobre isso é muito positiva e isso refletiu também nos nossos acampados também, eles entendem que foi positivo. Porque existia esse receio, as ocupações João Cândido, Chico Mendes, pô, como a gente vai falar com essa galera? Eu fiquei dez anos em cima de uma assembleia falando que 'não, a política não é correta (não entendi), e agora...'. Foi meio angustiante, mas no final deu tudo certo. Deu tudo certo e tá aí com nossa deputada eleita, nosso deputado mais bem votado do Estado de São Paulo, né. E foi um trabalho que a gente acertou. E quando foi falado, nesse curso que foi falado de política, foi falado isso exatamente contra, contra todos os políticos. 'Porque a pessoa que chegou lá vai desenvolver aquela mosquinha azul, não vai fazer nada, por isso que nós não tá apoiando político nenhum e tal, tal, entendeu? A gente precisa conversar com eles? A gente precisa conversar, mas a gente não vai fazer curral eleitoral nas nossas ocupações'. Tipo, foi mais ou menos isso que eu super apoiava, falava 'não, é isso mesmo'. Porque eu tinha esse entendimento na época, né. Falava 'não, tá certo'. Então quando a gente, chegava eleição, nosso povo tava livre pra votar em quem ele quisesse, porque tinha direito onde ele quisesse ir, né. E chegou o momento que não é isso que a gente precisava orientar o nosso povo. A gente precisava orientar e isso deu certo, deu certo. Porque a gente tinha uma bucha muito grande, uma preocupação muito grande, né, a gente teve esse retorno aí na última eleição.

Luana: Sim. E tá tendo ainda, porque eu acabei de ver uma pesquisa aqui que o Guilherme já tá como o melhor colocado pra prefeitura daqui dois anos, né? Eu fico feliz, porque a gente tá precisando aqui em São Paulo, viu.

Simone: Foi, saiu aí pela... não lembro... eu esqueci, mas eles colocaram aqui no operativo. Pessoal reagiu e eu fui ver, esqueci o nome da folha que fez essa matéria aí. Saiu, eles fizeram vários cenários, não sei se você leu tudo, tem vários cenários.

Luana: Pois é, outra luta. É, mana, deixa eu te perguntar uma coisa. Bom eu já percebi que essas formações que você teve logo após ali da sua entrada como coordenação, elas ficaram, porque você continuou trabalhando nas organizações das ocupações, mas você acha que isso trouxe alguma mudança, é, de posicionamento de você em relação à vida,

do seu olhar. O que você sente assim, o que mudou no seu dia a dia e em você como mulher, como cidadã, como pessoa?

Simone: Olha, eu falo que eu era uma Simone antes, quando eles me convidam pra formações do MTST, pra eu falar da minha história mesmo dentro do movimento, eu sempre começo 'gente, eu era uma Simone antes do MTST e sou uma Simone depois do MTST, após eu militar, ter formações, ter consciência política'. Eu venho do interior. Eu chego aqui em São Paulo não tinha terminado nem meu segundo grau ainda. Eu fiz EJA aqui em São Paulo, né, pra terminar. E eu tinha a minha vida, eu vim pra São Paulo pra quê? Olha pra você ver como é muito louco as coisas. Eu vim pra São Paulo em busca de trabalhar pra dar uma vida digna pra minha mãe e pros meus irmãos, que eram todos menores, né. Eu era a mais velha na época. Eu vim pra São Paulo com dezoito anos pra trabalhar como doméstica pra construir uma casa pra minha mãe, pra minha mãe ter uma vida, porque a gente tinha um terreno que o meu avô deixou pra minha mãe. Porém, a casa tava caindo, né. E eu morria de medo daquela casa cair na cabeça da minha família inteira. Então, eu tive a oportunidade de vir pra São Paulo, vim tipo 'vou trabalhar em São Paulo, assim que a casa dos meus pais estiver pronto eu volto pra trás'. E vim com esse intuito e consegui ter. Consegui fazer a casinha dos meus pais, né. Tá lá a casinha deles. Consegui a casa deles pra eles terem um melhor conforto. Só que quando eu volto pra Minas, Minas já era muito pequena pra mim. A minha cidade é interiorzinho de Minas Gerais. É uma cidade que, quando eu saí de lá ela tinha oito mil habitantes, hoje ela tem doze. Eu saí de lá em noventa e sete. E eu volto pra lá, fico mais três meses lá, mas a cidade ficou pequena pra mim, entendeu? E eu retorno pra São Paulo. Só que eu tinha algumas atitudes, que não era que eu tinha outras pessoas como exemplo, não. Era coisas que vinham já da minha pessoa mesmo, entendeu? É, eu não sabia o que era a palavra feminismo, eu não sabia o que era feminismo. Isso não se falava na minha época, nem na escola, nem no meio todo que eu vivia das minhas coleguinhas, enfim. Não existia esse lance feminismo. Mas eu já tinha algumas atitudes assim, alguns pensamentos e coisas que eu olhava e criticava. Às vezes eu não falava pra pessoa, mas eu tinha aquela crítica comigo mesma. Falava 'mas isso não tá certo. Como isso? Por que isso?'. Eu estudava na quinta série, aí de repente foi proibido da gente ir pra escola de..., a gente tinha que ir pra escola, e lá era um calor dos infernos, e proibiram a gente ir pra escola de bermuda. E eu não tô falando de bermudinha curtinha, mostrando um pedaço do bumbum. Tô falando daquelas bermudas jeans ciclista. Então, foi proibido da gente ir pra escola com essas bermudas e proibido da gente ir pra escola com o uniforme sem sutiã. Eu achei um absurdo. Achei um absurdo. E foi a primeira vez que eu fui questionar. Muita coisa eu achava absurda, mas eu não tinha coragem de questionar.

Então, eu fui questionar na diretoria. Queria saber por que a gente não podia ir de bermuda pra escola e não podia ir sem sutiã, porque eu odiava sutiã, aquilo me incomodava muito. Eu queria ir sem sutiã pra escola. Aí, umas amigas minhas também, lá da classe, ficaram incomodadas comigo. Então eu vou pra diretoria reclamar. Aí o que eu ouço da diretora é que as mães dos meninos estavam reclamando que os meninos não estavam aprendendo porque eles ficavam olhando pras nossas pernas e nossos peitos estavam crescendo. Aí eu falei 'ué, mas então a gente vai ter que vir', tipo assim, eu não sabia questionar muito, né. Hoje é outra visão que eu tenho disso. Mas eu lembro que eu olhei na minha inocência (não entendi) 'mas aí eu vou ter que colocar aquele sutiã que eu odeio e que fica me apertando, e vou ter que colocar calça jeans pra vir pra escola todo dia nesse calor?'. Eu só questionei isso, hoje em dia eu teria um monte de argumento, né. E a diretora falou... não, mas eu já cheguei falando com as minhas amigas. E as minhas amigas 'vamos de novo na diretoria'. Aí fomos na diretoria. Aí foi cada uma de nós falar com as nossas mães, pras nossas mães intervir por nós, porque nós não queríamos ir. A gente até aceitava usar o sutiã, mas a gente não queria ir de calça jeans, porque era muito calor. Só que as nossas mães entendeu que a escola e as mães dos meninos estavam corretas. A gente tinha mesmo que ir de calça pros meninos não ficar olhando pras nossas pernas. E de sutiã mesmo, porque realmente nossos peitinhos estavam crescendo e sem sutiã ia aparecer mais. Ok, né, aceitamos. Só que eu fiquei, na época, eu fiquei muito indignada com isso, entendeu. Mas eu tinha que respeitar. Respeitar minha mãe, a mãe das minhas amigas também que acharam a mesma coisa e a diretoria da escola. Passaram-se muitos anos, a minha sobrinha, há cinco anos atrás, estava tendo o mesmo problema na escola. E a mãe de um aluno da época, que era um amigo dela de classe, ela na casa dele falando 'querem proibir a (não entendi) da gente pra escola, querem que a gente faz isso, faz isso e aquilo e eu não vou aceitar, vou por minha bermuda mesmo com a minha camiseta, porque eu tô sentindo calor e ninguém vai fazer nada e tal' e a minha sobrinha muito estressada. Essa mãe virou e falou assim 'Kefila, eu e a sua tia passamos por isso na escola, só que naquela época a gente era besta. Vocês pode ir atrás e as mães das meninas tem que apoiar, uma apoiar a outra' e fez uma revolução na escola, entendeu. E as meninas conseguiram, elas puderam continuar indo pra escola, quem quisesse ir de sutiã ia de sutiã, quem não quisesse ir ia sem e os meninos tinham que respeitar e quem quisesse ir de bermuda ia de bermuda. Só que lá quando eu tava, não tinha essa força. Hoje existe mais conhecimento, aí minha sobrinha me ligou, aí eu dei todas as orientações pra ela 'chega na diretora, conversa assim, vai na mãe das suas amigas, chama suas amigas, faz um fórum na escola, vai, vai pra cima e não aceita, não aceita, os homens têm que respeitar nós. Se nós estiver

pelada na frente deles eles tem que respeitar a gente'. Aí minha sobrinha, toda entusiasmada 'ainda bem que eu tenho você, tia, e tal'. E foi e deu tudo certo na escola, sabe, e eu fiquei super feliz, porque quando eu estudava nessa mesma escola eu não tive esse poder, eu não tinha esse poder de consciência. Mas a minha sobrinha já não aceitava, me pediu ajuda e eu consegui ajudar ela. Tá aí. (não entendi) a menina vai estudar e com a bermuda jeans dela pra escola e se quiser usar sutiã vai usar, se não quiser é só não usar. Então, tipo eu fiquei super feliz na época, contei pra galera, fiquei super feliz. Então, tentando retomar aqui, eu falo pra você de como eu era uma Simone antes e uma Simone depois. Em relação a pauta sobre mulheres mesmo, entendeu. Chegava uma mana, tipo, eu moro em comunidade, então acontece um monte de coisa, né. E às vezes acontecia algumas coisas ou eu não tinha coragem ou eu não sabia como chegar, como intervir, como falar. E hoje, hoje não, hoje acontece um problema aqui na minha quebrada, seja com uma criança, ou seja com uma mulher ou que seja com o próprio adolescente eu chego, eu tenho argumento pra falar e se eu não tiver muito segura daquilo, eu sei que eu tenho um apoio aqui atrás de mim, que é o MTST, pessoas que eu vou buscar e que vai me ajudar, que vai me dar a mão ali no momento que eu tô precisando. Então pra mim como mulher, o MTST me fez crescer muito, me fez ter muito mais segurança, me fez entrar em espaços que eu jamais acharia que eu ia estar em algum momento. Em 1997, quando eu cheguei em São Paulo, você acha que passava pela minha cabeça eu estar representando um movimento social na minha primeira viagem pra fora do Brasil, que foi na Bolívia? Não passava pela minha cabeça. Não passava pela minha cabeça eu estar representando o MTST numa atividade enorme que o PSOL fez, a gente era simpatizante do PSOL, a gente não era filiado do PSOL, a gente não tinha nada. Mas o PSOL já era simpatizante do MTST e a gente era simpatizante do PSOL, porque o PSOL era o que tinha na política de mais próximo da gente, né. Aí a gente foi convidado pra gente fazer uma mesa lá, fazer uma fala de abertura num congresso de mulheres no PSOL. Aí ali no Estadual do movimento eu fui apontada, escolhida pra tá representando o PSOL lá com aquelas mulheres inteligentíssimas que eu admirava muito. Um monte de mulher que estava lá, a fala delas. Eu lembro que essa atividade eu fui bem insegura nela. E foi um acolhimento maravilhoso que eu tive quando eu cheguei e quando eu fiz a minha fala. Eu lembro que eu fiquei muito tranquila na minha fala a partir do momento que eu falei que eu era... eu falei meu nome e falei 'estou representando aqui o MTST e vim fazer uma saudação do MTST'. Quando eu falei isso, tinha um grupo, foi num teatro bem grande, foi em Brasília. Era um teatro bem grande, era um hotel com um teatro bem grande e tinha um grupo de meninas jovens na época, eram bem jovens, e quando eu falei, me apresentei e falei que era do MTST, essas

meninas levantaram, elas eram umas quatro ou cinco meninas, levantaram e começaram a bater palma e cantar 'MTST, a luta é pra valer'. O auditório inteiro de mulheres levantou. Nossa, me arrepiava só de estar te falando isso aqui. Quando eu vi isso eu pensei 'cara, eu tô em casa. Não preciso ficar insegura na minha fala'. As minhas anotaçõezinhas que eu tinha feito lá, mana, eu juro pra você que eu nem peguei nelas. Porque eu me senti muito segura, muito acolhida ali naquele momento, sabe. E saí dali, fui conversar com várias mulheres maravilhosas, sabe, com várias vivências. Mulheres da negritude, mulheres (Não entendi). Então o movimento abriu na minha vida um leque de conhecimento, de começar a entender as coisas que eu não entendo. Eu tive a oportunidade de buscar e tentar entender. De formação mesmo, de consciência política. De ir pra algum órgão público pra debater alguma pauta do movimento e olhar pra cara do prefeito da cidade ou do secretário da habitação e não ver ele como uma pessoa que está acima de mim, mas que está ali pra ouvir o que eu vou falar com ele e fazer o possível pra entender a reivindicação que a gente tá ali naquele momento pedindo, com o povo que está lá fora esperando. Entendeu? Então isso mudou muito, mudou muito a minha segurança como mulher, a minha concepção de vida, o meu modo de viver, entendeu? Os meus valores, sabe. Mudou muito a minha vida e eu ouço, esse relato que eu tô te dando, eu ouço de várias mulheres dentro do movimento. Temos muitas mulheres dentro do movimento que elas falam 'hoje se eu estou aqui sem depressão, quem me tirou dessa depressão foi o movimento. O movimento me deu valor como mulher. O movimento me mostrou do que eu sou capaz'. Então, quando a gente vai pra roda de conversa com mulheres que a gente ouve esses relatos, nossa, isso é muito gratificante. 'O movimento me conscientizou, o movimento me acolheu e me tirou de um casamento abusivo de trinta anos que eu conquistei minha moradia e estou morando feliz com meus filhos', entendeu. Então, quando você ouve um relato desse vale a pena tudo o que você abriu mão lá atrás, pra você estar como, por exemplo, pra eu, essa pessoa que eu sou hoje, eu fui forjada, eu sou o que eu sou hoje ali mesmo na luta, no pé no barro com enfrentamento, em linha de frente, com bala de borracha, com spray de pimenta, sendo xingada em vários lugares como vagabunda. Porque o MTST era tratado assim, hoje mudou isso. Mas a gente era tratado como vagabundo, né. Não tem o que fazer, tá lá roubando o que é dos outros. Eu tive, no começo, eu tive um pouco de dificuldade. A minha mãe não, porque a minha mãe sempre foi uma pessoa com a cabeça muito aberta e minha mãe sempre confiou muito em mim. Minha mãe sempre apostou muito em mim, sempre confiou muito nas coisas que eu falava, que eu falava pra ela, só que meu pai já era um cara muito diferente. Minha mãe, eu perdi ela pra covid, vai fazer dois anos dia dezenove. E meu pai, uma pessoa muito conservadora, extremamente machista, e ele tinha muito mais

dificuldade. Tipo, tirava uma foto minha no caminhão de som e eu mandava, aquela imensidão, aquele mar vermelho de pessoas. Ele falava 'mas isso é perigoso', 'isso não tá certo, vocês estão fazendo errado' e tal. Então eu demorei um tempo pra conseguir fazer o meu pai ver esse outro lado, entendeu. Ele foi pra São Paulo um dia, eu levei ele em alguns espaços do movimento, entendeu. Apresentei ele pra algumas pessoas e falei 'não é o que você ouve as pessoas falar. Não tem vagabundo. Aqui é pessoas que trabalha, que é mãe, que passa o dia todo dando faxina, aqui é pai que passa o dia todo na portaria de um condomínio, o pai que é pedreiro, a mãe que é babá, aqui é essas pessoas que estão aqui, não é vagabundo'. Então, eu tive essa dificuldade com ele essa época, entendeu. Hoje meu pai, quando vai conversar comigo, ele tem uma admiração muito grande pelo trabalho que eu faço. Ele tem muito medo, ele tem uma preocupação assim com a segurança. Mas eu deixo ele bem tranquilo. Eu tenho um tio também que eu perdi ele, que falava, às vezes, lá na minha cidade tem muita parabólica. Às vezes estava acontecendo alguma manifestação aqui e teve uma época que eu estava muito a frente de muita coisa no movimento e quando você está tocando uma ocupação, você está muito ali na linha de frente de tudo. Então eu saía de uma ocupação já ia pra outra, levantava uma e eu já ia construir outra. Aí essa época, eu tava muito assim, rola vídeos meus aí no youtube, algumas entrevistas. Então meu tio via essas coisas e meu tio me ligava, eu no meio de uma manifestação, meu tio me ligando, ainda mais quando tinha confronto, meu tio tinha um monte de ligação. Eu ligava e falava 'o que aconteceu' e meu tio 'não, é que eu vi aqui na parabólica aqui que teve confronto, você tá bem, fiquei preocupado, eu sei que você estava aí no meio', sabe. Então, pra eles a dimensão do perigo é muito maior do que a gente enxerga quando a gente tá aqui vivendo. Mas é muito diferente, a minha vida hoje é muito diferente. Eu achava que eu sendo empregada doméstica, sem estudar, sem terminar meu segundo grau, vivendo ali em um cômodo, porque era um cômodo, o banheiro era coletivo, que era aquela vida ali que era a minha vida, que eu tinha que aceitar, entendeu, aquilo ali que era o máximo que eu ia ter. Por mais que o meu coração não aceitava, a minha mente não aceitava. Mas eu entendia que eu não ia conseguir passar daquilo ali. E vem o movimento na minha vida pra me mostrar, 'não, você é uma pessoa que você é capaz de fazer tudo o que você quiser e ajudar um milhão de pessoas aí fora'. Então, vamo pra cima. Então eu sou muito, muito, muito grata ao movimento, por várias conquistas que eu tive na minha vida, por vários conhecimentos que eu tenho hoje, por várias pessoas que o movimento trouxe pra minha vida assim, que eu vou levar pra vida inteira. Então, se você me conhecesse em 2007 quando eu tava entrando no movimento, hoje eu tenho amigas que foi pra ocupação e teve a conquista dela e tá lá morando no João Cândido. E hoje eu vou visitar ela e começo a

conversar e ela me liga o tempo inteiro pra saber de política, como que está as coisas e tal, eu falo pra ela e ela olha pra mim e fala 'cara, você é muito diferente do que eu conheci, você é outra pessoa, eu te admiro muito, sabe assim, você ter conseguido, porque eu não consegui ficar, não consegui ficar', porque essa amiga minha foi junto comigo, só que ela não conseguiu, ela decidiu ser só acampada mesmo pra conseguir manter e conquistar a moradia dela, que ela conquistou. Mas ela não conseguiu ir ser coordenadora mesmo. Ela falou 'eu não dava conta, Simone. Mas você desde o começo, por mais que você falava que não, não vou ser, não vou conseguir', ela mesma falava 'eu sentia que você ia ser'. É outra pessoa mesmo, não sou só eu. Se você conversar com outras mulheres no movimento também, que foram ali forjadas na luta, elas vão falar 'eu não abria a minha boca antes de conhecer o movimento'. Hoje se colocarem cem mil pessoas na frente, ela faz uma assembleia pra elas. Eu acho lindo quando eu vou pra roda de conversa de mulheres que elas falam isso. Eu acho lindo essa liberdade que o movimento conseguiu dar pra essas mulheres que viviam ali presas, oprimidas, que viviam achando que a vida delas era aquilo. E não é, e a gente consegue mostrar que é muito capaz e traz essa pessoa, acolhe e dá uma oportunidade pra elas crescerem dentro do movimento, e crescerem fora do movimento também.

Luana: Mas assim, a quantidade de pessoas que foram pra coordenação e aquelas que ficaram como a sua amiga, que ficaram como acampadas é pequena, né. Perto da quantidade de gente da ocupação, né.

Simone: A quantidade de pessoas que vão pra ocupação e que vão pra coordenação, é isso?

Luana: Isso. A quantidade de acampados que acabam indo pra coordenação, é pequena essa quantidade de coordenadores, né?

Simone: Sim.

Luana: E que ficam depois do movimento entregar, a conquista.

Simone: É menor ainda.

Luana: Você consegue entender por que que o pessoal acaba saindo?

Simone: Olha, quando a pessoa vai pra ocupação, elas vão com o intuito de querer a moradia dela. E tem um grupo de pessoas que 'não, eu não quero participar de nada, eu acho que vai ser muito trabalhoso, vai ser muita dedicação'. Porque quem tá de fora e olha o trabalho que a gente faz, um trabalho que não é remunerado, é um trabalho de amor mesmo, tá, elas olha de fora e fala 'é muita coisa, eu não vou dar conta'. Quando a pessoa chega na coordenação, a gente começa ali com aquela conversa, ela que tinha medo de cuidar do grupinho dela. Depois vem a transição dela sair da coordenação e ir pro setor do

movimento. Ou ela vai escolher... tô falando as pessoas dentro da ocupação, né... ela vai escolher ou vai pra organização, ou vai pra autodefesa. Tem ali uns espaços que ela pode escolher. Quando ela vai fazer essa transição de coordenação da ocupação pra sair ali, que ela vê aquela troca pra gente levantar novos coordenadores, pra formar novos militantes e elas virem pra os setores do movimento e ter real mesmo mais responsabilidades, vão ter que ter mais tarefas, vão ter que cumprir a presença delas nas reuniões, porque não adianta, é melhor o movimento trabalhar com um número menor de pessoas que chegam mesmo firme, que fala 'quero', vai e faz todos os cursos e quer ser militante, do que a gente inflar muito e as pessoas chegar lá e não ver qualidade. Porque essa pessoa fala assim 'eu quero ser militante', mas aí você dá 10 cursos e a pessoa aparece em um. A gente fala 'a gente precisa de mão de obra, então vamo, ela vai ficar', e a gente tem um número de falta nas reuniões. Porque não adianta uma pessoa que vai tocar uma ocupação, por exemplo, eu toco cinco ocupações, se eu não vou pras reuniões pra eu entender todas as negociações, porque cada uma é uma negociação específica, não entender pra chegar na assembleia e fala um pouquinho do nosso mundo político, um pouquinho ali, não sou muito boa de análise de conjuntura, mas tô tentando ser, um pouquinho da análise de conjuntura que um companheiro que entende bem melhor que eu passa ali e eu começar a pegar uma coisinha aqui ali, chegar e fazer uma boa assembleia e explicar tudo o que está acontecendo com aquela ocupação pra aquele acampado, a nossa tendência é o que? Ir perdendo acampado. Porque se você não faz uma boa assembleia, você vai hoje não faz uma boa assembleia, a pessoa vai tirando uma dúvida com você 'ai Simone, você lembra que mês passado você veio e falou na assembleia que o documento X estava na prefeitura, e nesse mês você veio e falou a mesma coisa'. Se eu não tiver uma boa explicação pra essa pessoa, na outra assembleia ela vai dizer 'eu não vou, porque a Simone vai falar a mesma coisa'. E se eu não participar de tudo, não chegar a tempo, não sentar nas reuniões que tem quase diariamente com o pessoal da negociação, que é o que mais interessa ao acampado, e não ir com tudo na ponta da língua e explicar pra eles tudo o que está acontecendo e tirar todas as dúvidas dele, ele não vai voltar na próxima assembleia. Aí ele não volta na outra, não volta na outra, pronto. Perdemos aquele acampado. Então, eu entendo que as pessoas, quando faz essa viradinha de chave, que vão sair da coordenação e vamos entrar nos setores, vamos ajudar a tocar outra ocupação, que a gente precisa de mão de obra de pessoas pra ajudar a tocar, aí a pessoa começa a pensar 'a não, é muita responsabilidade, eu vou ter que fazer aquilo que a Simone faz, tocar uma ocupação e ir pra outra ocupação e falar com aquele monte de gente', então acho que as pessoas, antes de ir mesmo, elas começam a pôr um monte de coisa na cabeça. Às vezes a gente consegue tirar e às vezes

a gente não consegue. A ocupação Chico Mendes 2, a mais recente de 2014, eu fui tocar essa ocupação. Lá nessa ocupação eu tinha dezoito coordenadores. Que eu tenho hoje que ficou militante no movimento, que foi pros setores, que milita mesmo dentro do movimento, são quatro de dezoito, de 2014.

Luana: E eram quantos acampados?

Simone: a gente tinha dois mil acampados.

Luana: Sim. Você entende a preocupação do movimento em entrar pra política institucional como uma tentativa de ampliar essa mudança, essa chave que você acabou de me dizer, essa mudança na vida do militante, você entende essa entrada na política como uma tentativa de ampliar essa mudança que o movimento faz na vida das pessoas. Você entende como isso ou na verdade teve outra ideia, outra motivação?

Simone: Com todas as conversas que a gente teve antes de chegar e bater o martelo mesmo que a gente ir disputar a política constitucional, eu particularmente, chegou um dado momento que a gente começou a entender... as nossas coisas ficavam tão, a nossa luta em si, por mais que a gente colocasse o povo na rua, a gente fosse trazendo questões, tal, a gente tava sendo tão, como se diz, passado pra trás pelo governo federal, governo estadual, assim a gente começou a ver que a gente tava levando mesmo um pelé deles, porque às vezes tinha algum acordo, algum documento e a nossa força, por não ter uma força grande política, não tava sendo suficiente ali pra eles cumprir os acordos que eram feitos com a gente, quando a gente desocupava um terreno ou até mesmo pro começo de uma obra, né. E a gente começou a ver e entender e, foi mais legal ainda que, quando a gente decidiu o que eu te falei lá atrás, que a base também entendeu isso, de que ia ser bom tanto pra gente ser visto pra fora como é uma movimento social que vem de base, que vem do pé no barro, que quer disputar política, que está num lugar onde as pessoas estão mais vulnerável, que as pessoas mais precisam de política pública, que não chega. E quando a gente foi, a gente não foi só pra disputar pra gente aparecer pra fora. A gente foi pra disputar real mesmo, entendeu. Quando a gente colocou, quando o Gui saiu pra candidato a presidência (não entendi), a gente tá aqui porque a gente quer ganhar, mesmo. A gente fez aquela campanha como a gente fez a campanha de prefeito que o Guilherme ficou em segundo lugar, e como gente fez a campanha de deputada agora que ele a Edi foi eleita. A mesma garra que a gente teve lá é que a gente deu um salto muito grande de lá pra cá, né. A gente cresceu muito. Mas, quando o Guilherme sai candidato a prefeito e de repente começa a chegar aquele monte de coisa, um monte de pessoa querendo conhecer o movimento, um monte de gente querendo entrar no movimento, um monte de pessoas querendo ajudar o movimento que chegou a 12 mil pessoas em lista, e a gente não tinha

nem perna pra tudo aquilo, a gente fica meio pá mesmo, fica 'caraca, e agora?'. A gente fica tentando ali se organizar, porque o movimento é bem maior do que a militância. Portanto, não tem ninguém do movimento que está em um setor só. Então, pra gente foi muito importante a gente ser conhecido pra fora, a gente ter disputado a política constitucional real e pra trazer pessoas pro movimento pra fazer essa coisa pra ver que o MTST não é isso que falavam aí fora que era, né. As falas do Guilherme quando ele saiu pra presidente era muito importante pra gente que estava aqui dentro, pra nossa base que estava ouvindo quando ele falava. 'Lá a maioria das pessoas tem carteira assinada. Tá trabalhando, não é vagabundo, igual vocês acha que é vagabundo. Ninguém ocupa, ou ninguém mora em área de risco, ninguém ocupa um terreno porque acha bonito. A gente ocupa por necessidade, né'. Não é fácil ficar morando debaixo de um barraco de lona. Passar frio, a chuva vem cair tudo. Então era muito importante pra gente quando ele colocava isso lá. Então a gente já ganhou, cara. Teve algumas pessoas, alguns críticos que 'aí, vocês vão dar um tiro no pé'. Não foi, em nenhum momento foi. Então eu vejo que foi um acerto muito grande, foi um salto muito grande do movimento pra fora e foi uma alegria muito grande pra nossa base, né. Poucos momentos de felicidade que a nossa base tem. Quando conquista a casa, quando a gente consegue conquistar um pouco mais de vaga na creche, uma melhorzinha no posto de saúde, que é o que a gente consegue fazer com a força do povo ali pressionando. São poucos momento que a gente vê de alegria da nossa base como a gente viu. Porque, quando o Guilherme vai pro segundo turno e a gente perde pro Covas no segundo turno, pra nossa base aquilo ali não foi uma derrota. A nossa base não viu aquilo como uma derrota e aquilo foi lindo. A gente chegar nas assembleia e as pessoas falar 'nós não estamos tristes, Simone. Nós queria ter colocado ele lá. Mas nós estamos felizes, nós disputamos com o PSDB'. As pessoas da nossa base têm consciência do que é disputar com o PSDB em São Paulo, não era fácil. (não entendi) eu vejo como tudo era fresco no movimento, a gente até conquistou mais coisas, teve mais ganhos do que a gente entendeu que ia estar disputando mesmo lá a caneta e podendo real agora falar desses espaços todos os sem-teto, tá lá nesses espaços todos os moradores de rua. Estar lá nesses espaços com a Ediane representante, que é uma mulher negra, empregada doméstica, falar sobre o trabalho da empregada doméstica. Pautar isso lá dentro da ALESP, que nunca foi pautado, né, por uma pessoa que realmente sabe o que está falando porque realmente já passou por isso. Então, eu entendo assim que foi muito importante pra gente lutar com todos os receios e medos que a gente tinha. Foi um salto muito grande que o movimento teve de enfim disputar mesmo real e agora pra frente é só ladeira acima, ladeira abaixo nós não quer não.

Luana: Então, assim, pra eu te liberar, porque a gente já tá a um tempão conversando, você se lembra se teve alguma atividade cultural na Chico Mendes, e...

Simone: Sim. Muitas.

Luana: você chegou a participar? Você se lembra quais tiveram e você chegou a participar de alguma?

Simone: A gente tinha duas pessoas lá que eram atores, né, e eles eram militantes. Eles faziam teatro maravilhosamente bem. A Trupe Do Lona Preta. Eles fazem algumas apresentações e eles me envolviam lá dentro do teatro, me jogavam lá dentro 'vem cá que você vai fazer peça com a gente'. A primeira vez que eu fui ver teatro, mesmo, no espaço de teatro, foi no CEMUR103 no Taboão. Eu fui ver por que existia essa galera que fazia cultura dentro da ocupação e todo final de semana tinha uma pecinha de teatro, pra falar do que a gente tinha que fazer pra ter vaga na creche, uma pecinha de teatro pra dar consciência, sabe, pra falar do homem que chegava em casa e agredia a esposa, pra falar é... eram muitas coisas... pra falar da solidariedade que existia dentro da ocupação, né. Tipo assim, dessa situação (não entendi) das nossas cozinhas. Sempre, né, estou na minha casa hoje, tem um pouco de arroz, eu vou levar pra ocupação, porque lá não é só eu que vou comer, a galera toda, esse sentimento coletivo, pra estimular nas pessoas o sentimento coletivo. E dá pra, da galera que ere da cultura dentro da ocupação (não entendi). Eu fui assistir a minha primeira peça de teatro real, que foi no CEMUR, não só eu como a ocupação todo, praticamente, foi. No CEMUR do Taboão da Serra, que nada mais nada menos, foi a peça do João Cândido, menina.

Luana: A, que legal.

Simone: que, tipo, eu nunca esqueço daquela peça. Eu não entendia por que que eles falavam "merda", mas daí depois eles falaram que "merda" era sorte, era na língua da galera (não entendi). E tipo, "merda" era sorte, e quando eu falo "merda" é uma coisa ruim, "ai, que merda". Aí eu fui entender que tinha outra tradução pra "merda". E eu fui assistir à peça, assim, eu fiquei muito encantada de ver aquelas pessoas, ver a história do João Cândido sendo contada ali na minha frente com aqueles atores. E até me arrisquei depois, né, a gente continuou com esse lance de cultura onde eu morava mesmo. Aí vinha uma menina da cultura pra cá e tava ensinando a gente meio que como bolar um jornalzinho, tal né. A gente sem noção nenhuma de nada, ela ali tentando ensinar a gente alguma coisa. Aí teve um dia que foi um lance falando sobre o teatro e tinha um menino que militava com a gente na época, como é nome dele? Guilherme também, ele era estudante de cinema na USP. E

ele participava também do núcleo cultural. E eu lembro que um dia uma das meninas da cultura chegou e falou assim 'é o seguinte, vocês já sabem a base de como tem que fazer uma pecinha de teatro, tal. Vai montar um grupinho de X e Y de pessoas e cada um de vocês' e eu lembro que deu três grupos, 'cada um de vocês vai trazer uma peça. E vocês têm meia hora pra fazer o texto, a fala de cada um e o que vocês acharem que terminar, vem aqui apresentar a peça'. Aí, tipo, a gente se organizou tudo lá, é outra coisa também que marcou muito, e eu tive uma ideia, lembro que tive uma ideia muito rápida assim, muito louca, de fazer um casamento, mas o casamento seria de uma muda que ia casar com um surdo e que o pai era policial, não, que o pai era policial que ia fazer o casamento, mas o casamento ia ser feito por um pai de santo, mas a mãe era evangélica, entendeu? Eu sei que de repente surgiu esse monte de coisa na minha cabeça e no final ali a gente levou uma palhinha pra cantar uma música e deu certo. A galera ria muito, né. Ria muito, assim, e eu não esqueço disso. Um bando de meninas da época que estavam, elas lembram até hoje. Elas 'nossa, Simone, não é que você fez um papo muito louco'. Aí eu fiquei por um tempo meio nessa vibe aí com eles, de cultura, mas aí que eu comecei a fazer muito mais coisas no movimento, que eu tive que me dedicar muito mais, né, do que me dedicar a cultura em si. Mas hoje a gente tem uma Cultura maravilhosa no movimento, então assim, eles estão me assediando pra eu voltar, mas aí quando a gente se encontra já vem e 'a, já tá assediando'. E eu falei 'gente, eu quero. Admiro pra caramba a cultura, quero levar a cultura pra todos os espaços, nas comunidades que a gente estiver', porque a periferia não tem cultura, né, e agora que eu tô nessa vibe aí de tá dentro das comunidades, agora vou ficar pelo mandato da Edi, representando o mandato dela dentro das comunidades. Então existe uma demanda muito grande de cultura, né. Aí eu falei pra eles 'continua me assediando, porque qualquer hora você vai conseguir, mas a princípio vou precisar de vocês nas comunidades, pra tá levando cultura pra galera'. Mas existia esse lance de cultura, as pessoas ficavam assim entusiasmadas. Eram pessoas que nunca tinham ouvido, a não ser na TV, as pessoas produzindo coisas. Falando, esses meninos, eles são muito bons.

Luana: A, que legal. E mana, você se lembra se foi oferecido auxílio aluguel na saída da Chico Mendes pra alguém?

Simone: Mana, o auxílio aluguel, a gente conseguiu uma parte pela prefeitura do Taboão.

Luana: No Chico Mendes?

Simone: No Chico Mendes. A gente tinha trezentas e poucas famílias que precisavam de auxílio aluguel. Aí a gente foi ver, conseguiu dar uma quebradinha, que alguns conseguiu ir pra casa de parentes e a gente conseguiu um espaço pra colocar algumas famílias, mas a

gente tinha mais cento e cinquenta pessoas que real, real, real não tinha pra onde ir. E a gente só tinha conseguido cem bolsas, no total a gente tinha duzentos e cinquenta famílias. A gente lutou, andou, tomou chuva, tomou sol, etc, não conseguimos o auxílio pra essas famílias. E a gente já tava perto da saída. Aí o que no desespero a gente pensou e executou foi acampar na frente do palácio do governo. Aí foi onde nós ficamos quatorze dias acampados com seis pessoas acorrentadas, a gente auxiliava eles em tudo, auxiliava a dar comida, na hora de fazer o xixi a gente fazia cabaninha em volta, na hora do cocô a gente trazia a sacolinha, a gente colhia e jogava fora. Mas foram quatorze dias, mana. Acorrentado em frente ao Palácio do Governo, né, governo Serra, pra conseguir cento e cinquenta auxílios aluguel. Na época, se não me falha a memória, de trezentos reais.

Luana: Bom saber.

Simone: Foi uma luta muito, muito, muito intensa, né. E a gente não podia sair de lá pra nada, e a gente não podia deixar os acorrentados sozinhos. Então a comida era feita na ocupação, café da manhã, almoço e jantar. Eram três refeições. Fazia na ocupação e levava pra quem tava lá acorrentado e pras pessoas que ficavam lá auxiliando os acampados. Aí a noite sempre diminuía o número de pessoas, né. A gente se organizou pra fazer rodízio. Mãe que tava com filho a gente dava prioridade pra voltar pra ocupação, porque a ocupação não podia ficar sozinha e nem lá podia ficar sozinho. Então foi um tempo bem duro, bem duro. Mas aí a gente, no final do décimo quarto dia a gente conseguiu cento e cinquenta auxílio aluguel.

Luana: Legal, que bom. E na João Cândido também teve? A João Cândido foi bem curtinha, né? Foram meses que conseguiram ficar.

Simone: É. A João Cândido a gente conseguiu sim, né. Em Itapeverica a gente também fez o acorrentamento. A gente ficou alguns dias, mas teve várias lutas e teve acorrentamento também pra conseguir pela prefeitura. O acorrentamento foi pra conseguir pela prefeitura, né. Aí conseguiu também um número, que eu não vou me lembrar exatamente agora, de auxílio aluguel pra algumas famílias.

Luana: Legal. Bom saber. E bom, agora, me concentrando na João Cândido, pra a gente dar uma acelerada e eu te liberar. Você lembra como foi a sequência de entrada no terreno? Eu sei que na Canudos, a primeira coisa que foi feito foi construir a cozinha. Já era isso naquela época.

Simone: Isso. A gente mantém essa regrinha desde lá de trás. Quando entra, o caminhão tá ali, a galera tá no ônibus, o ônibus sai, o pessoal chega, o caminhão tá próximo ali com os kits, a gente vai entregando e tudo naquela rapidez mesmo, eu acho que você deve ter acompanhado. Primeira coisa é construir a cozinha, porque a gente tem o entendimento

que, quando amanhecer, a gente tem que tá com o café pra galera pronto, e já pensando no almoço, pra manter a galera ali dentro. Porque sem comida você não consegue botar a galera dentro da ocupação. Aí a primeira coisa mesmo é levantar a cozinha, depois ajudando o povo a levantar os barraquinhos deles.

Luana: Daí, acho que no segundo ou no terceiro dia já organiza as ruas com os grupos e etc, e ao mesmo tempo já tem uma galera que já vai saindo e vai captando outras pessoas no entorno do bairro, né?

Simone: Isso, aí a gente já vai fazendo aquele trabalho de divulgação no entorno. Avisando sobre a ocupação que vai ter, explicando ali no carro de som, quando a gente não tinha conseguido carro de som a gente ia panfletando. A gente já fazia os panfletinhos antes, porque no dia seguinte a gente já começa a fazer esse trabalho de captação em volta, porque normalmente a gente entra na ocupação na sexta-feira. Então a gente pega o sábado e domingo pra gente fazer esse trabalho aí de divulgação. Porque sábado e domingo é muito bom pras pessoas vir pra ocupação, né? Tem gente que tá de folga em casa, enfim. Então, pra ir enchendo a ocupação com o máximo de pessoas pra segunda-feira, quando a polícia, a própria prefeitura do local onde a gente tá, vier conversar a gente ter pessoas pra falar 'já tá consolidada, agora só com a ordem judicial, né'.

Luana: Sim, certo. E a cozinha. Eu sei que no primeiro mês mais ou menos a gente só tem uma cozinha central ali. Depois elas vão sendo construídas nos Gs. Já acontecia isso lá na João Cândido, né?

Simone: isso, já acontecia. A gente faz essa primeira cozinha que ela vira a cozinha central. Ai a gente vai fazendo os Gs, vamos supor que tenha seiscentos barracos. Ai aquele G tá prontinho, as ruas estão prontinha? Vamos partir pra cozinha dele. Aí a galera que vai ficar naquele G, vai usar a cozinha daquele G. terminou de fazer ali... às vezes a gente consegue, dependendo do material que a gente tem e das pessoas que está disponível na lida pra ajudar a fazer, a gente consegue fazer duas cozinhas simultâneas, mas às vezes a gente tá numa ocupação muito grande, então a gente vai fazendo por partes. A gente tira uma meta, tipo essa semana a gente tem que arrumar o G1, o G2 e o G3 ele tem q ficar pronto com a rua bonitinha pra atender as cozinhas desse jeito. As outras vai usando a cozinha central. E a gente vai partindo pra outras até organizar toda a ocupação, cada G com a sua cozinha pra fazer suas atividades, sua comida.

Luana: e a comida que era preparada na cozinha, como era adquirida? Era de doação, vocês faziam rateio entre os acampados pra comprar comida, comprar gás? Como faziam na João Cândido?

Simone: na João Cândido a gente tinha doação. A gente tinha doação de ofício que a gente levava em supermercado, né. Isso nos primeiros dias ali, vamos supor, na primeira semana de ocupação a gente tá na cozinha central organizando os Gs. Aí a gente tinha doação de supermercado que a gente ia lá e pedia mesmo na cara de pau. Também levava ofício e, aí vai passando o tempo, principalmente quando já tem o G, faz a reuniãozinha no G e fala pras pessoas 'olha, quem tiver em casa que tiver sobrando um arroz, um açúcar, um feijão, a gente pede doação, a gente pede doação no entorno, mas às vezes falta. Quem puder ajudar, ajuda, traz alguma coisa' aí sempre os acampados ajudavam com um pouquinho de arroz, um pouquinho de açúcar, porque daí quem tinha em casa, a gente já falava 'não sacrifique, se for o único que você tem em casa, né, chega em casa vai fazer pro seu filho' a gente sempre falava só se tiver alguma coisa a mais mesmo. Então as pessoas sempre colaboram com um quilo de uma coisa ou outra e a gente vai em busca de doação. E chegava bastante coisa lá, entendeu. Porque a gente pedia em Embu, Itapeverica, São Paulo mesmo. A gente tinha uma freira em Guarulhos na época que uma vez por semana a gente ia buscar doação, porque ela também fazia doação pra gente. Igreja também ajudava a gente. Então, a gente conseguia alimentar as pessoas. E nessa época alimentava com o que tinha, não existia coisas sobrando. Então a gente tinha uma regra entre os militantes que primeiro os acampados comiam e se sobrasse os militantes comiam. Porque se a gente deixar o acampado sem comer, ele não vai ficar na ocupação. Ele vai embora, então a gente tem que priorizar ele. Então, a gente que é militante, a gente segura ali. Se sobrasse pão seco, a gente segurava ele e comia ali com meio copinho de café, ali a gente passava o dia. Mas o acampado, a gente tinha que priorizar ele. Então a comida não era abundante, não tinha grandes quantidade de comida. E a gente comia mesmo de doação. Os acampados levavam e o que a gente pedia no entorno, né. O gás, a gente já chegou a fazer rateio dentro da própria militância mesmo. Lembro de um tempo que os coordenadores preferiam que juntasse, no João Cândido tinha uma coordenação grande, juntava um rateio ali com os próprios coordenadores, muitos deles trabalhavam fora e conseguiam ajudar. Então fazia o rateio e quem ia lá comprar o gás fazia prestação de contas na reunião. Dizia 'sobrou x que é pro próximo gás, não precisa fazer rateio'. Porque a gente preferia entre a gente do que pedir pros acampados na época. Esse lance de pedir dinheiro a gente nunca quis, porque dá problema. Então era menos problemático fazer esse rateio entre a gente do que pedir pros acampados.

Luana: E naquela época dava, porque o gás era bem mais barato, né?

Simone: Era outra coisa, a gente tinha coordenador lá que falava assim 'o gás essa semana eu vou comprar sozinho'. Aí tinha um rapaz lá que distribuía gás e ele falava 'quando

precisar de gás pode pegar comigo que eu vou passar o preço que eles me passam na distribuidora, eu não vou ganhar em cima'. Isso ajudava muito e acontece muito. Às vezes têm o cara que vende o ovo que fala 'eu vou doar tantas cartelas por semana, vocês podem vir que eu vou passar pelo mesmo preço que eu pego na distribuidora'. Rola muito esse lance dentro das ocupações. As pessoas querem ajudar de alguma forma.

Luana: vocês atendiam só acampados nessa cozinha ou vocês chegaram a atender a população do entorno. Porque eu lembro que você falou que na João Cândido era até um pouco mais distante do comércio local.

Simone: No João Cândido, em frente, quando ia entrar na ocupação a gente andava um pouco pra chegar na parte que a gente ocupou. Porque a gente passava por dois campos de futebol até chegar no terreno que a gente ocupou. Então era um pedaço bem distante mesmo e não tinha mercadinho em volta, nem nada. Lá na João Cândido às vezes aparecia, mas era muito raro, aparecia alguém que era morador de rua. Ele aparecia, pedia comida e a gente dava. Quando foi no Chico Mendes 2 que eu estava, aparecia mais pessoas que não era da ocupação, aparecia na própria Capadócia aparecia, que foi outra ocupação que eu toquei, aparecia pessoa que moravam na comunidade, que era muito perto, e a gente sabia da vulnerabilidade. E a gente sabia que eram pessoa com algum problema psicológico, problema alcoólico, algum problema com droga e ele não ia se manter dentro da ocupação fazendo luta, porque ele não dava conta mesmo, mas vinha todos os dias. A gente já sabia que essa pessoa vinha pra tomar café, almoçar e jantar. Então a gente já sabia quem eram as pessoas que vinham de fora pra almoçar, jantar, tomar café, então tinha até essa preparação de um pouco a mais pra essa pessoa não ficar sem quando viesse comer.

Luana: E na João Cândido rolou alguma atividade cultural?

Simone: Sim, na João Cândido também rolava. Rolava sarau, a gente fazia muito sarau na João Cândido. Era o espaço onde as pessoas tinha a oportunidade, porque às vezes a gente tinha uma pessoa que tocava violão e a gente descobria no sarau. A gente descobriu que tinha umas meninas que sabiam fazer umas poesias maravilhosas. Então durante o sarau a gente incentivava essas pessoas e no sarau seguinte elas traziam a poesia, ia na frente e falava. Então a gente fez muito sarau, atividade com criança. A gente tinha uma ciranda muito legal.

Luana: E quando vocês estavam fora do terreno lá na João Cândido, demorou uns seis anos para a construção do condomínio, né? Porque essa ocupação é de 2007 e o condomínio começou a ser construído em 2013, então foram seis anos. E esse tempo que vocês ficaram fora, você conseguiu ter alguma relação com os acampados, eu sei que você

estava como organizadora, você acha que a coordenação conseguiu ter alguma relação de formação com os acampados. Eu sei que esse tipo de formação é dada na assembleia, né. Mas fora isso, você acha que conseguiu ter um alcance maior de formação com os acampados, vocês conseguiram dar assistência com cesta básica, assistências as mulheres que por algum motivo eram vítimas de abuso/agressão e conseguiram dar alguma atividade cultural ou escolar fora da ocupação?

Simone: a gente montou um cursinho pré-vestibular que rolou uma época pra uma galera. Começou no Casarão, depois a gente fez com essa galera que era filhos de acampados nossos do João Cândido. Aí eles foram pra um espaço que a gente tinha no Capão, porque às vezes batia com dia que a gente tinha reunião ali, pra não atrapalhar a aula dos meninos, dos adolescentes, foram pra lá e a gente conseguia fazer isso. E a relação da gente, da coordenação antiga, com os acampados do João Cândido e Chico Mendes é uma relação muito próxima, mana. São ocupações muito diferentes das outras que vieram depois. A gente teve que ir se adaptando, a gente teve que ir mudando as coisas. Então, João Cândido e Chico Mendes eram pessoas que moravam mesmo dentro da ocupação, foram pessoas que tiveram um vínculo com a gente muito forte, pessoas muito ligadas mesmo. A militância era ligada a quem tava ali tocando, né. Eu vim tocar várias ocupações na sul e eu tive que deixar outros companheiros tocando o João Cândido e o Chico Mendes, mas eu nunca abandono aquele povo, jamais. Quando eu vou tocar uma assembleia, igual a última que eu estava e agora eu estou reorganizando, o movimento está se reorganizando, eu vou voltar a ficar lá com eles também, é aquela felicidade, aquela alegria. Eles compreendem que eu estou fazendo outras coisas, mas não abandono eles. É aquele carinho, aquela coisa de mandar mensagem chamando pra tomar café, pra conversar, desabafar. E a gente ter que apertar a agenda, mas dar um jeito de dar atenção mesmo. E são pessoas que tem a gente como a base mesmo, que você pode contar. Alguém morre na família, eles ligam e a gente corre atrás pra dar assistência, ajudar no enterro, dar uma força, um apoio psicológico. A gente fica sabendo do companheiro que está com problema financeiro, não tá conseguindo pagar aluguel, a gente se organiza entre a gente mesmo, fazer um rateio e ir lá e tentar pagar o aluguel daquele mês, entendeu, pra pessoa não ser despejada. Tá sem comida em casa, a gente corre atrás de arrumar uma cesta básica e ir lá levar. É companheiras nossas doentes, com câncer, e a gente fica sabendo que tá com dificuldade, eu já acompanhei já duas companheiras, infelizmente perdemos as duas, mas o máximo que eu pude acompanhar e dar assistência via o MTST, a gente fez o que foi possível. Então, têm coisas que chegam até a gente e dessas ocupações antigas chega muito mais do que as mais novas. Porque essa ligação que as ocupações antigas têm com

a gente, essa confiança de 'se eu ligar pra Simone e falar que eu não tenho comida em casa ela só não vai conseguir pra mim se ela não tiver pra onde correr. Mas do contrário ela vai conseguir uma cesta básica e vai trazer pra mim'. É que às vezes, nessas ocupações novas, pessoas que estão passando por aquela necessidade, mas fica meio com receio. Porque ela não teve aquela vivência que as ocupações antigas teve, não passou dificuldade que as ocupações antigas passou com a gente. A gente não tinha espaço, hoje a gente tem o casarão que todo mundo chega pra fazer uma reunião. Todo mundo vai tomar um ótimo café da manhã, todo mundo vai almoçar e se tiver que jantar, vai jantar também. Hoje a gente tem estrutura pra isso. E a gente não tinha, a gente fazia uma reunião igual a gente faz reunião, vamos supor, um encontro regional, a gente começava as nove da manhã, ia terminar as três da tarde pra organizar tudo, até mesmo um Estadual, a gente tinha um pacote de bolacha água e sal e uma garrafa de café. A gente ia regando aquilo ali pra aguentar até o final da reunião. E a gente não tinha grana pra comprar e não tinha o que fazer. Isso sentado no meio da rua, mana. A gente fazia nossa reunião em praça. E quando a gente conquista aquilo ali, o nosso povo que desde o João Cândido e Chico Mendes, que passou por tudo isso, Pinheirinho também pegou essa parte, entendeu, eles dão muito valor pra aquilo ali. Eles dão muito valor pra comida que eles chegam e tem o que comer. As pessoas que vem pra assembleia mesmo, que não estão militando, que vão ver a assembleia, eles dão muito valor pra aquele espaço ali, né. Eles acham tudo muito lindo, tudo muito maravilhoso, porque passou por um período com a gente, que foi um período de veneno mesmo, com muitas dificuldades mesmo e resistiram, permaneceram. E a galera do João Cândido e Chico Mendes que vieram pra esses dois empreendimentos, inclusive eu entro nesse, que vai sair no próximo ano, começou as obras agora. Porque na época que saiu a primeira fase uma grande parte da coordenação ia entrar. E meu nome tava na lista, aprovada pra entrar. Mas eu sentia que não era pra eu entrar, não era o momento e que iam ficar pessoas pra trás e que se eu ficasse com essas pessoas, eu era uma força a mais pra essas pessoas não desistir até sair o próximo. Então, na mesa de reunião eu falei 'coloca outra pessoa no meu lugar, eu não vou. Ok, eu pago aluguel, mas na minha casa é só eu e o meu companheiro. Se der problema e eu não conseguir pagar o aluguel, eu e ele se enfia em qualquer cantinho, em qualquer buraquinho. Mas uma mãe com dois, três filhos fica mais complicado. Então, vamos ver aí uma companheira e coloca no meu lugar'. Entendeu, eu abri mão. Às vezes as pessoas me questionam 'você está num movimento desses desde 2005, você milita. Porque você não tem sua casa própria, porque você tá no (condomínio) João Cândido?'. Aí eu tenho que dar essa explicação, porque tem gente que acha que o movimento não é justo comigo. Não é o movimento. Eu que tive esse

entendimento, não me arrependo de forma alguma, nunca me arrependi. E tem pessoas que questionam 'mas você não se arrependeu, porque podia estar na sua casa?'. Não, eu não me arrependo. Porque às vezes eu fico pensando 'caraca, se eu tivesse ido, eu amo o MTST. O MTST é minha segunda família. Se eu tivesse ido, será que eu não tinha desanimado? Há oito anos atrás, se eu tivesse entrado lá, será que eu tava com essa mesma vibe de ver esse crescimento que eu tive dentro do movimento, dentro dos espaços, conhecer essas pessoas que eu conheci, será que eu tava com essa mesma vibe? Às vezes eu me pergunto, será que eu tava assim onde eu tô hoje se eu tivesse conquistado? Porque eu sei que várias pessoas que conquistou não tá mais. Era coordenador, tava ali no dia a dia e depois que conquistou desanimou. Então, a gente sempre prega, gente, depois que você conquista a sua casa, é o começo da sua luta. Porque só a casa, tipo assim, ela é primordial na vida de qualquer ser humano, mas ela sozinha não vai mudar a sua vida. Se você não tiver um emprego, você não vai conseguir mantê-la. Se você não tiver uma escola legal pra seu filho ou não tiver uma escola próxima, vai ser complicado. Se você não tiver uma creche, se você não tiver ônibus pra você ir e voltar do trabalho. Então a luta ela continua. A gente tem uma outra luta depois que você conquista a sua moradia. A gente vai pra. Vai lutar pela creche, vai lutar pela escola, vai lutar pela rua asfaltada, vai lutar pelos aparelhos que a gente precisa ter em volta pra gente sobreviver quando não tem. E quando tem a gente precisa lutar do mesmo jeito pelo que é ruim. Então, a gente coloca isso na cabeça das pessoas pra quando as pessoas entrarem lá dentro e 'tô aqui no meu canto, então agora é cada um por si e Deus por todos'. Existe esse trabalho, que a gente tá mudando a forma agora de fazer com os outros condomínios que vão vir, né. Porque depois que você entra com a sua família dentro do condomínio, existe um monte de problemas e às vezes reflete no movimento. E a gente não pode só fazer prédio, fazer prédio, fazer prédio, aquele amontoado de pessoas lá dentro e esquecer eles lá. Não a gente tem que continuar conscientizando, a gente tem que continuar formando, continuar tentando que, mesmo depois dessa conquista, continue militando com a gente, porque essa pessoa tem experiência pra passar pra frente. Que ela é uma pessoa real, que ela lutou vinte anos, dez anos, quinze anos, mas conquistou. Então, a luta não terminando quando você entra dentro do apartamento. E isso, a gente já tá estudando como vai ser daqui pra frente, retomar esse condomínio que a gente entregou e os que vai ser entregue. Como vai ser esse trabalho com as pessoas após o momento que elas estão lá dentro pra gente não perder elas na luta, que elas não queiram mais lutar, porque tem muito que ficam lutando por um filho, por alguém da família. Conquistou o seu, entra em outra ocupação. Mas aí já tem pessoas que

não, tô com o meu aqui, tá bom. Mas pelo menos que ela não quer ir pra uma outra luta pro filho, mas que ela continue fazendo uma luta pra ser melhor o bairro onde ela vai morar.

Luana: Bacana. E deixa eu te perguntar. Eu pesquisei que no condomínio João Cândido, o movimento conseguiu entrar no MCMV- entidades, que possibilitou que o movimento pudesse organizar o dinheiro da construção da forma que ele achasse um pouco mais generosa, de uma forma um pouco mais correta. E eu vi que o movimento contratou alguns acampados pra trabalhar na construção do condomínio. Você sabe me dizer quantos foram contratado e se foi dado uma formação pra esse pessoal?

Simone: Foi contratado bastante pessoas, mas eu não vou saber, eu posso tentar buscar isso pra você, mas eu não vou saber o número, porque tinha um outro grupo de pessoas que tocava esse lado de pessoas contratadas. Em relação a curso pras pessoas, porque a maioria das pessoas que trabalharam lá forma as pessoas que iam morar lá mesmo, né. Essas pessoas já tinham uma atividade, um curso técnico, que era pra própria GTA.

Luana: A GTA é o que? É a construtora?

Simone: A GTA é a que faz a parte de arquitetura. Eles fazem o projeto. Aí a própria Caixa exige que essas pessoas tenham uma assessoria técnica por um ano. Porque é uma mudança muito grande. Você vai sair do local que você mora, que não é um local coletivo na maioria das vezes, e vai morar coletivamente. Então existem uma série de coisas que você tem que ir se adaptando pra você ocupar esse espaço. Então, existe um ano de assessoria técnica. E essas pessoas que trabalhavam lá também faziam essa assessoria técnica, porque eles também iam morar lá, né. Eles foram morar lá, na verdade. Eu trabalhei na época na cozinha que fornecia comida pra obra. A gente fornecia duzentas marmitas, a cozinha foi gerida pelo MTST e eu coordenava. Estava eu mais uma companheira ajudando na coordenação das comidas, ouvia a reclamação da peãozada, o que não tava bom melhorava. Foi um período muito bom também, que eu fui e fiquei lá um tempo trabalhando na cozinha. E curso assim, fora o da assessoria técnica, os trabalhadores não tiver. Tiveram curso com o dono da obra, que trouxe umas pessoas de fora que vieram até da Bahia, que eram especialistas pra fazer os pré-moldados, que ensinou o nosso povo que ia fazer esse trabalho. A importante da entidade gerir o projeto, é que com o mesmo valor que eles faziam esses apartamentos de quarenta metros quadrados aí, às vezes até menor, a gente conseguiu fazer com cinquenta e oito e sessenta e seis, se não me engano, se não me falha a memória. Com elevador e com sacada. Então, se vai direto pra empreiteira, não tem a qualidade do que a gente propôs, a gente colocou e a gente provou que dava pra fazer. Inclusive a gente trouxe Lula, a gente trouxe Dilma na época pra mostrar pra eles que aquele valor que era liberado dava pra fazer moradia decente, maior e com qualidade pras

peessoas. Desde que ela fosse gerida por uma entidade decente que tivesse mesmo buscando a melhoria. Então, esse condomínio nosso, foi um exemplo pro MCMV. Porque normalmente as construtoras fazem do jeito que elas querem. Quem ia morar lá tava trabalhando, então via alguma coisa errada já falava com a gente e a gente ia ver o que estava acontecendo. As pessoas que daíam morar trabalharam dentro, o movimento, a entidade estava ali junto, a assessoria técnica que fez o projeto eram pessoas da nossa alta confiança. Fez o projeto, apresentou pra gente e falou 'dá pra fazer, é só uma construtora pegar pra fazer, porque pelo mesmo valor que eles fazem os menorzinhos, dá pra fazer do jeito que a gente fez aqui. Porque, quando chegou o projeto, eu fiquei, gente, ninguém vai pegar pra fazer. Mas aí na época vieram cinco construtoras e quiseram pegar, com todas as nossas exigências. Só que aí a gente foi eliminando. Uma saiu porque não queria contratar gente nova, porque elas já tinham a equipe deles. Essa a gente já eliminou. Uma saiu porque a gente queria fornecer a comida, e a gente queria uma comida de qualidade pras pessoas que fossem trabalhar. Aí eles falaram 'não, a gente dá o vale refeição, a gente não fornece comida'. Aí a gente dispensou essa também. Aí a outra disse que não dava pra fazer por algum motivo. No final ficaram duas, a melhor pra gente a gente ficou.

Luana: olha, é muito inspiradora a história desses movimentos, da construção. Eu vou transcrever tudo o que a gente conversou eu posso te procurar?

Simone: por favor. Qualquer dúvida que você tiver, mais alguma coisa que você quiser saber, você pode chamar, a gente combina um horário legal pra nós duas. A gente combina um dia pra bater um papo.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a mestranda do Programa de Pós-graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo, Luana Roma Gonçalves, no. USP 11750895, que pode ser contatada pelo e-mail lua.romag@gmail.com e pelo telefone (11)98182-3068. Tenho ciência de que as informações fornecidas terão a função de compor, de forma parcial ou total, a pesquisa cujo título é **O Desenvolvimento e o MTST: Análise das Ocupações Chico Mendes e João Cândido e o Condomínio João Cândido (2005 a 2008 e 2012 a 2014)**. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza. A utilização da transcrição estará atrelada à autorização aqui assinada, que deverá ser lida por mim antes da publicação do presente trabalho. Em caso de publicação de livro, será preservado o anonimato dos entrevistados, assegurando assim minha privacidade. Uma cópia da transcrição será enviada a mim pela pesquisadora.

Nome do entrevistado:

Cleik Simone de Sousa Silva

Assinatura:



São Paulo, 06 de 09 de 2023.

Entrevista Concedida Por Luciano

Transcrição de entrevista

Realizada em 30/07/2023

Local: Casarão – Taboão da Serra

Entrevistado: Luciano Lopes da Silva

Responsável pela transcrição: Luana Roma Gonçalves

Luana: Poderia me dizer teu nome e qual a ocupação que você entrou no movimento?

Luciano: Meu nome é Luciano Lopes da Silva, eu sou do João Cândido.

Luana: E você entrou através da luta por moradia?

Luciano: Não, eu entrei eu tinha acabado de passar por uma separação, fui pra casa da minha mãe e com vinte dias que eu tava lá sem dormir, com a cabeça bagunçada, aconteceu a ocupação. Do dia 16 pro dia 17 de maio. Aí minha mãe tava passando na hora que estava acontecendo a ocupação e ela chegou em casa e falou assim 'já que você não tá bem da cabeça, vai lá ajudar o pessoal, vai fazer teatro que você gosta de fazer'. Então eu fui meio que pra mudar minha cabeça e fazer teatro com criança e com idoso, falar sobre droga.

Luana: A sua mãe conhecia a ocupação?

Luciano: Não, foi só mesmo pra mim sair de casa. Então eu fui pra lá porque eu tava pirando. Ela me mandou pra lá pra dar uma aliviada na cabeça. Fiquei ali no Valo Velho, entrei pela luta pra por minha cabeça no lugar, fazer teatro. Então a gente fazia muita roda de conversa em volta de fogueira. Conversava muito sobre isso em volta de fogueira e eu fui pra cozinha. Trabalhava em restaurante, tinha acabado de sair de um restaurante, então eu fui pra cozinha ajudar na ocupação, porque lá foi uma cozinha comunitária, né. Como a gente descobriu naquela correria eu fui pra cozinha, então minha briga com o pessoal foi fazer comida. E nisso ficamos dois meses e pouco naquela correria fazendo comida, se não me engano, tinha quase quinhentas pessoas no grupo que eu estava. Foi trinta e nove grupos num terreno de um milhão de metros quadrados. Então, lá era muito grande e a gente não tinha o que tem hoje, não tinha o Minha Casa Minha Vida (MCMV). Então, eu não tava ali por moradia também, só que no decorrer da caminhada, dentro da luta do movimento, comecei a criar uma consciência e eu comecei a pensar 'pô, eu tô aqui no movimento que luta por moradia, não tava lutando pra fazer uma favela'. Eu vi que a luta era pra que o governo construísse e a gente pagasse. Eu falei, 'vou fazer uma luta pra minha mãe, porque ela paga aluguel'. Então ali foi que eu construí uma consciência referente a isso. Porque eu tenho um pai que é contra ocupação, invasão e tem a família toda. Até hoje tem uns irmãos

meus que a gente nunca fala por causa disso. Então ali dentro eu aprendi a consciência de classe e a lutar por moradia, mas eu não entrei por moradia no movimento. Mas ali dentro eu comecei a fazer essa caminhada e graças a Deus hoje minha mãe está no apartamento dela.

Luana: Então, militante mesmo você se tornou quando? Você se tornou coordenador lá? Conta pra mim essa história.

Luciano: No Valo Velho foi muito bagunçado, e, tipo assim, a gente passou dois meses lá, mas parece que passou mais tempo, muito mesmo. Parece que passou mais de dez anos. Uma coordenadora que entrou lá, ela roubou a cozinha. Como era muito grupo a gente não sabia nem como funcionava. Ela ficava rondando a gente e ela roubou, era doação e ela roubou a doação da cozinha.

Luana: Ela roubou literalmente?

Luciano: Ela pegou a comida da cozinha que chegou de doação, pôs dentro do carro e levou embora. Depois que descobrimos ela ficou com vergonha e a família dela foi embora. “Não dá pra você ficar aqui pra atrasar a gente”. E com isso eu entrei pra cozinha, fui fazer comida, porque a gente tinha marcado na época uma feijoada. Ela levou tudo da feijoada. Mas aí a gente conseguiu pegar de novo, conversar com o pessoal, falar o que aconteceu e a gente conseguiu mais doação, fizemos a feijoada. Uma feijoada maravilhosa, mais de seiscentas pessoas comeu essa feijoada. E iam desmanchar o grupo trinta e nove e iam mandar pros outros, só que aí a gente, eu, Japa, a Joelma e a Sandra, logo depois disso a Sandra saiu, e a gente foi e assumiu o grupo, viramos coordenadores. Depois disso, a gente era praticamente uma família, a gente ficava 24h juntos. Era pouco tempo, mas era tudo fazendo junto. Então a gente assumiu pra não desmontar o grupo. Aí entrou o Japa, a Joelma e a Sandra. A Sandra saiu logo que saiu do Valo Velho, o Japa durou mais uns três anos. Eu e a Joelma estamos até hoje. Então a gente passou uma luta grande ali. A prefeitura não estava recolhendo o lixo da rua e não tinha água no terreno. Era um terreno horrível. Não tinha programa de habitação. E a gente não tinha o norte que tem hoje. Não tinha ninguém na política e a gente era contra a política. A gente era apartidário, nós era bruto. Se chegasse qualquer vereador a gente colocava pra correr. (não entendi). Mas aí a gente ficou sem recolher lixo, numa ocupação com mais de cinco mil famílias. Não mandava água. Quando a gente foi fazer um ato na prefeitura, a gente levou um carro de lixo e descarregou na prefeitura. Descarregou na frente da prefeitura. Agora é tranquilo, mas na época, toda vez que ia pra ato, tinha confronto, tinha pancadaria. Todo ato, todo ato. Não tinha um ato que a gente saísse e voltasse de boa. Era pancadaria. Parou quando a gente fez a marcha dos cinco mil. Foi do Valo Velho ao Palácio do Governo. A polícia barrou a

gente ali no estádio, não deixou a gente seguir. Cinco mil famílias. Eles só assim quiseram atender a gente. E era pancadaria e os guarda cutucando, a gente não tinha noção de como funcionava. Como conversar. Então era horrível, apesar de que eu sinto saudade.

Luana: E naquela época a militância era bem pequena, né?

Luciano: o que acontece? Quando chegou no Valo Velho o movimento tava bem fragmentado, tava se perdendo ali. Porque? Tinha saído do MST, tinha sido despejado do Chico Mendes, então tinha pouca gente e desacreditada, porque não tinha muito. Como o João Cândido foi feito, veio na hora certa, porque como foi feito num terreno enorme, o prefeito deu um tiro no pé, porque o prefeito saiu falando pro pessoal que ia dar moradia pra todo mundo. Ele saiu com carro de som falando isso. Então a ocupação lotou do nada, do dia pra noite. Então, depois que ele fez isso ele não conseguiu mais desfazer. Quando o movimento viu que o governo começou a parar pra ouvir, porque a gente tava lutando contra a prefeitura de Itapeverica, prefeitura de Taboão com a Chico Mendes e a prefeitura de São Paulo que a gente tava bem na divisa. A gente começou a bater no governo e o prefeito queria as coisas, aí ele falou 'vou apoiar'. Aí liberou pra gente fazer, só que a gente ia fazer só com o governo. Como a gente ficou forte, a gente foi bater na prefeitura. Aí dois meses e pouco teve despejo, mas ele cedeu a área do Vila Calu. A gente saiu de um terreno de um milhão de metro quadrado pra um terreno que não cabia quinhentas pessoas. A gente teve que vê quem não tinha realmente pra onde ir, nesse terreno. Tanto que eu não ia ficar. Ia ficar a Sandra, a Joelma e o Japa. Eu falei 'vou voltar pra casa da minha mãe, eu tenho pra onde ir'. No caminho do Valo Velho pro Calu no Jacira, não é longe. Mas a prefeitura fez a gente dar voltas e voltas e voltas pelos caminhos mais longe que tinha, por dentro dos matos. A gente saiu de manhã e chegou quase de noite. Andou muito, porque eles ficaram dando voltas pra gente desistir. Quando chegou lá, Sandra passou mal, aí foi pro hospital. E do hospital foi direto pra Pernambuco, nem voltou pra lá. Foi se tratar. Aí ficou a Sandra que falou pra mim 'segura até eu voltar'. Então eu fiquei no Calu. É só pra segurar, montar o barraco pra ela voltar, mas ela não voltou e eu fiquei. Falei, 'vou tocar o Calu'. Só que eu fiquei não como coordenação, falei 'vou voltar a ser acampado' era pequeno. Aí eles dividiram em três brigadas. E como eu vim fazendo barulho do Valo Velho até o Calu 'ah, fica na coordenação'. Eu falei 'vou pensar, se eu for ficar, vou ficar só pra cultura'.

Luana: Você já tinha uma experiência em Cultura antes?

Luciano: Eu fiz circo escola quando era criança. Mas eu fiz bem novo, eu tinha sete pra oito anos. Eu fiz circo escola. Mas depois eu cheguei a fazer teatro com essa idade falando de

droga, álcool, alcoolismo, violência doméstica. Ainda fiz umas peças. Só que depois disso eu parei. Mas aí quando voltou lá eu voltei a fazer e...

Luana: Mas você já entrou já na ocupação pela cultura?

Luciano: quando foi feita a ocupação Silvério de Jesus fui pra ajudar na organização e cultura fazer sarau e pequenas peças de teatro antes das assembleias era conhecido lá por palhaço

Luana: Isso no Valo Velho?

Luciano: No Valo Velho. Meu grupo era o último lá da ponta. Aí então, como não tinha aquele negócio de palco, o que a gente fazia? A gente sentava a noite ficava na fogueira ou contando piada ou ouvindo. Eu entrei, eu com uma semana... eu tava entrando em depressão e não sabia. Porque eu tava com a cabeça a mil, só que você senta na fogueira e começa a ouvir o pessoal. Aí você vai ouvindo história pior que a sua. Pensa num remédio bom? Eu sentei com um tiozinho e comecei a perguntar 'o quê que fez você chegar aqui?'. E eu sentei e cumprimentei e falei, daí ele falou que comprou uma casa num terreno da prefeitura, construiu, filho começou a usar droga e ele pôs pra fora de casa e ele tava morando na rua. E eu reclamando dos meus problemas. O cara morando na rua... e eu posso voltar pra casa da minha mãe, ou pagar um aluguel. Só arrumar um emprego. E ele sabendo que o filho está nas drogas.

Luana: Você me falou que entrou pelas suas questões e depois continuou pela luta.

Luciano: Pela luta pra colocar minha mãe numa casa, tirar do aluguel.

Luana: Isso, o material que você usou pra fazer o barraco da sua mãe, mesmo que seja simbólico ou pra moradia, você comprou o material ou você fez que nem a Simone?

Luciano: O meu barraco, quando eu fui pra lá, eu tinha barraca de camping, eu pescava, então, a única coisa que eu voltei lá pra buscar quando separei foi isso. Busquei todos os meus apetrechos de acampamento e pesca. Então eu montei uma barraquinha de camping. Mas era pra uma pessoa, não dava pra ficar em pé na barraca. Eu trocava de roupa deitado. Depois disso, quando eu separei eu não consegui voltar pra nada do que eu fazia. Então eu fui no emprego pedir demissão. Na verdade eles me mandaram embora, não quiseram me dá a demissão. Então, eu comprei tudo. Fiz um barraco lindo, maravilhoso. Doe logo depois.

Luana: O material que você comprou, foi no entorno da ocupação?

Luciano: Foi, na frente. O pessoal tava vendendo material na frente da ocupação. O bambu a gente foi buscar. O pessoal conhecia um bambuzal e a gente foi buscar. A lona foi na frente. Mas a gente reciclava muita coisa. Guarda roupa.

Luana: Você costumava consumir no entorno da ocupação? Tipo, comprar uma comida ou comprar alguma coisa ou vocês ficavam mais dentro da ocupação?

Luciano: Sim sempre que acontece uma ocupação as coisas são compradas no entorno, eu fui morar na ocupação. Era pra quem não tinha mesmo onde ficar. Então morava dentro da ocupação. Era cozinha comunitária, mas eu sempre tive nas minhas cozinhas um botijãozinho com uma boquinha de gás, porque eu sempre gostei de fazer a minha comida. Então mesmo eu estando na cozinha, no meu barraco eu tinha meu fogãozinho de uma boca, eu tinha na época um discman com a caixinha de som. No grupo 39 a gente não desmontou porque a gente era uma família. Um cuidava do barraco do outro. Eu tinha uma turma que a gente é amigo até hoje. E a gente não saía de lá. Eu perdi o emprego, eu tava com um dinheirinho tão bom que eu fazia churrasco quase todo dia. Lá no Valo Velho eu não passei sufoco.

Luana: Naquela época a carne estava até mais barata, né?

Luciano: Mas como era só eu, apesar de eu sempre ser controlado. Eu tinha aquelas caixas de isopor grande, abri um buraco no chão e enterrei. Então eu tinha como se fosse uma geladeira. Então eu comprava gelo e colocava ali. Eu tinha as minhas coisas dentro do barraco, sempre tive tudo arrumadinho. Quando chegava um pessoal que tava precisando, eu volta e meia ficava na barraca de camping pra emprestar o meu barraco. Eu dizia 'fica aí' e montava um barraco pra pessoa. Ia atrás de material com uma turma que a gente tinha, montava o barraco pra não ficar ninguém sem. Mas a gente sempre pegou em volta. Toda ocupação que vai, o pessoal que vende material em volta ganha dinheiro.

Luana: Tanto material de construção quanto comida, porque o pessoal vem de fora pra assembleia e acaba consumindo.

Luciano: Tudo. No entorno ali o comércio dá dinheiro. Porque o pessoal que tá morando não tem muito, mas o pessoal de fora vai comprar ali. E se tem alguém precisando vai comprar pra pessoa que está precisando.

Luana: você me disse que você foi pro Valo Velho e lá você se tornou da coordenação. Antes de ser da coordenação você fez alguma formação?

Luciano: não.

Luana: Nem nas assembleias você conseguiu, porque a Simone falou que tinha nas assembleias, mas a galera não conseguia ouvir porque não paravam de falar.

Luciano: o que acontece. A gente tinha uma assembleia com cinco mil famílias. Então era aquele palco e outra, a gente não tinha noção disso. A gente tinha as reunião. Não, eu cheguei a fazer uma formação no Valo Velho com o Gabriel. Que não foi uma formação boa.

A gente tava em torno de cem pra mais pessoas. O coordenador é o primeiro a chegar e o último a sair. Eu lembro que aprendi muito nessa formação.

Luana: Nessa formação você já era coordenador?

Luciano: Já. Eu entrei uma semana tinha uma formação marcada. Aí eu fiz essa formação, que era da fábrica de sapato. Você chegou a fazer a do “por que ocupamos”?

Luana: Sim. Eu dei uma formação dessa lá no Grajaú.

Luciano: Essa que eu fiz tirou essa que você fez. Quem tá fazendo agora é três de uma hora e meia. Quando a gente fez foi um encontro de três dias. A gente já tava no Calu.

Luana: você participou de algumas atividade culturais lá, mas foi mais assim, essas atividades que você participava eram mais aquelas que você chegava conversava ou você...

Luciano: não, depois que saiu do Valo e foi pro Calu a gente montou a Cultura. Já tinha teatro com peça tudo escrita. Escrevi teatro. No Silvério, que a gente fez ocupação durante, quando foi pro Calu em 2007/2008 a gente foi pro Silvério.

Luana: aí já era outra ocupação.

Luciano: era uma ocupação aqui no Embu. Aí a gente já montou mais fechado uma equipe pra fazer teatro mesmo, e toda semana tinha teatro. E era bem da hora porque tinha ensaio, tinha fantasia, entendeu. A gente escrevia teatro, pegava peças na internet e transformava no nosso roteiro, fazia teatro com música.

Luana: Isso no Silvério?

Luciano: Isso. É que o Silvério demorou menos tempo que o João Cândido no terreno. Que a gente saiu do Silvério, teve o despejo no Silvério, o pessoal no Silvério foi morar dentro do João Cândido. Uma parte deles que não tinha pra onde ir foi morar dentro do João Cândido, no vila calu.

Luana: Que era super pequenininho.

Luciano: o terreno do vila calu o prefeito soltou uma nota falando que a gente tinha invadido o terreno pra comunidade, pra arrumar briga com a comunidade. A gente tava com quatro meses, ou mais tempo que isso e ele pediu reintegração de posse. No Calu a gente passou quase um mês acampado na prefeitura. Acampava na frente da prefeitura, era despejado, acampava na frente da Câmara dos vereadores, era despejado, voltava pra prefeitura. Aí quando tinha sido despejado de todo lugar que dava pra segurar, a gente se acorrentou na frente da prefeitura. Aí com dez dias, no dia que tava marcado o despejo deu uma choradeira. Porque a gente não queria sair da corrente, mas tinha o despejo marcado. Ele foi cancelar o despejo quatro da manhã com o despejo marcado pras seis. E a gente na tensão, acorrentado naqueles dez dias. O pessoal naquela tensão no terreno. Porque a

gente ficou acorrentado na frente da igreja, porque não podia ficar na prefeitura e não podia ficar na câmara, a gente se acorrentou na frente da igreja. Dez dias sem o padre ir lá ver nós, ele passava pelo lado da igreja, não passava pela frente. Ele só foi lá ver a gente no sétimo dia quando chegou um pessoal da Noruega, uns estudantes da Noruega que foi conhecer Itapeverica. Foi lá, conversou com a gente dentro do protesto, entrou na igreja e foi buscar o padre. Até então eu tinha religião, mas nesse dia eu virei as costas pro padre. Porque eu tava pancada com ele. Escrevi música acorrentado, nunca consegui ficar muito tempo parado. Eu me acorrentei porque, olha a contradição, eu me acorrentei pra ver se eu conseguia ficar parado.

Luana: Começa a contradição da forma como você entrou na ocupação.

Luciano: Então, na época eu não tinha onde morar, minha mãe morava de aluguel, num sufoco. Porque meu pai, eles já estavam separados, mas ele pagava o aluguel. Então ela tinha que cozinhar e fazer comida pra ele. Minhas irmãs queria fazer alguma coisa, levava os filhos, os netos da minha mãe, pra minha mãe cuidar. Então eu ia pra lá, minha mãe doente, cega de um olho, meia cega do outro, ruim de saúde cuidando do meu pai e dos filhos dela. Quando saiu aqui (condomínio João Cândido no Taboão) era pra ela pegar, eu não consegui colocar ela porque meu pai era aposentado e eles estavam casados no papel. Aí dois anos depois, ou foi três, saiu em Santo André. Aí quem cuidava da minha mãe era minha irmã mais nova. Coloquei no nome da minha irmã mais nova pra tirar a minha mãe dali. Aí eu consegui colocar minha mãe. Minha ex-mulher falou que eu tava na droga, magro, passando fome na rua. Ela falava pra minha mãe. Só que como eu me afastei de todo mundo da minha família, menos da minha mãe. Sempre ia ver ela, levava coisa pra ela, levava gente na casa dela pra tomar banho de noite, porque a gente não tinha onde tomar banho, não tinha chuveiro. Então a gente tomava banho de balde. Quando dava aquela, 'vamo na minha mãe'. Dez horas da noite, minha mãe sempre recebeu muito bem a gente. Então eu falava 'tenho que tirar a minha véia daqui'. Quando eu consegui...

Luana: Quanto tempo você conseguiu em Santo André?

Luciano: Mais de dez anos.

Luana: Você entrou em 2007 e em 2017 você conseguiu?

Luciano: Acho que foi isso. Não tenho a data certa, mas acho que foi 2017/2016, por aí.

Luana: E você como coordenador depois que saiu do terreno e virou núcleo

Luciano: Depois de 2009 a gente saiu do terreno. Já não ia ficar ali como coordenador. Tava tudo certo pra eu deixar de ser coordenador em 2009. Aí uma parte da coordenação do Calu pegou pra fazer o núcleo onze, porque ia só do um ao dez. Quando saiu do Valo Velho fizeram dez grupos. E o certo era quando sair o Calu, dividir esse pessoal nos grupos.

Porque o pessoal pegou auxílio moradia. Em 2009 o pessoal que estava dentro do terreno conseguiu auxílio moradia. Então era pra dividir, mas uma turma falou 'não, a gente assume a coordenação do Calu' e montou mais um núcleo.

Luana: E a ideia era você sair da coordenação?

Luciano: Três ou quatro reunião tivemos pra conseguir montar o onze. Quando conseguiu montar o núcleo onze o pessoal que falou que ia fazer falou que não ia assumir.

Luana: Daí você assumiu.

Luciano: eu fiquei com a Vera, a gente se conheceu no curso de formação em Valinhos. A gente passou três dias. Eu já tinha feito uma vez e ela falou que só ia se alguém acompanhasse. Se eu fosse ela ia. A gente ficou lá e se acertou lá, primeiro de maio. Aí voltei, 2008, começamos no Calu ela tava grávida. Então a gente ficou tomando conta do terreno, porque tinha que entregar o terreno. Porque tinha que esvaziar todo porque tinha que entregar pra CDHU. Aí o pessoal desistiu da coordenação. Como a gente tinha ficado pra entregar o terreno, e a gente tava tocando essa última reunião, a gente assumiu pra não perder o Calu. A gente já tinha feito o núcleo e tava tudo certo só faltava a coordenação. A gente assumiu. Arrumamos a documentação do pessoal, pro pessoal organizar. Começamos com o núcleo onze e hoje a gente toma conta do João Cândido, do Chico Mendes e a gente cuida do núcleo dois, sete, onze e o dez. E a gente faz parte da organização além da coordenação e formação. E agora a gente tá acolhendo os brigadistas também. O que acontece é que a gente sempre lutou por tudo, só não sabia lutar. Na verdade a gente brigava. A gente sempre brigou pra sobreviver. No movimento a gente viu que tem formas de você conseguir se organizar pra lutar bem. Por mais que pareça que é mais trabalho, a gente aprende muito com isso. Eu parei na sexta série. Hoje dou formação pra quem tá na faculdade.

Luana: vocês tem o conhecimento prático.

Luciano: o nosso problema é que a população pobre é desunida, desinformada. É um sistema feito pra não ter informação. Eu parei na sexta série e vim aprender a lutar depois dos trinta. Eu fiz o ENCCEJA pra fazer o fundamental e esse ano eu faço pra fazer o médio. Eu fiz o ENCCEJA pra ver como funcionava e passei de primeira. Eu fiz a inscrição e falei 'vou lá'. Eu não estudei nada, não peguei nenhum livro. Eu falei 'eu vou lá pra ver como funciona pra ver o quê que eu vou estudar pra fazer no ano que vem'. Passei de primeira. Daí, teve a pandemia. Eu não fiz no ano seguinte, porque tava trabalhando á noite. Aí esse ano eu peguei no último dia, eu entrei. Não peguei nenhum livro. Eu não achei difícil. Não sei se é porque eu continuo lendo. Nunca parei de tá lendo assim. E atualidade cai muito. Muita coisa que eu vi na prova foram coisas que eu aprendi dentro do movimento. Hoje eu

tô estudando um pouco mais, porque fui pra formação. Eu já fiquei até assustado. Eu fiz parte, no movimento, eu entrei pra cultura, fiz parte da organização, faço parte da formação hoje, mas eu já fiz parte da negociação. Pra ir negociar com prefeito, negociar com polícia. Eu fiquei... “cara, como colocam um palhaço pra sentar com o prefeito?”.

Luana: mas você tem um perfil perfeito pra isso. Porque você se expressa bem.

Luciano: agora. Quando me chamaram pra fazer parte do setor de negociação, eu estava na cultura fazendo peças de teatro andava vestido de palhaço. Sério. Um doido pra fazer, porque era para fazer parte do setor de negociação. Tomando conta de cinco empreendimento.

Luana: E você falou que foi da negociação, você tá na formação agora.

Luciano: sim coordenação e formação

Luana: a relação de vocês com os outros acampados depois, fora do terreno. Você notou, assim, primeiro, a Simone já tinha me falado sobre, mas ela me falou dessa redução que tem muito brusca na quantidade de acampados e quantidade de coordenadores. Como você sentiu isso em relação ao João cândido. Você acha que diminuiu muito? Hoje, você tem mais ou menos uma ideia, assim, sei lá, hoje tem dez por cento do que tinha lá?

Luciano: Diminuiu muito não chega a mil famílias no João Cândido, nem com os apartamentos que saiu. Reduziu muito, porquê? Muito tempo. A gente entrou em 2007. Mas eu ainda tenho hoje, na assembleia que teve hoje, dezessete anos de luta. Então esse pessoal que ainda tem é o que ainda não conseguiu moradia. A gente tem dois, três entregas aqui. Tem muita gente que foi pra Santo André. Esse pessoal não continua, não participa mais das reunião. Quando tem luta ainda vão, algumas. Mas quem continua vindo é o pessoal que ainda tá no cadastro. Que tá na luta. Mas muita gente desistiu, muita gente faleceu.

Luana: O pessoal que pega o apartamento, você tem ideia do porque que eles param a luta? O que acontece?

Luciano: Tenho. Fatores de você ter que pagar o apartamento e tem que voltar a trabalhar, né. E muita gente entra na luta por moradia. Fica, demora nessa luta, porque necessita da moradia. Depois que você pega sua moradia, não digo nem que relaxa, mas você dá uma descansada. Sua mente, você já fala assim ‘não necessito dessa luta tão grande que eu tinha pra moradia. A minha luta agora é pelo transporte, é pelo posto de saúde, é pelo hospital. Mas é difícil você manter uma pessoa que tem que trabalhar pra comer, pra pagar o apartamento e manter o ânimo na luta.

Luana: e pra pagar o condomínio.

Luciano: tendeu, não é que seja. Esse que vai sair pelas normas do Bolsonaro tá mais caro e mais demorado. O apartamento tá em torno de trezentos reais, fora água, luz, gás e condomínio. Trinta anos pagando. Com o Bolsonaro a gente regrediu pra época do Maluf. Por que o projeto que ele colocou é o projeto do Singapura. Que é uma prestação mais alta e trinta anos pagando.

Luana: e esse não tá com o movimento, a administração dele, tá? Porque não é minha casa minha vida entidades esse, né?

Luciano: o de baixo, João Cândido, ainda saiu pelo Minha Casa Minha Vida – Entidades. Esse de cima tá pelo CDHU e a outra tá nesse de trinta anos.

Luana: e o tamanho? Você já sabe qual vai ser?

Luciano: não mudou muito. Tá entre 54 e 63 metros quadrados. É que aqui são dois e três dormitórios. Na parte do meio são dois, na parte de fora são três dormitórios. Lá embaixo, 10 anos, já tem gente terminando de pagar, pra zerar dez anos. Acho que a prestação mais cara lá embaixo é cento e oitenta reais. Tem gente que paga vinte e sete. Aqui saiu pelo Minha Casa Minha Vida – Entidades, tem gente que paga vinte e sete reais de prestação. Fora água, luz, gás e condomínio. O da minha mãe tá isso também. O da minha mãe saiu pelo Minha Casa Minha Vida – Entidades., o total que a minha mãe paga lá, geral, dá em torno de quinhentos, quinhentos e oitenta.

Luana: e quando vocês saíram do terreno, esse pessoal que, os acampados, vocês conseguiam, por exemplo, dar formação pra eles, vocês conseguiam dar algum tipo de cesta básica, algum atendimento pra mulheres vítimas de...?

Luciano: a gente, no João Cândido, no começo, não tinha essa organização que tem hoje. A gente era partidário. A gente tinha pouca coordenação e a coordenação que tava começando. No começo não tinha isso. Não tinha formação pra acampado, a gente tinha assembleias. Que era assembleia mensal ou quinzenal.

Luana: nossa, a assembleia era mensal ou quinzenal?

Luciano: mensal ou quinzenal, porque nós tinha assembleia geral depois reunião de núcleo. E como a gente pegou uma parte muito grande da zona sul, a gente no começo, fazia reunião de núcleo, não tinha o casarão. Quando a gente pegou o casarão a gente fazia um mês aqui, um mês nos núcleos por causa da distância e gastos. Mas não tinha formação pra acampados. Tinha formação pra coordenador, só. Começou, se não me engano, depois de 2014, se não me engano, que começou depois das brigadas. Depois das brigadas começou a formação pra acampados. Porque a gente precisou disso. Mudou o formato do movimento. Mudou pro lado partidário, então a gente precisava ter mais consciência de classe. Porque a gente não tinha quem desse formação. Ia pegar uma pessoa que não

tinha formação pra dar formação pra outra... não ia. Hoje a gente tá na formação por vivência. Porque o movimento viu que tem o pessoal técnico, que tem faculdade que veio pra formação, mas precisava do pessoal com vivência pra passar o que viveu no dia a dia. Então a gente aprende com o pessoal com estudo e eles aprende com a gente que tem a vivência. A gente veio a ter isso depois. Porque, se não me engano, no João Cândido a gente tem assembleias. No João Cândido e no Chico Mendes a gente tem assembleia, mas não tem formação. Até hoje. Tudo o que acontece sou eu e ela quem tem q correr atrás.

Luana: eu cheguei a dar formação pra acampado lá no ABC.

Luciano: eu prefiro dar formação pra acampado. Porque eu sou coordenador e coordenador é chato. Hoje eu tô dando formação na Mahin. Estamos fazendo o ciclo básico lá na Mahin.

Luana: mas vocês tiveram alguma atividade cultural depois que saíram da João Cândido?

Luciano: tivemos. Eu não participei. Tem um setor de arte e cultura hoje, né. Na comemoração de 25 anos eu participei de uma parte das peças que fizeram. A gente montou acorrentamento na peça.

Luana: Eu sei que no MCMV- Entidades, o movimento teve, ele conseguiu contratar acampados. E a Vera já me disse que você foi um deles.

Luciano: fui.

Luana: Como é que foi isso? Como foi essa contratação, como chegaram em você? Você consegue me dizer quantos acampados tinham com você ali trabalhando?

Luciano: Fomos contratados antes de começar a obra. O terreno era aberto. Não tinha muro, não tinha nada no terreno. Então eu, Manoel Messias e o pai, Kiko, Gilson Negão, e o Robson. A gente foi contratado pela Esecon pra cercar o terreno. Pra fazer mourão. Eu entrei como ajudante, depois passei pra porteiro. Foi carteira assinada. Eu entrei como ajudante, mas desde o começo, quando foi fechado com a Esecon, quando tivesse contratação, que uma parte seria dos acampados.

Luana: E essa galera era só da coordenação ou eram acampados e só você era da coordenação?

Luciano: não, quando eu entrei na primeira parte, que era pra cercar o terreno, só tinha eu de coordenador. O resto era acampado. E a gente fez, cercou o terreno, construiu o escritório. E começou a contratação, daí entrou tanto acampado como coordenador. A gente chegou a ter mais de trinta companheiro trabalhando na obra. Só não contratou mais porque, como a gente foi trabalhar com forma, não era bloco, porque a gente ia fazer dois apartamento por dia, ficava pronto dois apartamento todo dia. Então veio o pessoal, não sei se foi da Bahia ou se foi de Minas.

Luana: A Simone falou que veio um pessoal dar curso pra vocês.

Luciano: não, veio o pessoal pra mexer com as formas, que era o pessoal que já trabalhava com isso. Veio um pessoal, acho que foi da Bahia que veio o pessoal. Veio pra trabalhar com as formas. O pessoal do acampamento ficou com elétrica, carpintaria etc.

Luana: era do movimento?

Luciano: era do movimento. Era o pessoal daqui. Mas quem fez os apartamentos, montou as formas, era o pessoal da Bahia que era quem conhecia o jeito que a forma trabalhava. Entrou alguns como ajudante, mas a base da montagem era do pessoal de fora.

Luana: e o material que foi utilizado, ele foi todo comprado aqui na região ou ...

Luciano: tirando as formas que veio da China. Mas o material, a base, concreto, areia, pedra, essas coisas, tudo era comprado na região. Aí quem tem isso é o pessoal da construtora, mas eles fizeram um balancete da região, porque eles tinha outra obra no Embu, então eles fizeram pra ver onde eles tinham mais em conta e mais material. Mas a base do material foi muito escolhido pelo movimento. O movimento foi ver se era de primeira ou de segunda categoria. A gente foi atrás disso também, pra não pegar qualquer material. Porque a gente brigou pra vir um material de qualidade e pra aumentar o tamanho do apartamento, que a princípio era 39 m². Foi pra 63.

Luana: O apartamento aqui é maravilhoso. Se você entrar, você não vai falar que o pessoal tá pagando cem conto de prestação.

Luciano: não chega a ser cem conto.

Luana: é. Tem elevador, varanda, garagem. O apartamento é de 60 m². O negócio é muito legal.

Luciano: você não viu o de Santo André, né?

Luana: fui.

Luciano: o de Santo André tem dois elevador e tem varanda também.

Luana: o de Santo André também é maravilhoso, parece de luxo.

Luciano: sim lá e maravilhoso

Luana: você pode me dizer quanto vocês recebiam na época?

Luciano: Não lembro. Eu sei que eu ganhava um pouco mais que um salário-mínimo.

Luana: e vocês consumiam aqui na região do entorno? Vocês moravam por aqui?

Luciano: não. Continuo morando no terreno do Calu. Eu moro pertinho de lá. Eu fiquei tomando conta do terreno, não saio de lá.

Luana: mas é do MTST ainda?

Luciano: é do CDHU.

Luana: vai construir lá mesmo?

Luciano: tá nessa briga até hoje pra construir lá. Tudo pronto. Consegui resolver tudo. A desgraça foi o golpe da Dilma.

Luana: eu tenho fé que a gente vai conseguir consertar muita coisa.

Luciano: mas o que acontece, o cara retrocedeu demais. Retrocedeu muito, e graças a Deus ele só ficou quatro anos. Se ele pegasse mais quatro.

Luana: então você não consumia no lugar.

Luciano: não. A única coisa que eu consumia era a marmita.

Luana: foi oferecida formação pra vocês quando estavam trabalhando aqui? Formação do MTST.

Luciano: não.

Luana: o pessoal que trabalhava contigo morava por aqui ou cada um ia...?

Luciano: a maioria veio de fora, porque a gente não tinha uma base aqui. Falando de base de pessoas, não era aqui perto. Tinha do Chico Mendes, que é mais pro lado do Campo Limpo.

Vera: o pessoal tava bem espalhado. Como tá até hoje.

Luciano: e a gente de Itapecerica da Serra, Embu.

Luana: como funciona pra entrar no apartamento? Pega todas as ocupações e faz um ranking de presença?

Vera: aqui na realidade, no João Cândido e Chico Mendes, é feito isso. Né? Que aqui, no Chico Mendes 5. Só vai entrar quem foi do João Cândido e do Chico Mendes.

Luana: Mas isso é decidido no nacional?

Vera: não. Isso é decidido na organização junto com a coordenação e os acampados

Luciano: todos funcionam mais ou menos do mesmo jeito. Tem a luta do João Cândido que conseguiu esse terreno. Então a base que vai entrar é do João Cândido.

Luana: Mas, vocês me contaram agora, que teve gente da ocupação João Cândido e Chico Mendes que foram pra Santo André. Como funciona isso?

Luciano: é que o pessoal que tinha em Santo André deu mais apartamento a obra do que pessoa que tinha na luta.

Luana: a, entendi.

Luciano: então, pra começar uma obra tem que fechar o cadastro. Tem que ter aí o nome de, pelo menos, 80% das pessoas. O pessoal que tinha lá não supriu o que ia sair de apartamento pela altura e quantidade de apartamento, então pega dos acampamentos que tem...

Vera: os mais antigos.

Luciano: os acampamentos mais antigos do movimento.

Vera: é tipo o Roque Valente. O Roque Valente, não que não tenha, mas como ia sobrar algumas pessoas que não ia querer ir nesse empreendimento agora e queria o próximo, aí entrou do João Cândido também.

Luana: nossa, mas quem quer o próximo... demorou pra caramba pra pegar.

Vera: então, vai gente do Maria Bonita, Jango, Paulo Freire. Vai entrar o povo do Capão, o Povo Sem Medo do Capão. Vai entrar gente do João Cândido. De várias ocupações. Fica uma cotinha pra cada uma. Tipo a Copa, a Copa vai ser desse jeito.

Luana: Na Copa vai ter gente até da Marielle Vive, né.

Luciano: na Copa vai ter quase três mil apartamentos.

Vera: 2650

Luciano: então, você tem uma ocupação que, no começo dá mil, dois mil, mas que permanece 600/700 pra pegar apartamento. E se você largar na mão da prefeitura não vira negócio. Então, como a luta é da gente a gente monta a demanda com quem está na luta.

Luana: eu sei que vocês como militantes têm mais essa consciência, mas você acha que o pessoal das coordenações que vieram pra militância com vocês, vocês acreditam que eles têm a ideia dessa mudança, eles conseguem entender, eles conseguem sentir essa mudança que o movimento, que todas as ações do movimento tem, que essa mudança que gera na vida das pessoas, você acha que eles têm essa noção, essa clareza?

Luciano: sim com certeza

Luana: e nos arredores das ocupações? Você acha que o pessoal consegue notar o papel do movimento ali e o que o movimento traz?

Luciano: não.

Luana: que a ocupação não é uma invasão o pessoal acaba meio que tendo uma noção, né?

Luciano: você tem que explicar até hoje. Todo lugar que chega a gente tem que explicar que você tá ali, que a gente é trabalhador e que tá lutando por uma causa justa. Tem que fazer isso com a nossa base e tem que fazer isso com alguns dos nossos coordenadores.

Luana: quando o movimento decidiu entrar pra política vocês estavam no nacional? Vocês ajudaram a votar nesse pleito?

Vera: não.

Luciano: a gente tava na coordenação. Eu sempre fui contra, a entrada na política mesmo sabendo da importância.

Luana: mas pra vocês, assim, a Simone tinha me falado que a importância principal era mostrar o movimento pra fora, levar o movimento pra fora. Mostrar pro restante da sociedade. Vocês enxergaram esse exercício de ir pra política como alguma outra coisa?

Eu vou tentar explicar de outra forma. Eu vejo a mudança que o movimento faz, principalmente quando converso com pessoas como vocês. Vocês, a Simone, a Poeta eu vejo que vocês têm um ganho de consciência, consciência de si mesmo. Você vê, eu conversei com a Simone e ela falou até sobre feminismo, como se entender como mulher, se entender como uma pessoa que pode e deve colocar a opinião dela e tal. Eu tô dizendo isso é porque a minha hipótese é que esse movimento de ir pra vida partidária é uma tentativa de ampliar essa abertura de consciência, que é promovida, mas de uma forma micro. Perto do que é uma ocupação, quem vem e consegue fazer as formações são pouquíssimas pessoas. Então eu enxerguei um pouquinho como isso, de entrar pra política pra tentar ampliar isso. O que vocês enxergam? Vocês acham que eu viajei demais, tô sendo muito romântica?

Luciano: pra mim é basicamente isso. Tirar um pouco da carga do preconceito que a gente sofre. Entendeu? Mostrar pro pessoal que a gente tá ali, que não é vagabundo, o que a gente leva na cara. Pra mim tem muito disso nessa entrada pra política de tirar um pouco disso, desmistificar que a gente não é isso, que a gente tem direito. A gente tá mexendo em uma nova formação, que a gente tem doze direitos sociais. Você pode perguntar pra qualquer um, você sabe que você tem doze direitos sociais na constituição? Qual é seu direito? Educação, alimentação, moradia, transporte, agora tem na constituição o direito a felicidade, tem um que é assistência social e tem o direito das mulheres grávidas. Eu sei que são doze direitos que estão no antigo 6º da constituição. E isso é uma coisa que não é colocado nas escolas. A gente não tem isso. O pessoal fala assim... teve muita briga agora com essa escola civil-militar. Com o negócio do ensino sexual, mas na escola não ensina nem o básico, que é sobre o direito que você tem. Entendeu, então a gente tem esperança na política, mas a gente milita por uma mudança muito maior do que a gente tem hoje. Essa mudança é pequena, mas a gente conseguir conscientizar um parente já é difícil. Um parente que você sabe que tem a mesma criação que você, que sofre a mesma coisa que você. Difícil você conscientizar que você tá numa luta que não é sobre...

Vera: eu tenho dois filhos. Eu tenho um filho de 22 anos e eu tenho um de 19. E aí você pergunta pra eles a importância dessa luta e eles sabem te responder. Eles sabem da importância dessa luta. Eles sabem o quanto eu lutei, o quanto eles lutaram comigo, quantas vezes eu deixei de estar com eles pra estar nessa luta pra poder garantir o que tá na constituição, que é o direito à moradia.

Luciano: eu aceito a política por isso. De você pegar, abrir um jornal e ver que tem mais casa vazia do que gente sem-teto. E você tá lutando por moradia.

Vera: 16 anos lutando e você vai ver a pesquisa lá...

Luciano: mais, que eu tô com 46 anos sem casa. 16 anos que eu tô no movimento.

Vera: eu não tinha casa também.

Luciano: e o pior é que você não tinha casa nem consciência. Então você leva 16 anos pra começar a criar uma consciência de um negócio que tá na lei. Você fala 'poxa, eu tenho direito à moradia. Por que eu não tenho moradia se tem um monte de casa vazia?'

Vera: será que eu não me esforcei o suficiente? O que foi que eu fiz?

Luciano: e ainda tem isso. Não, você não tem casa porque você não trabalhou o suficiente, não se esforçou.

Luana: e agora tem um desgraçado que fala que se você trabalhar 14 horas por dia você fica rico. Dá vontade de levar o cara pra colher cana por 14 horas por dia e ver se funciona. Ou monta numa moto.

Luciano: não, ganhando um salário-mínimo... fica rico. Então, fica fácil você falar da visão dos outros sem estar lá. Aí a gente tá nas formação, a gente pega isso de acampado. Eu tava com o Milson fazendo uma formação. Aí, no meio da formação vem uma pessoa e diz 'não, mas a gente sabe que se esforçar bastante a gente consegue'. Aí o Milson parou na hora e deu uma travada assim. 'Então quer dizer que o pessoal que tá aqui é tudo preguiçoso, inclusive você'. Ela reproduz o que os outros falam. Aí no debate eu falei assim 'cara, se você parar pra pensar, se você se esforçar demais no emprego, você não vai ficar rico, você vai ser punido com mais trabalho'.

Vera: eu era merendeira. Eu era contratada como ajudante de cozinha, não era contratada como merendeira. E aí, eu tinha dois filhos, então eu me esforçava o máximo. Aí eles entenderam que, por eu me esforçar ao máximo, eu pequei uma escola pequena, eles me colocaram numa escola que no começo tinha que fazer 300 merendas, eu comecei a fazer 600, sozinha. Meu salário não aumentou, eu não ganhei nem bonificação. Ah, eu dava conta de fazer faxina na cozinha, fazer a comida, cuidar de planilha de gasto. Como eu conseguia dar conta de tudo, eu era punida com mais trabalho. Quando não tinha aula lá na escola que eu trabalhava. O que eu ouvia, 'Vera, mas tem uma escola lá que a merendeira não vai poder ir hoje. Você vai lá, vai servir lá hoje, você vai cuidar lá da cozinha'

Luana: e você por ter dois filhos, porque tava morando de aluguel, porque precisava do dinheiro, você fazia.

Vera: eu tinha vontade de falar 'eu não vou'. Mas aí eu pensava 'se eu não for, eles vão descontar porque eles descontam mesmo, eles não tão nem aí, eu vou perder minha cesta básica', que não era nada de maravilhoso assim.

Luciano: falta um dia já perde cesta básica.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a mestranda do Programa de Pós-graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo, Luana Roma Gonçalves, no. USP 11750895, que pode ser contatada pelo e-mail lua.romag@gmail.com e pelo telefone (11)98182-3068. Tenho ciência de que as informações fornecidas terão a função de compor, de forma parcial ou total, a pesquisa cujo título é **O Desenvolvimento e o MTST: Análise das Ocupações Chico Mendes e João Cândido e o Condomínio João Cândido (2005 a 2008 e 2012 a 2014)**. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza. A utilização da transcrição estará atrelada à autorização aqui assinada, que deverá ser lida por mim antes da publicação do presente trabalho. Em caso de publicação de livro, será preservado o anonimato dos entrevistados, assegurando assim minha privacidade. Uma cópia da transcrição será enviada a mim pela pesquisadora.

Nome do entrevistado:

Luciano Lopes da Silva

Assinatura:



São Paulo, 06 de 09 de 2023.